

Fúria LUPINA

BRASIL



ALFER MEDEIROS



FÚRIA LUPINA BRASIL

ALFER MEDEIROS

Edição Digital

2013

Capa: Silvio Medeiros
Ilustração da capa: Fábio Leite
Revisão: Mónica Medeiros

Copyright © 2010 Alfer Medeiros

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro, sem autorização prévia e por escrito do autor.

*Dedico o meu primeiro filho literário à minha primeira
filha biológica, Angelina de Souza Medeiros, lobinha
indomável recém-chegada à alcateia.*

(I) 1977: Nascimento

DOR E SANGUE

Dor intensa, extrema. Células executam um balé macabro: a dissociação, a remodelagem e novamente a fusão. Fraturas em toda a extensão da estrutura óssea, distensões em cada músculo do corpo, rompimento de todos os ligamentos e tendões. Os órgãos internos entram num frenesi enlouquecedor durante a mutação, ao mesmo tempo em que os sentidos são ampliados e melhorados.

Com isso, uma cacofonia corpórea toma de assalto sua audição: o rufar de tambor do coração cada vez mais selvagem, os ossos do crânio se reencaixando, estalos absurdamente desagradáveis vindos de todas as partes do corpo. Surge um intenso calor, que vai além de qualquer febre humana, decorrente da imensa energia que é liberada nesse processo místico-biológico.

Apesar de durar apenas alguns segundos, essa agressão aos sentidos parece durar uma eternidade. Uma agonia terrível, que excede todos os limites do que uma pessoa pode suportar. Mas o ser que passa por esta provação não é humano, e agora tem em seu poder a recompensa por aguentar tudo isso.

Ao final da metamorfose, uma poderosa criatura levanta-se da posição fetal em que se encontrava. Uma grande cabeça de lobo move-se para a direita e para a esquerda, saboreando avidamente o que a noite tem a oferecer. Odores da madrugada envolvem o seu olfato, sua visão é perfeitamente clara, apesar de estar numa mata fechada, sua vasta pelagem negra arrepia-se ao sentir a pulsação da natureza ao seu redor. Até o final da noite, seu paladar também será requerido.

O ano é 1977, mas neste instante ele não quer saber o que é punk rock, Songs From The Wood, Motorhead. Deixa de se preocupar com a ditadura militar, o tufão Thelma, a tragédia de Tenerife. Ignora Niki Lauda, Corinthians, Star Wars, Cruz de Ferro. O humano não está mais aqui, quem comanda agora é o lobo. Todas as fraquezas e incertezas são deixadas de lado, o frio raciocínio une-se a valiosos instintos.

A visão deste homem-lobo é aterradora e ao mesmo tempo impressionante. Em postura ereta, com seus mais de dois metros de altura, garras e dentes em

posição de ataque, é uma máquina de matar pronta para enfrentar quem quer que seja, apresentando também agilidade para sobrepor os mais difíceis obstáculos. Sobre quatro patas, tem otimizadas suas qualidades de exímio farejador, apresenta flexibilidade e explosão muscular que permitem empreender corridas velozes, saltos inacreditáveis, esquivas e ataques inesperados. Possui uma força sobrenatural, sem abandonar a inteligência da mente humana.

Esta noite, não irá perambular a esmo, até que uma vítima desavisada entre no seu campo de ação. Seu objetivo é bem definido, e para ele vem se preparando nos últimos tempos, tendo certeza de que fará tudo o que é necessário, com precisão infalível. Um uivo curto é lançado em direção às copas das árvores que o cercam, e ele inicia seu galope, para não parar até chegar ao local definido.

Às margens da mata, ergue-se imponente uma grande fazenda, rústica e ao mesmo tempo bela. Em um dos quartos da propriedade, uma mulher respira com dificuldade. Ela também suporta grande dor física, mas o motivo, porém, é bem diferente. Esta guerreira trava agora uma nobre batalha, que é a de trazer uma nova vida a este mundo de sofrimento.

Oito horas atrás, teve início seu trabalho de parto. A parteira foi solicitada, atendendo prontamente ao chamado, chegando a cavalo juntamente com uma ajudante. Desde então, a mãe vem sendo assistida pela dupla, recebendo massagens, compressas e palavras de conforto. Apesar de não ser o primeiro filho, a gestante aprecia esses cuidados e nutre por elas um sincero sentimento de companheirismo e de gratidão.

O ar cheira a álcool, e sua visão é preenchida pelo branco límpido dos lençóis e toalhas que estão ao seu redor, sempre à mão das mulheres que a estão auxiliando. As contrações são cada vez menos espaçadas, e a dor lancinante dá o aviso de que chegou a hora.

A parteira a posiciona de cócoras, e com uma voz doce sussurra em seu ouvido que este momento é somente seu e do bebê, posicionando-se às suas costas. Cores e luzes explodem em seus olhos, gemidos prolongados escapam de seus

lábios. Os minutos arrastam-se exaustivamente. Dor, esforço, expulsão, alívio, choro.

O lobisomem fareja o ar. Apesar da distância, o cheiro de uma nova vida é tão pungente que parece traçar espirais no ar, como se fosse uma via com letreiros luminosos indicando o caminho a seguir, instigando os sentidos da criatura, encorajando-o a prosseguir com sua marcha através das trevas que inundam a floresta.

Ela se vê agora deitada de costas, sobre uma manta colocada no chão do quarto. Um choro de bebê preenche o recinto, e as mãos habilidosas da parteira trazem a criança para junto da mãe, ainda com o cordão umbilical intacto.

Este pequeno presente, que agora descansa silenciosamente sobre seu peito, compensa todo o sofrimento e limitações pelos quais passou nos últimos tempos. As mulheres concluem o processo de rompimento do cordão e as últimas providências do parto, deixando a mulher e a criança instaladas confortavelmente, partindo logo em seguida.

Um amigo da família providencia o transporte de volta das mulheres, pois os cavalos que elas trouxeram estão agitados, e recusam-se a deixar a cocheira da propriedade, com olhos arregalados e espumando. Eles são obrigados a apelar para o caminhão da fazenda, que não é o melhor em conforto, mas que as levará em segurança para suas casas.

Quando deixam para trás o portão aberto da propriedade, um grande alívio toma conta das duas. A ajudante poderia jurar que, em sua visão periférica, tenha vislumbrado uma sombra atravessar a estrada logo após a passagem do caminhão, em direção à propriedade de onde acabaram de sair. Ela espera que, para o bem de todos, isso tenha sido somente uma ilusão, criada pelo cansaço.

Se soubesse o quanto estava errada, em aflição padeceria. Um grande vulto move-se lentamente, junto a uma das janelas do cômodo em que se deu o nascimento. Não é possível ver exatamente do que se trata, pois as cortinas da

janela não fornecem transparência suficiente. A mãe, absorvida pelo momento único de contato com o recém-nascido, não ouve a respiração longa e ritmada que vem do lado de fora.

Não há vento, mas mesmo assim as cortinas fazem um movimento, avolumando-se cada vez mais para dentro do quarto, até que por uma fresta irrompe um grande focinho. Um farejar, um avanço lento e contínuo, cabeça, braços, tronco, patas traseiras.

Após adentrar o quarto sorrateiramente, a criatura se levanta sobre as patas traseiras e avança, o olhar fixo no bebê. A mãe, exausta, encara o lobo com olhos arregalados, caindo em um estupor que turva sua visão e faz fugir o ar de seus pulmões. Um único pensamento invade sua mente: seus olhos são totalmente humanos. Para um humano que se transforma numa besta selvagem, nada mais justo que a única parte de seu corpo que permaneça imutável seja a janela da alma, mantendo o vínculo entre homem e fera. Com esse pensamento, tomada de uma emoção descontrolada, ela desmaia.

O lobisomem, não tomando conhecimento da reação da mulher, aproxima-se lentamente da criança, com os pelos do pescoço eriçados. Olhos fixos, sem piscar, acomoda-a entre suas mãos em concha, envolvendo-a facilmente. O focinho vai se aproximando, abrindo-se e exibindo imensas presas gotejantes. Sua língua toca o cordão umbilical do bebê, que pela primeira vez depois da separação da mãe abre os olhos, fita a criatura e permanece calmo, parecendo saber que seu destino está totalmente entregue ao lobo. E ele, com certeza, já tem o que quer e sabe o que fazer.

Um olhar de agradecimento é direcionado à mãe, ele se vira e empurra as portas duplas, saindo para a ampla varanda da casa isolada. Sua cria, uma fêmea, é saudável e tem seu sangue nas veias. Com certeza, será motivo de muito orgulho nos anos vindouros. Esta será uma noite de celebração, e seus irmãos devem ser convocados.

Ele enche os pulmões com o ar frio da madrugada, sentindo um júbilo indescritível, e emite o uivo mais potente que esta cidade já ouviu. Em resposta,

outros uivos enchem a noite, vindos de diferentes direções, a quilômetros de distância.

Os moradores da cidade, ao ouvirem essa sinfonia noturna, que provoca arrepios até no homem mais corajoso, se encolhem em suas camas, tentando a muito custo conciliar o sono. Resta apenas aguardar a chegada do sol, trazendo o conforto de um novo dia. Esta é, efetivamente, uma noite para permanecer dentro de casa, pois a alcateia de Joanópolis está eufórica com a chegada de mais um membro.

SURGE UM CAÇADOR

Joe “Hell” Vansing aprecia a sua tequila, recostado no balcão. Morador de Hidalgo (Texas), ganha a vida com negócios ilícitos, como contrabando e golpes. Adora armas e, segundo ele mesmo, “toda cria do Tio Sam deve empunhar uma arma de fogo e se orgulhar disso”. Além disso, possui um gosto todo especial pela caça, “um prazer quase sexual”, conforme costuma dizer. Já fez parte de caçadas, tanto legais quanto clandestinas, em território norte-americano, e também na Austrália e na África.

“De vez em quando preciso arrastar meu esqueleto até o México, onde posso cometer alguns excessos que não ousaria na minha amada pátria”, diz o caçador sempre que é questionado sobre suas visitas ao país vizinho. Não entraremos em detalhes sórdidos sobre tais práticas, porque todos os interesses mundanos de Vansing se tornarão insignificantes após os acontecimentos desta noite.

Joe está em um bar não muito bem frequentado, na periferia da cidade de Reynosa, sentado em frente a um balcão manchado e molhado. Movimenta os olhos vagarosamente, visualizando o ambiente ao seu redor. Cerca de dez homens mal-encarados distribuem-se entre a velha mesa de bilhar, o pequeno balcão e a área livre existente entre a porta do estabelecimento e os banheiros, à direita de quem entra.

Uma mistura caótica de sons inunda o ambiente, formada pelas animadas conversas dos grupos de frequentadores, por uma velha jukebox executando sofregamente uma versão de “Cama de Piedra”, de Cuco Sánchez e, finalmente, por uma pequena TV atrás do balcão, ligada no noticiário local.

O clima geral é de comemoração, visto que o México acaba de sagrar-se campeão da Concacaf, conquistando assim uma vaga para participar da Copa do Mundo de Futebol do ano seguinte (1978), na Argentina. O telejornal da TV mostra os gols da última partida da seleção nacional, destacando a intensa participação da torcida mexicana, nesse campeonato em que foram anfitriões.

– Isso para mim é esporte de garotinhas! Pagaria para ver esses morenos na Liga Nacional de Beisebol ou na NFL. Teriam umas aulinhas práticas sobre o que é esporte de homens de verdade! – sussurra para si mesmo Joe, sem disfarçar um sorrisinho de escárnio.

Quando o assunto do noticiário passou para política internacional, o destaque foi o presidente norte-americano que tomou posse naquele ano, Jimmy Carter. Nesse momento, Vansing se levanta do banco, termina sua bebida de forma rápida, paga a conta e deixa o bar. “Era só o que me faltava! O pior não é ter de aturar esse democrata maricas, que se esforça tanto para fazer acordos com os inimigos vermelhos!”, pensa, indignado, “Pior mesmo é ouvir isso até em língua estrangeira! Não vou gastar meu espanhol com isso.”

Pisando duro e bufando, ele entra no seu jipe Willys 1961, verde como o do exército. Chave na ignição, charuto na boca, chapéu na cabeça, fita cassete no rádio. Das caixas de som, a voz profunda e inconfundível de Johnny Cash entoa “Send a Picture of Mother“. “Sim senhor”, diz em voz alta o caçador, já melhorando seu humor, “agora somos só eu e Mr. Cash, rodando até os Estados Unidos da América, embalados pelo show de Folsom Prison!” Ele pega uma estradinha de terra mal-iluminada, atalho já bem conhecido até a fronteira.

Passados alguns minutos, com a música "I Got Stripes" finalizando, algo inesperado acontece: ele nota um movimento no mato alto da beira da estrada, à direita, algumas centenas de metros à frente. Prontamente, diminui a velocidade do carro e observa. Bem à frente do veículo, surge em fuga alucinada uma cabra, na mesma direção em que ia o Willys, em diagonal. No seu encalço, o maior cachorro que Joe já tinha visto em toda a sua vida.

Uma freada brusca, chapéu no colo, charuto no chão, rádio silenciado. Ele não acredita no que presencia naquele momento. Após um salto incrível, a fera crava suas garras no caprino, que acaba se desequilibrando, tombando a aproximadamente cem metros do jipe.

No tempo de uma piscada de olho, o pobre animal já está convulsionando na beira da estrada, sucumbindo à feroz investida da besta selvagem. A cabeça lupina desce, num movimento rápido e preciso. O pescoço da presa é dilacerado de uma

forma mortal por presas infernais. Um jorro de sangue banha a estrada, sendo prontamente obstruído pelo focinho do atacante, que parece se deleitar em beber o líquido espesso e quente, segurando a cabeça da cabra com uma pata dianteira e o corpo com a outra.

O lobo, posicionado de lado em relação ao jipe, não toma conhecimento da luz dos faróis nem da presença do humano, pois sua sede é insuportável, turvando seus sentidos. Vansing, recuperado do susto inicial, vê uma oportunidade de ouro de levar esse troféu para casa.

Sem desviar os olhos da cena, apalpa o banco traseiro, à procura de uma sacola com valioso conteúdo: Christine, sua velha espingarda. Nunca se sabe quando a sua queridinha pode ser requerida, e ele agradece aos céus quando sente seu toque frio e reconfortante. Procurando ser o mais silencioso possível, ele abre a porta do jipe, posiciona a mira e dispara.

O tiro acerta a lateral da cabeça do bicho, e o caçador orgulhosamente solta um “headshot!”, velho bordão que adota quando a bala acerta o alvo dessa maneira. Nem bem teve tempo de baixar a espingarda, e seus olhos arregalam-se, não acreditando no que veem.

O canídeo, que deveria estar estatelado na estrada, simplesmente vira a cabeça na direção dele e emite um urro medonho, que é um misto de protesto e intimidação. Pior ainda: ele se levanta nas patas traseiras e vem caminhando, como se fosse uma pessoa! Novamente, Christine é posicionada, e outra bala voa com endereço certo, desta vez no meio dos olhos do cão dos infernos.

— Jesus Cristo! — é a única frase que Joe consegue formular nesse momento de pavor.

Mesmo indo contra toda a lógica, ele pode jurar que a bala ricocheteou, ao invés de estourar a cabeça desse ser, fruto de algum pesadelo. A única reação do lobisomem foi parar sua marcha ameaçadora, levando as garras à cabeça e demonstrando uma certa desorientação, visto que cambaleia levemente em direção ao meio da estrada.

O único som audível neste momento é uma marcha arranhada, engatada às pressas, seguida de um arranque violento do jipe. O caçador, cego de pavor, nem

vê como a criatura foi atropelada, sente somente o solavanco das rodas do lado esquerdo, passando por cima do ser macabro.

Ele para algumas dezenas de metros à frente, torcendo para que tivesse sobrado algo da carcaça para ele levar aos EUA. Pelo menos a cabeça ele manteria como troféu. Ainda sentado, ofegante e suando em bicas, apoia o braço no banco do passageiro e se vira para ver o resultado do seu ataque. Naquela direção, a escuridão é quase total, amenizada somente pelas luzes de freio do automóvel.

Para seu desespero, o demônio peludo se levanta, sujo de terra e emitindo um rosnado ameaçador. Em meio a todas as formas possíveis que Joe conhece de amaldiçoar alguém em inglês norte-americano, o jipe parte para o ataque, em marcha-a-ré, atingindo novamente a criatura, que desta vez procura se segurar junto ao estepe que está posicionado na traseira.

A velocidade aumenta. De relance, o Vansing acredita ver um volume à beira da estrada, um barranco ou algo do tipo. Com uma manobra brusca, a traseira do carro é conduzida nessa direção, e um grande estrondo preenche a noite quando ocorre o choque.

Ainda zozzo, o motorista pega uma lanterna no porta-luvas e sai, cambaleando para a traseira do jipe, do lado do passageiro. Ele percebe que o que ele achava ser um barranco é, na verdade, uma pequena formação rochosa. O lobisomem encontra-se prensado em diagonal, entre o estepe destruído junto com a traseira do jipe e a rocha. Por incrível que pareça, uma respiração curta e fraca ainda escapa do focinho, que sangra sem parar. Um braço está preso junto ao para-choque, outro está retorcido em meio aos destroços.

Espantado pela criatura não ter sido cortada ao meio no choque, Vansing o analisa com calma pela primeira vez. Sob o facho da lanterna, visualiza os tons de cinza e marrom do pelo, que vão clareando na área dos olhos, bochechas, em boa parte do focinho e no início do pescoço. “É um autêntico lobo mexicano!”, pensa Joe, tirando um punhal do bolso. Ele pretende dar um fim a essa vida nefasta, através de uma sangria pela veia jugular.

Outro palavrão é jogado ao ar, quando não consegue furar o pescoço do bicho, danificando o punhal nas violentas e inúteis investidas. Aproximando a mão

em pinça à área da tentativa frustrada de corte, através de um potente beliscão, ele descobre uma pele grossa como a do rinoceronte, porém mais flexível. Quase que o seu relaxamento, proveniente da curiosidade, lhe custa caro. Repentinamente, o lobo vira a cabeça e tenta mordê-lo, e ele escapa por muito pouco.

– Vou te mostrar do que Hell Vansing é feito! Tenho um brinquedinho que vem bem a calhar!

Voltando à cabine do jipe, procura novamente a sacola de onde tirou Christine. Dela, retira um machado bem afiado, apesar da lâmina oxidada e do cabo gasto. O homem-lobo urra agonizante, diante da aproximação de seu carrasco. Um sorriso sádico rasga a face do caçador, e assim permanece enquanto o machado sobe e desce sem parar, num violento vai-e-vem que arranca faíscas da rocha, sangue do pescoço do lobo, e uma risada insana de Joe.

Quando finalmente a cabeça rola pela grama, o homem está exausto, seus braços tremem pelo esforço, que foi maior do que esperava (ele parou de contar na décima machadada), mas ele está satisfeito. Larga o machado, abaixa-se e pega a grande cabeça de lobo pelas orelhas.

– Eu venci no final, seu desgraçado! Filho de uma cadela sarnenta! – seu momento de glória, porém, dura pouco. – Mas que diabos de magia-negra é essa?

Espantado, ele larga a cabeça no chão, pois ela está se transfigurando. Os pelos caem e tornam-se cinzas retorcidas, ao mesmo tempo em que as feições de lobo tornam-se cada vez mais humanas. Ao final do processo, ele tem a seus pés uma cabeça de um adolescente de aproximadamente 15 anos de idade, com a pele do rosto pálida e macilenta.

Ao se virar para a traseira do Willys, percebe que a mesma metamorfose ocorreu com o corpo, que agora está aos pedaços. Um mal-estar indescritível invade suas entranhas e ele vomita, sofrendo de terríveis contrações no abdômen, mesmo não tendo mais nada no estômago.

Ele não sabe dizer quanto tempo levou até ocultar os restos mortais do garoto, jogar fora suas roupas sujas e limpar a traseira do jipe. Tem apenas uma

leve noção de que faltam poucas horas para o raiar do dia. Ainda não conseguiu digerir o acontecido naquela estrada deserta do México, mas sabe que deve iniciar um exaustivo trabalho de pesquisa e aprimoramento, pois acaba de encontrar um objetivo para sua vida. E é em meio a esses pensamentos que prossegue em seu caminho de volta para casa.

CHEGADA CONTURBADA

No mesmo dia em que era celebrado em Joanópolis (São Paulo) o nascimento da menina-lobo, na cidade de Poconé (Mato Grosso), a mais de mil e setecentos quilômetros de distância, uma morte era lamentada. É início de manhã, e o caixão com o corpo do padre João Landes é carregado por seis mãos amigas pelo cemitério São Francisco, rumo ao local do descanso eterno deste querido cidadão.

No triste cortejo fúnebre, onde muitos rostos infelizes despontam de cada canto, uma pessoa tenta a todo custo acalmar o profundo sofrimento que a domina neste momento. Trata-se de Maria do Rosário, prima do falecido, uma das pessoas mais chegadas a ele. Ela sempre ia às missas e o auxiliava nas atividades da paróquia, e o padre frequentava sua casa.

A notícia do ataque do coração fulminante que matou o primo, com trinta e oito anos de idade, foi recebida inicialmente com estupefação, seguida de uma depressão profunda. Isso não é nada saudável, visto que Maria está grávida, na vigésima-sétima semana de gestação.

Ela procura se acalmar, pois já não é tão jovem (tem quarenta e dois anos de idade), e sabe que sua gravidez é de risco. Este filho veio sem ser esperado, e seu marido Antônio não demonstrou a mínima satisfação quando soube desta gravidez. Maria percebeu de imediato que desde então ele se fechou, tornou-se amargo e esquivo. Achava que o problema do marido era a preocupação de mais uma vida sob sua responsabilidade, visto que o pedreiro, de poucas posses, já tinha seis filhas, tendo a mais nova (a única solteira) doze anos de idade. Mas a verdade, ignorada por ela, é mais cruel, e vai além de uma simples preocupação de quantas bocas alimentar.

Antônio, já há um bom tempo, desconfia de toda essa devoção por parte da mulher, e também não acredita na boa-vontade do padre. Para ele, um homem e uma mulher nunca podem firmar uma amizade sincera, sempre há sexo por trás disso. Mesmo havendo esse vínculo religioso. Mesmo sendo eles primos de primeiro grau.

Ele é homem vivido e desconfiado, sabe que o ser humano é traiçoeiro e aprendeu a não confiar em ninguém. Estava apenas esperando nascer a criança com a cara do padre, para resolver logo essa pendência de honra, fosse no braço, na faca ou na bala. E agora o homem da batina vai-se embora, sem dar-lhe a chance de lavar sua honra.

Acabrunhado, permanece meio que afastado do povo, andando numa alameda paralela à qual segue a grande procissão de admiradores do falecido e já saudoso padre Landes. Seu olhar se demora um pouco mais sobre sua esposa, mirrada, com aquela barriga de tamanho razoável, carregando o motivo do seu tormento. Ela nunca demonstrou sofrimento assim com ele, nem quando ele caiu de cama no último ano, quase morrendo. “Mas agora, só falta se jogar na cova junto com o caixão!”, pensa ele desconsolado. “Podia cair mortinha com esse filhote do padre, que eu nem ia sentir falta!”

O que ocorreu em seguida pode nem ter ligação com esses pensamentos venenosos, mas Antônio se arrependeu até o final da sua vida por tê-los feito passar por sua cabeça. Maria do Rosário sente uma forte dor na nuca, e uma tontura repentina a ataca, fazendo com que caia pesadamente de joelhos, esparramando-se de lado pelo chão áspero. Um fio de sangue escorre por entre suas pernas, empapando o vestido e causando pânico nas pessoas presentes. Imediatamente, ela recebe socorro de alguns conhecidos, e é levada de carro às pressas para a maternidade mais próxima.

Para Antônio, tudo isso ocorre em câmera lenta, como se ele não estivesse ali presente. Quem permaneceu no cemitério, não sabia ao certo o que fazer: prosseguir com o enterro, seguir direto para o hospital, ou tentar tirar o marido e pai da criança do estado catatônico em que se encontrava.

Três horas depois, já recuperado do estado de choque em que estava, Antônio aguarda na sala de espera da maternidade. Depois de muito tempo afastado de qualquer tipo de fé, ele roga aos céus que sua mulher seja poupada. “Se tiver de escolher um, leve a criança! Eu prometo que deixo de lado toda essa

questão de honra e de desconfiança.” Quando o médico adentra a sala de espera e o chama de canto, o peso em seu coração denuncia que o homem de branco diante de si não é portador de boas notícias.

– Senhor Antônio, sua esposa entrou em trabalho de parto antes da hora, pois ainda estava no sétimo mês, em decorrência de um problema de pressão alta. Ela foi exposta a uma situação de muita tensão, e seu corpo sucumbiu.

– Doutor, eu quero saber apenas como ela está...

– Ela lutou bravamente nestas últimas horas, buscou energias que acredito que nem ela sabia que tinha. Uma mulher de muita fibra. Sofreu muito, mas agora seu sofrimento está acabado. Sinto dizer que sua esposa entrou em óbito há cerca de trinta minutos. Fizemos de tudo para reanimá-la, mas o esforço foi demais para ela. Foi uma verdadeira guerreira, que lutou com unhas e dentes para trazer essa criança ao mundo.

– Eu não quero saber de mais nada! – lágrimas escorrem pelo rosto sofrido e marcado por este duro golpe da vida.

– Calma, senhor Antônio, entenda que seu filho está vivo, porém com a saúde frágil, pois é um prematuro. Não pouparemos esforços para que essa criança consiga passar por esta provação.

– Que morra essa criança maldita, que tirou minha mulher de mim! – descontrolado, após gritar essa sentença impensada, ele deixa a maternidade, sem rumo.

Três de suas filhas também estavam na sala de espera e tomaram conhecimento do ocorrido, sendo a única reação delas abraçarem-se entre si, compartilhando esse momento de dor, buscando força uma na outra. Além do pesar, todas têm outra coisa em comum: a certeza de que não serão capazes de lidar com os procedimentos necessários. Será necessário pedir ajuda a Janaína, uma amiga da mãe, vinda de Campo Grande, que terá capacidade e sangue frio para tomar as rédeas da situação.

Uma mão diminuta e frágil segura o dedo indicador de Janaína. Mais uma vez, intensa emoção a invade, mesmo depois de passar mais de um mês ao lado deste pequeno leito de hospital, acompanhando diariamente a luta do pequeno José Dante pela vida. Segundo o médico, apenas vinte por cento dos bebês prematuros sobrevivem e, dada a ausência de alguns equipamentos nesta maternidade em particular, essa margem é consideravelmente diminuída. O profissional destacou dois fatores decisivos para essa sobrevivência: a presença dela, trazendo um ponto de apoio e afeto, e a imensa vontade de viver do bebê.

Ela deixa o quarto e dirige-se para a saída do hospital, pois está faminta e vai almoçar no restaurante de costume. Quase chegando ao estabelecimento, ela encontra dona Ana, a avó paterna do bebê, que aceita o convite de acompanhá-la na refeição. A conversa, obviamente, não poderia ter outro teor:

– É um milagre ele estar se desenvolvendo tão bem.

– Jana, eu sei que você é pessoa de confiança, além de muito compreensiva. Por causa disso, eu tenho esperança que você entenda o que vou te dizer...

– Por que está falando isso, quando o assunto é o seu neto, dona Ana?

– É por isso mesmo. Sou pessoa muito religiosa, e boa conhecedora das crendices populares. Você não notou nada de diferente na cara do menino?

– Que é pequena? É um pobre prematuro, coitado!

– Não, não. Preste atenção: ele tem as sobrancelhas unidas. – Janaína esboça um protesto, que é prontamente repellido por um forte aperto de mão de dona Ana.

– Escute, porque eu só tenho coragem de dizer isto uma vez. Ele é o sétimo filho, numa casa onde só tinha filha mulher. Ronda essa desconfiança do finado Landes... imagina, mulher que se envolve com padre é uma coisa, e ainda primo! Era para esse menino ter morrido, nenhum doutor consegue explicar pela ciência como ele está vivo. É por causa disso tudo que eu digo: isso é coisa sobrenatural. Tenho certeza de que ele é um...

– Ah, faça-me o favor, dona Ana! Logo a senhora, professora aposentada, mulher culta, vai cair na besteira de acreditar numa bobagem dessas!

– É muita coincidência para não ser verdade! É lobisomem sim! Por isso que eu acho que deve ser a irmã mais velha a batizá-lo! Assim a gente quebra a

maldição!

– De jeito nenhum! Eu e meu irmão firmamos compromisso com a mãe da criança, e vamos cumprir, nem que ele seja o próprio demônio encarnado! A senhora me dê licença, porque essa conversa estragou meu apetite!

A velha senhora olha a moça pagar a conta, sem se preocupar com o troco, e sair bufando porta afora. Enquanto termina sua refeição, pensa com toda a calma que é de seu costume: “ela é quem sabe. Minha certeza é que nunca darei muita confiança a essa cria de feitiçaria, que vai viver à custa do meu filho.”

(II) 1987: Encontro

A REUNIÃO

Quem vê Caroline sentada no sofá da sala de estar, com a cabeça repousada no colo da mãe, assistindo o desenho animado “Bicudo, o Lobisomem”, não desconfia que esta garotinha bonita e sorridente seja aquele bebê que, há uma década, nascia neste mesmo casarão de fazenda, numa fria madrugada coroada por uivos e celebrações.

Ela tem pleno conhecimento de sua condição, e espera ansiosamente o momento de sua primeira transformação. Segundo Rui, seu pai, isso só será possível quando a fisiologia lupina fizer parte de seu frágil corpo humano.

No ano passado, em seu aniversário de nove anos, Caroline perguntou ao pai quando ela saberia que seu corpo estaria pronto para a metamorfose que ela tanto deseja. Também falou sobre seu grande temor, o de simplesmente não ser capaz de se tornar uma mulher-lobo. “Você será capaz, posso afirmar”, disse ele, “pois foi sangue de lobo que provei ao te segurar entre minhas mãos, nos seus primeiros instantes neste mundo.”

Isso a acalmou, pois seu pai é a pessoa em quem mais confia, e a que mais respeita. Ela apenas ficou intrigada com a resposta que veio em seguida, mais nebulosa do que gostaria: “Estará pronta quando um novo sentido sobrepujar todos os já existentes.”

Rui Lopo recebe, na varanda de sua casa, três amigos íntimos. A primeira a chegar foi a matriarca da família Pastrana, Júlia. Logo em seguida, André e Lucinda Veiga saúdam os presentes e se acomodam em cadeiras ao redor da mesa redonda, sobre a qual repousa uma jarra de suco de maracujá gelado, copos e uma carta.

O início de tarde está agradável e quente, e o suco é muito bem recebido por todos. Já a carta não é tão bem-vinda, e seu conteúdo é o motivo desta reunião. Trata-se de uma convocação, para uma conversa com Pernambuco Nogueira, conhecido político da cidade de Joanópolis, e com o delegado Adão Fuller, na delegacia da cidade.

As três famílias são formadas por homens-lobo, já bem instaladas em pontos isolados da cidade. Os Lopo e os Veiga são originários de Portugal, e os Pastrana do México. Quando, cada um a seu tempo, optaram por fincar raízes aqui, procuraram “domesticar” sua fúria ancestral, de maneira a não prejudicar a população local, convivendo pacificamente. Quando se transformam, sempre o fazem em áreas afastadas, em meio a matas densas e montes de difícil acesso.

Possuem criações de animais para aplacar sua fome, mantém plantações e inclusive têm alguns de seus membros trabalhando na cidade, no comércio e no turismo. Aprenderam a ser reservados, a respeitar o povo e a amar Joanópolis.

A carta, apesar da escrita rebuscada e da cordialidade das palavras, transparece discretamente certo tom de ameaça, algo do tipo “nós sabemos o que vocês são”. O receio de perder tudo o que têm conquistado há gerações alimenta a discussão do quarteto, definindo estratégias, formulando defesas e até levando em consideração a possibilidade de propor algum tipo de acordo. Eles querem a todo custo evitar um conflito, que levaria a um banho de sangue e, conseqüentemente, a um exílio das famílias.

Chegada a hora de partir para a reunião, entram no carro Rui e sua esposa Aline, acompanhados de Júlia, já cientes de como proceder. A estratégia adotada foi a da cautela, e até mesmo da negação, caso não tenham provas concretas de sua natureza. Da janela do carro, Rui chama seu filho Rômulo e pede para que cuide de sua irmã, porque seu irmão gêmeo, Remo, está fazendo compras na cidade.

O carro parte, e um temor silencioso flutua sobre o trio, durante todo o trajeto até a delegacia. Todos têm um forte sentimento de que algo intenso acontecerá a todos hoje, e não sabem dizer se essa sensação é boa ou ruim. Resta agora encarar a situação com toda a coragem com a qual foram agraciados, e arcar com as conseqüências dela advindas.

Chegando à delegacia, eles foram encaminhados a uma sala de reunião nos fundos. Os três acomodaram-se em cadeiras estofadas, em frente a Adão e Nogueira, ao redor de uma grande mesa oval. Às costas do delegado, uma ampla janela com as persianas levantadas deixa a sala às vistas de um grande contingente de policiais que por ali circula, com ares de despreocupação, mas que sempre tem

alguém vigiando o interior do recinto, para o caso de alguma emergência. Uma clara demonstração de poder, visando a intimidação dos três. Pernambuco Nogueira inicia a conversa:

– Senhor e senhoras, não é de hoje que pessoas da área rural de nossa cidade vêm relatando avistamentos de criaturas de natureza indefinida, ameaçadoras e vorazes. Eu gostaria de saber se podemos ter alguma ajuda por parte de vocês para esclarecer este mistério?

– O que o senhor insinua? – a voz de Rui é calma.

– Insinuo que, caso essas ameaças não se afastem da minha cidade, serei obrigado a usar minha rede de conhecidos do governo federal para convocar o exército brasileiro, e iniciar a temporada de caça ao lobisomem!

– Veja bem, com base em que o sen... – Júlia é interrompida pela abertura repentina da porta.

– Não finjam mais! Ouçam o batido do seu horrendo coração denunciador! – Caroline aponta na direção do político. – Você é um mentiroso, e usa seu poder para intimidar, satisfazer seus torpes desejos!

Dois policiais abordam a menina e iniciam sua retirada da sala, ao mesmo tempo que Rui, Aline e Júlia se levantam. Rômulo e Remo são mantidos do lado de fora por outros policiais. O delegado imediatamente ordena que larguem a criança e deixem a sala. Também pede para que todos sentem-se novamente. Tal atitude foi movida por dois motivos.

O primeiro é que nunca havia ouvido tão calorosa referência a Edgar Allan Poe, muito menos vinda de uma criança. Além disso, o delegado não nutre muita simpatia por Nogueira, que sempre que pode usa seu cargo de poder para prejudicar alguém. Ele mesmo acha um absurdo esta reunião, mas foi, como sempre, pressionado pelo político.

– Isto é um ultraje! – reclama Nogueira, em tom indignado.

– Ofensa maior são os seus desmandos e obscenidades! Aos meus ouvidos chega o tamborilar do coração de um mentiroso, e meu olfato reconhece em você um perfume bem familiar, escondido sob uma camada de medo e de luxúria! É

cheiro de sexo, com um leve traço de Lancôme. – os olhos de Caroline estão vidrados, e sua voz de criança soa estridente no interior da sala fechada.

O espanto se reflete no rosto de cada um dos adultos presentes. É tudo muito surreal: a menina não tem esse tipo de atitude, não utiliza o vocabulário que escapa de seus lábios, e fala de coisas das quais com certeza não tem conhecimento nem experiência. Mas quem está mais chocado é Adão. Foi ele mesmo que presenteou sua esposa com o perfume francês, que pediu para um amigo do Rio de Janeiro trazer, quando ele foi a Paris nas férias.

A mulher até se gaba de ser a única da cidade a ter um Lancôme, que não deixa ninguém usar, pois sabe que levará um bom tempo até ter acesso a outro do tipo. A vontade que tem agora é de sacar a arma e tirar essa história a limpo, arrancar essa confissão do imoral sentado ao seu lado, mas seu lado profissional fala mais alto.

– Vocês são uma ameaça! – vocifera o político, batendo na mesa e levantando-se, fazendo com que a cadeira bata na parede às suas costas. Os policiais do lado de fora colocam-se em prontidão, mas são acalmados por um gesto do delegado.

– Temos atuado como os cães de guarda desta cidade, e vocês sabem bem disso. – a voz da menina é mais calma, porém enfática. – Você sabe bem o que aconteceu com o estuprador que aterrorizou esta cidade há vinte anos. Os crimes na área rural são praticamente inexistentes, e isso é devido à atuação de nosso povo. Livramos inclusive o seu filho de uma emboscada nos limites da cidade, arquitetada por vingança à sua pessoa.

– Não envolvam minha família niss...

– Cale a boca! – a mão forte do delegado força-o a sentar-se novamente, e Adão apressa-se em fechar as persianas da janela. – Senhor Rui, peço desculpas pelo mal-entendido. Saibam que todos têm o meu apoio a partir de hoje, sempre que precisarem podem me procurar. É uma honra tê-los por perto. Vocês estão liberados. Peço licença para que eu possa usar esta sala para uma conversa particular com o excelentíssimo senhor Pernambuco Nogueira.

Rui mentaliza o termo “desfazer vínculo” e conduz para a saída a criança desorientada e confusa. Ela se sente como se acabasse de despertar de um sonho maluco, sem sentido. Após se despedir de Rui e das mulheres, o delegado fecha a porta atrás de si, cruzando os braços e fitando o político de maneira rude.

Nogueira limpa o suor frio da testa, sentindo-se como uma grande águia, cujas asas acabam de ser destroçadas. Ele amaldiçoa o presidente Figueiredo, que promoveu a maldita abertura política, tirando o poder de seus amiguinhos da ditadura, que lhe ofereciam cobertura aos seus desmandos. A conversa será longa, e acabará com um casamento desfeito, um pequeno ditador destituído e um profissional sério liberto das algemas do coronelismo.

Na propriedade dos Lopo, Rui tem uma conversa séria em família. O patriarca senta-se à cabeceira, tendo à sua direita seus filhos Remo, Rômulo e seu irmão Miguel, que mora ali perto. À esquerda, sua esposa e a abatida e assustada Caroline. Sua voz é calma e firme.

– Já sabemos que Caroline forçou Remo, logo que este chegou, a levá-la à cidade, nem deixando-o descarregar as compras do caminhão. Rômulo não conseguiu acalmá-la, nem convencê-la a mudar de ideia.

– Ela parecia que tava possuída! Até ameaçou a gente! – exclama Rômulo.

– Tudo bem, não o estou culpando disso, apesar dela ter ficado sob sua responsabilidade. Carol, explique-se.

– Hoje eu acordei esquisita, com o corpo muito quente. Eu achei que tava com febre, por causa do sorvete que tomei ontem. – a voz de Caroline é apagada, pois ela sente-se repreendida. – Depois que o senhor saiu, eu senti um negócio esquisito no peito, o coração batia sem parar. Aí eu comecei a pensar num monte de coisa esquisita, e a única coisa que eu queria era ir atrás de vocês.

– Eu acabei cedendo, porque senão ela ia correndo até a cidade. A gente levando, pelo menos tem dois marmanjos de dezoito anos tomando conta, né?

– Eu sei, Remo, e vou dizer porque não vou deixar nenhum de vocês de castigo: Caroline finalmente chegou ao último estágio: ela estabeleceu contato

mental com a alcateia! Foi tudo muito repentino e acima de tudo precoce, pois isso ocorre por volta dos treze anos de idade. Por causa disso, ela ficou descontrolada e despejou um turbilhão de pensamentos da alcateia naquela sala. Quando ouviu o coração do político batucando por causa das mentiras que falava, puxou até um fiapo de um conto de Poe, que ela nunca leu na vida, e que com certeza veio da mente de Miguel, que é fã do escritor.

– Foi isso mesmo! – sorri o tio da garota. – Foi o que me veio à mente no momento em que senti o que ela ouvia. Na verdade, tínhamos muitos argumentos a utilizar como contra-ataque, mas aguardávamos apenas o momento oportuno, se fosse necessário. Mas essa pequena sem-noção jogou tudo na cara do patife, sem dar tempo de ninguém respirar! – todos riem, com exceção de Caroline, vermelha de vergonha.

– Bem, agora todos sabemos o que deve ser feito, correto? – Aline está orgulhosa, e não esconde isso de ninguém. – Vamos providenciar os preparativos para o ritual de iniciação, que será celebrado amanhã à noite!

EXPERIÊNCIAS SÁDICAS

Charlene está exausta, machucada, deprimida. Ela está dentro de uma jaula quadrada, de grades grossas, com um tamanho aproximado de três metros por dois. Dois lados da jaula estão obstruídos por paredes, pois ela está em um canto de um grande porão, que cheira a terra úmida, mofo e excrementos. Ela sente frio, e sua respiração é difícil, porque aqui é muito abafado.

Olhando através de um dos lados livres de sua jaula, consegue enxergar suas irmãs, Rachel e Sarah, em igual situação, cada uma delas em um canto. O que elas têm em comum: estão aprisionadas, feridas, em forma de lobo, e foram traídas pela mãe.

Subindo as escadas do porão, nos deparamos com dois caçadores sentados em cadeiras toscas e velhas, em uma grande cozinha com ar de abandono, que faz parte de uma propriedade rural alugada, no estado do Maine (EUA). Joe Vansing faz um brinde de bourbon com seu amigo Ted Guent, velho parceiro de caçadas no norte do país, que passou a ser seu braço direito na caça aos “cães do inferno”, como ele mesmo chama às espécies de lobisomens. Eles comemoram os dez anos desde a morte do garoto-lobo sob o machado de Joe, naquela estrada deserta do México.

– Ao número um! – brinda Vansing.

– E às dezenas de cães que já mandamos para o inferno nesses dez anos! – complementa Ted, entornando seu bourbon.

O que os dois têm em comum, além do corte de cabelo no estilo mullet e a idade bem próxima (já passam dos trinta), é o gosto por perseguir, atacar e matar lobisomens, se possível torturando-os antes de despachá-los para o além. Guent já tentou fazer faculdade de biologia e de veterinária, sempre desistindo, pois gostava mais de matar seres vivos do que estudá-los. Por causa disso, ele agradece aos céus todas as noites a oportunidade que o amigo lhe ofereceu, de poder exterminar uma praga do seu país, e ainda ser pago para isso.

- Um brinde também a Margareth, a mãe do ano! Se não fosse por ela, não teríamos evoluído tanto na nossa pesquisa sobre esses bichos, hein, Joe?
- Um brinde a essa querida fanática religiosa, que nos entregou suas filhas de mão beijada, por achar que elas são um castigo divino!
- Viva a maluca! Ha-ha-ha!

Charlene (agora com dezesseis anos) e as gêmeas Sarah e Rachel (ambas com catorze) sempre foram reprimidas pela mãe. Após a morte do pai, há dois anos, isso piorou mais ainda. Margareth se afundou no fanatismo religioso, e quando a filha mais velha apresentou os primeiros sinais de que seria uma menina-loba, a mãe a convenceu a não “cair nas tentações de Satanás”, porque o seu mal seria curado através da oração.

O mesmo aconteceu com as gêmeas, assim que completaram treze anos. Por causa de ir contra sua natureza lupina, as garotas definhavam, viviam sentindo dores horríveis pelo corpo e apresentavam um aspecto horrível, com profundas olheiras, a pele com um tom acinzentado, além de tremedeiras, vômitos e convulsões.

Cada vez mais, eram obrigadas a ler a bíblia e orar pela sua cura. Acabaram isoladas dentro de casa, longe dos olhares curiosos da vizinhança. Até que um dia o inevitável aconteceu: Charlene, por não conseguir mais refrear sua ânsia pela transformação, transmutou-se involuntariamente em plena luz do dia, dentro de sua casa. Incontrolada, ela rasgou o colchão de seu quarto, quebrou móveis e espalhou suas roupas pelo recinto.

Tudo isso durou apenas alguns minutos, pois ela estava tão fraca que logo desmaiou e voltou à forma humana. A mãe, sem pensar duas vezes, ligou para o número de telefone que o pastor havia lhe passado. Ela queria se livrar desse problema de qualquer jeito.

A dupla de caçadores já era conhecida nos meios sensacionalistas da imprensa estadunidense, sendo motivo de piada em todo o país. Mas eles não se importavam, pois quem tinha problema com lobisomens de verdade os contratava,

e pagava muito bem pelo serviço. Parecia que as autoridades faziam de conta que não sabiam de sua atuação, visto que eles faziam um bem para a nação, segundo eles mesmos.

No caso das três irmãs, a dupla enxergou uma oportunidade de colocar em andamento algumas experiências que estavam engavetadas, por causa de nunca conseguirem capturar um espécime vivo. Assim, fizeram o serviço com desconto, solicitando também o aluguel de uma propriedade no estado em que Margareth vivia, que fosse isolada e espaçosa.

No dia combinado, eles viajaram ao Maine com os equipamentos necessários, se apresentaram na casa das meninas como funcionários de uma clínica de repouso e as levaram para o seu cativeiro, com o consentimento da mãe. Ao ver o furgão se afastando, um pensamento da mãe fechou essa macabra barganha: “Meu trabalho está feito. O pastor ficará muito feliz por eu ter livrado nossa comunidade do mal, que com certeza é uma penitência de meu falecido marido.”

– As pesquisas com as feras lá do porão renderam bem, não acha, parceiro? – Ted consultava seus apontamentos.

– Pode ter certeza disso! Com base nelas, já sabemos a dosagem certa de tranquilizante a aplicar, como funciona a cicatrização acelerada das criaturas, quanto aguentam de porrada, quanto tempo conseguem ficar sem comer... Além disso, percebemos que cada um tem características dos lobos de seu local de origem, ou seja, o comportamento dos lobisomens variam, dependendo de onde vêm.

– Sabe, às vezes eu fico com um pouco de pena... elas são apenas adolescentes.

– Pena? Você tem pena dos porcos quando vê uma dona toda embonecada com maquiagem? Ou se lembra dos ratos quando toma algum remédio? Tem dó dos malditos macacos, quando vê nossos heróis americanos desbravando o espaço?

– Claro que não! É que nesse caso...

– Aquelas coisas lá embaixo não são humanas, são animais! E os animais só servem para duas coisas: para nossa diversão e para servirem de cobaias no avanço da ciência!

– É isso aí, Hell, você tem razão. Nesta noite, faremos o teste final dos elementos, correto? Estou louco para sair deste buraco de rato no meio do nada e partir novamente para a ação.

– Sim, hoje concluiremos nosso sagrado aprendizado. Vamos comer alguns hambúrgueres e tomar umas geladas!

Charlene desistiu de lutar pela vida. Nas últimas semanas, foi mal alimentada, dormiu pouco, esteve sempre sob tensão, sem transmutar da forma de loba, enclausurada nesta jaula. Foi cortada, trespassada, queimada. Seu poder de cura, que deveria ser um dom maravilhoso, foi sua ruína, um prolongamento do seu tormento.

O pior não foi a indiferença e a maldade de seus dois algozes, que a feriam e estudavam friamente suas reações. O pior de tudo isso foi a indiferença de sua própria mãe. “Por que não nos aceitou como éramos? Porque não lutou por nós? Onde está o amor incondicional ao próximo, que tanto é pregado nas escrituras sagradas?”

Ela está deitada de costas no fundo da jaula, sentindo o cheiro da terra revirada e olhando para a lua, parcialmente encoberta por nuvens. Lua que parece uma bela pintura, emoldurada pelo quadrado de terra, formado pelas bordas da cova, no fundo da qual sua jaula repousa. “Que assim seja. Nada do que virá após a morte será pior do que esta vida.” Lá em cima, uma escavadeira começa a empurrar a terra para dentro da cova. Escuridão, peso, sufocamento. “Não sentirei saudades...”

E a morte vem, lenta, torturante, impiedosa.

Rachel se atira de encontro às grades. Está descontrolada, deixa toda a sua fúria fluir, pensamentos homicidas tumultuam sua mente. Ela quer se vingar daqueles dois, descontar tudo o que fizeram a ela e às suas irmãs, esmagar, dilacerar, cortar e fazê-los sofrer. Um nome flutua no mar de ódio que entorpece a mulher-lobo: Margareth.

Mais um salto insano, e a jaula cai de lado. Ela arranha o chão e as grades com um ímpeto tão violento que algumas garras são arrancadas. Nenhuma dor é sentida. Um traço de pânico toma conta de seu ser, quando o cheiro de querosene invade suas narinas.

O combustível derramado sobre a criatura irrita seus olhos e seus ferimentos. Ela sabe o que vem em seguida, e tudo o que consegue fazer é urrar e se debater em meio às grades. Um fósforo é riscado de maneira displicente e seu trajeto no ar forma um arco, que termina em uma pequena explosão, seguida de uma bola de fogo que urra e esperneia de maneira sobrenatural.

Calor infernal, agonia indescritível. A pele grossa suporta as chamas por mais tempo do que deveria, aumentando o sofrimento. A loba começa a sufocar, por conta das chamas que engole na respiração. Por fim, a desidratação e a falência múltipla dos órgãos internos. Rachel leva doze longos minutos até encontrar o abraço reconfortante da morte.

Torpor, fraqueza nos músculos e enjoo. “Mamãe, hoje não quero ir para a escola.” Sarah acha que está no quarto de sua casa, mas na verdade está deitada de bruços, nua em sua forma humana, salivando sem parar.

Por ter sido a principal cobaia das doses de tranquilizante, os últimos dias foram nebulosos e surreais, ela não sabe o que foi pesadelo, delírio ou realidade, em meio a todos os abusos que sofreu. Sua jaula foi içada sobre um pequeno lago, no fundo da velha propriedade alugada para os caçadores.

As polias do suporte que sustenta a jaula começam a ranger, quando um cabo de aço desliza vagarosamente, guiando Sarah para o fundo do lago. O contato com

a água gelada é desagradável para a moça, e em débeis movimentos ela tenta em vão alcançar as cobertas imaginárias de sua cama inexistente.

A respiração fraca vai aos poucos enchendo seus pulmões com água. Antes de deixar escapar seu último suspiro, um pensamento invade sua mente: “Por que será que mamãe nunca nos ensinou a nadar? No próximo verão, pedirei isso a ela...”

Um dia depois de concluírem a “pesquisa”, Joe e Ted estão no aeroporto de Bangor, preparando-se para voltar para casa. Vansing vai a uma cabine telefônica e faz uma ligação para Washington.

– Alô, Johnny! É o Hell Vansing. Temos mais três Chaney's voltando para casa. Mantenha o Protocolo Ninho de Cobra na gaveta. Câmbio, desligo.

UM DIÁLOGO INQUIETANTE

Pantanal mato-grossense. É aqui que o garoto José Dante se sente em casa. Sempre que possível, ele foge para este refúgio sagrado, que fica a aproximadamente uma hora de caminhada da sua casa. Em meio aos charcos, florestas e campos, sente uma paz infinita. A explosão de vida que presencia aqui é indescritível, uma sensação inebriante de fazer parte de um ambiente tão rico, tão vasto, tão desafiador, onde se sente reconfortado, e não junto às pessoas com as quais é obrigado a conviver.

Quando está na cidade, sua vida é um tormento. Desprezado pelo pai, odiado pela madrasta, evitado pela avó e simplesmente ignorado pelas irmãs. Na escola, sempre que há uma chance, é humilhado pelos colegas, que caçoam de seu corpo franzino, suas orelhas grandes, suas sobrancelhas unidas. Costuma ser vítima dos piores tipos de brincadeiras de mau gosto.

Assim, aos dez anos de idade, Dante é uma criança arredia e introvertida. A única pessoa com a qual tem afinidade é a sua madrinha, que infelizmente se mudou para Cuiabá, após a morte de seu padrinho, por causa da malária.

Ao contrário do que pode parecer, ele não é uma pessoa triste. Aprendeu a se contentar com o que tem, e a única alegria que tem na vida é invejada por muitos: o convívio pleno com a natureza. Ele não tem medo de jacaré, cobra, insetos, tempestades, inundações, apenas os respeita. Neste exato momento, está passeando por uma mata densa, úmida, o verde preenchendo toda a sua visão, o solo argiloso cedendo levemente sob seus pés.

Ao notar uma movimentação na vegetação logo à frente, para sua marcha. Com o coração batendo forte, mais de excitação do que de temor, tenta adivinhar com qual bicho vai se deparar: cervo, capivara, cachorro-do-mato, tamanduá, quati, talvez até uma onça-pintada.

Mas, para seu assombro, é uma pequena mulher quem surge no seu campo de visão, com aproximadamente um metro e meio de altura, cabelos compridos de um vermelho vivo, bastante enrolados. Ela usa um vestido esfarrapado e apresenta

um defeito nas pernas, que faz com que estas fiquem arqueadas, e dificultem seu caminhar. Dante arregala os olhos ao notar que os pés da mulherzinha sardenta são virados para trás, torcidos de uma forma estranha.

– E então, garoto-bicho de Poconé, porque tu te demoras tanto em vislumbrar a minha pessoa?

– Você me conhece? Por que me chamou de bicho? O que faz aqui no mato?
– foi a frase mais longa que o garoto pronunciou nos últimos meses.

– Não surge um da tua espécie em meus domínios sem que eu tenha conhecimento. Chamo-te de bicho porque és da raça dos guará, e isso define muito o teu jeito solitário. Tu tens essa carinha de bobo, mas concentras grande poder dentro do teu corpo mirrado, esperando apenas a hora certa de se manifestar.

– Tá fazendo chacota de mim?

– Não sou disso! – exclamou a pequena mulher, de idade indefinida, em tom altivo – E ouve bem o que digo, pois poucos têm esse privilégio: em sete cemitérios, de sete cidades diferentes, acontecerão os fatos mais marcantes da tua vida, e percorrendo-os encontrarás teu destino.

– Não tô entendendo...

– Guarda minhas palavras, e elas farão sentido no momento oportuno! – ela começa a se embrenhar na mata novamente, e é uma voz distante e abafada que prossegue – Ninguém consegue me seguir, e mesmo tu não conseguirás. Nunca mais me verás, mas eu sempre acompanharei teus passos.

Naquela noite, o garoto não conseguiu dormir. Inquieto, mantinha na memória o encontro com uma pessoa que ele não sabe quem é, nem o que suas palavras queriam dizer. O que o incomoda é que ele sente que isso terá muita importância na sua vida.

PILARES DA SABEDORIA

A noite é escura em Joanópolis. Uma leve neblina escorre por entre as árvores e cobre a vegetação rasteira. Em meio à mata isolada, nada se move, nenhum som é ouvido. Parece que toda a floresta parou, demonstrando respeito e temor às criaturas que andam à solta por ali. Em um ponto de difícil acesso, cinco membros da alcateia iniciam o ritual. Rui, Júlia, André e Lucinda estão sentados, na forma de lobisomens, cada um assumindo a posição de um ponto cardeal, formando uma espécie de círculo, com as costas voltadas para o centro. Nesse centro está Caroline, de pé, vestindo um manto cinza. Outros membros circulam pelas redondezas, garantindo a privacidade e a segurança das quais a situação necessita.

“Nós, como os quatro pilares da sabedoria, responsáveis por passar adiante os conhecimentos não escritos acumulados por gerações, seremos seus mentores neste rito de passagem. Iremos ajudá-la a fortalecer seu vínculo mental com o grupo e a orientá-la na sua primeira transformação. É somente através da mente que nos comunicaremos nesta noite, e por isso você está proibida de usar linguagem verbal durante o ritual. Não se preocupe em tentar identificar de quem vem a mensagem telepática, pois neste instante todos nós somos apenas um.”

“Somos todos filhos de Arcádia, herdeiros de Licaonte. Os Lopo são originários da região da Serra da Estrela, em Portugal. Chegará o dia em que você partirá em viagem à terra-mãe, para conhecer suas raízes e redescobrir a si mesma.”

Caroline sente um frio intenso, cortante, ampliado pela sensação térmica causada por um vento forte que açoita seu corpo lateralmente. A seus pés, a brancura da neve, estendendo-se pelo declive onde mantém-se em observação. Mais abaixo, um relevo acidentado, com formações rochosas rompendo o manto branco, e além, onde o verde predomina, uma estrada antiga serpenteia pelo vale.

E é no limite onde a neve deixa de existir, que ela visualiza sua presa: um imenso javali esgueira-se entre as rochas. Ela se prepara para o galope morro

abaixo, quando é interrompida pela voz de seus tutores, trazendo sua mente de volta à floresta de Joanópolis, fazendo desvanecer sua visão da Serra da Estrela.

“Para cá viemos, atraídos pela força mística que este lugar emana. Muito tempo antes desta cidade ser batizada com o nome de Joanópolis, nós fixamos residência neste local sagrado, protegido pela fortificação natural que hoje é chamada de Serra da Mantiqueira, rico em vida, vegetação e recursos hídricos. Aqui crescemos e nos desenvolvemos na plenitude que este paraíso proporciona. As famílias Veiga e Pastrana para cá vieram pelos mesmos motivos, e hoje formamos uma irmandade de poder e colaboração que nos fortalece mais ainda.”

Novamente, a menina observa uma paisagem do alto de uma montanha. Os baixios verdejantes, as nascentes e os contrafortes que banham sua visão, iluminados por um sol puro e reconfortante são familiares, pois ela nasceu neste ambiente. O tempo, porém, é outro, pois a cidade ainda não existe neste vislumbre mental.

“Atualmente, somos um povo discreto e desconfiado, mas nem sempre fomos desse jeito. Na antiguidade, éramos os guerreiros mais ferozes em campo de batalha e nos orgulhávamos de nossa condição. Porém, na Idade Média, ocorreu um grande extermínio, promovido pela igreja cristã, que quase dizimou nossa raça, juntamente com muitos humanos inocentes, massacrados sob a falsa acusação de serem homens-lobo. Nosso senso de autopreservação nos impeliu a viver nas trevas, cada um por si, para que pudéssemos manter nossa linhagem. Somente neste século é que foi resgatada a ideia de unir todos os homens-lobo do mundo, através do projeto batizado de Alcateia Global, capitaneado por um estudioso da Noruega, que você terá o prazer de conhecer um dia.”

Durante esta citação, a menina-lobo sente uma depressão repentina, um mal-estar que se apossa de seu corpo. Apesar de durar apenas um segundo, deixa-a um pouco abalada.

“Sobre a sua metamorfose, prepare-se para suportar a maior dor que seu frágil corpo já experimentou nesta vida. Não tente abortar o processo de transformação antes de concluí-lo, pois isso terá uma consequência desastrosa: você nunca mais será capaz de se transformar, ficando presa à sua forma humana

para sempre e, por conseguinte, se tornará um ômega da alcateia. Esse membro não tem poder de decisão e é totalmente subalterno aos membros alfa e beta. Entenda como alfa todos os líderes do grupo, que acumulam tarefas de liderança, decisão, estratégia e reprodução. O indivíduo beta está um degrau abaixo, prestando submissão ao alfa e, recebendo permissão, também pode se reproduzir.”

Novamente, a insegurança toma conta da garota, um medo primitivo de não ser digna do que lhe está sendo oferecido. Ela começa a suar frio e a tremer de nervosismo.

“Sua jornada de autoconhecimento começa agora. Você se transformará e, imediatamente, deve buscar uma presa não humana. Através do conhecimento genético, que é uma herança valiosa de nossa raça, você saberá como caçar, se movimentar e utilizar os sentidos em sua nova forma. Deve devorar sua caça na nossa presença, e logo depois partir para os montes, onde procurará um lugar seguro e isolado para cavar uma toca.”

“Nela, permanecerá em meditação e jejum, na sua forma de loba, por três dias. Isso unirá suas consciências humana e lupina, tornando-as uma só, fazendo-a alcançar sua plenitude. No seu retorno, cada membro iniciado da alcateia, do mais novo ao mais velho, lhe passará conhecimentos específicos que serão importantes na sua nova vida.”

“Para encerrar, você deve respeito e obediência ao seu grupo, os seus iguais são o maior tesouro que você possui. Independente de onde você estiver, lembre-se sempre de quem você é. Faça sempre o seu melhor, porque isso é o mínimo que você pode fazer. Seja grata por sua condição.”

“É com muito orgulho que saudamos nosso mais jovem membro! Rompa seu frágil casulo humano e abraça sua nova vida!”

Uma sinfonia de uivos ecoa por toda a floresta, e Caroline inicia sua transformação, suportando heroicamente todos os rigores do sofrimento físico que isso traz. Levanta-se eufórica e orgulhosa, fitando espantada suas poderosas garras, sua densa pelagem mesclada de marrom e negro, típica do lobo ibérico. Seu coração explode de alegria, e o uivo que ela libera não deve em nada ao de seus irmãos.

Apesar de seu pequeno porte, irradia uma magnificência e um vigor dos quais somente uma fêmea alfa tem o poder de ostentar. Em plena corrida ela parte, saboreando avidamente tudo o que seus novos sentidos oferecem. Acaba de surgir a loba mais poderosa que esta cidade já concebeu.

(III) 1990: Punição

PELES SOBRE O MAR

Madrugada de abril de 1990. Um navio quebra-gelo norueguês parte de seu país de origem, tendo como destino o Golfo de São Lourenço (Canadá), onde seus tripulantes pretendem executar uma prática polêmica: a caça de focas. Apesar dos esforços internacionais para acabar com essa atividade, ainda existem navios de caçadores que tingem de vermelho as águas canadenses, com pouco esforço do governo desse país em tomar providências contra esse ato.

– Partindo agora para uma temporada que promete! – o capitão não esconde sua satisfação. – Acho que desta vez o governo canadense deu um jeito naqueles chatos do Sea Shepherd.

– E não era sem tempo. Esses ecoterroristas de merda querem tirar nosso ganha-pão! Você viu como eles acabaram com a caça de focas nas ilhas Órcades? Não podemos deixar isso acontecer aqui! Malditos ecologistas! – o outro sócio da empreitada aproveita para desabafar toda a sua revolta contra organizações de defesa dos animais. – Existem focas de sobra por aqui. Algumas centenas de milhares a menos por ano não farão diferença!

– Não temos o que temer. A detenção de toda a tripulação do Sea Shepherd II, pela guarda costeira canadense, em 1983, dificultou a ação deles. A “Lei de Proteção às Focas”, do Canadá, nada mais é do que uma “Lei de Proteção aos Caçadores de Focas”! Ha-ha-ha.

– Este ano, consegui contratar alguns sanguinários que prometem um novo recorde de animais abatidos. Só aquele garoto novato que parece meio atrasado mentalmente, acho que vai atrapalhar.

– Ele veio quase de graça! A avó do garoto implorou para o trazermos. Apesar de afirmar total pobreza, eu acho que o motivo não é dinheiro. Acho que ela quer se livrar desse estorvo por alguns meses! – o riso dos dois somente é interrompido pela entrada na cabine do motivo da graça.

Eles sempre acharam que o garoto, que aparenta ter uns dezesseis anos, tinha problemas mentais, por vários motivos. Ele nunca falou e parece não entender

direito o que dizem a ele, nem o que acontece ao seu redor, totalmente alienado do que acontece no mundo. Seus empregadores desconfiam que ele pode ser surdo. Além disso, ele não parece sentir o frio congelante a que todos são expostos neste período do ano. Neste instante, veste apenas uma camiseta e uma calça. O mais estranho é que ele nunca se aproximou muito dos outros, e os sócios estão surpresos com a audácia da parte dele, entrando assim na cabine sem pedir autorização.

– Quem falou que você pode... – o capitão não consegue concluir sua frase, pois o garoto, com quase dois metros de altura, venceu a distância que existia entre eles numa velocidade incrível para alguém desse tamanho, pegando-o pelo pescoço e batendo sua cabeça contra a parede, fazendo-o desmaiar na hora.

O outro ocupante da cabine, recuperando-se do susto inicial, prepara-se para aplicar um murro bem dado na nuca do garoto, mas seu golpe é frustrado por uma rápida esquivas, seguida de um golpe com o cotovelo que desloca seu maxilar. Atordoados, ele cai de joelhos e é golpeado na nuca, com uma intensidade que apenas deixa-o desacordado. Um leve sorriso se insinua no rosto do adolescente. “Agora, Berserkr pode mostrar quem realmente é. Já posso me libertar desta frágil pele humana.”

Do lado de fora, dois tripulantes percebem que há algo errado e adentram a cabine, para ajudar os que estão caídos. Quando se debruçam sobre eles, percebem roupas rasgadas espalhadas pelo chão, e pela visão periférica, notam um grande vulto se movimentando lateralmente. Ao se voltarem na direção desse movimento, o horror preenche seus corações: um lobisomem de mais de dois metros de altura encara-os, com olhos de um azul límpido que transbordam ferocidade.

Antes de terem tempo de fazer qualquer coisa, mandíbulas poderosas destroçam a garganta de um deles, causando um ferimento horrível e fatal. Um segundo depois, o outro tripulante, ainda em estado de choque, tem o seu coração trespassado pelas garras da fera, matando-o instantaneamente.

Por incrível que pareça, este ataque mortífero aos dois foi um ato de misericórdia por parte da criatura, pois nenhum deles é caçador, são apenas ajudantes. Somente por isso ele os matou sem muito sofrimento, mas nunca chegou

a cogitar poupá-los, pois segundo ele mesmo “quem se junta aos maus, mesmo não o sendo, merece arcar com as consequências dessa escolha”.

O ataque aos quatro durou apenas dois minutos. Berserkr se prepara para deixar a cabine e prosseguir com sua tarefa, mas não sem antes destruir todos os equipamentos de comunicação ali presentes. Ele se abaixa e deixa o local em quatro patas, farejando o ar. Misturado ao cheiro do mar salgado trazido pelos ventos gelados do norte, ele sente traços de sangue e podridão, por conta dos anos de massacre que aquele navio tem presenciado.

O homem-lobo deve ser rápido, pois há muito trabalho a fazer antes de deixar a embarcação. Em uma corrida veloz, ele chega à porta da cabine que serve de dormitório da equipe de matança, aplicando poderosos golpes à porta, até abri-la. Sutileza não é uma de suas características.

Um a um, os tripulantes recebem ferimentos no pescoço, no tórax ou nas pernas, de modo a ficarem impossibilitados de fugir, mas ainda permanecendo vivos e conscientes. Os movimentos da fera são tão precisos, que parecem ser coreografados. Garras e presas se movem com incrível rapidez, borrando seus contornos e deixando um rastro rubro no ar, nas paredes e no chão.

Os primeiros a sofrer o ataque nem fazem ideia do que os atingiu. Outros, ao se depararem com aquele imenso anjo da morte vestido de branco e cinza, tentam empreender uma fuga desesperada, somente para serem perseguidos e atacados. “Gostaram da sensação de ter um atacante impiedoso em seu encalço, contra o qual não têm a menor chance de defesa?”, pensa o lobisomem. Hoje é o dia da caça.

Em poucos minutos, o navio tem em seu interior duas pessoas mortas, doze feridas e um homem-lobo triunfante, com vigor e fúria suficientes para colocar em prática seu terrível plano. Um a um, ele arrasta e arremessa os feridos no porão do navio. Lá, arranca todas as suas roupas. Por último, são trazidos os sócios, já retornando à consciência. Eles permanecem vestidos, e são pendurados em ganchos, de maneira a poderem ver tudo o que acontece no porão.

“Meus Deus, esse demônio vai deixar todos aqui, feridos e sem roupas, para morrer agonizando!”, pensa o capitão, de olhos arregalados e respiração acelerada.

Mal ele sabe que existe uma terrível ironia nesta situação, a implacável regra do olho por olho, dente por dente.

O lobisomem pega um dos feridos, deita-o de costas e faz um corte com as garras afiadas, que vai do pescoço até próximo à região logo abaixo do umbigo. Gritos ensurdecedores são ouvidos, não só de dor por parte da vítima, mas também de terror vindos das desesperadas testemunhas.

Com movimentos vigorosos, a criatura arranca a pele do corpo do homem, sentando-se sobre suas pernas e segurando seus braços quando necessário, enquanto o miserável se debate em agonia. O procedimento é repetido com cada um dos caçadores e, para o final, foram guardados os mentores desta empreitada.

O homem-lobo, encharcado de sangue, com pequenos retalhos de pele humana pendendo pelo corpo e espumando de ódio, caminha sobre duas patas, de maneira firme e calma, para o canto onde estão os homens pendurados em ganchos.

Um deles já morreu, vítima de um ataque do coração decorrente do choque ocasionado pelo que presenciou. O outro é arrancado violentamente do gancho, sendo prontamente destroçado pela fera, que finalmente pode exteriorizar toda a sua fúria, sem remorsos. Ao final, o que resta do homem é uma pilha de ossos e carne sangrenta, totalmente irreconhecível.

Saindo do porão e indo para a amurada do navio, Berserkr vislumbra o horizonte, onde em breve o sol nascerá. O navio ainda está em movimento, e assim continuará por muitas horas, até que alguém desconfie de alguma coisa. Sua tarefa aqui está concluída. Mais uma vez, a organização Green Death deixa sua mensagem de terror aos depredadores do ambiente.

Ele mergulha no mar, e o impacto da temperatura é revigorante, ao mesmo tempo em que servirá para limpar o sangue imundo de seu corpo. Ele nadará por alguns quilômetros, até ser resgatado por uma embarcação da organização. Isso é necessário, para evitar qualquer relação com o navio atacado. Enquanto nada em meio ao mar encrespado, já traça planos para as próximas operações, desta vez contra baleeiros japoneses na Antártida.

JUIZES E CARRASCOS

Um mês depois do ataque ao quebra-gelo, no outro hemisfério do globo, quatro homens conversam alegremente no interior de um carro, na tortuosa estrada de saída da cidade de Joanópolis. Já é madrugada, e a noite de trabalho foi rentável para eles.

– E eu que pensei que as vendas iam cair, depois do tal do confisco que o Collor fez na poupança de todo mundo! – diz um jovem no banco de trás, enquanto faz a contagem de um bolo de dinheiro.

– Que nada! Mesmo o safado metendo a mão na grana da galera, os viciados sempre arrumam dinheiro pra droga!

– Além do mais, tem tanto cara fodido por aí, empresário falido, trabalhador deprimido, gente que está na rua da amargura... agora é que a nossa clientela aumenta mesmo! – ri o motorista. – Nessa pendenga, só dá pra viajar com entorpecente mesmo!

– Ei, vai mais devagar aí. – o “tesoureiro” quase derruba um maço de notas, quando o motorista faz uma curva com mais velocidade do que deveria. – Eu quero tá vivo pra aproveitar essa grana aqui!

Ao olhar pela janela do veículo enquanto conclui a frase, poderia jurar que tinha visto um bicho grande na beira da estrada, bem na parte da curva em que uma velocidade menor é requerida. Olhando para trás, notou mais um vulto do outro lado da estrada, na mesma curva.

Pontos luminosos destacam olhos que observam atentamente o veículo. Ao que parece, eles escaparam de um ataque por causa da falta de cautela do motorista. Mas ataque de quê? Não conseguiu reconhecer que tipo de bicho era aquilo, só sabia que estava com medo.

– Ei, cês viram o que tinha na curva lá atrás?

Os ocupantes do veículo não tiveram tempo de responder, pois os faróis iluminaram outro bicho enorme, abaixado no meio da estrada, a aproximadamente 100 metros à frente no caminho. Soltando alguns palavrões, o motorista acelera,

pronto a atropelá-lo, quando percebe que a fera se prepara para saltar, e age por puro reflexo.

Quando o animal efetua o salto, o carro dá uma guinada para a esquerda, atravessando a pista na contramão, estabilizando novamente quando alcança a terra do acostamento. Com essa manobra, o lobisomem acaba apenas raspando a lateral do veículo e ficando para trás, enquanto a condução dos quatro traficantes apavorados segue em sua fuga pelo asfalto.

– Que porra era aquilo?

– Não sei, só sei que quero sair desta estrada amaldiçoada bem rápido!

– Cuidado! – o carona grita e se segura no painel do carro, apontando para um caminhão que segue lentamente pelo meio da estrada, no mesmo sentido em que eles estão.

Derrapando na pista por causa da freada brusca, o automóvel quase se choca com a carroceria do caminhão. Os ocupantes do veículo gritam todos ao mesmo tempo, soltando imprecações e reclamando do motorista da frente, que impossibilita qualquer tipo de ultrapassagem. Longas buzinas e faróis altos são utilizados, mas o caminhão continua na mesma velocidade, e não sai do meio da pista.

Toda a agitação é substituída por um silêncio de pavor, quando uma terrível figura se levanta na carroceria, parcialmente iluminada pelo foco dos faróis. No instante seguinte, um imenso lobisomem invade o carro, pulando do caminhão e atravessando o para-brisa, parando no espaço entre os bancos do motorista e do carona, as garras apoiadas no encosto do banco traseiro.

Em pânico, o motorista passa direto em uma curva, saindo da estrada. O veículo ganha velocidade em um pequeno declive, e após uma das rodas dianteiras se chocar com uma pedra, tomba de lado e atinge uma grande árvore. Ainda atordoados, os ocupantes procuram desesperadamente deixar a cabine, o que conseguem fazer com êxito, com exceção de um deles.

O homem que contava o dinheiro, e ocupava o assento traseiro atrás do carona, ficou encurralado entre a mistura de ferro retorcido, cacos de vidro e terra

de um lado, e uma fera sanguinária do outro. Berros insanos são emitidos por ele, enquanto é dilacerado pela criatura.

No caminhão, Rômulo espia pelo retrovisor a investida ao carro dos traficantes, aumenta a velocidade e sai do meio da estrada, voltando à pista correta. Ele dá um sorriso ao irmão Remo, que envia um comando mental à alcateia, notificando-os do local exato do ataque. Após dirigir por um quilômetro, os gêmeos acenam para um homem-lobo que está escondido nas sombras de uma árvore na beira da estrada. Muitos membros da alcateia estão espalhados pelas bordas da estrada, atuando como vigias, para evitarem a presença de testemunhas indesejáveis.

Os três fugitivos do carro atacado correm na escuridão. Se eles soubessem o destino que os aguarda, teriam preferido morrer no acidente. Dois deles tomam o caminho da estrada, onde têm esperança de encontrar ajuda, ou pelo menos prosseguir com sua escapada pelo asfalto. Eles tomam o rumo da saída da cidade, mas após alguns instantes param bruscamente. Do lado para onde se locomovem, vem um uivo aterrador, e pelo volume desse som, a fera que o emitiu está bem próxima.

Acabado o uivo, o silêncio impera, sendo o único som audível a respiração da dupla. O homem que dirigia o veículo acidentado saca um revólver e aponta na direção da curva à frente, de onde veio o som. Agora eles se sentem mais seguros e prosseguem, numa marcha mais cautelosa.

Na estrada, os traficantes prosseguem, mas após alguns passos, um novo uivo é ouvido, desta vez vindo de trás. Eles se voltam assustados, tendo outro sobressalto ao ouvir um rosnado vindo da vegetação à sua esquerda. Acostumando seus olhos à escuridão, são tomados de pânico ao conseguir vislumbrar quatro lobisomens aproximando-se ameaçadoramente, dois de pé e dois sobre as quatro patas, todos rosnando.

O homem que empunha a arma começa a atirar, e mal consegue descarregar o tambor do revólver quando tem seus dois braços fraturados por golpes poderosos e certos. A última visão que tem é a de um ser terrível fincando as garras na

parte inferior do seu maxilar e arrastando-o para o mato, em companhia dos outros dois seres infernais que haviam quebrado seus ossos.

Quando os tiros começaram, o bandido desarmado virou-se e correu para a mata do lado oposto ao do avanço dos homens-lobo. Sem conseguir pensar direito e tomado de desespero, acabou agindo por instinto, subindo numa grande árvore que encontrou no caminho. Agilmente, escalou-a, parando somente ao alcançar um galho a mais ou menos cinco metros do chão.

Agora bastava ficar em silêncio e aguardar a chegada do dia, que espantaria aquelas crias do inferno. Ouviu gritos desesperados de seu colega, seguidos de sons terríveis de algo sendo rasgado e de ossos se partindo. Rosnados inumanos pontuavam essa terrível sonoplastia. Depois de alguns instantes, um silêncio profundo, mais terrível do que os sons da carnificina.

Ele se agarra ao tronco da árvore, tentando conter o tremor que se apossou de seu corpo. Fechando os olhos, encosta a narina e a boca em um dos antebraços tensos, para abafar o ruído de sua respiração, lutando para se convencer de que tudo daria certo, que não o encontrariam em seu esconderijo.

Por mais que esteja fora do alcance da visão e que tente não emitir ruídos, ele tem algo que acaba atraindo os sentidos dos lobisomens: o medo. E é esse doce cheiro do medo que embriaga os quatro seres que observam em silêncio da base da árvore, aproveitando este momento sublime que antecede o extermínio do humano desprezível que se esconde lá no alto.

O outro sobrevivente, que correu na direção oposta à dos seus comparsas após o acidente, cujo apelido é Grilo, afunda-se cada vez mais na mata, ainda zozinho por causa da colisão. Sem acreditar no que está se passando, ele reza para que tudo isso seja apenas um pesadelo terrivelmente realístico.

Suas pernas começam a doer por causa do cansaço e seus pulmões ardem, e nesse instante surge um arrependimento da vida sedentária que leva. Uma parada para descanso faz-se necessária, e ele se senta na relva, banhado de suor, suas roupas grudando desagradavelmente no corpo. O coração parece que vai explodir

no peito, e um terrível enjoo se manifesta, fazendo com que vomite as cervejas que havia tomado há pouco na cidade.

O alívio que isso trouxe veio acompanhado de uma inquietante sobriedade. O homem se vê sozinho e desarmado, no meio da escuridão e, o pior de tudo, cercado por um silêncio tumular. A desconfiança se junta ao desconforto que já o dominava, e tudo o que lhe resta agora é rezar para que o animal que pulou para dentro do carro fique por lá mesmo, saciando sua fome com seus colegas.

Para pessoas de caráter fraco, não existe companheirismo, apenas o sentimento de querer livrar a própria pele de problemas. Uma leve movimentação na vegetação às suas costas faz com que ele se levante, olhando apreensivo para a direção de onde veio o barulho. Nada mais se mexe.

Quando começa a relaxar, leva um susto tão grande, que o faz cair sentado. À sua direita, muito próximo, um urro inumano irrompe da vegetação cerrada. Aos tropeços, derrapando e se chocando com galhos e caules, o bandido reinicia sua corrida insana pela floresta. Atrás dele, ruídos apavorantes deixam claro que a criatura está no seu encalço. Por vezes, ele sente uma movimentação no seu lado esquerdo, o que faz com que ele tente a todo custo mudar sua rota, afastando-se da ameaça.

O que não sabe é que somente permanece vivo por vontade da criatura. Ele está apenas sendo guiado como uma ovelhinha, para cumprir um propósito.

De repente, Grilo pula uma cerca de arame farpado e cai em uma pequena rua de terra. Piscando os olhos irritados com a poeira, ele finalmente se volta e defronta a fera que o perseguia. Um lobisomem de pelagem escura se aproxima ameaçadoramente, babando e rosnando. Sentado, ele assim permanece, congelado pelo medo.

A fera se abaixa e urra, com o focinho a um palmo do seu rosto. Um hálito fétido agride suas narinas, e seu rosto é borrifado com uma saliva quente e pegajosa. Isso acaba sendo demais para Grilo, que esvazia o intestino ali mesmo, pouco se importando se isso fará bem à sua reputação ou não.

O lobisomem o agarra pelos ombros, atirando-o alguns metros à frente, na ruazinha. Ao tentar escapar novamente pela mata à sua esquerda, ele é mordido no

braço, e assim é arremessado de novo na rua. Tentando a mata do outro lado, novamente é atacado, recebendo um ferimento superficial no peito, causado por garras afiadas.

Finalmente, decide se entregar ao carrasco sobrenatural, fechando os olhos e permanecendo de pé. Como nada acontece, ele olha em volta e percebe que o lobisomem sumiu. Toda a coragem que havia reunido foi-se embora e, vendo que tem uma chance de escapar, segue pela rua, onde encontrará novamente a estrada, mais adiante. Com dores, sangrando e cheirando mal, ele chega à próxima cidade, onde sabe quem procurar para relatar o ocorrido.

Com satisfação, Caroline observa de seu esconderijo o traficante seguir pela estrada, tomando o rumo de Piracaia, a próxima cidade. Esta noite, ela recebeu uma importante incumbência: deveria guiar um sobrevivente para fora da cidade, para que ele relate aos seus superiores do crime qual é o destino de quem tenta arruinar a cidade de Joanópolis.

Com certeza, o pobre mensageiro será eliminado, em uma tradicional queima de arquivo. A estratégia da alcateia é que todos saibam que a cidade está protegida, obtendo assim o apoio dos cidadãos e espantando os de fora, de maneira a manter sua privacidade. Para Caroline, foi mais um dia de aprendizado, pois hoje aprimorou sua técnica de perseguição, além de treinar seu autocontrole na forma lupina.

Os restos mortais dos bandidos abatidos são trazidos para dentro do automóvel capotado. Os homens-lobo tiveram o cuidado de não decepá-los, evitando assim levantar muitas suspeitas. Uma vez depositados os cadáveres na cabine e rompidas as mangueiras do tanque de gasolina, cerca de doze lobisomens observam, rodeando a carcaça acidentada.

Além deles, Rômulo e Remo encontram-se um pouco atrás, em sua forma humana, mais próximos da estrada, onde o caminhão está parado. Chegou a hora de fechar com chave de ouro a operação, e Rômulo acende um cigarro, arremessando-o em seguida na direção da gasolina que vaza do tanque.

Todos se afastam ao pressentir a incrível explosão, seguida por um incêndio que será responsável por mascarar o motivo real da morte dos ocupantes. Um membro da alcateia, que faz parte da força policial da cidade, se encarregará de ocultar dos relatórios detalhes que possam revelar a existência de seu povo nestas paragens.

Hoje, todos repousarão em suas casas com a certeza do dever cumprido, e com sua sede de sangue e selvageria saciados. E assim, mais uma vez, como vem ocorrendo século após século, fez-se a justiça lupina.

FIM DE JOGO

Enquanto os lobos de Joanópolis fazem justiça por conta própria, uma animada partida do jogo de tabuleiro WAR ocorre em uma grande casa da Califórnia, sobre a mesa da sala de estar, repleta de cervejas e salgadinhos.

– Cinco! – grita o animado Vansing, após ver o resultado do lançamento de seu único dado de defesa amarelo.

– Seis! Ha-ha-ha-ha! A Oceania agora me pertence! – sob a força de três dados vermelhos de ataque, Ted Guent avança seus soldados verdes pelo tabuleiro.

– Vamos lá, Pamela, trace sua estratégia! – Joe dá um tapinha na coxa de sua voluptuosa namorada, encorajando-a em um jogo que ela não entende direito, nem gosta muito.

Antes dela imaginar alguma saída para seus poucos exércitos que ainda resistem pateticamente na Europa, soa a campainha da porta. Ted larga a sua garota (que, assim como a de Joe, segue a mesma receita loira/peituda/descerebrada) e vai ver quem é. Dois homens de terno preto e óculos escuros solicitam a presença de Ted e Joe no portão de entrada.

– Gostaríamos de informá-los que suas operações não são mais bem-vindas em solo americano. – notifica o mais alto dos homens bem vestidos.

– Espere aí, parceiro! – Vansing demonstra toda a sua indignação. – Depois de todos esses anos atuando em parceria com o governo para dizimar os filhos de Satã do país, vocês simplesmente chutam nossos traseiros daqui?

– Veja bem, – desta vez é o outro agente que fala – você não pode provar nenhuma ligação de suas atividades com o governo. Além disso, se quiser iniciar um jogo de braço de ferro conosco, lembre-se de que podemos fazer uma revisão do seu imposto de renda das últimas décadas, além de iniciarmos uma profunda investigação das suas operações no México.

– Calma lá, amigo, não vamos engrossar por causa disso. – Ted sabe bem que não conseguiriam ganhar essa briga. – Que alternativa nós temos?

– Temos contatos em Cuba, que teriam muita satisfação em usufruir de seus serviços. Está tudo pronto para sua partida daqui a três dias. É pegar ou largar: ou aceitam ou caem na clandestinidade.

– OK, muito obrigado pela sua consideração para com dois cidadãos americanos honestos! – Joe carrega exageradamente no tom sarcástico.

– Alô Johnny, sou eu! – Vansing ouve por alguns segundos. – Mas você é muito engraçadinho mesmo... claro que eu não vejo minhas vítimas me perseguindo como fantasmas! Isso só acontece com os malditos lobisomens! Estou com a minha consciência tranquila! Falando sério agora: estamos mudando nosso QG para o exterior, por motivos que não vêm ao caso agora, mas é muito importante mantermos nosso protocolo. Eu vou te ligando de lá, na mesma periodicidade. O resto você já sabe. Até mais!

RASGANDO A PELE

Dante, agora com treze anos de idade, mantém suas duas características marcantes: evita as pessoas e se embrenha no Pantanal do Mato Grosso, em busca de paz. Nas últimas semanas, vem sentindo grandes transformações. O termo “descobrimo seu próprio corpo” tem sido muito colocado em prática por ele atualmente, mas de uma maneira um pouco diferente dos adolescentes comuns. Seus sentidos vêm se tornando aos poucos cada vez mais aguçados, e ele passa o máximo de seu tempo na natureza, onde se embriaga com toda a exuberância deste lugar.

Além de aprimorar os cinco sentidos, o garoto passou a ter um vínculo íntimo com a natureza, algo muito além de uma simples sensação de bem-estar. Ele agora sente o ambiente ao seu redor, sendo capaz, por exemplo, de prever mudanças climáticas como alterações de temperatura, cheias do rio ou a chegada de uma tempestade. Também sofre com agressões a esse ambiente, e é exatamente isso que faz com que sinta uma angústia inexplicável neste instante. Meio desconcertado, procura freneticamente pela mata a origem dessa sensação ruim.

Próximo a um campo aberto, encontra um carcará morto. A ave apresenta uma marca de bala no peito, o que denuncia a presença de caçadores. Ao final desse campo, passando por algumas áreas alagadas, inicia-se outro trecho de vegetação fechada. É de lá que partem mais sons de tiros. Dante corre nessa direção, passando agilmente por obstáculos e nadando o último trecho antes da mata, através de uma pequena lagoa.

Ele fareja pólvora, tabaco, suor humano. E sangue, não humano. O aperto em seu peito aumenta, tem vontade de gritar, chorar, fugir dali, mas segue em frente. O som da fala dos caçadores denuncia sua localização, a quase um quilômetro de onde o garoto caminha. Dante não sabe ao certo o que fazer, mas é instintivamente atraído para onde estão os homens. Sem perceber, ele se aproxima sorrateiro, cauteloso. O que vê não o agrada em nada.

Em uma pequena clareira no meio do mato, um garoto de aproximadamente quinze anos, de pé, empunha uma faca de caça. Próximo a ele, um homem repousa

os joelhos sobre um filhote de cervo, com ferimentos de bala no dorso e em uma das patas traseiras, que tenta inutilmente escapar. Ele encoraja o garoto a matar o animal com a faca, para economizarem as balas.

Com um jeito sádico no olhar, o jovem começa a rasgar superficialmente a pele do pescoço do animal, de maneira não letal, só para se divertir com o sofrimento, acompanhando atentamente as reações desesperadas causadas pelo medo e pela dor.

A agonia do cervo é mais do que Dante consegue suportar. Ele abandona seu esconderijo, a aproximadamente trinta metros da clareira, e parte silenciosamente na direção de sua cidade. Mal passado um minuto, algo explode dentro dele, uma revolta incontrollável, uma fúria assassina que vence qualquer mal-estar que estivesse sentindo por causa daquele ato de desrespeito à vida.

Contrações violentíssimas atacam seus músculos abdominais fazendo com que seu corpo se dobre em posição fetal. Suas roupas parecem estar sufocando-o, e ele as arranca freneticamente, em busca de alívio. Nu, percebe que está repleto de arranhões pelo corpo, e espanta-se ao ver que suas unhas cresceram e que seus braços apresentam ondulações na superfície da pele. Só então se dá conta da dor.

Mesmo cerrando suas pálpebras, estrelas coloridas espocam em seus olhos. Falta de ar, calor insuportável, sofrimento indizível. Suas mãos, agora patas negras, fecham-se sobre raízes e porções de terra, com uma força descomunal. Um zunido infernal dá a impressão de que sua cabeça vai explodir. Vai aumentando, aumentando, aumentando... o garoto acha que vai morrer. E então, o silêncio.

Ele se levanta, tomado pelo alívio do fim de seu tormento, e nem se dá conta de que não é mais o mesmo. Agora, com aproximadamente um metro e setenta (dez centímetros mais alto), corpo esguio, porém forte, braços e pernas negros. No resto do corpo, uma pelagem marrom-avermelhada, clareando um pouco abaixo do focinho, na parte interna das grandes orelhas e na barriga. A senhora das florestas tinha razão: ele é mesmo um lobisomem-guará!

“Homens. Ódio. Matar.” O menino-lobo não raciocina direito neste momento, é guiado unicamente por sentimento e instinto, ambos alimentados por uma fúria assassina e por uma força de vontade incontrollável. “Farejar.” A

localização dos homens é definida. “Atacar.” Uma ágil corrida é iniciada. “Destruir!” Sem ter tempo de reação, dada a velocidade da criatura, o rapaz da clareira tem como última visão o salto de um grande animal, que não consegue nem reconhecer, e presas destruindo seu pescoço. Por pouco a cabeça não é arrancada de seu corpo nessa poderosa mordida.

O outro homem, que ainda estava abaixado segurando o cervo, ao ver aquele ser medonho voando sobre sua cabeça, tenta pegar a espingarda. Suas mãos tremem muito, e o tiro pega de raspão no ombro da fera. “Dor.” O lobisomem larga o corpo inerte de sua primeira vítima, e se volta ameaçadoramente, arranhando os braços do atirador, expondo com isso sangue, carne e tendões. “Vingança!”

O caçador grita e tenta se virar para correr, mas não tem tempo para isso. A fera agarra um de seus braços e desfere uma sequência de mordidas. A cada descida da cabeça de lobo, uma parte de seu tórax é horripelantemente ferida. A cada subida, sangue e pedaços de carne humana formam um bizarro chafariz, que banha de vermelho a vegetação rasteira daquela clareira.

Quando o corpo inerte cai ao chão, o lobo percebe que o braço ainda está entre as suas garras, arrancado com a violência de suas investidas. “Fome.” O lobisomem começa a devorar o homem, e só para quando acha que acabou a parte mais suculenta da carne. Depois, começa a devorar também o corpo do rapaz. A insanidade toma conta dele, alimentada por sangue e violência.

Com sua fome e sua fúria saciados, olha em volta e percebe o único ser, além dele, que permanece vivo naquele local. O pobre filhote de cervo se debate debilmente, uma profusão de sangue escorre de seus inúmeros ferimentos do pescoço. “Sofrimento.” Os olhos do pequeno animal espelham mais do que pavor, eles emitem uma súplica silenciosa. Rápida e misericordiosamente ele é atendido, e seu sofrimento tem fim.

A visão do cervo traz de volta parte da consciência de Dante, que tem todo o seu ódio substituído novamente pela angústia. “O que está acontecendo?” A visão dos corpos despedaçados causa mal-estar, e ele abandona a clareira.

Passando pelo local onde estão suas roupas rasgadas, o garoto entra em pânico e, ao olhar para suas mãos e tocar a cabeça, não reconhecendo a forma

física que está ocupando, entra em colapso. Começa uma automutilação, onde garras poderosas arranham seu pescoço, seu peito, seus braços e pernas.

Involuntariamente, Dante começa a voltar à sua forma humana, e isso traz consequências desastrosas. Uma sensação terrível surge quando seu estômago, totalmente preenchido com carne humana, começa a diminuir de tamanho. Com uma sofreguidão indescritível, ele expelle todo o conteúdo ingerido. Acabada a transformação, ele está nu, ferido, deitado inconsciente em meio a uma massa sangrenta.

Quando acorda no hospital, dois dias depois, o menino não sabe dizer ao certo o que aconteceu naquele dia. O pássaro morto é a sua última recordação. As vítimas foram encontradas no dia seguinte ao ataque, quando alguns familiares preocupados providenciaram uma busca pela região. Todos acharam tratar-se de um ataque de onça, em vista dos estragos provocados. Em depoimento levantado pelo investigador de polícia responsável pelo caso, o garoto não foi de nenhuma valia. Resultado das investigações: ataque de animal selvagem, duas vítimas fatais e uma vítima apresentando danos físicos e amnésia pós-traumática.

Depois de receber alta do hospital, o pai do garoto o proibiu de voltar à mata, sob pena de levar uma surra que faria o ataque da onça parecer um carinho de namorada. A vida de Dante passou a ser muito mais triste do que já era. A frieza de seus familiares virou um desprezo declarado, e ele virou um fantasma enclausurado dentro da própria casa. Sua avó passou a fugir dele, sem nem disfarçar, deixando transparecer todo o seu medo e desconfiança. Mas existe uma pessoa que nutre um amor autêntico pelo garoto, e surge em seu auxílio.

– Vou levá-lo comigo para Cuiabá! – Janaína, sua madrinha, encara o pai, com uma autoridade intimidadora. – O meu papel de madrinha é interceder pelo menino, quando os pais não forem capazes de fazê-lo. E você é um verdadeiro incapaz!

– Olha bem como fala! – o homem tenta impor sua masculinidade sobre ela.

– Estou exercendo o meu direito! E sou muito mulher para fazer isso! Dante, traga suas coisas e vamos embora. E não precisa se despedir, pois ninguém desta casa merece essa consideração!

E assim, como um furacão, Janaína assume a responsabilidade sobre seu afilhado, levando-o para Cuiabá. Essa decisão é acertada sob a ótica de todos os envolvidos: a família de Poconé se livrou do peso que os acompanha há treze anos, a madrinha passa a ter a companhia do afilhado que não via com muita frequência, e o garoto receberá atenção e estrutura familiar, inexistentes para ele até então.

Eles retornam a Cuiabá no carro de Janaína, e no meio do caminho uma foto desencadeia um turbilhão de recordações na mente de Dante. Na beira da estrada, uma placa da secretaria de turismo do Mato Grosso mostra alguns animais do pantanal, e entre eles, um em particular chamou sua atenção: um cervo.

Imediatamente, a cena volta a se desenrolar, com uma nitidez incrível: um olho, negro, brilhante, transbordante de dor e medo. Tudo fica nublado, em tons de vermelho. Vultos indistintos e roupas rasgadas desfilam pela mente do garoto, pontuados por gritos que se perdem em ecos distantes. Sem relacionar essas visões à sua fala, ele questiona:

– As pessoas que a onça atacou... são daqui?

– Eram pai e filho, moradores de uma cidadezinha próxima a Poconé. Foram enterrados em Vargem Grande, num túmulo da família deles.

– Vargem Grande está no nosso caminho, não está?

– Sim, mas por quê?

– Podemos visitar os túmulos? – ele nem sabe o motivo desse desejo repentino.

– Eu só te levo se você não ficar abalado com isso. Não quero te ver pior do que já está.

– Não, não, tudo bem. – e seguem para o desvio de sua rota.

No cemitério de Vargem Grande, apesar de ter o apoio total da madrinha, Dante pede para ficar sozinho junto às lápides. O cemitério é simples, sem

ostentação. Ele não sabe ao certo porque quis vir aqui, mas seguiu seu instinto, e agora segue seus sentidos. Algo como eletricidade corre pelo seu corpo, arrepiando todos os seus pelos. Um oceano de fragrâncias invade suas narinas, deixando-o zozinho: velas, flores, terra revolvida, madeira, cetim, algodão. Um traço de podridão também se insinua em seu olfato, mas o que o deixa chocado é o cheiro dos corpos do pai e do filho ali sepultados. Ele fica assustado, porque esse cheiro é familiar.

Um turbilhão de imagens o deixa petrificado. O cervo. A dor. O rapaz. O ataque. O Pai. A Fúria. O gosto da carne, do sangue. A revelação surge, repentina e devastadora como um bote de sucuri: ele é a fera que matou os dois. Cada momento esquecido por causa do trauma retorna agora, e em poucos segundos tudo o que se passou durante sua transformação em lobo é repassado.

Um funcionário do cemitério estranha o jeito do garoto, com a cabeça levemente inclinada para baixo, os punhos cerrados, os olhos arregalados e vazios, fitando o espaço entre dois túmulos. “É cada doido que aparece”, pensa ele, e segue seu caminho. Dante acaba de ter consciência de que, a partir desta visita a um cemitério onde estão enterrados dois estranhos, sua vida mudará para sempre. Ele já considerava sua mudança para Cuiabá um grande presente. Só não sabia que, no mesmo dia, tomaria conhecimento de uma dádiva maior ainda.

CORPO-SECO

Passadas duas semanas desde o ataque aos traficantes, na saída de Joanópolis, Caroline ainda relembra as ações em meio à mata, e ao autocontrole que aprimorou nesse dia, expulsando o bandido da cidade sem matá-lo. A maioria dos homens-lobo inicia a manifestação de seus poderes aos treze anos de idade. Com essa mesma idade, Caroline já tem alguns anos de experiência, e ainda deseja mais.

Sua ânsia por conhecimento levou-a a conhecer toda a cidade, em passeios noturnos pela área rural, na forma lupina, e também em longas caminhadas diurnas na forma humana. Durante seu treinamento na alcateia, onde cada membro deve passar verbalmente algum tipo de conhecimento, a menina-prodígio buscou arrancar o máximo possível de informações de cada interlocutor. Em um desses “interrogatórios”, conseguiu convencer um primo a esclarecer uma dúvida a respeito da lenda do corpo-seco. Ao final da conversa, concluiu que a lenda não é lenda, e que estava decidida a um dia visitar o ser malévolo.

Agora, que acredita conseguir se defender sozinha, encontra-se no início da trilha para o Pico do Selado, nos limites da cidade, local onde dizem viver corpo-seco. Seu primo tentou dissuadi-la de procurar o morto-vivo, contando da vez que um membro da alcateia o encontrou, há algumas décadas. Segundo ele, o encontro não foi nada agradável, por conta de um terrível poder que esse ser possui, e que não foi detalhado. Mesmo assim, a curiosidade de conhecer uma criatura mística de fora de seu círculo social foi mais forte que o medo que a garota sente.

A trilha não é fácil, mas sua resistência física permite vencer obstáculos com facilidade, sem esforço algum. A manhã está no início, e o sol também não traz problemas para a caminhante solitária. Chegando ao topo, segundo a descrição passada, ela deve procurar um traço de morte em meio a toda a vida que se espalha pelo local. Não adianta se guiar pelo faro, pois corpo-seco não exala nenhum tipo de cheiro, nem pela audição, pois não há coração batendo em seu peito. Assim, somente sua visão a guiará, com base na enigmática informação que recebeu.

Após algumas horas, o topo é alcançado, e Caroline posiciona-se sobre uma formação rochosa, que permite uma visão de sua cidade, mais de dois mil metros abaixo. Ruas bem conhecidas por ela serpenteiam entre as casas, para depois formarem uma bonita trama no centro, tudo isso emoldurado pelo verde exuberante das matas, com salpicos de residências nas áreas mais afastadas, destacando-se também o brilho da represa que domina o ambiente. A menina chega a perder o fôlego perante tamanha beleza, e somente o foco em seu objetivo faz com que volte as costas à paisagem e inicie sua busca. Ela volta-se para trechos mais afastados, longe das trilhas utilizadas por turistas.

Depois de quase duas horas de buscas, um pássaro morto chama sua atenção. Seria esse o sinal? Ela olha em volta tentando achar alguma evidência da presença de corpo-seco, e é nesse momento que percebe que o traço de morte que procura é menos sutil do que pensava. Mais à frente, uma grande árvore seca destaca-se em meio à vegetação, como um imenso dedo morto rompendo a terra e apontando para o céu. Sentindo a própria pulsação acelerar, olhos atentos, sem piscar, Caroline se aproxima com cautela.

Nunca uma árvore morta pareceu tão assustadora como esta, pois uma aura de maldade parece envolvê-la. A relva que cobre todo o local, como um imenso tapete verde, parece recuar na proximidade das raízes negras e retorcidas. A própria terra, duramente exposta ao redor da árvore, aparenta impureza e esterilidade sobrenaturais. O ruído que essa terra emite ao ser pisada incomoda a garota, um arrepio percorre todo o seu corpo, e seus sentidos parecem ser anestesiados, anulados. A brisa perfumada e refrescante que a acompanhava durante sua busca simplesmente não chega a este local amaldiçoado.

Cautelosamente, ela contorna a árvore e, invocando toda a coragem que lhe resta, consegue esticar o braço e tocá-la. Um pedaço de casca desprende-se e vai ao chão, assustando-a e fazendo com que recue um pouco. Com isso, ela nota uma fenda no caule, de onde parecem pender alguns trapos imundos. Parece que jogaram roupas velhas ali, muito tempo atrás. Na fenda, não é possível caber uma pessoa, e tudo o que ela vê é madeira podre e deformada, em desagradáveis tons de castanho, negro e cinza.

Caroline pega uma ponta do trapo, com o intuito de puxá-lo e saciar sua curiosidade: descobrir se é uma peça de roupa, uma mortalha ou algo do tipo. Para seu assombro, em um rápido movimento, a árvore agarra seu braço. Instintivamente, a garota pula para trás aproximadamente dois metros, caindo de costas no chão, livrando-se do aperto no braço e percebendo que algo desprendeuse da árvore e caiu ao seu lado.

Agilmente, Caroline se levanta. Sua bermuda está suja de terra, sua camiseta apresenta um rasgo nas costas, e um dos tênis saiu do pé. Ao olhar para a árvore, ela percebe que a fenda está maior, e uma voz moribunda, o som mais desagradável que já ouviu na vida, rasga o silêncio:

– Quem se acha no direito de perturbar meu descanso?

Apesar de já conhecer a lenda, ela se espanta com o que seus olhos presenciaram: um ser humanoide, só pele e osso, rosto deformado, olhos esbugalhados e finos cabelos despontando de seu crânio, a pele de um tom marrom doentio. Anos mais tarde, quando Caroline viesse a assistir a alguns episódios da série Contos da Cripta, riria da semelhança entre o guardião da cripta e corpo-seco. Mas, neste instante, não acha a menor graça.

Ele se levanta com dificuldade e caminha em sua direção, num andar de morto-vivo. Os trapos que havia visto anteriormente são suas roupas. Pegando o tênis e assumindo uma postura ameaçadora, a menina-loba fala mais alto do que gostaria.

– Não se aproxime de mim!

– Se não quer minha aproximação, por que me procurou, filha da noite?

– Por que você me chama assim?

– Não se faça de desentendida, sua tola! Eu fui o pior ser humano que esta região já conheceu! Quando morri, fui desprezado por Deus e pelo diabo, a terra cuspiu meu cadáver! Se esta transformação em um fóssil vivo ainda não fosse desgraça suficiente, ainda ganhei um outro “presentinho”: enxergo a alma das pessoas. – feições desagradáveis desfilam pelo rosto de corpo-seco, e um olhar com um misto de maldade e admiração fixa-se em Caroline. – Eu sei que você é um lobisomem, e conheci um de sua linhagem muitos anos atrás.

– Eu acho que você deveria ter um pouco mais de respeito! Você não vai querer me ver brava!

– Quanta fúria para um filhote... – sua voz, apesar de desagradável, tem um tom calmo. – Devo adiantar que sou o ser mais indigesto que já andou por este mundo desprezível. Vai tentar matar alguém que carrega a maldição de nunca morrer? Ou vai fugir, com o rabo entre as pernas, antes de saber o que eu vi de sua alma?

O silêncio de Caroline mostra que a curiosidade é maior que seu medo ou sua raiva. Seria isso que encontraria aqui, uma revelação de quem é de verdade? Ou é apenas mais uma maldade dessa criatura desprezível, instigar uma menina curiosa e não revelar nada?

– Mais calminha agora? Bom. Antes de mais nada, saiba que somente revelarei a sua essência porque quero que vá embora logo que eu acabe. Não gosto de pessoas que não molham as calças ao me ver. Portanto, ouça o que direi, sem se manifestar, e parta imediatamente. Não me procure nunca mais. – Em pé, ele balança o corpo de um lado para outro, fazendo-o estalar de maneira doentia. – Seus horizontes vão muito além de uma cidade do interior encravada numa ferradura montanhosa. Você é um ser do mundo, que anseia conhecer outros de sua raça, e que quer fazer algo por essa raça. Procure uma grande cidade, pois é nela que você encontrará uma razão de ser para a sua existência.

O que vem à mente da garota nesse momento é um pássaro numa gaiola. Parando para pensar, é exatamente assim que se sente, apenas não havia ouvido isso de outra pessoa. Aqui, tem apoio familiar, casa, estudo, amigos, proteção e conforto. Mas o mundo, que ela anseia tanto desvendar, está lá fora, longe do seu alcance. Voltando para casa, já sabe o que fazer: conversará com seus pais, e tentará convencê-los a deixá-la completar seus estudos em São Paulo, onde existem alguns amigos da família que com certeza a hospedarão.

– Obrigada. – E assim parte, deixando para trás o indivíduo mais desagradável que já conheceu, e que deu-lhe o melhor conselho da sua vida.

– E não volte nunca mais! – A voz desagradável vem da fenda da árvore morta, para onde corpo-seco voltou, buscando refugiar-se das terríveis almas

humanas, que passam como filmes sem nexos, perante seus olhos.

(IV) 2000: Amadurecimento

LEMBRANÇAS NO MAR

“Cinco, quatro, três, dois, um!” A contagem regressiva, executada em uníssono pelo grupo na praia, é pontuada por uma saraivada de fogos de artifício, saudando a chegada do ano de dois mil. Caroline abraça pessoas do seu grupo de amigos, na praia de Peruíbe (São Paulo), desejando um feliz ano novo.

No meio da multidão que se aglomera à beira do mar para esta comemoração, ela pula sete ondas e bebe champanhe diretamente da garrafa, que é compartilhada entre os amigos. O estouro dos rojões a deixa um pouco inquieta, por causa de sua audição superdesenvolvida, mas ela procura disfarçar seu incômodo, visto que seus amigos de São Paulo não sabem que ela é uma mulher-lobo.

“Do mil passarás, ao dois mil não chegarás”, foi a frase ridícula proferida por pessoas de mente fraca durante todo o último ano. Caroline nunca se preocupou com isso, pois qualquer alteração no meio-ambiente ao seu redor é percebida por ela, e no caso de uma grande catástrofe, esta seria pressentida com certeza.

Seus amigos ficam com seu vestido branco e sua sandália e, só de biquíni, a garota dá um mergulho solitário no mar noturno, afastando-se um pouco da área de rebentação da praia, para poder ter um pouco de privacidade. O clima está quente e a água é refrescante. Este é um momento de júbilo para Caroline, pois o último ano foi coroadado de realizações, que são rememoradas neste instante.

Finalmente concluiu sua pós-graduação em Engenharia de Software, que iniciou logo após a conclusão do curso superior de Análise de Sistemas. Seu emprego como desenvolvedora de software permitiu que conquistasse sua independência financeira, saindo da casa de uma família amiga do seu pai e passando a morar sozinha. Apesar de gostar muito deles e de ser muito grata pela acolhida, eles não sabiam de sua condição, e ela precisava de espaço, por motivos óbvios: não é fácil ser uma mulher-lobo numa cidade grande, e algumas escapadas para grandes parques ou reservas ecológicas são necessárias de tempos em tempos.

A adaptação em São Paulo foi traumática no início, pois ela se sentia angustiada e oprimida na cidade grande, visto que seus sentidos foram agredidos com poluição, maus-tratos à natureza, artificialidade e falta de receptividade por parte de algumas pessoas. Mortificava-se com o sofrimento alheio, a violência, a rotina desgastante.

Com o passar do tempo, tornou-se mais rígida, aprendeu a conviver com tudo isso, e hoje conclui que a vinda à megalópole foi válida, pois deixou de ser a lobinha domesticada do interior e passou a ser uma fera sobrevivendo na selva de pedra.

Mas o que marcou mesmo sua vida foi ter conhecido o professor Ivar Bjornson, da Noruega, após um simpósio de psicologia em que foi palestrante. Como estava na cidade, o professor a procurou, pois é um velho conhecido de seu pai. Ao cumprimentá-lo, Caroline reconheceu-o como um de sua espécie, e nessa conversa conheceu o seu projeto.

Bjornson é especialista em licantria, um distúrbio mental em que o paciente se imagina transformado em algum animal, e se comporta como tal. Ele viaja pelo mundo ministrando palestras sobre o assunto, e faz também um trabalho paralelo investigativo, que acabou chamando a atenção da garota.

Ao se aprofundar no assunto, Caroline tomou conhecimento do projeto Alcateia Global. Esse projeto tem como objetivo a preservação da sua espécie, visto que não restam muitos indivíduos no planeta. Como somente os alfas e alguns betas se reproduzem (ômegas são estéreis), o crescimento da população de homens-lobo não é tão grande como o da humanidade.

Outro agravante é a perseguição e morte dos que nascem em famílias humanas comuns, ou que não conseguem disfarçar sua condição. O trabalho do professor é monitorar incidências pelo mundo, tentar desacreditar casos reais, dar orientação aos que necessitam e eliminar os problemáticos.

Caroline aceitou a incumbência de tornar-se uma agente da organização na grande São Paulo, e iniciou um aprendizado específico, com técnicas de abordagem, persuasão, defesa e extermínio. Passou dois meses no interior de Goiás fazendo esse treinamento intensivo, que foi exaustivo, porém muito gratificante.

Conheceu outros homens-lobo que atuam em diversas regiões do Brasil, inclusive um grupo ômega de São Paulo, que será o seu apoio quando estiver em campo.

Seus dotes de loba alfa serão postos à prova em breve, quando receberá as primeiras missões de reconhecimento. Canais de comunicação segura foram definidos para os reportes periódicos que devem ser enviados à Europa, onde fica a sede da organização. Agora ela sente que poderá trabalhar em algo que fará a diferença para o seu povo. Ela é o orgulho de toda a alcateia de Joanópolis, pois atingiu um patamar que nenhum deles havia alcançado antes.

Transbordando de satisfação, a garota interrompe suas poderosas braçadas e olha na direção da praia. Os fogos de artifício diminuem em quantidade e em intensidade, e o mar vai se esvaziando de pessoas. Está na hora de voltar, antes que seus amigos fiquem preocupados. Todos acham que ela é uma caipira frágil e desamparada mas, mesmo assim, Caroline gosta desta condição.

Ela nada de volta, pegando carona nas ondas, ao chegar no ponto de arrebentação. Poucas pessoas permanecem na água: um grupo composto basicamente de alguns devotos enviando oferendas a Iemanjá em pequenos barcos, casais apaixonados se afastando por alguns segundos de familiares indiscretos e bêbados quase se afogando com água na altura das canelas.

Seus amigos a aguardam na areia, para que possam seguir para um bar na beira da praia, e continuar com a comemoração de mais um ano. Ela se junta a eles e segue alegremente, lembrando de tudo o que a espera neste ano.

LOBO ADULTO

“Somos memórias de lobos que rasgam a pele, lobos que foram homens e o tornarão a ser. Ou talvez memórias de homens que insistem em não rasgar a pele, homens que procuram ser lobos, mas que jamais o tornarão a ser...”

Para Dante, esta é a trilha sonora adequada para a entrada de um novo ano: pesada, densa, expondo uma temática que carrega um significado importante. Para o autor dessa letra, talvez seja apenas uma história fictícia, fruto de sua imaginação. Para este homem-lobo, além de real, traz outro questionamento: seria ele o único a carregar a maldição do lobisomem? É mesmo uma maldição, ou um dom? Dante gostaria muito de encontrar outros como ele, elucidar muitas dúvidas que pairam sobre si, conversar com alguém a respeito. Esse ainda é um fardo que guarda só para si.

Por muitas vezes, pensou em contar esse segredo à sua madrinha, como demonstração de confiança, cumplicidade e gratidão. Sempre que tentava, as palavras fugiam, o ar faltava e seu nervosismo acabava sendo confundido com a timidez de um jovem solitário.

Janaina, que aceitou com muito orgulho ser chamada de mãe por ele, sempre o aconselhou a respeito de relações, ética e vida em sociedade. Depois de um tempo, Dante convenceu-se que todo esse receio de sua parte é fruto da ânsia de preservar sua benfeitora de qualquer situação desagradável. Como não fazia ideia da reação dela, achou melhor trancar seu segredo a sete chaves.

Neste instante, está deitado de costas, nu, em uma cama de casal de motel em sua cidade. Ao seu lado, sob um abraço carinhoso, está uma ex-colega de faculdade, Cláudia, mulher na casa dos trinta anos, linda, sensual e muito cobiçada pelos homens das redondezas.

Ninguém entende o interesse que ela tem pelo sombrio “Monocelha”, apelido atribuído a Dante pelos colegas universitários, por causa de suas sobranças unidas de maneira homogênea, como se fossem uma só. O que eles não sabem é que os homens-lobo são amantes vorazes em sua forma humana, intensos, incansáveis, sem limites. Que o diga a mulher que agora dorme por pura exaustão ao seu lado, com um sorrisinho de satisfação estampado no rosto.

Por conta de seu jeito reservado e de sua aparência fora dos padrões de beleza, Dante seria um péssimo sedutor, se não possuísse sentidos aguçados. Com eles, consegue “ler” as mulheres, sentindo suas variações respiratórias e cardíacas, também farejando feromônios, que nos seres humanos são sutis, mas que não passam despercebidos por seus sentidos apurados. Ele próprio libera feromônios especiais, que acabam facilitando a sedução das mulheres pelas quais se interessa.

Assim, acabou concluindo que prefere muito mais ter uma única companhia feminina do que milhares de amigos, e assim vai sobrevivendo em sociedade.

A chegada de um novo ano sempre traz consigo uma retrospectiva pessoal, não do último ano, mas do período em que ele, segundo suas próprias palavras, nasceu de verdade. Período esse que se inicia nos seus treze anos de idade, quando recebeu um dom e uma oportunidade na vida. O dom de ser um homem-lobo, o que lhe traz uma grande satisfação. A oportunidade de conhecer o que é respeito, vida em família e carinho, uma dívida de gratidão para com sua madrinha que ele acredita nunca ser capaz de saldar. A cada virada de ano, ele gosta de “assistir a um filme de sua vida” e rememorar os fatos marcantes.

Quando chegou a Cuiabá, teve a chance de começar a vida do zero, sem o peso do desprezo e da violência dentro de casa. Na escola, tornou-se um excelente aluno, pois deixou de ser perseguido por colegas maldosos. Em casa, não precisou mais se esquivar pelos cantos, evitando a todos, e não se comportou mais como um “bicho-do-mato” com as outras pessoas. Aprendeu a se comunicar melhor, apesar de manter o seu jeito reservado, mais ouvindo do que falando.

A adaptação à nova cidade foi tranquila, e hoje adora morar na “cidade verde”, onde a urbanização apresenta traços harmônicos de natureza. Além disso, está próximo do seu amado pantanal, onde se refugia sempre que bate a saudade do convívio intenso com o verde, e onde as transformações acontecem. Através dessas peregrinações lupinas pela região, melhorou seu controle sobre a fera, não sendo mais aquele ser irracional e confuso que se mostrou quando aconteceu sua primeira metamorfose. Não tem o total controle que os lobisomens de Joanópolis apresentam, pois não possui sua carga de conhecimento hereditário nem o acompanhamento de sua evolução, mas já consegue raciocinar de modo bem coerente quando está na forma de lobo.

Outro grande marco em sua vida foi o ingresso, aos dezoito anos de idade, no curso de geologia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), onde teve grande destaque e formou-se com todos os méritos. Foi nessa fase de sua vida que melhorou seu relacionamento com as pessoas, principalmente as mulheres.

Apesar de todas as tentações que o ambiente acadêmico apresenta, nunca perdeu o foco, priorizando os estudos sobre todas as outras coisas. Enquanto não conseguia um estágio em sua área profissional, trabalhou no comércio da cidade e também no turismo. Fez estágio em uma grande mineradora, na qual foi efetivado logo após a formatura da universidade.

Fez outros cursos de extensão universitária, através dos quais se especializou em geologia ambiental e em sedimentologia. Por adotar um segmento que exige muito trabalho de campo, viaja a serviço frequentemente, e aproveita qualquer oportunidade para conhecer outros lugares. Por conta disso, sempre que pode, usa

suas horas de folga para acampar no meio do mato, nas proximidades do local em que estiver realizando suas atividades, em outras cidades. Acha-se um homem de sorte, por ter um trabalho que não o restringe no que concerne aos seus gostos e paixões.

Quando esse acampamento mostra-se selvagem o suficiente, transforma-se em homem-lobo para sentir mais intensamente o novo e inexplorado ambiente. Quando é possível, caça pequenos animais para comer. Nunca mais se alimentou de seres humanos, e qualquer lembrança do ataque em Poconé, no qual devorou pai e filho, embrulha o seu estômago. Assim como o lobo-guará, do qual herdou suas características lupinas, é onívoro, e sabe apreciar as plantas comestíveis da flora brasileira quando se transforma.

Os fogos de artifício da chegada de um novo ano explodem em um alegre e colorido espetáculo do lado de fora, e isso desvanece a retrospectiva do rapaz, pois sua audição apurada acaba sendo mais agredida com isso do que a de uma pessoa comum. Mesmo assim, ele não se incomoda, e sorri quando Cláudia acorda e beija-o com paixão, para felicitá-lo pela data.

– Feliz ano novo! Muitas felicidades, continue sendo essa pessoa que só fala na hora certa, que sabe escutar e, principalmente, que sabe satisfazer uma mulher!

– Feliz ano novo para você também! – Dante dá um abraço apertado em sua amante e ambos rolam na cama, até ela parar numa posição abaixo do corpo esguio dele – Vamos estourar nossos próprios fogos de artifício?

– Nossa, não sei de onde você tira tanta vitalidade! Que homem é esse? Infelizmente, estou muito cansada para isso, e preciso voltar para minha casa, para me juntar à comemoração familiar. Venha comigo, o pessoal vai adorar te conhecer!

– Agradeço muito sua consideração, visto que nem somos namorados, mas eu não gosto muito de aglomerações, e além disso preciso ter uma conversa telefônica com a minha mãe.

– Tá bom, tá bom... só não fico brava porque eu admiro essa consideração que você tem com a sua mãe “emprestada”. Quando puder, me liga, tá? Assim que eu estiver recuperada desta maratona à qual você me submeteu, a gente repete a dose. Combinado?

– Claro que sim! Quem sou eu para desprezar uma deusa grega como você?

– Mas mesmo assim não quer nada sério, né seu safado?

– Como a gente falou anteriormente, eu tenho um estilo de vida que não combina com esse tipo de compromisso.

– OK, OK. Eu te levo de carro pra sua casa.

Chegando em casa, Dante respira fundo e olha ao redor, apreciando sua “toca de lobo”. É uma casa simples, pois ele não é dado a excessos ou ostentações, mas mesmo assim é muito agradável e confortável. Já faz três anos desde que sua madrinha se mudou para o Maranhão, partindo em auxílio à mãe, doente e com os anos pesando sobre suas costas.

Foi dolorosa essa separação, mas o rapaz soube aproveitar a maturidade trazida pela nova situação, e hoje não é mais tristeza que sente ao falar com Janaína pelo telefone, e sim uma ânsia para chegar logo o mês de Julho, quando tira férias e vai passar um mês em companhia dela e de seus familiares. O número é discado no telefone, e com muita alegria ele recebe as felicitações vindas do outro lado da linha.

MORTE NO INVERNO

“A quem possa interessar: estou farta, parto para nunca mais voltar, não conhecerei o novo século que se aproxima.

Aqui no meu retiro, em meio à solidão da imensa floresta, tão antiga como a própria Noruega, tomei minha decisão. Não vale a pena seguir em frente.

Minha família não me entende. Todos amam sua condição, acham-se os escolhidos, donos de um dom do qual pouquíssimos tem o privilégio de se orgulhar.

Não me sinto como sendo da família. Me sinto um pária da sociedade. O que eles chamam de dom, eu chamo de maldição. Maldita metamorfose da qual não consigo me ver livre, malditos sentidos que só multiplicam o meu sofrer, maldita dor que me assalta ao me tornar uma besta selvagem e sem humanidade.

Me enoja a sede de sangue humano que minha forma de lobo traz. Me choca o prazer em devorar pessoas. Já matei quando na forma de animal, e isso pesa muito na minha consciência. Cada um dos quais arranquei violentamente a vida me perseguem em sonhos, nos quais não sei diferenciar o que é delírio e o que é realidade. A cada novo pesadelo (ou visão), estão mais rancorosos, como mortos-vivos em busca de vingança.

O primeiro a morrer sob minha maldição foi um colega do colégio, quando eu tinha dezesseis anos. Jack era dos Estados Unidos, e veio para cá quando sua mãe se separou e arrumou um marido norueguês. Numa romântica noite de luar, passeando a sós com ele pelos bosques, minha vontade de beijá-lo se transformou numa ânsia em devorá-lo. Não foi essa a minha primeira transformação em si, mas foi a primeira a acontecer involuntariamente. Me tornei uma fera irracional e violenta, destruindo seu corpo e devorando sua carne.

Depois disso, foram mais três infelizes que sucumbiram ao demônio que se apossa de meu corpo: uma drogada, um mendigo e uma prostituta. Todos eles no mesmo tipo de cenário: sob a lua cheia, em meio a uma madrugada fria, numa rua deserta. Tudo isso aconteceu em um período de pouco mais de um ano. Meus familiares sempre conseguiram maquiar os assassinatos, fazendo parecer um acerto de contas entre bandidos ou um ataque de alguma fera dos bosques, sempre removendo os cadáveres e alterando a cena dos crimes.

O povo metamorfo me julga uma fêmea beta, mas eu me vejo como uma simples ômega, incapaz de qualquer ação que traga algum proveito para a alcateia. Odeio minha condição, a cada novo dia lamento minha miserável existência. O que eu mais queria era ser uma humana normal, levar uma vidinha

simples sem causar mal a ninguém. Sou simplesmente uma desgarrada de meu povo, e uma ameaça à humanidade.

Há pouco mais de dois anos, resolvi me isolar de tudo e de todos, fixando minha solitária moradia em Finnmark, uma região afastada de meu país, onde vejo meus dias se arrastarem lentamente, mas pelo menos estou longe dos homens-lobo que tentam me integrar à família, e também não tenho sob meus olhos os humanos que invejo.

Periodicamente, meu pai envia uma remessa de mantimentos e itens de vestuário. Não sei se isso é um ato de bondade, ou uma tentativa de me manter nesta sombria cabana, onde a vergonha de sua família se mantém longe dos olhos de seus iguais.

Me cansei dos tons de branco, cinza e verde pálido, do frio que agride meu corpo, do cheiro do mar do norte que me enjoa. E, principalmente, do peso da maldição que recai sobre mim. Hoje, completo duas décadas de existência, e já preparei meu derradeiro presente.

Não tenho esperança de que esta carta faça diferença para alguém, ela serve simplesmente como um desabafo de uma alma torturada pela existência.

Adeus.

Desculpe por tudo.

Obrigada por nada.

Bergitte”

A folha de papel amarelada apresenta em garranchos quase indecifráveis, uma caligrafia tremida, miúda, quase apagada por conta da pressão mínima do lápis sobre o papel. Pontos de umidade ainda podem ser notados, onde as lágrimas de desespero da garota se chocaram com as palavras ressentidas. A carta de despedida repousa sobre uma mesa rústica de madeira, tendo como peso um velho castiçal de latão, com pequenos resquícios de parafina antiga.

A fraca iluminação do dia empalidece a pobreza do interior da cabana, fazendo parecer que aquele ambiente havia sido contaminado pela depressão profunda de sua solitária moradora. O fogo fraco que crepita na lareira de pedras mal assentadas cria sombras sinistras no grande cômodo único, que serve de cozinha, dormitório e galpão de ferramentas.

Lá fora, o branco da neve prevalece sobre todo o resto. Aqui dentro, o negro do abismo de uma alma atormentada parece invadir cada pequeno recôndito da cabana. Hoje, uma garota chamada Bergitte deixará este mundo.

Na grande viga principal do teto, uma corda grossa está bem fixada, com um nó de força preparado com perfeição. Ao achar a corda, na primeira semana na cabana, a garota nutriu uma mórbida fixação por ela. Não passou um único dia sem

que tivesse feito e desfeito um nó de força nela. Após todo esse tempo, não poderia haver nada menos do que um nó perfeito e infalível. O encerramento prematuro e irreversível de sua vida será seu único motivo de orgulho em toda a sua existência.

Bergitte sobe vagarosamente a escada de madeira que está apoiada na viga principal, com os olhos fixos na corda, que está cada vez mais perto. Um mal-estar surge, o que a deixa furiosa, pois esperava um reconfortante alívio nestes últimos segundos de vida. Mas isso não importa.

Ela está agora a mais de quatro metros do chão. Sentindo o corpo tremer, passa a força pela cabeça, movendo a corda de maneira a apertar firmemente o pescoço, que está no mesmo nível da viga. Apesar de estar nua, percebe um suor pegajoso ardendo em seus olhos, também percorrendo seu tronco e suas pernas.

“O desespero final de um suicida”, pensa ela, enquanto se pendura pelas mãos na viga, chutando para longe a escada, que cai com estrépito, quebrando algumas louças do armário da cozinha. Sim, chegou o momento. Sua visão está turva, sua cabeça gira e a respiração passa a ser curta e entrecortada. “Basta soltar as mãos e abraçar a morte” é o último pensamento racional que desfila por sua mente.

Assim que o cérebro envia esse comando aos braços, uma reação violenta ocorre. Uma dor insuportável a invade, lançando espasmos por todo o seu corpo. As mãos se soltam parcialmente, arranhando a madeira involuntariamente e adiando o momento da queda final.

Quando a corda se estica com o peso do corpo e o nó se fecha inclemente sobre o pescoço, esse pescoço não é mais humano. Um lobisomem branco e cinza se debate, movendo seus quatro membros freneticamente no ar, lutando pela sobrevivência.

Finalmente, às cegas, suas garras atingem a corda, causando uma ruptura, e a criatura cai sobre as patas traseiras, logo depois de costas e girando o corpo, ficando abaixada sobre as quatro patas. Com uma mistura de tosse e resfolegar, tenta a todo custo recuperar o ar do qual foi privada por alguns segundos.

A mulher-lobo balança violentamente a cabeça, tentando se livrar da dor terrível na região do pescoço. Quando se recompõe, investe com violência contra seus pertences pessoais que estão dentro da cabana, como se pudesse com isso se vingar de sua frágil forma humana, que tentou a maior das violências de que era capaz.

Em poucos minutos, o interior da cabana está completamente destruído. A mulher-lobo só para a sua onda de violência quando a porta vem abaixo por causa de um vigoroso pontapé. Emoldurado pelo batente da porta arruinada e tendo como plano de fundo a alva neve da paisagem, um homem alto encara desafiadoramente o lobisomem. Apesar da temperatura baixíssima, não usa gorro nem casacos

pesados de inverno, apenas jaqueta, calça, luvas e botas. Visível ao seu lado, uma mochila de viagem repousa no chão, do lado de fora.

Ainda tomada de fúria, a mulher-lobo dá um poderoso salto em direção ao homem, com as garras à frente do corpo, pronta para despedaçá-lo. Com uma agilidade incomum, o homem se joga de costas no chão, evitando assim o ataque fatal, ao mesmo tempo em que golpeia o peito do lobisomem com os dois pés, fazendo-o perder o ar e cair de cara sobre a neve, confuso e com dores. No instante em que se levanta sobre duas patas, a mulher-lobo recebe uma saraivada de socos poderosos no focinho e no tórax.

Apesar de tentar revidar, aquele homem, mais alto que a fera, se esquivava eficientemente dos seus ataques, e mesmo quando é atingido parece que nem sente a dor dos ferimentos.

Um zumbido incômodo toma conta da cabeça da mulher-lobo, o que faz com que ela se desconcentre da luta contra o impiedoso oponente. Aos poucos, o zunido vai tomando a forma de uma voz imperativa que sibila coisas desconexas. Isso, aliado aos golpes que recebe sem descanso do homem, faz com que o ímpeto destrutivo nascido no interior da cabana vá esfriando. Quando a voz em sua cabeça começa a fazer sentido, a criatura se encolhe sobre a neve, e o homem cessa suas investidas no mesmo instante.

“Volte à sua forma humana!” – a voz agora é tão intensa, que seu crânio dá a impressão de que vai rachar no meio. Dor e estalos dão sinal de que a transformação está sendo revertida, mesmo a garota não tendo consciência disso. Em segundos, uma mulher de aproximadamente um metro e oitenta de altura, cabelos loiros muito claros e olhos azuis tristes, chora deitada na mistura de neve, terra e sangue, que foi o palco da luta de instantes atrás.

– Vamos para dentro do que restou da cabana – a voz do homem é gentil.

– Berserkr, o que você faz aqui?

O interior da cabana está arruinado. Pedacos de madeira, utensílios de cozinha e roupas rasgadas se espalham de maneira desordenada. Vestígios incontestáveis da presença de uma fera ensandecida, uma pequena demonstração do poder destrutivo de uma verdadeira máquina de matar.

A mulher permanece agachada no canto mais escuro, ainda em posição defensiva, enrolada em um cobertor esfarrapado. Seu corpo padece com o mal-estar e com os ferimentos recebidos em consequência da batalha. Mas isso não é nada, se comparado ao sofrimento psicológico que a aflige. Decepção e vergonha atormentam sua mente.

De pé, Berserkr lê a carta suicida, que acabou ficando intacta, apesar do furacão destrutivo que acabou com todo o resto. Seu semblante continua impassível, como sempre, mas internamente ele sabe que tem um grande desafio diante de si. Vagarosamente, abre a mochila que trouxe consigo para dentro da cabana, quando ajudava a garota a entrar após a luta. Procura algumas peças de roupa que possam ser usadas por ela, visto que não sobrou uma só peça utilizável no interior da construção.

– Acho que vai ficar um pouco grande em você, mas será o suficiente até encontrarmos uma loja de roupas dentro de alguns dias – dizendo isso, joga algumas roupas em sua direção.

– Do que você está falando? O que o trouxe até aqui? – o tom de voz dela é hesitante, quase um lamento.

– Estou passando um tempo na Noruega, pois o centro de operações da Green Death na Holanda está na mira de algumas investigações criminais. Por causa disso, suspendemos nossas atividades por tempo indeterminado e dispersamos o grupo. Assim que cheguei aqui, recebi seu pedido de ajuda.

– Não enviei pedido de ajuda, pois não queria essa ajuda! Queria estar só, para colocar um fim à minha vida.

– Ah, irmã, você renega tanto a sua raça, que desconhece coisas de sua própria natureza. Inconscientemente, você clamou por auxílio, e esse pedido mental não passou despercebido por nossa família. Nosso pai quis trazer ajuda pessoalmente, mas eu fiz questão de vir, pois gosto muito de você, apesar de não demonstrar isso.

– Não demonstra mesmo!

– Esse é o meu jeito. Sou frio como o tempo inclemente do Norte, herdeiro dos mais sanguinários guerreiros vikings. Sou um assassino impiedoso, desprezo todos os depredadores da natureza, mas tenho apreço pelos meus semelhantes, e por você nutro sincero amor fraterno.

– Não espere gratidão de minha parte. Se você não viesse, Bergitte já teria deixado de existir – por baixo do cobertor, ela começa a se trocar, achando estranha a sensação de vestir uma cueca boxer.

– Bergitte morreu hoje. A criança deprimida, que renega quem é de verdade, odiando sua família e sua própria existência não existe mais. A destruição do lar de sua miséria, do local que testemunhou os seus piores dias, foi a coroação do abandono da sua fragilidade humana. Neste dia, você exorcizou seus demônios internos.

– Mas por que me transformei durante a tentativa de suicídio?

– O suicídio é uma covardia da qual somente o ser humano é capaz. O seu lado lobo manifestou o instinto de sobrevivência que existe no seu interior. Você

sofreu um grande choque hoje. Sua razão humana e seus instintos lupinos entraram em conflito, e o resultado você já conhece.

– Isso quer dizer que mudei o meu jeito de ser? – a garota levanta-se, desajeitadamente vestida com as roupas do irmão, visivelmente maiores que ela.

– Pergunte a si mesma.

Nesse momento, ela percebe que o vazio que se apossava de seu peito desde muitos anos havia sumido. Mentalizou sua vida, sua família. O ódio e a revolta não estão mais presentes. Feliz? Definitivamente, não está. Porém, também não sente mais aquela depressão profunda, os pensamentos sombrios a abandonaram, finalmente consegue raciocinar com clareza. Somente agora se deu conta do que é essa sensação estranha que estava sentindo desde que começou o diálogo com seu irmão: esperança.

– Você partirá hoje em uma jornada de aprendizado – Berserkr interrompe os momentos de introspecção da irmã. – Já desperdiçou sua vida por mais tempo do que deveria.

– Você me aceita em sua convivência diária, depois de tantos anos afastada?

– Você me aceita como seu mentor?

A resposta foi um abraço apertado, cheio de emoção. Ela chora sem parar, mas desta vez as lágrimas que deslizam por sua face não são originadas na tristeza. Foram tantos anos de carência afetiva, de falta de um apoio, de não ter com quem desabafar... mas agora acabou.

– Quer ouvir quais são os planos?

– Estou ouvindo – ela não desfaz o abraço.

– Você perdeu muito tempo, e hoje está muito abaixo das capacidades que uma mulher-lobo apresenta na sua idade. Eu pretendo treiná-la de um modo exaustivo e rude. Você está pronta para encarar esse desafio?

– Não tenho mais nada a perder. Você vai voltar a morar com nosso pai?

– De maneira alguma! Você sabe que ele não aprova minhas atividades na Green Death, acha que é um punhado de homens-lobo rebeldes buscando extrapolar suas energias. Na verdade, é muito mais expressivo do que isso – gentilmente, ele a segura pelos ombros, afastando-a um pouco para que possa olhá-la nos olhos. – Atualmente, sou o mais poderoso homem-lobo da Noruega, talvez de toda a Europa. Quero que esse poder tenha um propósito, e nessa organização clandestina encontrei-o, bem como outros irmãos que pensam como eu.

– Você não acha seus atos muito violentos?

– Não tão violentos como os atos que essas pessoas praticam contra a natureza, simplesmente por dinheiro. Sou a favor da lei da ação e reação: com os bons, seja bom; com os maus, seja pior que eles. Não mato nenhum inocente. Espalho o terror entre os maus, e me orgulho disso. Não acredito no poder de

faixas e manifestações pacíficas, acredito no olho por olho, dente por dente. Muitos me chamam de radical, mas sofro com as agressões sofridas pelo meio-ambiente e pela fauna, e simplesmente dou o troco. Se a morte de um humano salvar a vida de um animal indefeso, vale a pena.

– Você sempre foi dedicado, abraçando todas as causas que achou justas. E eu sempre o admirei por isso, apesar de nunca ter dito isso a você. Saiba que é com muito orgulho que me junto à sua jornada, e se um dia me achar digna de lutar ao seu lado contra os destruidores da natureza, saiba que me dedicarei de corpo e alma à causa.

– Irmã, tenho certeza de que sentirei muito orgulho de você, e que você será meu ponto de apoio, sempre que eu precisar. Não demoremos mais um minuto neste lugar desolado. Em breve, novas investidas terão início, e este mundo verá uma ferocidade em dobro, pois agora a Green Death recebe mais um da raça dos homens-lobo.

Sorridente, ela dobra as pernas das calças para que fiquem no comprimento certo, e também coloca algumas meias na ponta das botas, para que seus pés parem de dançar dentro do calçado cedido pelo irmão. As mangas da jaqueta, que cobrem suas mãos, não são preocupação, pois eles andarão muitas horas no clima invernal, e suas mãos terão assim alguma proteção.

Antes de partirem, o homem faz questão de incendiar a cabana, para que esse ponto do passado desapareça, e que todos os maus fluidos sejam extintos com o fogo purificador. Eles partem sem olhar para trás, deixando rastros que em menos de um dia serão apagados pela neve que começa novamente a cair.

PRIMEIRA MISSÃO

– Não acredito que as Olimpíadas de Sydney acabaram e o Brasil não conquistou nenhuma medalha de ouro! Os Estados Unidos ganharam trinta e sete! – Ricardo dirige o carro no fim de noite, inconformado.

– É, mas nem se compara o investimento nos atletas que existe lá e que existe aqui, você concorda? – Caroline retruca, já começando a se arrepender de ter pego carona com o amigo.

Hoje, ela e alguns amigos se reuniram para jantar em um rodízio de carnes, uma pequena festa de despedida para Bianca, uma amiga que vai passar seis meses na Europa, em um intercâmbio para aprimorar o francês na cidade-luz.

Na primeira parada, Ricardo deixou Bianca em sua casa, e agora leva Caroline até o bairro do Jaraguá, onde ela inventou que havia uns parentes esperando-a. Na verdade, ela está a caminho de sua primeira missão pela Alcateia Global.

– Mudando de assunto um pouco, nunca vi uma mulher comer tanta carne como você comeu hoje. Benza Deus, hein? – o rapaz ri ao olhar para Caroline.

– É, eu não engordo de ruindade mesmo!

Ambos caem na gargalhada, mas a garota sabe que o motivo é outro. Esta noite, ela foi convocada para uma missão de rastreamento, e só foi ao jantar porque Bianca é uma amiga que ela preza muito, e não comparecer iria magoá-la.

O exagero na refeição foi proposital, e tem a finalidade de evitar o apetite pós-transformação, que normalmente ocorre com os lobisomens. Estando empanturrada de carne na forma humana, ela não será tomada pela fome quando se transformar, e seus sentidos estarão totalmente focados na varredura que precisará fazer na mata.

– Cuidado, hein? O Jaraguá é meio barra-pesada, ainda mais neste horário... é quase meia-noite!

– Não se preocupe, o pessoal estará me esperando – o carro atravessa a linha do trem, no centro do bairro. – Pode virar à esquerda ali, e parar em frente à igreja.

– Mas cadê o pessoal?

– Tem uma viela ao lado da entrada da igreja, que dá passagem para a rua da minha tia. Vai estar bem movimentado lá, não se preocupe.

– Olha, ainda dá tempo de você ir lá para casa, se quiser – o rapaz joga a última cartada da noite, tentando uma investida direta.

– Não, não, obrigado, eu tenho muito a fazer. A gente combina de ir na sua casa num outro dia, aí chamamos toda a galera para fazer um churrasco. Quem sabe quando a Bianca voltar?

– Tá bom – ele nem consegue disfarçar a insatisfação de ser dispensado dessa maneira. – Se cuida, viu? – “Vaca metida a gostosona!”, pensa ele, indignado.

Caroline se despede do amigo e segue pela viela. É claro que está deserta, e que ninguém a está esperando. Mas isso não é motivo de preocupação, pois ela sabe se defender muito bem sozinha. Sua mente agora está voltada para a missão.

São aproximadamente seis quilômetros até o parque onde se localiza o Pico do Jaraguá. Lá, executará sua primeira missão, que apesar de simples e pouco perigosa, é muito importante. Cobrir essa distância a pé também não é problema, e esse tempo de caminhada a ajudará a traçar planos para fazer o trabalho de rastreamento nos milhares de metros quadrados do parque.

Enquanto caminha, a garota repassa os dados do relatório que recebeu da equipe de São Paulo, com a assinatura do professor Bjornson. Existe um albergue dentro do Parque do Jaraguá, uma construção do século XVI, que já serviu como casa de bandeirantes. Muitos viajantes, principalmente estudantes, utilizam essa bela hospedagem quando estão de passagem pela região. Caroline conhece bem tanto o parque como a construção, pois já esteve ali diversas vezes, sempre na forma humana.

Segundo o relatório, há quase um mês, uma estudante chilena que viajava sozinha pelo Brasil, saiu por volta das onze e meia da noite para fumar e passear pelas proximidades do albergue, onde estava hospedada. Ela conversava com um grupo de estudantes de Minas Gerais e levou sua mochila, pois era do conhecimento geral de que ela é muito desconfiada no que diz respeito à honestidade alheia, e tem muito apreço pelos seus pertences. Mesmo não tendo companhia para a caminhada, saiu sem medo.

Após isso, nunca mais foi vista. A direção do albergue acredita que saiu por conta própria, visto que suas diárias estavam pagas, e ela só deixou algumas peças de roupa suja. As pessoas que conversavam com ela antes do desaparecimento afirmam que a estudante não tinha jeito de quem estava prestes a partir. As investigações policiais ainda continuam, mas por enquanto não há nada conclusivo.

A grande preocupação do professor é que esse não é um caso isolado. Outro estudante do Tocantins também deixou o albergue, em um fim de tarde de uma terça-feira, há pouco mais de dois meses, e nunca mais foi visto. Nos últimos meses, outras três pessoas desapareceram nessa região, sem deixar vestígios.

Pontos em comum que todos apresentam é terem sido vistos pela última vez na região do parque, terem sumido no fim de tarde ou à noite, e serem solitários. Além disso, vestígios de pegadas sempre desaparecem nas proximidades das matas, normalmente à beira de uma das inúmeras trilhas que levam ao pico (que está a mais de mil metros de altitude).

Outro ponto em comum, que levou a equipe da Alcateia Global de São Paulo a entrar em alerta, é que todos os desaparecimentos aconteceram em períodos de lua cheia. Todos sabem que não é verdadeira a teoria que professa ser a lua cheia o catalisador da transformação de um lobisomem, o único fator que faz com que a criatura tome a forma de lobo, obrigatória e involuntariamente. Apesar disso, Caroline foi destacada para averiguação do parque em uma semana onde se inicia novamente o ciclo da lua cheia.

A falta de pistas e de corpos levou os analistas da Alcateia a cogitarem a possibilidade de ser um lobisomem. Essa equipe de inteligência atua como um filtro de notícias e de ocorrências de tipos específicos de crimes ou atividades, buscando a existência desse tipo de ser. Quando é necessário checar a informação em campo, um agente é enviado ao local dos acontecimentos. Caroline é a agente responsável nesse caso, não só pelas qualidades já apresentadas, como também por conhecer boa parte da extensão do parque.

Neste momento, ela já alcançou o portão de entrada do Parque do Jaraguá, mas continua andando pela estrada, pois sabe da existência dos guardas de segurança, e conseguiu farejar dois na guarita de entrada.

Duzentos metros à frente, entra na vegetação próxima ao limite do parque, por um caminho fechado e inacessível a uma pessoa comum. Ela apura os ouvidos e fareja o ar à sua volta. Apesar de seus sentidos serem melhores na forma de loba, quando está na forma humana também possui sentidos além dos humanos normais. Pequenos animais se esgueiram pelo mato, insetos saltam e voam ao seu redor. Fora isso, nenhuma outra presença.

De onde se encontra, consegue enxergar, além da vegetação, a estrada que leva ao pico, serpenteando pelo relevo acidentado. Atravessando essa estrada, existe um alambrado que delimita o terreno do Parque do Jaraguá naquele ponto. Avançando paralelamente a ele, procura um ponto de entrada onde não existam guardas, saltando em seguida e se ocultando, já dentro do parque. Chegou a hora de usar trajes mais adequados.

Ela usa um vestido leve sem mangas e um par de sandálias, nenhuma corrente, nenhuma pulseira. Por não gostar de ostentação, usa o mínimo de joias no dia-a-dia, e seus conhecidos logo se acostumaram com esse hábito tão pouco comum em uma mulher. Ela começa a tirar os brincos pequenos e os dois anéis que usa, um de cada mão. Em pouco tempo, está completamente nua, e suas roupas e calçado são colocados habilmente em sua bolsa. Tem início, então, a transformação.

Já acostumada à dor, a garota aprendeu a lidar com ela como se fosse uma velha companhia desagradável, com a qual você passa a conviver sem pesar ou chateação. O que vem depois da dor vale todo o sofrimento. A noite ilumina-se

diante de seus olhos, o pulsar da vida ao seu redor se torna mais intenso e agora ela faz parte daquele rico ambiente. Com a bolsa cuidadosamente colocada entre seus dentes, avança cautelosa e silenciosamente pela mata fechada, até encontrar o que procurava: uma grande árvore.

Agilmente, a mulher-lobo começa a escalá-la, até alcançar um ponto de difícil acesso. Lá, amarra a alça da bolsa, de maneira a mantê-la bem presa a um grosso galho. Enquanto vai descendo da árvore, um pensamento divertido surge em sua cabeça: “o Peter Parker de saia ataca novamente”. Fã de histórias em quadrinhos, tomou emprestada a ideia do aracnídeo, de deixar as roupas em um lugar oculto e estratégico, enquanto está em ação. Chegando à base da árvore, ela urina ao redor, pois isso ajudará na localização do “cabide” improvisado.

Seguindo pela densa vegetação dos limites do parque, já sabe qual estratégia deve seguir: evitar as construções principais, como o palco, as áreas de recreação e a administração, que estão próximas ao portão principal. Além disso, é necessário fazer um rastreamento nas proximidades das inúmeras trilhas que seguem em direção ao pico, pois essa parece ser a rota de fuga de quem quer que tenha capturado as pessoas. É uma grande extensão, mas com sua agilidade e sua grande capacidade de farejar, acredita que pode obter resultados antes do amanhecer.

A mulher-lobo inicia então sua primeira missão, que mostra-se mais cansativa e monótona do que esperava. Na primeira hora, serpenteou agilmente pela área plana do parque, cobrindo em silêncio os pontos em que se iniciam as trilhas para o topo. Obviamente, muitos odores humanos foram detectados nesta área, mas nada que ajude. Além disso, odores de cães, gatos, pássaros e seus excrementos. Nenhum traço de qualquer criatura que possa ter envolvimento com os desaparecimentos.

Em seguida, inicia-se a investigação de uma nova camada do relevo, onde começa a subida, e a presença de pessoas é mais rara. Aqui, a mistura sufocante de odores humanos é bem menor, e as evidências de seres humanos são mais discretas, porém mais definidas. Suor, borracha, cerveja, cigarro, sêmen e uma infinidade de tipos de desodorantes e perfumes marcam presença. A quantidade de lixo deixada pelas trilhas causa revolta. Será que nunca aprenderão a preservar o que é de todos por direito?

Um odor diferente chama sua atenção. Uma mistura de acônito, beladona e gordura humana, entre outras coisas que a mulher-lobo não conseguiu identificar. É apenas um leve traço, mas ela consegue seguir o seu rastro, e a presença desse cheiro vai ficando cada vez mais forte, conforme entra no mato mais denso.

Parada atrás da vegetação e observando com atenção, Caroline percebe que a parte teórica de seu treinamento na Alcateia Global, que havia achado entediante,

será útil. Ela está a poucos metros de uma criatura citada nesse treinamento, e que achou que não mais existisse.

Felipe prepara sua bicicleta para sair. Pedalar é a segunda coisa que mais gosta de fazer na vida. Ele prende seus cabelos longos em um rabo de cavalo e acomoda a volumosa mochila nos ombros. Ajeita as mangas da camisa de brim que veste, feita do mesmo material de suas calças. Um par de botas de caminhada complementa suas vestimentas.

Sua mãe sempre o questiona sobre esses trajes pouco usuais para quem vai andar de bicicleta, mas ele desconversa dizendo que é para se proteger do sol, porque sua pele é muito branca. Além disso, também usa o argumento de que é muito friorento.

Saindo de casa para mais uma trilha solitária, sente-se livre com o vento batendo no rosto, mas não completamente liberto. Isso não importa. Para ele, basta saber que, sempre que surgir uma oportunidade, ele irá aproveitá-la. Avisou à mãe que dormiria na casa de um amigo na volta, e que estaria em casa no dia seguinte, pela manhã. Depois de pedalar por aproximadamente meia-hora, entra na estrada Turística do Jaraguá. Essa via, que começa na Rodovia Anhanguera e possui pouco mais de cinco quilômetros de extensão, termina no Pico do Jaraguá. Felipe não pretende ir até o final.

É quase fim de tarde. Após passar pelo acesso ao portão do parque, prossegue pela estrada que serpenteia em direção ao topo. Agora o esforço é maior, pois o caminho começa a subir. Não existe movimento de carros ou pessoas, pois é um dia no meio da semana, está realmente bem calmo. E é assim que ele prefere.

Depois de alguns minutos pedalando em ritmo constante, o rapaz para no acostamento, após uma curva sinuosa. Ao seu lado, um guard-rail, algumas formações rochosas e uma mata densa. Tendo certeza de que está só, apoia a bicicleta sobre um ombro, pula o trilho de proteção e entra no mato.

A curva esconde uma pequena falha nas rochas, através da qual Felipe passa com certa facilidade carregando a bicicleta. O início de seu avanço é um pouco difícil, por não haver trilhas nesse ponto deserto, mas ele já está acostumado. Quando alcança uma pequena cavidade abaixo de um barranco, acomoda sua bicicleta nela e segue caminhando sem esse empecilho.

A vegetação é densa e espinhosa em alguns trechos. Se não fosse pela camisa de manga longa e pela calça grossa, seria bem desagradável essa passagem. Em alguns pontos, a mochila fica presa a galhos, e o rapaz pacientemente para sua marcha e a desenrosca. Seu conteúdo é muito importante para ser deixado para trás, como foi feito com a bicicleta.

Após um bom tempo caminhando pela vegetação sem trilhas, chega ao ponto do parque que pretendia alcançar. O lusco-fusco abraça tudo ao redor, no momento do dia em que a visão humana é confundida de tal maneira, que perde parte de sua eficiência.

Felipe está diante de um tipo de toca, feita por um animal de grande porte. Sua entrada fica em um declive rochoso, e uma grande rocha faz as vezes de teto. Dentro, foi cavada de maneira a formar uma pequena caverna, que penetra profundamente no monte, sempre descendo. Um sorriso se estampa no rosto do garoto. “Agora farei a coisa que mais gosto na vida!”

De dentro da mochila, retira um saco de aproximadamente 8 quilos de cal, acomodando-o na entrada da toca. Em seguida, pega um vidro com uma espécie de pasta e coloca-o no chão aos seus pés. Na mochila, estão visíveis um pacote de lenços umedecidos e uma velha toalha.

Com muita calma, de maneira quase ritualística, retira toda a sua roupa e coloca as peças de vestuário dentro da mochila. Diversas cicatrizes são visíveis, espalhadas de maneira aleatória pelo seu corpo. Parece que somente o rosto, o pescoço e as mãos estão livres delas.

Olhando para o alto, através de algumas frestas entre as árvores, consegue visualizar a lua cheia. Ajoelhado em frente ao frasco que estava a seus pés, sussurra com um notável tom de prazer na voz: “que a criatura seja liberta”. Retira um pouco de seu conteúdo, espalha a pasta densa nas palmas das mãos e começa a aplicá-la no rosto e no pescoço. Outra porção é espalhada pelo tórax.

O frio toque dessa solução rapidamente se transforma em um formigamento, tornando-se em seguida um calor sobrenatural. Felipe vê o cenário ao seu redor rodopiar, explodir e diluir-se. Então, o milagre acontece.

De olhos arregalados, ele sente seu rosto alongando-se. Seu nariz estica de maneira inacreditável, e um focinho de lobo toma forma. Suas unhas das mãos crescem, seus dedos ficam cada vez mais nodosos e longos. Ondulações impossíveis percorrem toda a sua pele e pelos escuros brotam de todos os seus poros. O rapaz sente um esticar em todo o seu corpo, cabeça, tronco e membros.

Quando se coloca de pé, está tão grande que o chão parece ficar a quilômetros de distância, e suas orelhas pontudas roçam as copas das árvores. Não se lembra de seu nome nem de onde se encontra, sabe apenas que é o rei deste lugar. E que hoje é noite de ronda. Com sorte, mais uma presa será oferecida à lua cheia, e sua fome de carne humana será saciada.

Lentamente, inicia uma marcha cautelosa por entre a vegetação. O chão treme sem parar, e seus sentidos estão anestesiados. Um bem-estar indescritível toma conta dele, e por vezes o ser cai no chão e rola entre a terra e as folhas, ficando assim por trinta, quarenta minutos.

Nesta noite, não teve a sorte de encontrar caminheiros patéticos, nem usuários de drogas descuidados por entre as trilhas, na borda das quais costuma ficar de tocaia, apenas esperando para entrar em ação. Por horas vagou, arrastou-se e aguardou, sem sequer ouvir algum ruído diferente dos sons noturnos costumeiros da mata. Melhor voltar para a toca.

No caminho de volta, um farfalhar às suas costas coloca-o novamente em alerta. Ao voltar-se, é assaltado pela visão de um grande lobisomem, de pelagem escura, andando sobre duas pernas e pronto para o ataque. Contente em finalmente ter um oponente à altura, que faça jus à sua força e ferocidade, também coloca-se de pé, cruzando os poderosos braços à frente do corpo, preparando-se para aparar o ataque do seu semelhante.

Um baque, seguido de uma estranha sensação de estar voando, causam estranheza em Felipe, e o choque de suas costas e nuca contra um tronco de árvore parecem trazê-lo de novo à realidade.

A mulher-lobo, após dar um forte empurrão no rapaz, aproxima-se dele sobre quatro patas. Seus sentidos mostram que não há nenhum humano nas proximidades, e por isso ela pode executar sua próxima manobra.

O rapaz, nu, besuntado e sujo de terra, está sentado no chão, com as costas apoiadas no tronco de uma árvore. Ele age como se estivesse acordando de um sonho, e parece não entender ainda a gravidade da situação em que se encontra. A loba aproxima as presas do rosto dele e emite um urro ensurdecedor, divertindo-se com a lembrança da outra vez em que empregou esse ato de intimidação, em uma estradinha rural de Joanópolis, dez anos atrás.

Esta última ação pareceu tirar totalmente o jovem do delírio no qual estava imerso. Tremendo, tem a aparência de um drogado que acaba de retornar da pior viagem alucinógena que já teve na vida. Ele olha para suas próprias pernas, depois para as mãos, e por fim para a criatura que se movimenta ameaçadoramente ao seu redor. Em sua mente confusa, o mundo parece irreal, disforme e desproporcional.

A mulher-lobo segura-o pelos cabelos e segue em direção à toca, arrastando seu corpo pelo caminho. Ele não sente dor, porque seus sentidos ainda estão entorpecidos. Os lobisomens, o verdadeiro e o falso, adentram a toca, parando somente ao chegar ao fundo dela, em uma espécie de câmara mais ampla. O túnel de aproximadamente um metro e vinte de diâmetro desemboca em um tosco quadrilátero com aproximadamente três metros de largura por dois de comprimento.

Aqui, a escuridão é total, e o ar parado cheira a terra revolvida, umidade, cal e discretos traços de putrefação. A mulher-lobo arremessa o rapaz contra a parede do fundo. Ela está muito nervosa, não só pela presença dele, mas também pelo incômodo de ter de passar por um túnel no qual quase ficou entalada. Mas isso não

tem importância no momento, pois seus sentidos atestam o que já suspeitava. É hora de ter uma conversa com o delirante dono da toca.

Felipe foi recuperando sua lucidez aos poucos. Tudo parecia um sonho maluco. Mesmo de olhos abertos, a escuridão ao seu redor é tão densa que parece até ser palpável. Sua cama apresenta uma textura estranha, úmida, fria, esfarelando-se ao seu toque. O ar é sufocante, impregnado com um cheiro doentio, não somente o das vítimas misturado ao da terra do chão, mas o cheiro de algum animal vivo. A boca está ressecada, pois esta noite não bebeu água dos riachos do parque durante suas andanças, nem conseguiu uma vítima da qual pudesse sorver o sangue. O mais apavorante é o silêncio sepulcral que parece oprimir seus tímpanos, quebrado somente pela respiração baixa e contínua de algo inumano, logo à sua frente.

Ainda confuso, procura fazer uma retrospectiva do que foi a sua noite, e de como chegou até ali. Lembra de uma brasa de cigarro na escuridão, na mata próxima a uma trilha. Aproximação silenciosa, ataque certeiro, estrangulamento. A garota estrangeira não teve tempo nem de chamar por socorro. Não, não, isso foi antes. Concentre-se. O rapaz, chapado de droga, tropeçando pela trilha, praticamente caiu nas suas garras de lobisomem. Não ofereceu resistência, nem sentiu a sua morte. Mas isso também não aconteceu nesta noite.

Quando a dor no couro cabeludo e nas costas o ataca, uma terrível lembrança vem à tona. Outro lobisomem o atacou. Nesse momento, ele descobriu que não é um lobisomem de verdade, que era tudo uma ilusão. Uma decepção esmagadora surge, pois ele se sentia tão poderoso em sua forma inumana, invulnerável a todos os males do mundo.

Agora, o rapaz se dá conta de onde está, de quem é na verdade e, principalmente, do que é a presença que sente na escuridão, poucos centímetros à sua frente. Hoje, ele é a presa de um ser mais forte, e sentirá o terrível desespero que suas vítimas experimentaram durante seus ataques.

Caroline, ao perceber que ele está recobrando sua lucidez, muda para sua forma humana. Só assim será possível proferir palavras e descobrir o que aconteceu aqui. Ele não consegue enxergá-la, e ainda acredita que tem diante de si uma besta implacável, e não uma bela jovem nua. Ela fala com o rapaz através de um sussurro rouco, num tom de voz ameaçador e rude, disfarçando sua voz meiga e cativante de costume. Faz questão de saber os motivos de tudo isso, antes de decidir o que fazer. Agachada à beira do túnel, inicia o interrogatório.

– Onde conseguiu o unguento?

– Quem é você? – a voz dele é chorosa, e seu rosto já começa a ser inundado por uma mistura de lágrimas, baba e sujeira.

– Sou o que você deseja ser e que nunca será! Simplesmente responda às minhas questões, senão vou destruí-lo vivo – um soluço alto, seguido de um lamento, dão pistas de que a mensagem foi compreendida. – Onde conseguiu o unguento?

– Eu o comprei de uma bruxa, quando estive em São Tomé das Letras! Ela me garantiu que eu seria poderoso, que nada me aconteceria! Segui todas as instruções, como ela havia me passado!

“Que patético!”, pensa Caroline. São Tomé das Letras ostenta esse ar místico que algumas pessoas gostam. Muitos dos que vão para lá, estão predispostos a acreditar em coisas milagrosas e sobrenaturais acontecendo na bela cidade. Essa tal bruxa deve ser algum tipo de charlatã, que consegue identificar os mais introvertidos entre os grupos de jovens que fazem turismo por lá. Adota algum tipo de abordagem direta, supostamente dizendo coisas óbvias da personalidade da pessoa, como dificuldades de relacionamento, decepções amorosas e baixa auto-estima. No final, oferece a cura milagrosa para seus males: o unguento do lobisomem.

Muito utilizado na Europa antes e durante a Idade Média, esse unguento é uma mistura de substâncias alucinógenas, como hioscíamo, ópio, beladona e acônito, juntamente com ingredientes mais bizarros, como sangue de animais e mesmo de humanos, além da gordura destes. Essa suposta bruxa que forneceu a ele a mistura deve ser originária de famílias ciganas do leste europeu, pois esta é a única origem do unguento conhecida nos dias de hoje. No Brasil, ainda não havia registros da utilização desse tipo de artifício folclórico.

– Por que você atacou essas pessoas? – o sussurro desta vez foi mais ameaçador.

– Eu segui os meus instintos de lobisomem. Sentia fome de carne e sede de sangue. A cada pessoa devorada, eu ficava maior e mais poderoso. Os seres inferiores somente serviam para o meu deleite, humanos nada mais são do que gado.

– O que fez com os corpos? – Caroline já sabia de tudo por conta própria, mas queria ter certeza de quanto ele estava consciente do que fez.

– Depois de matar, devorar parte do corpo e beber o sangue, eu trazia os restos mortais para o fundo da caverna, abria uma cova, jogava o corpo e os pertences nela e cobria com cal, para acelerar a decomposição e disfarçar o cheiro.

– E depois?

– Eu me lavava em algum curso de água, voltava para cá, me vestia e procurava apagar qualquer rastro da minha presença. Nunca descobriram o que eu

tenho feito. Frequento este parque desde criança, e conheço cada canto escuro daqui, que as pessoas nem sonham existir – uma estranha satisfação transparece na voz dele. Parece que essa confissão está soando como a apresentação do portfólio de algum artista.

Nesse momento, Caroline repassa mentalmente seu treinamento de psicologia humana. Ela não é especialista no assunto, mas o que a Alcateia Global lhe passou já é suficiente para ter uma ideia do perfil da pessoa diante de si. Ele apresenta traços de psicopatia, o típico caso em que o superego não tem domínio sobre o id, acarretando na busca da auto-satisfação, independentemente de quem será prejudicado e de quais sejam as consequências disso. Um agravado é a presença de canibalismo em sua personalidade, e da minúcia em não deixar pistas de seus atos. Não demonstra o mínimo de remorso, o que leva a crer que ele acha natural tudo isso que está acontecendo.

Tendo consciência da periculosidade desse indivíduo, mesmo não sendo um assunto da Alcateia, visto que ele é um humano “comum”, ela decide tomar uma providência. Seria muita irresponsabilidade ir embora, deixando-o livre para agir novamente. Matá-lo está fora de cogitação, pois ela não é uma assassina fria, e somente o fará quando for estritamente necessário. A única solução é mantê-lo imóvel e dar um jeito das autoridades encontrarem-no, junto com as evidências do que fez.

– Agora que já sabe de meus feitos, vai deixar seu irmãozinho seguir seu caminho, como todo lobisomem deve fazer? – a voz de Felipe tem um tom confiante.

– Calado, maldito!

A transformação inicia-se novamente. A garota estava pensando em maneiras de mantê-lo imóvel ali, e se deu conta de que somente na forma de loba faria isso sem dar margem a erros. Cogitou amarrá-lo, mas na forma lupina as habilidades manuais não são tão eficientes como na forma humana, pois os dedos são mais rígidos e rudes no manusear. Obstruir a entrada da toca com pedras daria margem a uma escapada por parte dele. A autoconfiança do rapaz deixou-a furiosa, e uma solução mais fácil e drástica foi escolhida.

A mulher-lobo agarra-o pela nuca, de maneira a deitá-lo no chão, com a cara na terra. Ato contínuo, segura-o pelas axilas e começa a arrastar-se pelo túnel, de costas para a entrada da toca. Ao sair, ela levanta-se sobre as patas traseiras, e Felipe esboça uma tentativa de fuga, instantaneamente frustrada com um golpe na sua cabeça. Chegou o momento de inutilizá-lo.

Segurando-o firmemente pelo tórax, a criatura ergue-o acima da cabeça e arremessa-o em direção às rochas acima da toca. Ele rola dolorosamente e cai aos pés dela. Novamente, é seguro, levantado e suas pernas chocam-se violentamente

contra a formação rochosa, desta vez sem ser solto. Essa ação se repete mais uma vez, e o resultado dela é um conjunto terrível de fraturas nas pernas, formando ângulos tenebrosos e expondo pontas de ossos fragmentados.

Sim, agora existe a certeza de que não conseguirá escapar. Ele urra de dor e horror. Rapidamente, a mulher-lobo entra novamente na toca, chega até o final e volta de costas, espanando e alisando toda a superfície que possa apresentar traços de sua presença ali. O mesmo foi feito nas proximidades da entrada da caverna. Distante dali, sua audição detecta uma mensagem de rádio, dada por um vigia noturno nervoso, que acredita ter ouvido algo estranho. Se ele não tem certeza de que algo estranho está acontecendo, Caroline garantirá que não haverá dúvidas.

Subindo a encosta, ela força algumas pedras, formando um pequeno deslizamento, que ecoa na madrugada com estrépito. Outras rochas são arremessadas em diversas direções, fazendo um barulho infernal ao se chocar com outras pedras e árvores.

Além de chamar a atenção, essa estratégia busca também fazer parecer que o garoto sofreu um acidente em meio às suas perambulações macabras, e não que foi atacado por um ser estranho. A última coisa que ela quer é deixar vestígios de sua presença ali. Para melhorar sua localização, Felipe começa a gritar alucinadamente, vendo que está parcialmente encoberto por algumas rochas que deslizaram sobre seu corpo ferido.

A criatura apura sua audição, e efetivamente detecta comandos inflamados do chefe da segurança, dando a localização aproximada do incidente e solicitando apoio da polícia. Chegou a hora de deixar este local. Subindo numa árvore próxima à encosta, ela salta para outras árvores, com o intuito de não deixar pegadas nas proximidades. Ao alcançar um ponto de vegetação mais densa, salta para o chão e dá uma grande volta por uma área inacessível do parque, evitando o grupo de reconhecimento que se encaminha para a área da toca.

Já fora dos limites do parque, ela passa rapidamente por uma propriedade particular, um sítio com um matagal nos fundos do terreno. Com isso, corta caminho até o local onde deixou suas roupas. Farejando, encontra os rastros de localização que havia deixado, sobe na árvore, pega sua bolsa, salta para o chão e prossegue um pouco, até encontrar uma pequena clareira, já próxima da estrada. Só então volta à forma humana, veste suas roupas e se limpa, retirando qualquer vestígio de terra e vegetação do corpo e da roupa.

Recomposta, Caroline aguarda alguns instantes abaixada atrás de uma moita, pois duas viaturas da polícia passam em grande velocidade, com as sirenes soando escandalosamente no silêncio da madrugada. São quatro e meia da manhã. A garota atravessa a estrada correndo, afastando-se do parque e alcançando um ponto de ônibus. Ela felicita-se por sua sorte, pois um ônibus está passando naquele

momento, e ela dá sinal para embarcar nele, afastando-se dali com uma sensação de alívio e de dever cumprido.

No dia seguinte, os jornais estampam a principal notícia do dia: elucidado o mistério dos desaparecimentos no Parque do Jaraguá. São todos obra de um maníaco homicida, usuário de substâncias alucinógenas. Segundo a polícia, foi feito um extenso trabalho de inteligência para desmascarar o criminoso, trabalho que estava sendo conduzido em segredo, para não prejudicar as investigações. A população pode ficar tranquila agora, pois o assunto foi concluído. Nada de paranormalidade ou seres sobrenaturais, como estavam começando a cogitar.

Já é hora do almoço, mas Caroline não fará sua refeição até terminar de ler no computador o relatório criptografado da Alcateia. Eles receberam o seu documento, que descreveu em minúcias toda a operação, inclusive as decisões que levaram ao desfecho inesperado, e suas justificativas.

A garota respira aliviada ao ser notificada de que, apesar de ter ido além do que lhe foi solicitado, sua decisão foi acertada e seus procedimentos foram impecáveis, apesar dela ter sido inconsequente em alguns momentos. Desta vez, receberá apenas uma advertência por indisciplina, mas nas próximas missões deve ser mais responsável e entrar em contato com a equipe de apoio sempre que for necessário.

Caroline exclui permanentemente do computador o arquivo do relatório, respirando aliviada. Ela passou a manhã inteira receosa, sem conseguir comer nem dormir, pois achou que havia feito uma grande besteira logo na sua primeira missão. Ela se dá conta de que precisa dominar seu jeito instintivo de ser. Mesmo sendo poderosa e muito eficiente no que faz, agora ela trabalha por uma causa muito maior do que o seu senso simplório de crime e castigo. Lição aprendida. E que venha a próxima ação.

CAÇADA RURAL

– Mas espere um minuto... neste ano começa o novo século e também o novo milênio! – Ted Guent está inconformado por causa de sua matemática estar sendo colocada em dúvida.

– Jesus Cristo, mas você é mesmo um cabeça-dura! – o interlocutor é Joe “Hell” Vansing, seu companheiro de caçadas. – A contagem dos anos do calendário cristão é diferente. Por adotar inicialmente a numeração romana, começou no ano e no século um, pois nesse sistema numérico não existe o número zero.

– Ah, mas que palhaçada! Mas depois da adoção do sistema indo-arábico, por que não passaram a considerar o zero como o início?

– Porque a cagada já estava feita! Fim de papo! Somente em dois mil e um inicia-se o século e o milênio, e não neste ano – diz Vansing, já cansado dessa conversa. – Você devia estar preocupado com coisas mais importantes, como a visita daquele comunistazinho enrustido à ilha.

– Nem me fale. Putin afirma que essa visita que fará a Cuba é simplesmente para reafirmar os laços de amizade entre os países – Ted dá uma cusparada, que atravessa toda a extensão da varanda onde está sentado, indo cair na areia da praia.

– Mas o safado traz com ele alguns “acordos de cooperação” na manga. Comunistas nojentos, ele e Fidel Castro!

– Não fale assim do nosso patrão! – gargalhadas da dupla ecoam pela varanda. – Além disso, George W. Bush está assumindo a presidência dos Estados Unidos, e garanto que ele vai chutar muitos traseiros por aí.

– Se ele for bom em assuntos internacionais como é em manipular apurações de votos, estamos feitos! – a observação de Ted induz a novas risadas, mesmo sendo os dois republicanos.

– Ei, Ted... você sente saudades da América? – Vansing dá mais um gole na cerveja, tentando tirar o nó de sua garganta.

– Macacos me mordam se eu não sinto. Mas os safados da agência nos expulsaram de lá, mesmo a gente tendo prestado um grande serviço em relação aos lobisomens de lá.

– Que agência?

– Eu sei lá! Sempre tive a impressão de que esse tempo todo nós trabalhamos para o governo. Acho que eles não queriam ter de lidar com essas crias do inferno que nós exterminamos. Mas tudo bem... pelo menos agora nós temos uma casa na praia!

– Mesmo que seja numa praiazinha vagabunda, feia de danar e mal-frequentada! – Vansing olha ao redor, gesticulando com a cerveja na direção de

alguns pescadores na beira da água, que apesar de não entenderem o que estão falando, fazem cara feia, por não gostarem dos estrangeiros que só falam em inglês entre si.

– E eu também acho que o serviço que fazemos aqui em Cuba é para o governo. Ninguém quer saber dessa praga de lobisomem no quintal de sua casa. Nossos contratantes não se apresentam como gente do governo, mas têm todo o jeito de que são. O lado bom é que podemos cometer alguns excessos sem sermos repreendidos, além de não fazermos parte do racionamento ao qual a população é sujeita.

– Sim, podemos ter cigarro, cerveja e até leite, coisa rara para muita gente daqui. Além disso, temos nos divertido bastante exterminando essas pragas em forma de lobo. Pelas minhas contas, já foram cinquenta e oito para a cova, só aqui em Cuba.

– Sim, é uma vida bem tranquila – Ted se espreguiça, com um ar sonhador. – Ficamos aqui numa boa, esperando algum contato para um novo serviço. Recebemos uma “ajuda de custo” mensal fixa, além dos bônus por fera abatida. Realmente, não é tão ruim.

– As mulheres daqui são calientes, a bebida é ótima. E as armas que nos fornecem também não são de se jogar fora.

– Não é sempre que se consegue rifles de caçar elefante. Com lobisomem, só assim para perfurar aquela pele dura que eles têm!

– Isso e as artimanhas que fomos aprendendo em todos esses anos.

Um toque na campainha da porta da frente tira os caçadores de sua animada conversa. Eles saem juntos da varanda dos fundos e encaminham-se à sala de estar, onde olham pela janela quem tocou. Um homem de aproximadamente trinta anos, moreno, todo vestido de preto aguarda em frente à porta.

– Parece um coveiro! – diz Ted.

– Todo de preto num calor desses! E que alça preta é aquela na cabeça? – o visitante vira-se na direção da janela, revelando um colarinho branco e exibindo a finalidade da alça na cabeça. – É um padre com um tapa-olho! Que bizarro!

Eles se apressam em atender à porta. O padre cumprimenta-os com toda a cordialidade que um líder religioso pode apresentar.

– Permitam que eu me apresente: sou o padre Juantorena, de um distrito do interior.

– Prazer, padre. Eu sou Joe, este é o Ted. Desculpe pelo nosso espanhol sofrível.

– Não se preocupe, você fala muito bem o espanhol – ele caminha para o interior da casa, após o aceno de Ted para que entrasse. – Obrigado pela hospitalidade.

– Diga uma coisa, seu padre: o senhor não esteve envolvido em nenhum incidente com um garotinho em uma cadeira de rodas, que solta fogos de artifício, esteve? – Ted não consegue segurar a risada. – Pergunto por causa do tapa-olho...

– Deixe de besteira! – Vansing repreende o amigo, vendo que o padre não entendeu nada. – Não foi por causa de referências cinematográficas que o padre veio nos visitar – Mesmo assim, ele se esforça ao máximo para segurar o riso. – Por gentileza, sente-se e explique o motivo de sua vinda.

– Bem, devo dizer que já passei por todas as instâncias avaliatórias possíveis, o que me deu o direito de contatá-los. Tenho um problema no meu vilarejo, do tipo que só os senhores podem resolver. Acredito que saibam do que estou falando.

– Sim, sim, com certeza. Fique tranquilo, padre, pois somos os melhores no que fazemos. E o que fazemos é mandar para o inferno essas malditas pragas do demônio! – ao notar a besteira que falou, Joe fala em tom de desculpa. – Com o perdão da palavra, claro. Pode me entregar os documentos de solicitação, por favor?

Após a verificação dos documentos “oficiais” e de uma ligação para um número de telefone especial de confirmação, ao qual só recorrem em situações como esta, eles despedem-se do padre e começam os preparativos para mais uma caçada.

Estão muito animados com a novidade, pois há quase dois meses estavam ociosos. Finalmente, entrarão em ação, e isso é importante “para não enferrujar”, como diz Vansing. Mais uma vez, alguma pobre alma do território cubano será atormentada pela dupla infernal, que aterroriza, tortura e mata, tudo em nome de uma suposta defesa da raça humana.

O Plymouth Fury sacoleja desconfortavelmente por uma estrada de terra, em um lugarejo esquecido por Deus em Cuba. Seus ocupantes, praguejando o tempo todo, começam a perder a disposição que apresentavam ao sair de sua casa no litoral. Do porta-malas vem um tilintar metálico contínuo, resultante do “equipamento de trabalho” da dupla, sendo jogado de um lado para outro.

– Não acredito que ainda exista um lugar como este em pleno século vinte e um! – reclama Ted Guent.

– Ainda é século vinte. Lembre-se de nossa conversa sobre isso. – o humor de Vansing também não é dos melhores.

– Malditos historiadores e sua numeração romana!

– Mas independente de qual seja o século, este lugar é o cu do mundo! – após essa afirmação, Vansing cospe mais uma vez pela janela.

Ted Guent consulta novamente um mapa da região, ao mesmo tempo em que tira o boné e desgruda a parte de trás de seu mullet do pescoço. Ao que parece, estão quase chegando. Ele guarda o mapa no porta-luvas e coloca novamente o boné, praguejando quando o carro passa por outra valeta na estrada.

– Seria um grande presente de Natal, quebrar a suspensão desta belezinha aqui, hein, Vansing? Duvido que haja peças de reposição nesta ilha.

– Não mesmo. Os americanos guardam máquinas como esta aqui a sete chaves, tratando-as como verdadeiras relíquias devem ser tratadas. Aqui, é um museu do automóvel a céu aberto, carros americanos dos anos 50 são usados no dia-a-dia, às vezes até como táxis!

– É estranho mesmo. Um turista desavisado que aporta por aqui pode até pensar que voltou no tempo algumas décadas. Mas vamos encerrar esse assunto. Acho que estou meio para baixo, pois já é o meu décimo Natal longe de casa – diz Ted, sem disfarçar sua tristeza. – Eu sempre ia para a casa de parentes em Nova Iorque, via a neve, tudo isso.

– Aqui, é só esse calor infernal. E também não comemoram o dia de Ação de Graças. Bárbaros!

– E pensar que o país até estava no caminho certo, até aparecerem esses terroristas comunas e estragarem tudo. Infelizmente, a Operação Mongoose de Kennedy falhou nos anos sessenta...

– Ted, foi realmente uma pena sermos apenas criancinhas quando o governo americano contratou aqueles mafiosos carcamanos para assassinar Fidel Castro. Nós teríamos feito a coisa certa, e hoje seríamos reis nos Estados Unidos.

– Ou desta merda de ilha!

A saudosa conversa sobre a política internacional dos Estados Unidos no governo Kennedy chega ao fim, quando finalmente chegam à igreja local, postada em destaque no final de uma via decadente e paupérrima, que é a rua principal da vila rural. Galinhas esvoaçam quando o veículo passa pela parte da rua de terra batida onde elas estavam. Algumas crianças de aspecto faminto e sujo brincam com pedras ao lado da entrada da igreja.

Os caçadores param o carro em frente à entrada da humilde construção religiosa. Vansing tira o seu chapéu de cowboy e Ted faz o mesmo com seu boné. Apesar de tudo o que fazem, ainda acreditam ser bons cristãos. Adentram a igreja e dirigem-se para os fundos, onde encontram o padre que solicitou ajuda no interior de seu lar, duas semanas atrás. Após rápidos cumprimentos, o homem do tapa-olho passa as instruções necessárias.

– Aqui está um esboço de um mapa, para chegarem à propriedade rural dos...
– há um momento de hesitação, como se o homem buscasse o melhor termo – seres dos quais falamos anteriormente.

– Um tanto quanto isolado, não? – observa Vansing, após estudar o pedaço de papel desenhado a lápis.

– Acha mesmo que eles são uma ameaça? Há registro de ataques neste lugar? – questiona o outro caçador.

– Vejam bem, não é simplesmente a questão de estarem atacando ou não o povo daqui. Eles são seres do mal, e sua simples presença traz mal-agouro. Desde que se mudaram para essa casa, nossa lavoura minguou, bebês nasceram mortos e a doença se espalhou pela nossa vila. Deus trouxe vocês dois para purificar esta terra.

Os americanos entreolham-se, e não é preciso palavras para saber que compartilham o mesmo pensamento. É uma questão de superstição acima de tudo. Pela sua experiência, eles sabem que os lobisomens não são mágicos, nem rogam pragas nos outros. São terríveis criaturas que devem ser combatidas, mas estão mais para forças da natureza do que para magia negra.

Mesmo assim, para eles, trabalho é trabalho, e imediatamente partem para a propriedade dessa família de supostos lobisomens. Mais meia hora de solavancos por estradinhas minúsculas, de terra deteriorada e com mato por todos os lados. Quando finalmente chegam à pequena fazenda, isolada de tudo, a casa principal dá a impressão de ter sido abandonada há décadas. Algumas plantações de subsistência e um precário galinheiro são os únicos indícios de que existe alguém vivendo ali.

Não existe luz elétrica, nem encanamentos de água. Um poço é visível entre a casa e a lavoura arcaica. Mais ao fundo, além do galinheiro, existe um pequeno cômodo, que com certeza deve ser a latrina que a família usa. “Século vinte, hein?” é o pensamento irônico que passa pela cabeça de Ted. Eles param o carro nas proximidades da cerca semidestruída que se estende ao lado da velha porteira de entrada. Um homem ligeiramente curvado aproxima-se, vindo do interior da construção. Seu rosto é parcialmente coberto por um grande chapéu, protegendo-o do escaldante sol do meio-dia.

– Boa tarde, senhores. Em que posso ajudá-los? – a voz do homem é amistosa e sua postura é humilde.

– Mostre sua cara! – grita Vansing, dando um tapa na aba do chapéu do desconhecido.

– Jesus Cristo! – exclama Ted, tirando da cintura uma pistola automática.

O sobressalto foi encadeado pela visão do que foi exposto pela retirada do chapéu. O cabelo do homem da fazenda é negro, grosso, levemente ondulado. Sua barba tem a mesma cor e espessura. A grande dúvida é onde acaba um e começa o outro. Seu rosto é de um completo negrume de pelugem, e francamente é difícil

discernir qual é a cor de sua pele, pois ela é raramente exposta nessa face. Após o choque inicial, Vansing retoma a conversa.

– Acalme-se aí, parceiro. Pode abaixar a arma, por enquanto – voltando-se para o pobre homem, altera o tom de voz, deixando-o mais ríspido. – O negócio é o seguinte: temos fontes que nos informaram que vocês estão azarando com o pedaço aqui, e viemos tomar providências.

– Calma, senhor, não se exalte e ouça-me, por favor – o tom do fazendeiro é de pura súplica. – Eu sei que as pessoas acham que somos lobisomens, e acredito saber quem são os senhores, pois o serviço que vêm fazendo no país não passa despercebido. Eu imploro que ouçam minha triste história.

Abrindo a porteira e convidando-os a entrar, o homem curva-se respeitosamente. Porém, seu convite é recusado com um aceno de cabeça, seguido de um puxão brusco de seu braço e do arregaçar da manga de sua camisa.

– Antes de assistirmos o filminho de sua vida, eu quero fazer uma pequena experiência.

Dizendo isso, Vansing pega um canivete no bolso, puxa a lâmina e faz um corte de aproximadamente cinco centímetros, na parte interna do antebraço do fazendeiro, desde o pulso, partindo em direção à dobra do cotovelo. O homem tenta recolher o braço, mas é seguro firmemente pelo americano, que tem como retaguarda o amigo com o revólver.

– Por que está fazendo isso comigo? – ele tenta disfarçar ao máximo sua voz, para não transparecer o medo devastador que o atinge.

– Apenas um pequeno teste. Todos sabem que os lobisomens apresentam um fator de cura aceleradíssimo. Se até o final do seu relato este corte diminuir de tamanho, já teremos um parecer a respeito. Prossiga.

– Meu nome é Miguel Santarroma. Tenho um problema de crescimento de pelos incomum, que assola toda a minha família. Sou casado com uma prima, que também sofre desse mal. Temos cinco filhos.

E o depoimento prossegue, repleto de intolerância, sofrimento, fugas na madrugada, desprezo e isolamento. Lágrimas dolorosas insinuam-se nos olhos dele, sendo engolfadas por pelos densos que cobrem sua face, ficando a dúvida se sua origem é a angústia de um pai de família, ou se é a brutalidade com que está sendo tratado naquele momento. Uma mancha desagradável se forma no chão de terra, onde seu sangue escorre e começa a secar, sob o torturante sol.

Ted e Vansing sabem exatamente do que fala o homem, pois eles vêm estudando tudo o que leva ao assunto lobisomem. A doença desse pobre infeliz é a hipertricose congênita, também conhecida como a síndrome do lobisomem. A maior quantidade de incidências ocorre no México, mas esse homem é a prova viva

de que não é só nesse país que existem ocorrências da doença. Após cerca de dez minutos de um relato emocionado, Vansing fala em um tom amigável e em inglês.

– Nós vamos matar você e toda a sua família, seu desgraçado filho de uma cadela.

– Desculpe, senhor? – fala Miguel em espanhol, e seu semblante é de dúvida.

– Puxa, me desculpe, amigo, às vezes eu esqueço e falo em inglês sem me dar conta disso – falando agora em espanhol, ele solta o braço do homem e dá um lenço para que possa estancar o sangramento, que não parava. – Eu dizia que eu e meu amigo estamos convencidos da sua inocência, e que está um calor de matar. Pode nos dar um pouco de água?

– Claro, claro! Entrem, por favor, e desculpem a pobreza de minha casa.

No caminho para a casa, uma pequena alameda de terra ressecada, Ted resgata o chapéu arrancado e devolve-o ao dono, ao mesmo tempo em que lança um olhar de esguelha para o parceiro. Ainda não entendeu perfeitamente o que Vansing está arquitetando, mas já concluiu que o homenzinho não é um lobisomem. No poço, dois adolescentes retiram água e enchem baldes. Estão de costas, mas o pelos são visíveis na parte de trás de seus pescoços.

Ao chegar à pequena varanda, eles preferem ficar do lado de fora, na sombra. Miguel entra na cozinha, para pegar uma cumbuca de água e dois copos. Vansing volta-se para o lado do galinheiro, como se estivesse relaxado e apreciasse uma bela paisagem. Da maneira mais displicente possível, fala amigavelmente com o amigo, em inglês:

– O negócio é o seguinte: não tem lobisomem aqui. Não precisamos nem conhecer a família.

– É isso aí. Assunto encerrado? E o padre?

– Ele que se foda!

O idioma inglês foi escolhido para terem um pouco de privacidade neste diálogo, visto que o pobre homem, dono da propriedade, não entende essa língua. Além disso, não querem que o padre seja reconhecido como a pessoa por trás desta visita, pois os caçadores se julgam profissionais, e o sigilo do empregador sempre é garantido.

Miguel oferece água a eles. Está levemente fresca, graças a um recipiente de barro, pois não existe geladeira na casa. Vansing tem um ar pensativo, e Ted acha que está imaginando que tipos de doenças aquela água infecta deve possuir. Está enganado. O caçador estava analisando a situação, e acaba de tomar uma decisão.

– Vamos matar todos – Vansing fala novamente em inglês.

– Mas por quê? – retruca Ted, e Miguel olha de um para outro, perdido entre a desconfiança e o medo.

– Temos uma reputação a zelar, e se deixarmos barato podemos perder nosso emprego.

A resposta de concordância de Ted veio na forma de um sacar de pistola e no espalhar da massa encefálica de Miguel, manchando a parede externa da casa. O outro matador saca seu revólver e invade a casa, encontrando na cozinha uma mulher com uma criança agarrada à barra de seu longo vestido. Um tiro no peito de cada uma encerra facilmente o assunto desse cômodo. As vítimas não tiveram nem tempo de implorar por suas vidas. Falta revistar o resto da casa.

Lá fora, um dos filhos de Miguel que estava no poço está estirado no chão, sem vida, com três tiros no tórax. Ted corre em direção à plantação, com a arma em punho, atrás do outro irmão. Já errou três tiros, o que faz com que sobre somente uma bala. Ele para, faz pontaria e dispara. O garoto recebe o tiro na bacia e cai, impossibilitado de correr novamente. O americano aproxima-se, segura-o por baixo das axilas e arrasta-o até o local onde está seu irmão morto.

Chegando lá, o caçador joga-o de costas sobre o cadáver. Sem balas para matá-lo a tiros com sua Colt .45, e com preguiça de voltar ao carro para pegar as espingardas, ele olha ao redor. Com uma frieza impressionante, localiza uma enxada, segura a ferramenta e testa o seu peso. O garoto, de aproximadamente quatorze anos, chora de dor e não tem coragem de olhar para o seu algoz. Seu rosto cheio de pelos está voltado para a poeira do chão. O assassino para ao seu lado e, com toda a calma, desfere cinco golpes com a enxada, até esfacelar a cabeça do rapaz.

Ao entrar em um quarto, Vansing depara-se com um cômodo escuro. O ar é pesado, sufocante, e o mau cheiro toma conta daquele espaço. Ele nota um movimento no canto mais afastado, e algo se arrasta pelo chão até os seus pés. Com um salto, o caçador afasta-se para o corredor, e o ser o acompanha. Na claridade, o susto inicial se esvai. Trata-se de uma menina, com aproximadamente sete anos de idade, também com hipertricose, com indícios de algum tipo de deficiência mental.

A criança aproxima-se do homem, de quatro, com um gingado estranho, seus olhos escaneando o visitante inesperado. Babando e revirando os olhos, mas mesmo assim de maneira dócil, ela prostra-se a seus pés, passando a cabeça pelas suas canelas, como um gato dando as boas-vindas a alguém. Vansing tem pena da pobre criança. Somente por um segundo. “Eu sempre termino o que começo” – é seu pensamento, um instante antes de se afastar, mirar e dar um tiro na cabeça de mais uma vítima.

Levando em consideração as informações que o homem passou e fazendo uma conta rápida, percebe que ainda falta alguém. Após uma revista pelo resto da casa, sem encontrar outro morador, vai de encontro ao parceiro, lá fora. Ted limpa os respingos de sangue de suas botas nos baldes de água, ao lado do poço. Vansing informa que ainda falta um, e eles saem à procura dele pela propriedade.

Não leva muito tempo até se darem conta de que ele só pode estar na latrina, nos fundos do terreno. Movendo-se furtivamente, posicionam-se em frente à porta do pequeno banheiro externo, e com um pontapé arrombam-na. Lá dentro, encolhido em um canto, um garoto de dez anos treme e chora, por puro terror. Vansing pede que Ted se afaste, e fala com calma com o menino.

– Ei, amiguinho. Escute com atenção o que vou lhe dizer: houve um pequeno engano aqui, mas agora você pode ir embora. Está livre – dizendo isso, ele vira as costas e dirige-se ao local onde está o amigo, ao lado da casa.

Sem pensar duas vezes, o garoto sai para o terreno dos fundos e parte em disparada para o matagal que fica logo após a cerca daquele lado. Assim que ouve os passos desesperados da criança com hipertricose, Vansing vira-se, mira e abate o garoto, com um tiro no meio das costas. Ele cai com o rosto no chão, em uma horrível posição que somente um cadáver seria capaz de assumir.

– Por que você fez isso com ele?

– Ted, tenho dois motivos. Primeiro: faz meses que não treino com alvo móvel. Segundo: não gosto de ninguém morrendo triste. Por um instante, ele acreditou mesmo que conseguiria escapar – o caçador acende um cigarro, olha ao redor e dirige-se ao amigo. – Vamos embora deste buraco imundo. O padre que se vire para limpar essa sujeira toda.

– Feliz Natal! – grita Ted, voltado para a casa.

Eles entram no carro e partem. No caminho, vão discutindo se essa família deve entrar ou não na contagem total, e no final chegam a um consenso, de que contabilizarão mais sete cabeças. Se alguém discordar dessa contagem, que venha tirar satisfação com eles. Vansing acaba lembrando de que já é novamente final do mês, e que precisa fazer uma ligação para os Estados Unidos, para seu amigo Johnny.

(V) 2009: Matança

ALCATEIA GLOBAL: REPORTE

Caroline montou um esquema de troca de informações pela internet para a Alcateia Global, de maneira a permitir que dados importantes sejam enviados por esse meio sem comprometer o sigilo que a organização precisa em suas operações. Para isso, ela definiu uma sequência de passos a seguir, baseados em notificação, coleta, extração, decodificação, linguística e terminologia. Tudo isso amparado por ferramentas tecnológicas que permitam o transporte seguro desses dados.

O passo de notificação é feito através de um blog que a garota mantém na internet, que aborda temas relativos a software livre. Sempre que Caroline publica um artigo sobre o sistema operacional FreeBSD, isso quer dizer que existe um relatório da Alcateia Global do Brasil sendo disponibilizado para o núcleo da organização, na Europa. Quando os dados são disponibilizados pela sede na Europa, é deixado um comentário nesse mesmo blog, por um usuário específico, definindo que a equipe do Brasil pode efetuar a coleta.

A coleta do documento é feita através de uma página da internet que disponibiliza wallpapers (imagens de plano de fundo para a área de trabalho do computador) de diversos assuntos. Essa página é mantida por um membro da organização, e está hospedada na Polônia. Ficou definido que as informações da Alcateia Global sempre seriam escondidas em wallpapers que abordam o mesmo tema: a “quadra de ases” dos filmes de lobisomem, ou seja, os melhores filmes desse subgênero, segundo os especialistas do assunto. Assim, as imagens sempre serão relativas aos filmes Um Lobisomem Americano em Londres, Grito de Horror, A Hora do Lobisomem e Cães de Caça.

As informações são ocultadas no interior dessas imagens através de uma técnica chamada esteganografia. Essa técnica de escrita escondida já era utilizada na Grécia Antiga, e teve seus conceitos trazidos para a tecnologia da informação, sendo sua utilização mais comum nos dias de hoje, para o controle de direito autoral de imagens digitais. Com ela, é possível armazenar dados ou arquivos de computador dentro de outros arquivos, como uma imagem, por exemplo. A senha utilizada para destravar essa informação oculta é uma combinação numérica da data e hora da disponibilização do arquivo na internet, da data da fundação da organização e da hora local de destino, calculada com base na hora do arquivo.

Os dados que estão armazenados dentro da imagem estão criptografados. Por conta disso, mesmo depois de extrair esses dados da imagem do filme pela esteganografia, é necessário aplicar uma chave criptográfica para “desembaralhar” o texto. Essa chave criptográfica é uma combinação de trinta caracteres, compostos pelas iniciais das trinta primeiras palavras ímpares do artigo de Caroline no blog,

seja no artigo sobre FreeBSD quando é no sentido Brasil-Europa, seja no artigo em que o usuário especial deixou a mensagem-padrão nos comentários, quando é no sentido Europa-Brasil.

Depois dos dados serem descriptografados, há mais uma barreira para quem por ventura venha a interceptar essa informação: o idioma adotado para a comunicação é o sânscrito, idioma extinto que é a base dos atuais idiomas indo-arianos, falados principalmente nas regiões da Índia, e que era muito utilizado no bramanismo. Os membros da Alcateia fizeram um treinamento no idioma, para poder fazer parte desse intrincado processo de troca de informações.

O último estágio de segurança desses dados é a adoção de uma terminologia própria, que somente quem é da Alcateia tem conhecimento. Esses termos próprios são utilizados há muito tempo, desde a época em que o conhecimento do povo dos homens-lobo era transmitido verbalmente por mensageiros que viajavam pelo planeta passando informações básicas das raças entre seus semelhantes. Com isso, se algum desconhecido chegar a este estágio da informação, ficará totalmente confuso, pois o texto aparentará não fazer sentido.

Hoje, Caroline recebeu o comentário em um artigo de seu blog, assinado pelo usuário *dr_glendon*, que é exatamente quem define que existe uma nova informação disponível. A garota digita o endereço do site de wallpapers onde, na seção de filmes, buscará a imagem do lobisomem.

Das imagens mais recentes incluídas no site, estava disponível uma cena de Grito de Horror, em que se vê a criatura encarando uma mulher, com uma persiana semicerrada ao fundo. Enquanto salva a imagem no seu computador, a garota começa a fazer a combinação de datas e horas para a senha da esteganografia, que é preenchida em um software específico para esse fim. Após a extração do texto de dentro da imagem, chega a hora de descriptografá-lo.

Caroline inicia a contagem das palavras de seu artigo do blog que recebeu o comentário-chave, e vai anotando em um papel as iniciais da primeira, da terceira, da quinta e assim por diante, até ter em mãos os trinta caracteres necessários para utilizar na chave criptográfica. Enfim, depois de alguns minutos, a garota tem em mãos um reporte geral da Alcateia.

Através desse documento, Caroline é atualizada sobre as operações da Alcateia nos cinco continentes, e quais são as estratégias para o ano de 2009, bem como suas incumbências como principal agente de São Paulo.

Segundo os dados, a maior concentração de homens-lobo registrados é na Europa, onde as famílias já têm tradição e sabem se ocultar e conviver na sociedade com maestria. Principalmente no leste do continente, está tudo sob controle, existindo diversas comunidades rurais exclusivas de seu povo. Os indícios da sua presença na imprensa são praticamente inexistentes.

Nos Estados Unidos e no Canadá, o resultado de investigações nos últimos cinco anos é que nesses países os homens-lobos estão completamente extintos, ou encontram-se em um grau de isolamento tão alto que não foi possível encontrar vestígios de sua existência. O mesmo ocorre na Ásia.

No que se refere ao México e aos países da América Central, a conclusão é a mesma: são esquivos e recusam qualquer proposta de auxílio ou de unificação com os povos de outras localidades. Nem mesmo têm contato com seus semelhantes em países vizinhos. Houve inclusive incidentes com morte de alguns agentes enviados para esses locais, com a finalidade de negociar alianças.

Na América do Sul existe um grande potencial, e é nessa região do planeta que estão sendo focados todos os esforços da organização, no que diz respeito à identificação de indivíduos e oferecimento de ajuda, além de seleção e recrutamento. Caroline tornou-se a líder de operações na grande São Paulo, prestando auxílio a algumas cidades do interior do Estado, quando necessário.

Em relação a África e Oceania, esses continentes ainda são uma incógnita. Dada a exuberância da natureza de alguns locais, é grande a possibilidade de existirem famílias centenárias vivendo lá nos dias de hoje. Infelizmente, a Alcateia Global ainda não possui recursos para iniciar expedições nesses continentes mas, assim que possível, estas serão iniciadas.

É com grande entusiasmo que Caroline recebe estas informações, visto que estará mais acessível à organização, porque acaba de concluir um grande projeto de software que consumiu boa parte de seu tempo nos últimos sete meses. Ela trabalhou na definição da arquitetura de desenvolvimento do sistema de uma grande empresa do setor de telefonia, chegando a momentos em que trabalhava até treze horas por dia. Muitos fins-de-semana foram sacrificados nos últimos meses, na fase de treinamento das equipes e de implantação do sistema integrado.

Mas todo esse esforço foi bem recompensado. Esse serviço de consultoria que exerceu rendeu um montante de dinheiro que permite a ela tirar uma folga de seis meses, sem precisar trabalhar em outros projetos. Com isso, terá fôlego para exercer atividades da Alcateia que até então não eram possíveis, dado seu envolvimento com o trabalho de engenharia de software. Para comemorar, Caroline planeja passar uma madrugada lupina em um grande parque da cidade. E não passará desta semana.

SELVA DE PEDRA

São dez horas da noite de domingo, e o trem do metrô, quase vazio, está a caminho da estação Barra Funda. A cidade de São Paulo, assim como todo o resto do Brasil, está “começando o ano”, visto que já faz quase um mês desde o fim do Carnaval. Como costume já entranhado entre a população, o país do samba deixa tudo o que é importante para depois da famosa festa popular, as pessoas ficam em estado de espera. Mas há exceções. E um dos passageiros desse trem é uma delas.

O geólogo Dante trabalhou incessantemente desde o início do ano, em um projeto que envolveu trabalho de campo em algumas cidades do interior de São Paulo. Agora, na segunda quinzena de março, duas semanas após a finalização dos trabalhos, pode desfrutar de quarenta e cinco dias de descanso, uma pausa mais do que merecida, antes do início do próximo projeto.

O mato-grossense está na capital de São Paulo para participar do Oitavo Simpósio Nacional de Controle de Erosão, um evento para o qual vinha planejando sua vinda à cidade. Chegou com pouco mais de uma semana de antecedência, para poder conhecer a famosa megalópole de perto. E, no pouco tempo que está aqui, já tem uma opinião bem clara da capital paulista: ela é um ciclo interminável de amor e ódio. Aqui, céu e inferno andam de mãos dadas e manifestam-se repentinamente.

O primeiro impacto ao chegar a São Paulo foi uma agressão aos seus sentidos: o ar poluído ardia em seus pulmões, os cheiros da cidade deixaram-no atordoado, os ruídos da capital que nunca descansa quase o enlouqueceram. Dante nunca havia experimentado a sensação de cegueira causada pela incapacidade de enxergar o horizonte distante, ocultado por um número absurdo de partículas suspensas no ar. Nem havia lacrimejado involuntariamente, devido a esse mesmo ar poluído.

Por passar sua vida inteira bem próximo da natureza, não estava acostumado à agressão ao meio-ambiente que apresenta uma grande cidade, com crescimento desordenado. Na primeira vez em que viu o poluído rio Pinheiros, um grande mal-estar o atacou, e ficou deprimido por um dia inteiro. Após dois dias de permanência na cidade, seu poderoso corpo passou a assimilar melhor a rudez do cáustico ambiente. O que antes era uma tortura passou a ser simplesmente um desconforto.

Dante está hospedado em um hotel no bairro de Pinheiros. Além de estar a cinco minutos de taxi do local do simpósio, também possui uma boa estrutura de entretenimento. Ficou impressionado como a cidade simplesmente não para, assemelhando-se a um imenso organismo vivo, incansável, indócil. Todos os dias da semana, vinte e quatro horas por dia, há sempre opções do que se fazer por aqui.

Em suas turnês turísticas que antecedem o início do simpósio, procurou visitar os lugares mais conhecidos. Primeiro foi ao bairro do Ipiranga, onde ficou maravilhado com o museu, localizado no também magnífico Parque da Independência. Aproveitando a presença nesse mesmo bairro, conheceu o Aquário de São Paulo, o maior da capital.

Em outro dia, foi até o endereço mais famoso da cidade, a Avenida Paulista. Caminhou por toda a sua extensão, mais curioso do que fascinado. Sentiu-se em uma selva de concreto, mas soube aproveitar o passeio. Viu uma mostra de fotografia no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e conheceu os recursos literários da Casa das Rosas. Buscando uma referência natural, entrou no Parque Trianon, um oásis com trechos remanescentes de Mata Atlântica. Para finalizar esse dia, assistiu a uma peça no Teatro Gazeta, localizado no prédio de mesmo nome.

Quando caminhou pelo centro da cidade, sentiu-se desorientado, em meio ao oceano de pessoas, uma fauna humana de diversidade inacreditável, movendo-se em um ritmo frenético pelas ruas, tal qual um combustível vivo circulando por artérias de asfalto e concreto. Admirado, provou dos muitos paradoxos de São Paulo: miséria humana em meio à riqueza material, solidão e desamparo em um local densamente povoado, indiferença em situações de violência e injustiça.

Dante percebeu que, para conviver com tudo isso, é necessário endurecer o coração, ignorar todo tipo de insalubridade física e mental. Quando adotou essa postura, conseguiu aproveitar melhor o passeio pelo centro. Em seu roteiro, percorreu Vale do Anhangabaú, Largo São Bento, Pátio do Colégio, Praça João Mendes, Praça da Sé. Subindo na torre panorâmica do Banespa, teve uma visão de trezentos e sessenta graus de toda a cidade. Conheceu também a Bolsa de Valores e finalmente, como fã de rock'n'roll e heavy metal, não poderia deixar de ir à Galeria do Rock, onde comprou camisetas, miniaturas, CDs e DVDs.

Na Praça da República, gostou muito das obras de arte que lá são comercializadas, admirando os artistas que, por falta de espaço e opções melhores, precisam batalhar todo o dia por um reconhecimento traduzido em uma pequena quantia de dinheiro. Seguindo em frente, chegou à famosa esquina das avenidas São João e Ipiranga. Parou bem em frente à placa que demarca o local tão citado e enaltecido, olhou ao redor, olhou para a placa, olhou novamente ao redor, e chegou à conclusão de que essa esquina não tem nada de especial. Quando a fome manifestou-se, foi até o Mercado Municipal, para comer o famoso sanduíche de mortadela gigante, e esse sim fez jus à fama.

Nessa visita ao centro, ele também se deu conta de que não é só nas matas que existem predadores perigosos. Por vezes incontáveis, sentiu perto de si o pulsar do coração que precede o ataque e, graças aos seus sentidos aguçados, soube se

desvencilhar dos larápios que infelizmente contaminam a cidade. Também presenciou a prostituição em plena luz do dia, consumo de drogas a céu aberto e a existência de crianças abandonadas à própria sorte. Com tristeza, concluiu que a degradação não toma de assalto somente os antigos prédios e monumentos que deveriam ser respeitados, mas também as pessoas que por aqui lançam dados, apostando a própria vida.

Todas essas memórias são invocadas por Dante no trem do metrô, enquanto não chega à estação Barra Funda. Esta noite, pretende assistir a uma banda de rock em um bar temático, próximo à estação. Acredita ser o programa ideal para fechar o fim-de-semana e recomeçar a semana com as energias renovadas. O trem chega ao seu destino final, e o rapaz pisa na plataforma, procurando pela indicação da saída. O tamanho desse terminal é considerável, e Dante não sabe ao certo qual das saídas utilizar. Como não gosta de perguntar, escolhe a saída do lado oposto dos trilhos e deixa o terminal.

Após caminhar por alguns minutos, percebe que sua escolha foi errônea. Olhando ao redor, vê-se em um quarteirão industrial e raciocina que, em um local com tão pouca iluminação e movimento de pessoas e carros, não é possível haver um bar de rock. Durante o dia, pode até ser que aqui exista alguma movimentação de pessoas que trabalham nestes galpões e prédios comerciais, mas em um domingo à noite tudo está quieto. Ele dá meia-volta e prepara-se para retornar à estação Barra Funda.

Quando reinicia sua caminhada, percebe um trio de pessoas mais à frente, acabando de virar a esquina e vindo em sua direção. São rapazes vestindo roupas iguais, camisas de um time de futebol que Dante não conhece. Ele mantém-se calmo, monitorando disfarçadamente a linguagem corporal deles. Através do olfato, consegue diferenciar, sob o forte cheiro de suor, traços de nicotina e álcool. Os rapazes andam pela calçada, e Dante desvia-se de sua trajetória, passando a caminhar pela rua. E é no momento da aproximação que os três insinuam suas intenções, obstruindo o caminho.

Seus corações estão acelerados, de uma maneira não natural. Quando um deles fica frente a frente com Dante, em uma postura desafiadora, o mato-grossense consegue farejar algo mais, que talvez justifique essa coragem repentina: traços de cocaína. Parando, o rapaz suspira e tenta pensar em uma maneira de se livrar desse pequeno grupo de drogados, sem chamar a atenção, visto que ficou claro o que eles tinham em mente.

– Aí, maluco! Eu tô achando que cê tá usando as cores do nosso time inimigo...

– Deve estar havendo algum engano. Eu não gosto de futebol – Dante tem a voz calma, transparecendo seus sentimentos de maneira fiel, visto que não está

com medo deles.

– Que porra de sotaque esquisito é esse? – fala o outro, com os olhos arregalados, atestando sua loucura.

– Senhores, eu não sou daqui, não quero confusão e já estou de saída – dizendo isso, Dante se prepara para contornar o grupo e seguir seu caminho.

– Você vai ver o que os torcedores dos outros times merecem!

Com isso, um soco é lançado, atingindo a orelha de Dante, já que ele conseguiu se desviar a tempo do golpe que visava o seu nariz. Com o sangue começando a ferver, o rapaz recua rapidamente, afastando-se do ataque do trio, que agora empunha paus e pedras, coletados em meio ao entulho que ocupa a calçada oposta. Sua tolerância a toda aquela estupidez acabou. Se estivesse de bom humor, até tentaria um diálogo com eles. Porém, faz mais de três semanas que não toma a forma de lobo, e isso mexe com seu comportamento. Finalmente, decide o que fazer.

– A sorte está lançada! – exclama o rapaz, dando meia-volta e iniciando uma corrida na direção do final da rua.

Os torcedores começam a correr atrás da sua suposta vítima, acreditando que a frase dizia respeito a ele mesmo. Mal suspeitam que é a sorte do trio que foi lançada, e que acabam de selar seus destinos ao seguir no seu encalço. Nesse instante, a única coisa que têm em suas mentes ensandecidas pela droga é que possuem vantagem numérica, e poderão se divertir mais uma vez espancando covardemente uma pessoa sozinha e desarmada. Ao correr, Dante deu uma chance de sobrevivência a eles. Chance desperdiçada.

Próximo ao final da rua existe um galpão em obras. Dante pula agilmente a fileira de folhas de madeira compensada que serve de tapume, entrando assim no imóvel. Seus perseguidores chegam a esse ponto, chocando-se com as tábuas e derrubando uma delas com pontapés e puxões. Ofegantes, eles entram no local da obra, com pupilas dilatadas não só como consequência da adaptação à escuridão, mas também por causa do efeito da droga.

A penumbra revela formas difusas, fracamente visíveis com a pouca iluminação vinda da rua. Rapidamente, os três encontram armas mais adequadas do que os paus e pedras que vinham trazendo. Um pé-de-cabra, um martelo e uma barra de ferro são adotadas com entusiasmo. Mais confiantes ainda, eles prosseguem rumo ao interior do galpão. Mais adiante, após um lance de escadas e a aproximadamente cinco metros do chão, existe uma espécie de mezanino, onde fica um conjunto de salas que serve de escritório. É numa dessas salas que surge uma luz pálida, proveniente de um pequeno candeeiro a gás.

– Ele tá lá em cima! Acendeu a luz pra procurar uma saída.

– Vamos massacrar esse cara!

Dizendo isso, partem correndo em direção às escadas, e em poucos segundos alcançam o patamar, próximo do qual a luz foi acesa. Por causa da falta de grades de segurança na sacada onde estão, caminham com cuidado pelo chão empoeirado, olhando para dentro das salas abandonadas, verificando se o fugitivo está escondido em alguma delas. Ao que parece, ele está na última sala, a do candeiro. E é para lá que eles se dirigem.

Chegando em frente à porta dessa sala fracamente iluminada, eles param, empunhando suas armas, prontos para o ataque. A fonte de iluminação está posicionada sobre uma mesa encostada na parede à esquerda, espaço onde claramente os funcionários da obra fazem suas refeições. Também sobre a mesa, em um canto perfeitamente limpo, estão as roupas do rapaz, cuidadosamente dobradas.

– Então o veadinho quer trocar a surra por alguns favores sexuais, hein? Ficou peladinho achando que a gente vai ficar a fim? A gente ia só te bater até ficar desmaiado, mas agora a gente vai é matar!

Com grunhidos de aprovação, os valentões começam a procurar dentro do cômodo, de aproximadamente quarenta metros quadrados, em busca de sua suposta vítima. Uma fileira de baias de escritório ocupa o fundo da sala, e com certeza é ali que ele se encontra. Os drogados cercam o local, prontos a impedir qualquer tentativa de fuga e extravasarem toda a sua violência. E é nesse instante que as coisas acontecem em incrível velocidade.

Uma das mesas é erguida e arremessada sobre o agressor mais próximo, atingindo-o na cabeça e deixando-o inconsciente. No ponto de origem do arremesso, ergue-se uma criatura de mais de dois metros de altura, e sua cabeça de lobo-guará rosna ameaçadoramente. “Matar sem unhas, matar sem dentes” – é o único pensamento que passa por sua mente lupina, repetido à exaustão como se fosse um mantra.

Antes dos atacantes conseguirem esboçar qualquer reação, o homem-lobo avança sobre o que empunha o pé-de-cabra, agarra sua face como se segurasse uma bola de basquete, e bate a nuca violentamente contra a parede. Uma, duas, três, quatro vezes. O crânio faz um barulho terrivelmente desagradável ao se fragmentar de encontro ao concreto. A garra mortal solta o corpo sem vida, que desliza pela parede até tombar enrodilhado no chão, como uma trouxa de roupas sujas. A parede está encharcada de sangue, que escorre em profusão, levando consigo pedaços de reboco e massa encefálica.

Enquanto o colega é violentamente assassinado, o último remanescente do trio corre desesperadamente pelas escadas, buscando a saída do galpão. Com a pouca iluminação, o óbvio acontece: ele tropeça no topo da escada e desce rolando

dolorosamente, até chegar ao piso sujo. Ao se levantar, não sente as escoriações decorrentes da queda, pois seu único sentimento é o mais profundo pavor.

Por um segundo, ele nutre uma vã esperança de conseguir escapar, mas a resposta vem do alto. O rapaz em fuga é abruptamente atingido por algo muito pesado e cai, sentindo dores terríveis na coluna. Ao olhar para o que o atingiu, consegue enxergar precariamente o corpo do colega, que fora atingido pela mesa. Sua cabeça está morbidamente torcida para trás, o que atesta que a criatura quebrou o seu pescoço antes de arremessá-lo lá de cima.

Com horror crescente, o último sobrevivente percebe que não é possível movimentar as pernas. Sua medula espinhal foi lesada no violento choque com o cadáver arremessado. Deitado de bruços e chorando copiosamente, percebe que está à mercê da fera, e uma respiração profunda às suas costas denuncia sua chegada. Ele é levantado pelo colarinho da camisa e pelo cós da bermuda, sendo carregado gentilmente até um canto totalmente escuro do galpão.

“Matar sem unhas, matar sem dentes”.

Se conseguisse enxergar na escuridão, o rapaz veria que existe uma caixa d’água de mil litros encostada na parede lateral, utilizada para suprir as necessidades da obra para a massa de cimento. Está com aproximadamente a metade de sua capacidade, e isso é suficiente. O homem-lobo joga o rapaz no interior da caixa d’água e, quando este tenta se erguer, é empurrado para baixo com vigor. Em pânico, seu corpo implora por ar, e a cada tentativa de respiração a água invade dolorosamente seus pulmões. Sua cabeça bate convulsivamente no fundo e na parede interna do recipiente, até seu corpo sofrer um colapso e parar de funcionar.

Está feito. A sorte foi lançada, e três seres abjetos deixam este mundo. O homem-lobo esforça-se para baixar a adrenalina e voltar a raciocinar coerentemente. Agora, é necessário apagar os rastros de sua passagem. Ele volta à forma humana e tira os tênis do morto com o pescoço torcido. Calçando-os, pega algumas camisas de brim que estavam ali perto, utilizadas pelos funcionários da obra para o trabalho, e segue apagando todas as pegadas que deixou no recinto.

Depois disso, subiu até a sala iluminada, vestiu suas roupas, pendurou-se nas vigas metálicas do teto e saiu por uma janela lateral, caindo em um terreno abandonado, que forneceu uma saída pela rua de trás do galpão. Pegou o primeiro taxi que passou, voltando para o hotel. Seus passeios por esta louca cidade acabaram.

Agora, irá descansar e dedicar-se ao simpósio, aguardando apenas o show de uma de suas bandas favoritas, que acontecerá em São Paulo dois dias após o término do evento de geologia. Depois disso, voltará para seu lar. Nada mais o manterá neste lugar.

No dia seguinte, alguns jornais sensacionalistas noticiam a morte de três pessoas no bairro da Barra Funda, em circunstâncias ainda misteriosas. Os rapazes foram identificados, e todos têm passagens pela polícia, por porte de entorpecentes, agressão, vandalismo e assalto à mão armada. As hipóteses levantadas são de acerto de contas entre gangues, traficantes ou torcidas uniformizadas. Tudo leva a crer que, devido ao grau de violência apresentado, eles tenham sido assassinados por um grupo de homens, em maior número que eles. No final das contas, a polícia não mostrará empenho nas investigações e arquivará o caso como não solucionado, afinal são pessoas que não farão a menor falta à sociedade.

A COMEMORAÇÃO

É um dia do meio da semana, aproximadamente três da tarde. De pé no ônibus coletivo, Caroline vê o portão de entrada do Parque Anhanguera mais à frente no caminho, e dá sinal de parada. Ela desce no ponto de parada mais próximo do parque e pega o caminho da entrada. Suas roupas são leves e confortáveis: camiseta de algodão larga, bermuda justa de malha, tênis simples. Traz também como acessórios um boné, óculos escuros e uma mochila pequena, dentro da qual carrega seus documentos, artigos de higiene e uma troca de roupa.

A finalidade deste passeio não é simplesmente visitar o maior parque da cidade de São Paulo. O que a garota pretende hoje é comemorar os bons resultados de seus trabalhos, da maneira que mais gosta: na forma de loba, correndo livremente pela natureza, sem pessoas, fumaça e concreto para atrapalhar.

Seu plano é chegar ao parque como uma visitante comum, seguir discretamente pelas trilhas mais afastadas, e em algum ponto seguro embrenhar-se na mata. Depois do fechamento para o público, pode transmutar-se para a forma lupina e circular pelos milhões de metros quadrados do parque. Suas últimas transformações têm sido aqui, onde se sente segura e realizada. Pela manhã, antes da abertura para o público, ela se esgueira por alguma cerca limítrofe e vai até o ponto de ônibus, para voltar para casa.

Por algumas horas, ela desfruta o resto da tarde nas áreas comuns do parque, visita o orquidário, faz um lanche e caminha pelas trilhas. Quando falta uma hora para o fechamento, inicia-se a segunda parte do passeio, que consiste em entrar sorrateiramente na mata e afastar-se o máximo da área de ronda dos guardas. Só então é que a transformação pode ser efetuada. E a partir daí o passeio fica de fato interessante.

Caroline começa a avançar para fora da trilha, em um local pouco frequentado, e que neste dia da semana está totalmente deserto. As árvores ainda estão um pouco afastadas, e a vegetação rasteira é bem rala. Após transpor uma pequena elevação, a mata começa a ficar mais densa, e a garota passa a gostar mais do cenário. Por diversas vezes, encontrou alguns espécimes da fauna local ainda preservados neste santuário, como tatus, capivaras, preás e gambás. Resistindo à tentação de devorá-los, acabou sempre deixando-os partir. O seu senso de preservação dessas espécies é mais forte que os seus instintos de caçadora.

Hoje, ela acha estranho não ter encontrado nenhum desses animais. O parque já fechou seus portões há mais de uma hora e a noite envolve a mata. Mais um pouco de caminhada, e será possível transformar-se em loba sem correr riscos desnecessários.

Ela agora alcança uma pequena clareira, ladeada por uma estreita trilha, no lado oposto de onde irrompe em sua caminhada. Por causa da ausência de árvores neste espaço, um vento toca seu corpo, e Caroline fica inquieta, pois não gosta de andar a favor do vento, por anular seu recurso do olfato como reconhecimento da área à frente.

Quando chega ao meio da clareira, ela para abruptamente. Pensa ter um vislumbre de luz artificial, em um trecho alguns metros após o início da trilha. Iluminação essa que agora cessou, e em seu lugar, uma brasa diminuta revela-se, aumentando momentaneamente a sua intensidade. A garota percebe que existe alguém fumando ali, e que não havia farejado essa pessoa por causa da direção do vento. Tentando não emitir ruídos, começa a dar passos cautelosos para trás, sem perder de vista a diminuta luminosidade do cigarro. Se estivesse na forma de loba, conseguiria enxergar perfeitamente quem está ali, mas na forma humana os sentidos não são tão aguçados. Seu plano de fuga silenciosa, porém, é frustrado.

– Pode parar aí, gatinha! – a voz ameaçadora é seguida pelo estalo de um revólver sendo engatilhado.

De trás de uma moita à sua direita, surge um homem mal-encarado, apontando um revólver para a garota. Ele estava a aproximadamente dez metros do local da brasa de cigarro, cujo dono surge nesse instante, adentrando a clareira ao mesmo tempo em que liga novamente a lanterna, que havia sido apagada quando ouviu um ruído estranho, alguns segundos atrás. O fecho de luz é apontado diretamente para o rosto de Caroline, ofuscando sua visão. Percebendo que o risco de reagir é muito grande, por não enxergar nada e por estar vulnerável em sua forma humana, decide tentar um diálogo.

– Não quero atrapalhar vocês, seja o que for que estejam fazendo. Só quero seguir meu caminho, porque tem uma galera me esperando – nenhum medo transparece em sua voz.

– Cê acha que a gente é trouxa? – diz o bandido com a arma. – Uma gostosa que nem você andando no meio do mato à noite, só pode estar atrás de uma coisa!

De forma rude, ele aproxima-se por trás dela, encostando o cano do revólver na sua têmpora e passando o braço livre pela sua cintura, puxando-a para si. A garota pouco pode fazer, pois se o gatilho for puxado, o tiro será fatal. A mão dele começa a percorrer suas coxas, passando depois para os seios. Caroline nunca se sentiu tão vulnerável em sua vida, e percebe que está prestes a sofrer a maior violência que pode ser imposta a uma mulher.

– Junta as paradas que a gente tava conferindo, porque isso fica pra depois. Agora, vamos dar um rango nessa vagabunda aqui!

O bandido com a lanterna afasta-se para perto da trilha, e começa a guardar em duas mochilas um amontoado de objetos que estavam espalhados no chão,

sobre uma toalha de praia: celulares, relógios, correntes e pulseiras de ouro e uma quantidade considerável de dinheiro, tudo produto de roubo a mão armada. Tirando a mochila de Caroline, o indivíduo armado grita algumas ordens:

– Tira a roupa! Agora! – uma coronhada no topo da cabeça dela mostra que é melhor colaborar.

Tremendo, ela despe-se, sentindo-se muito mal com a sensação de ser um simples pedaço de carne prestes a ser servido a predadores sanguinários.

– Agora deita no chão!

Tanto a arma quanto a lanterna permanecem apontadas para o seu corpo, e os bandidos mostram-se calmos e donos da situação. Não deve ser a primeira vez que praticam estupro. Precisa colaborar, e sua mente voa, buscando alguma estratégia para reverter essa situação. Enquanto isso não ocorre, a melhor ação é fingir uma fragilidade que ela não tem, e deixar o medo autêntico que sente agora transparecer. Ela se deita de costas sobre a relva.

O bandido posiciona a lanterna no chão, de maneira a manter o foco na garota. Em seguida, segura os pulsos da vítima, forçando seus braços para cima, para que fique com os membros superiores imobilizados. O do revólver se ajoelha, soltando o cinto da calça jeans, abaixando-a até o meio das coxas, pronto para praticar o violento ato libidinoso. Ele solta a arma, segurando as pernas de Caroline, abrindo-as amplamente e acreditando que aquele tipo de mobilização seria suficiente. É nesse momento que ela reconhece a chance que vinha procurando.

Com uma força acima da que é apresentada normalmente por mulheres comuns, ela trança as pernas ao redor da cintura do estuprador, impedindo-o de sair dessa posição. Ao mesmo tempo, suas mãos seguram firmemente os antebraços do outro bandido. E a transformação se inicia.

Sem acreditar no que enxergam sob a luz precária da lanterna, os dois sentem o corpo da mulher se contorcer, esticar e tomar uma nova forma. O que tem os braços seguros entra em desespero quando sente as mãos dela crescerem, tornando-se mais ásperas e aumentando a pressão do aperto. O que está envolvido pelas suas pernas tenta empurrar o tórax dela para escapar, começando a chorar ao sentir pelos grossos crescendo por todo o corpo da garota, gerando imensa aflição.

Ao final da metamorfose, eles já não sentem a dor do aperto da fera, porque um horror indizível entorpece seus sentidos. A mulher-lobo sente-se responsável por punir adequadamente esses dois, em nome de todas as mulheres que já sofreram esse tipo de agressão covarde e imunda. Ela guarda uma certeza: eles não morrerão rapidamente. De resto, a poderosa criatura sabe bem como improvisar.

Soltando uma das garras que prendia o braço do agressor, desfere um violento golpe na face do bandido que prende entre suas patas traseiras, perfurando

seus globos oculares. Ele leva a mão aos ferimentos, gritando como um possessor. A mulher-lobo solta-o, pois na condição em que se encontra, não conseguirá ir muito longe.

Rolando agilmente seu corpo para o lado e apoiando-se sobre três patas, fica de frente para o outro, agora com o braço torcido. Ele cai sentado, golpeando-a alucinadamente com as pernas. Com um urro e uma rápida mordida, ele tem sua bochecha esquerda totalmente arrancada, expondo partes do seu maxilar e de sua arcada dentária. Em estado de choque, ele para de se debater e olha atônito para o sangue que escorre abundantemente pelo seu pescoço, encharcando sua camisa. De repente, vê-se livre da fera, que não está mais no alcance da sua visão. E aproveita para correr.

O homem com os olhos vazados vaga a esmo pela paisagem noturna, em meio a tropeções e encontrões. Uma dor profunda pulsa em seus olhos, mas ele ainda não tem consciência da gravidade dos ferimentos. A única coisa que tem em mente é escapar daquele demônio que o atacou. Após cair novamente sobre o terreno irregular, ouve algo que não gostaria: um rosnado baixo, bem ao lado do seu ouvido esquerdo. Desajeitado, tenta se levantar, falhando ridiculamente. O máximo que consegue é cair sentado dolorosamente sobre algumas pedras pontiagudas, com as costas apoiadas sobre um tronco irregular de maneira desconfortável.

Seu coração parece que vai explodir quando sente uma saliva viscosa e quente cair sobre sua cabeça. Abruptamente, seus pés são puxados para cima, e sua nuca bate contra o chão, desorientando-o ainda mais. Na sequência, seus tendões de Aquiles são dilacerados por presas inclementes. Um novo pulso de dor e desespero atinge seu cérebro, e novamente ele grita de maneira ensandecida. Se ainda tivesse olhos para enxergar, notaria que a criatura não está mais ali. Mas isso não faz diferença, porque ele acaba de ficar impossibilitado de caminhar.

O homem com o lado esquerdo da face arrancado corre pelo matagal, sem ter a mínima noção da direção que segue. Também não faz ideia de quanto tempo já se passou desde que começou sua fuga. As únicas coisas de que tem consciência são a dor insuportável no rosto e a exaustão de seu corpo, ocasionada pela corrida desenfreada. Sem forças para continuar, atira-se sobre o mato, na esperança de não ser notado. Um uivo a poucos metros de distância mostra que esta noite não trará o último desejo a um condenado.

O lobisomem surge como um anjo da morte, pairando sobre o corpo trêmulo do estuprador. Ele fecha os olhos, implorando por uma morte rápida, que o liberte de todo aquele sofrimento. Mas Caroline tem planos de vingança que não contemplam rapidez nem alívio. Uma garra segura um dos pés do bandido, a outra fecha-se sobre o joelho da mesma perna. São necessárias apenas duas mordidas na

altura da canela para provocar a avulsão desse membro. Entre o som estridente de gritos de horror e o debater frenético do corpo da vítima, o mesmo é feito com a outra perna.

São necessários cinco minutos, carregando o maldito indivíduo pela mata, para que a mulher-lobo alcance o trecho onde seu comparsa se contorce de dor. Agora, tem diante de si dois corpos sangrentos, incapazes e ainda vivos. Chegou a hora de extravasar toda a fúria que estava represando.

Tomado de pavor, o bandido que ainda tem os olhos vislumbra na escuridão uma cena terrível, da qual não consegue desviar o olhar. O monstro arranca as roupas do outro homem, trazendo-o para bem perto deste infeliz espectador. Quando tem a certeza de que ele está assistindo a tudo, move sua garra ameaçadora até a região do órgão sexual do cego, arrancando-o com vigor. O outro homem grita, e seus lamentos são abafados quando a criatura enfia o órgão em sua boca, fazendo-o tossir e engasgar.

Paralisado de medo, o homem que teve partes das pernas arrancadas vê o vulto lupino avolumando-se sobre si. Instintivamente, percebe que sua punição será ainda mais severa, e tem razão. A mulher-lobo segura o que restou de uma das pernas, forçando-a desconfortavelmente para cima, posicionando-o assim deitado de lado, com as pernas bem abertas.

"Você experimentará agora o inferno. Sinta toda a agonia de ter suas entranhas violentamente invadidas por um monstro desumano!" – são os pensamentos da fera, que urge por vingança.

Apontando a garra livre, posicionada como se fosse uma espátula, para a região logo abaixo do saco escrotal, a fera começa a rasgar a pele lentamente. O bandido berra e se debate desesperadamente, mas isso só piora os danos que está sofrendo. Para cada penetração destruidora e dolorosa da terrível garra, um violento recuo, encharcado de sangue e pedaços de órgãos internos.

Esse tenebroso vai-e-vem causa imensos estragos no corpo do estuprador, pois a cada avanço a profundidade do golpe aumenta. Para sua infelicidade, a morte acolhedora demora a requisitá-lo. Segundos agonizantes arrastam-se para o homem, momentos de compensação para todo o mal que já causou. A vida somente abandona sua carcaça amaldiçoada quando o coração é despedaçado.

Notando sua morte, a mulher-lobo recua um pouco, arfante, olhando para os corpos caídos diante de si. A vingança da mulher foi consumada, mas a fúria lupina ainda não foi aplacada. Chegou a hora de extravasar toda a violência insana que há anos vem sendo represada pela garota. Que a loba destroe estes frágeis corpos humanos até conhecer os limites de seu poder destruidor. Um uivo prolongado marca o ponto em que a irracionalidade é posta em liberdade.

Após uma hora de fúria incontida, aquele trecho da mata está forrado com uma massa sangrenta e disforme. A loba, ofegante e cansada, retorna ao seu estado original de consciência. Toda a sua raiva foi descontada sobre os corpos daqueles infelizes, e isso fez muito bem a ela. Agora é necessário tentar apagar os rastros daquele ataque.

Um grande buraco é cavado em um ponto do solo com menos raízes e pedras, e todos os restos mortais são ali depositados. Caroline fecha o buraco e deposita algumas pedras, folha e galhos por cima, procurando disfarçar um pouco a cova improvisada. Em relação ao sangue, a natureza se encarregará de apagar essas pistas. Para finalizar, a criatura destrói a trilha próxima àquele local, derrubando árvores e pedras sobre ela. Apesar de ser muito pouco frequentada, é melhor garantir que ninguém passará por ali, até que os rastros de violência sejam apagados com o tempo.

Farejando o ar, ela encontra um pequeno curso de água, onde se lava após voltar à forma humana. É muito mais fácil banhar-se com um corpo menor, no qual os pelos escasseiam. Após retirar todos os resquícios de sangue, terra e tecidos humanos, sentindo um imenso alívio por isso, recolhe suas roupas e coloca tudo dentro da mochila. Quanto ao revólver e ao produto dos roubos, isso não é responsabilidade sua, ficará tudo por ali mesmo.

Tomando novamente a forma de loba, segura a mochila entre os dentes e inicia uma corrida entre a vegetação. Ainda vai percorrer alguns quilômetros de mata, no sentido noroeste, até alcançar o bairro de Perus por trilhas desertas, onde finalmente assumirá a forma humana, vestirá as roupas de reserva que tem na mochila e embarcará no primeiro trem, de volta para casa.

VISITANTES NA AMAZÔNIA

A camionete de cabine dupla para. O trajeto foi desgastante, desde o aeroporto de Oriximiná até a cidade de Prainha (Pará, Brasil), pouco menos de trezentos e cinquenta quilômetros, levando quase um dia de viagem. Quando os ocupantes alcançaram o último trecho, na rodovia PA-254, parecia que o limite da sua resistência havia sido atingido. As condições da via não pavimentada são péssimas, como acontece com muitas rodovias do Brasil, e isso minou mais ainda o ânimo dos passageiros.

No estacionamento do humilde local de sua hospedagem, o sexteto desembarca do veículo alugado e apanha suas bagagens e equipamento. São quatro homens e duas mulheres, que chegaram ao Brasil como uma equipe de documentaristas da Holanda, fazendo um trabalho sobre as cidades do interior da Amazônia. Na verdade, todos possuem passaportes e identidades falsos, e a finalidade da sua visita ao Pará é outra. Eles porão em prática um plano de massacre. Eles são da organização Green Death.

Essa organização ecoterrorista acredita que a destruição da natureza deve ser combatida com violência. Apesar de valorizarem e respeitarem entidades como o Greenpeace e seus similares, preferem empunhar cabeças decapitadas ao invés de cartazes de protesto. Para eles, o recado é mais enfático quando é escrito com sangue e emoldurado por cadáveres dos depredadores.

Suas operações clandestinas são meticulosamente disfarçadas. Agem sob o auxílio de diversas outras organizações legítimas, que dão cobertura no que for preciso, gerando álibis e mascarando fatos, prejudicando assim as investigações de seus atos. Seus integrantes chegam aos locais dos ataques como jornalistas, documentaristas, ONGs de ajuda humanitária, entre outros. A estratégia é sempre a mesma: chegar ao local com tudo planejado, assassinar, destruir e desaparecer.

A vinda deste grupo ao Pará faz parte de um plano maior, e esta estada no Brasil é o golpe final em uma série de morticínios perpetrados pela Green Death, contra uma grande madeireira da Ásia. Já houve ataques em áreas de extração de madeira da empresa no Vietnã e em Papua-Nova Guiné, mas nenhuma delas se compara ao que está sendo feito na Amazônia. Ao contrário dos outros lugares, que quase esgotaram seus recursos, o “pulmão do planeta” ainda tem muito a oferecer aos destruidores, e poucas ações de combate são apresentadas pelo governo brasileiro, seja por incapacidade, seja por puro descaso.

A maneira como a organização chegou às informações privilegiadas, referentes à localização dos pontos de extração ilegal dessa empresa no mundo, não foi nada ortodoxa. Um alto executivo da madeireira foi sequestrado pelo grupo

durante suas férias na Tailândia, e durante três dias foi torturado, para que confessasse todas as principais ações da empresa. Após a checagem das informações, ele foi executado e sua morte foi arranjada como um acerto de contas de traficantes tailandeses. Como era dado a excessos de drogas e sexo durante suas horas livres, o alto escalão da empresa não desconfiou de nada, e tratou de encobrir os fatos junto à imprensa local.

Essas informações serviram de base às operações do sexteto. Todos são tratados pelo codinome, pois nesta organização o indivíduo não é importante, apenas o trabalho em grupo que viabiliza seus atos. Os membros da Green Death que acabam de chegar a Prainha são o grego Shadow, os holandeses Brain e Forest, a croata Night e os noruegueses Berserkr e Fênix. Os quatro primeiros são ômega, que não possuem capacidade de transformação, mas mantêm sentidos mais aguçados e capacidade de comunicação mental. Os dois últimos são os irmãos lobisomens que, há nove anos, abandonavam uma cabana em chamas em seu país natal.

Berserkr, sendo o lobo alfa do grupo, comanda as operações. Além desta atividade, acumula outras duas: agente de campo nos ataques e mentor de sua irmã, que ainda não apresenta controle total de sua forma lupina, apesar de ter evoluído consideravelmente nos últimos anos. Eles dois serão os algozes nesta missão. O resto do grupo será responsável pelo suporte à dupla, e também por disfarçar sua presença ali, prosseguindo naturalmente com as atividades de documentário. O vínculo mental entre eles é forte, pois já estão treinados a atuar em grupo, e suas mentes estão abertas ao reconhecimento entre si.

No interior da casa afastada que serve de pousada ao grupo, eles conversam em norueguês, um idioma que acreditam trazer certa privacidade no território brasileiro. Esta noite, após o jantar, a primeira fase do plano será colocada em prática. Os últimos preparativos são feitos, os papéis definidos e os pontos de encontro demarcados.

– Partiremos com a camionete de volta pela PA-254 na direção noroeste, simulando algumas tomadas de câmera na mata ao final da tarde – coordena Brain.

– No meio do trajeto, deixaremos vocês dois em um trecho da rodovia com mata densa, para que possam penetrar nessa vegetação e efetuar o trabalho de rastreamento das áreas de ação da madeireira clandestina.

– Apesar de nossas fotos de satélite exibirem diversas clareiras na região, infelizmente não é possível definir onde é a área exata em que estão trabalhando no momento – falando isso, a croata espalha algumas imagens impressas pela mesa. – É triste dizer, mas esses focos de destruição das florestas se espalham como um câncer. Ao que parece, esta é uma região onde o governo brasileiro não tem muita atuação na prevenção do desmatamento.

– Esses incompetentes dão prioridade a cidades maiores, como Santarém, Belém e Paragominas. Nelas, há mais imprensa para cobrir suas “ações bem-sucedidas” de combate às madeiras – Berserkr vocifera com nervosismo. – Lugares mais afastados como este estão totalmente à mercê dos depredadores. Segundo o relato do torturado, existem pelo menos cinco pontos de extração nesta área, agindo impunemente devido ao pagamento de propinas. Temos de minar suas forças e espalhar um pouco de terror.

– Acredito que os três pontos de ação, que escolhemos deste lado do rio, cumprirão bem esse intuito. Deixando a quantidade certa de testemunhas vivas, o terror que plantarmos florescerá de maneira magnífica.

– Com certeza, Brain. Eu e minha irmã penetraremos na mata, na proximidade de algumas estradinhas clandestinas, que com certeza levarão a algum ponto de extração ilegal. Faremos um reconhecimento do perímetro, para mapear os locais com traços de presença humana, e atacaremos o mais próximo. Após isso, avançaremos na direção sul, rumo ao rio Amazonas, onde o transporte das toras de madeira é feito por alguns de seus afluentes. A meta é atingir três alvos nessa travessia do terreno, iniciando à noite e concluindo no início da manhã seguinte.

– Manteremos as aparências de documentário, utilizando um guia local durante toda a noite. Quando retornarmos pela manhã, nós o liberaremos e partiremos ao local definido, nos limites de Prainha, para apanhá-los – complementa Forest, o motorista.

– Havendo algum imprevisto, lançaremos um sinal mental característico de perigo. Não tentem nos alcançar nesse caso, pois esta floresta é muito traiçoeira, além do clima não ser dos mais amigáveis para nós – o grupo acena em sinal de compreensão às palavras de Berserkr, pois todos estranharam muito o sufocante clima úmido e quente da região. – Sem estar na forma lupina, é muito difícil fazer frente a esses obstáculos.

– Sim, devemos ter humildade para reconhecer a grandiosidade da natureza que nos rodeia, e aceitarmos nossas restrições – complementa Shadow. – Nosso inimigo é o ser humano, e não o meio-ambiente.

– Descansemos agora, pois nossa noite será longa.

Com exclamações de aprovação, os membros do grupo seguem para seus cômodos. Berserkr deita-se em sua cama, orgulhoso de ver que o sonho maluco de um jovem homem-lobo, iniciado há vinte anos com meia-dúzia de apoiadores, tornou-se uma grande organização, que tem o apoio de milhares de colaboradores de todo o mundo, recebendo anualmente milhões de euros em doações, de pessoas que acreditam que a força bruta tem melhores resultados contra pessoas desalmadas que só buscam o lucro, esquecendo-se das futuras gerações.

Dois grandes lobisomens cinzentos correm pela mata. O sol já se escondeu e a noite tropical cai densa, trazendo a escuridão e a sinfonia dos seres notívagos. Na trilha dos lobos noruegueses, porém, um silêncio sobrenatural impera, quebrado apenas pelo som de suas respirações e pelos galhos e folhas amassados sob suas poderosas patas. Berserkr fareja atentamente, parando vez ou outra para definir qual direção tomar. Fênix limita-se a seguir os passos do irmão, pois sua mente turva é incapaz de ir além disso.

O norueguês possui total controle de sua forma de lobo, o que faz com que consiga raciocinar claramente, mesmo estando incorporado em uma poderosa máquina de matar. Já Fênix, talvez por causa de sua recusa em assumir sua natureza nos primeiros anos em que esta se manifestou, continua sendo um ser semi-racional na forma lupina. Os instintos ainda sobrepujam o raciocínio humano da fera, e em muitas situações ela vê-se praticando atos de pura brutalidade, sem ter noção disso.

Berserkr, ao assumir a responsabilidade de trazê-la para a sua causa e de ser seu mentor, não fazia ideia de que os bloqueios que ela impôs a si mesma eram tão fortes e persistentes. Mesmo assim, nunca desistiu de sua missão, e tem colhido frutos no decorrer dos anos de treinamento, mesmo que discretos. A mulher-lobo, que antes era uma besta irracional descontrolada, adquiriu aos poucos um modo rústico de raciocinar e de reconhecer comandos mentais. Ainda demanda atenção no campo de batalha, pois nem sempre compreende a maneira correta de agir nele. Por causa disso, o homem-lobo é mais direto e enfático ao se dirigir à irmã.

“Pare e preste atenção”. Ele já está sobre duas patas, e vira-se para trás para encarar a irmã, que locomove-se lentamente sobre as quatro patas, farejando e olhando ao redor. O homem-lobo já vinha sentindo ferimentos profundos na terra na última hora de ronda, mas somente agora teve indícios de presença humana. A pouco mais de um quilômetro a oeste, seus instintos apurados detectaram, em meio ao oceano de ruídos da mata, sons de geradores e odor de suor humano e cigarro. Este é o momento de passar a agir de maneira mais sorrateira. O alvo foi localizado.

“Iremos por aqui. Silenciosamente. Somente ataque quando eu mandar. Entendeu?” Berserkr segura o focinho da irmã, olhando em seus olhos. Já sobre duas patas, o olhar que ela apresenta é de um ser irracional, que entende apenas os atos, e não as palavras proferidas mentalmente. “Entendeu?” - desta vez, ele é mais rude, pois essa tem sido a última maneira de se fazer compreender. A resposta é quase um sussurro mental, emitido por ela de maneira quase imperceptível: “sim”.

Ambos partem então em direção ao local do ataque. É inacreditável como seres desse tamanho conseguem mover-se por uma vegetação densa tão silenciosamente. Mesmo assim, os seres da noite afastam-se do seu caminho, pois sabem identificar poderosos predadores como estes. Apenas os seres humanos são incapazes de reconhecer um poder maior que o seu quando este se aproxima. Isso será uma desvantagem imensa para os trabalhadores que dormem no alojamento improvisado do local de extração de madeira.

Margeando a grande clareira, os lobos observam a escuridão ao redor. Caminhões e máquinas de devastação encontram-se estacionados à sua esquerda. Próximo deles, um pequeno galpão serve como dormitório, pois o horrível cheiro humano é pungente ali. À direita, uma quantidade absurda de toras de madeira está empilhada, pronta para ser transportada. Seu número deve estar na casa dos milhares.

No lado oposto da clareira, geradores alimentam pontos de iluminação, postados na direção de uma estradinha de terra irregular, que os guardas acreditam ser o único caminho de entrada. Por conta disso, os quatro homens armados que ocupam esse posto encontram-se espalhados por essa entrada, movimentando-se vez ou outra, fumando seus cigarros e comunicando-se pelo rádio. Estão todos relaxados, pois as noites têm sido bem tranquilas para eles. Até agora.

Berserkr já tem uma estratégia bem definida. “Siga-me e faça como eu fizer.” Após ter certeza de que o comando foi compreendido pela irmã, adentra a clareira galopando insanamente, seguido por Fênix, em uma velocidade indescritível. Se alguém estivesse ali para presenciar essa cena, diria simplesmente que vislumbrou de maneira débil duas sombras acinzentadas atravessando toda a extensão do acampamento, chocando-se quase instantaneamente com os guardas. Pois foi exatamente isso que aconteceu.

O guarda que estava mais próximo dos geradores virou-se na direção do alojamento, mais sentindo do que ouvindo os lobos. Com uma garra trespassando-lhe o peito, sequer teve tempo de ver o que o matou. No exato momento em que Fênix mata a primeira vítima da noite, Berserkr pula no pescoço do segundo guarda, mordendo-o e sacudindo o focinho até decapitá-lo. Mais um que tomba sem ter chance de vislumbrar seu assassino. Sem perder tempo, o homem-lobo segue pela estrada em plena velocidade, onde consegue visualizar o próximo inimigo.

Vindo de uma curva, o homem caminha em direção à entrada da clareira, e utiliza o rádio para tentar contatar os companheiros, pois acredita ter ouvido um estranho estalar a poucos metros. Não teve tempo de guardar o rádio e empunhar a arma, pois o ataque do homem-lobo foi preciso. Primeiro, uma poderosa mordida inutiliza seu braço direito, e em seguida seu coração é arrancado da caixa torácica

pelas garras da criatura. Berserkr estranha a ausência da irmã, mas não tem tempo para se preocupar com isso. Ainda resta um vigilante, e ele tem de ser eliminado antes de acordar o resto do acampamento.

O último guarda está tenso. Ele é o vigilante mais afastado da clareira, e encontra-se a duzentos metros dos geradores, em um ponto estratégico no alto de uma árvore, de onde consegue vigiar boa parte do restante da extensão da estradinha. É ele a primeira pessoa a avistar intrusos, e nunca esperaria receber um sinal de rádio de um de seus companheiros, suspeitando de algo. Ele tenta visualizar seus colegas, mas uma curva do caminho impede que consiga enxergar o último trecho de estrada de terra, inclusive o local de trabalho do resto do pessoal.

Tendo-se mostrado completamente inútil a utilização de seu rádio, ele desce de seu ponto de observação e caminha de volta ao local do desmatamento. Seu fuzil está engatilhado e pronto para ser usado, seus músculos estão tensos, e ele tem medo até de respirar. Pensa consigo mesmo que, se algum de seus colegas se dirigir a ele neste momento, é bom que se identifique à distância, senão vai morrer cravejado de balas. Em meio ao silêncio da noite, caminha até passar a curva da estrada. Poucos metros à frente, percebe o colega sentado à beira da estrada, com as pernas abertas, encostado a uma árvore. Antes de se aproximar para verificar o que há com ele, ouve um ruído estranho, que realmente não gostaria de ouvir naquele momento: o som de algo sendo devorado.

Olhando para o final da estrada, percebe que existe um animal abaixado sobre um dos guardas, enquanto outro está caído em meio a uma poça de sangue, um pouco mais perto. Por um instante, ele se pergunta que tipo de bicho é aquele que está ali, parecendo-se com um cachorro, mas muito maior. Não interessa, o animal não notou sua presença ali. Sem tirar os olhos da cena que desenrola-se na entrada da clareira, ele move-se lateralmente, abaixando-se em seguida para tocar o guarda que está sentado, na tentativa de ver se ele está morto ou somente inconsciente.

Ele toca o seu braço, quente. Isso é bom sinal. À distância, o bicho continua seu banquete. Seria impressão sua, ou o braço do colega realmente parecia ser mais peludo do que deveria? Estaria ele tão obcecado com o cachorro-do-mato ali à frente, que imaginava a textura de seus pelos sob o toque da sua mão? Relaxando um pouco o braço que segura a arma, ele olha para o lado, na direção do braço que segura, e a iluminação do caminho permite a ele visualizar uma extensão coberta de fios com vários tons de cinza. Sua mão automaticamente solta o poderoso braço que segurava. Em seguida, tudo o que vê são presas terríveis, e então a escuridão total. Tudo isso aconteceu em um segundo.

Após matar o último guarda, Berserkr caminha de volta. Sua investida inicial foi bem-sucedida. Foi rápida, e nenhum tiro ou alarme foram disparados. A única

falha foi Fênix, novamente. Mais uma vez, a luxúria de carne e sangue turva seus sentidos e embota seu raciocínio. Isso deve acabar. De maneira rude, ele tira a irmã de cima da carcaça sangrenta do homem. Ao esboçar um início de reação, a mulher-lobo recebe um golpe fulminante no focinho. “Esqueça a carne e lembre-se da missão”. Cada palavra de Berserkr é pontuada com um solavanco das garras que seguram o pescoço dela.

Nesse instante, ele percebe que as pessoas do alojamento começam a despertar, devido ao barulho excessivo que eles acabaram fazendo. As reprimendas à sua irmã devem ficar para mais tarde, pois eles precisam agir imediatamente. “Vamos”, diz ele pela comunicação mental, já partindo em direção ao alojamento. Fênix, parecendo acordar de um transe, segue o irmão em um galope veloz. Ainda há muitas vidas a arrancar esta noite.

Vinte e três pessoas estavam dormindo no barracão. Mais da metade já se levantou de suas redes, e todos dirigem-se para a saída da construção. Repentinamente, um imenso lobisomem arranca a porta de madeira e irrompe violentamente, derrubando com golpes mortais os primeiros homens que encontrou à sua frente. Vendo isso, quem estava mais ao fundo mudou de direção, encaminhando-se para uma janela lateral. Os três primeiros a pular a janela encontraram um destino igualmente terrível: Fênix estava postada ali, dilacerando prontamente as gargantas que surgiram.

E assim instaurou-se o pânico entre os sobreviventes. Junto à porta principal, a morte cinzenta na forma de uma besta infernal, matando com uma precisão assustadora. Entrando pela janela, uma horrível cópia da fera, com sede de sangue e brutalidade redobradas, não permitindo o mínimo esboço de reação. Alguns homens, em meio ao caos sangüinário e desesperançosos, começam a entoar afobadamente uma última prece. Suas vidas são arrancadas bruscamente, antes que as preces sejam concluídas.

Após poucos minutos de ação, não resta um único ser humano vivo neste local de destruição da natureza. A primeira fase do plano está concluída. Agora Berserkr pode tomar uma providência. Aproximando-se de Fênix, que prepara-se para iniciar um novo banquete com a carne fresca que tem diante de si, levanta-a do chão e a arremessa pela janela, fazendo-a bater violentamente contra a carroceria de um caminhão, que estava estacionado ali. Uma lição deve ser aprendida neste momento.

Ela é surrada de forma inclemente, enquanto algumas lições básicas de comportamento são vociferadas em sua mente. Berserkr está farto da sua falta de capacidade de aprendizado, e começa a se dar conta de que isso é uma atitude voluntária. Hoje, essa má-vontade será arrancada da maneira mais dolorosa possível. Ele não matará a irmã, tampouco a deixará incapacitada, mas chegará

bem perto disso. Não haver capacidade para aprender e progredir é uma coisa. Porém, como é o caso de sua irmã, ter essa capacidade e lutar para não fazer uso dela e tornar-se uma medíocre, é uma ofensa que Berserkr não irá mais tolerar. A fraqueza humana de colaborar para a mediocridade alheia será abandonada. Agora, entra em ação a lei mais primordial da natureza: somente os fortes sobrevivem.

Quando os urros de ódio são substituídos por rosnados de revolta, transformando-se finalmente em ganidos de humilde compreensão, Berserkr para. Agora, sua irmã compreende a responsabilidade que carrega consigo. Sua conscientização acabou sendo talhada sobre seu corpo, e da pior maneira possível. Esse foi realmente o último recurso a ser utilizado, e o homem-lobo está realmente mal por ter de lançar mão desse procedimento, sente-se como um desprezível humano domador de feras. Mas agora está acabado.

Fênix levanta-se e encara o irmão. Um olhar de compreensão, comprometimento e um leve traço de agradecimento preenche seus olhos. Sua voz mental é clara e firme, como nunca antes havia sido. “Agora tenho consciência de meu papel. Sigamos então para o próximo passo.” O homem-lobo olha para o céu e fareja o ar, buscando se orientar. “Sigamos farejando rumo ao sul, sem descanso. A chuva apagará nossos rastros.”

E assim, ambos seguem em disparada na direção definida, pois ainda há muito a fazer nesta noite. Apesar da previsão do tempo para os dois próximos dias ser de sol e calor, uma chuva torrencial castiga a mata. Os seres humanos tentam prever o comportamento da natureza com cálculos, leituras e caríssima tecnologia de ponta. Para os animais, incluindo-se aí os homens-lobos, basta fazer uso do fabuloso conjunto de sentidos e instintos com os quais foram agraciados, e a precisão será total. Eles têm plena consciência de que a natureza deve ser compreendida, e não controlada.

GREEN DEATH: SEGUNDO ATAQUE

A chuva torrencial dá uma trégua. Joanderson acende um cigarro de palha e sai para a pequena varanda do barraco de madeira. Ele olha ao redor, para a floresta que o envolve na madrugada. São duas da manhã, e ele não consegue conciliar o sono. Não sabe ao certo o motivo, mas desconfia que pode ser peso na consciência.

Por muitos anos trabalhou com agricultura e pesca, mas ultimamente esse tipo de atividade mal-remunerada não tem sido suficiente para sustentar a esposa e os sete filhos, mesmo colocando quase todos para trabalhar. Neste lugar esquecido por Deus, a exploração da mão-de-obra é uma triste realidade.

Foi quando surgiu a oportunidade de trabalhar na madeireira, no ano passado. Alguns homens apareceram no vilarejo, com jeito de jagunços a mando de algum coronel poderoso, oferecendo emprego em uma empresa estrangeira que estava iniciando suas atuações na região. A remuneração era muito boa, comparada ao salário de miséria que tinha então. Joanderson aceitou, e a sensação foi de vender a alma ao diabo.

O homem humilde viu-se abrindo mão de tudo o que prezava, em troca desse dinheiro. Iria se separar da família, pois as atividades que passaria a desempenhar ocorreriam em locais afastados da floresta. Esqueceria do profundo amor que sentia pelo meio-ambiente em que nasceu e foi criado, pois uniria suas forças a destruidores da natureza, praticantes de desmatamento ilegal. E, por fim, abdicou da sua liberdade, porque a vigilância sobre os funcionários dessa empresa é muito rígida, para evitar delatores.

Deslocando-se agilmente pela floresta, os dois lobisomens seguem em sua incansável marcha rumo ao próximo local de ataque. A chuva foi um alívio para seus corpos ainda não totalmente adaptados ao clima da região. Além do calor sufocante, com o qual não haviam tido contato anteriormente, a adrenalina ativada com a matança também aumenta a temperatura corporal. Apesar de estarem na mata fechada, a chuva é tão forte que consegue atingi-los com vigor, mesmo assim.

Por um bom tempo, a umidade do ar impediu-os de farejar à distância, o que fez com que perambulassem a esmo pela mata. Com o fim da tempestade, tornou-se possível apurar o faro e identificar outro local de presença humana. Uma nova rota foi definida, e outra vez os irmãos rumam em direção a um novo ponto de ataque, carregando toda a fúria que um emissário da vingança pode oferecer.

Olhando para a irmã, Berserkr nota que sua concentração melhorou. Ela não parece mais um cachorro bobo passeando pelo parque. Também demonstra estar

mais consciente de seus atos, usando seus sentidos ao invés de simplesmente segui-lo às cegas. O único ponto negativo é que ainda não estabeleceu nenhum tipo de comunicação com ele. Ao que parece, ainda está abatida após a última reprimenda que sofreu.

Isso agora não tem importância. O cheiro de cigarro revela que, além de estarem bem próximos do acampamento, existe alguém acordado a esta hora. Já é visível o campo aberto que é palco para outro ponto de desmatamento. “Vamos nos aproximar silenciosamente agora” – é o comando de Berserkr para Fênix. Em minutos, novos cadáveres mancharão o solo amazônico.

Outra tragada e a expulsão da fumaça através de um suspiro desconsolado. "O que me tornei?" – é a pergunta que o persegue. A cada árvore derrubada, um pedaço dele morre junto. A visão de uma clareira, crescendo como um câncer em um local onde antes reinava o verde exuberante, agride seu coração como uma faca flamejante. Joanderson é um homem profundamente triste.

Até mesmo seus filhos deixaram de ser motivo de orgulho. Seis deles são homens, os quais não vê mais, por estarem dispersos pela região lutando honestamente pelo próprio sustento em trabalhos extenuantes. A filha caçula, recém-chegada à adolescência, única mulher e motivo de alegria para a mãe, infelizmente nasceu com problemas mentais, segundo a percepção do pai.

Desde a mais tenra infância, mostrou que era uma criança diferente. Nunca apreciou a companhia de outras pessoas, frequentemente evitando qualquer contato humano, como se fosse um animalzinho selvagem indomesticável. Com muita insistência, falava com a mãe, por ser ela a única pessoa da família que se esforçava ao máximo para tirar a menina desse mundo particular.

Nazaré (nome de batismo escolhido em homenagem à santa padroeira do Pará) sempre foi apegada ao pai, apesar dele nunca ter paciência com o seu jeito de ser. Amaldiçoava sua falta de sorte, e se perguntava o que fez para merecer uma filha "com atraso mental", segundo suas próprias palavras.

Uma vez ouviu no rádio sobre uns tais amigos imaginários que as crianças adotam em suas imaginações férteis. O que o deixava louco é que a filha entrou na adolescência e não abandonou esse círculo de amizades que só existe na sua mente. Por muitas vezes, repreendeu-a ao vê-la conversando com animais e árvores. Uma vez foi levada a um médico na cidade, que disse que ela é autista. O pai achou que isso era frescura de doutor, e que cuidaria dela em casa mesmo.

"A vida é dura." – pensa o homem, jogando o resto do cigarro em uma poça de água próxima. Suas divagações são interrompidas por um ruído às suas costas, e

ao virar-se na direção do som, assusta-se com a visão de um par de olhos fitando-o atentamente.

Berserkr aproxima-se sorrateiramente da área coberta da construção, enxergando perfeitamente o fumante em meio à escuridão. O homem está perdido em pensamentos e não percebe que está desfrutando os últimos segundos de sua vida. Ao se virar para voltar ao interior da construção, vê o imenso lobo parado a um metro de distância. Antes de conseguir esboçar qualquer reação, seu peito é perfurado por garras afiadas, causando morte instantânea e silenciosa.

Fênix aproxima-se, com olhos fixos no sangue da vítima. “Avance sobre o barracão da esquerda. Eu acabarei com quem estiver neste” – ordena seu irmão. Isso quebra o transe que a visão da carne humana havia iniciado, e a mulher-lobo avança para o local onde os funcionários dormem.

Berserkr empurra vagarosamente a porta semi-aberta, em frente ao corpo atacado. Havia farejado algo singular ali, e queria checar se suas impressões estavam corretas. Sentiu o cheiro de duas pessoas, cigarro, álcool e sexo. Na diminuta sala de entrada, algumas armas de fogo e facões estão dispostos em prateleiras. Dois rádio-comunicadores repousam sobre uma mesa. Com certeza, este barraco serve de morada aos vigilantes.

Seguindo por um corredor estreito, chega à entrada de um quarto. Naquele cômodo pobre e mal-cuidado, sobre uma cama velha, vê um homem robusto fazendo movimentos contínuos e ritmados, ofegando. Embaixo dele, quase que totalmente escondida, uma menina de no máximo doze anos de idade. Sangue de lobo entra em ebulição.

Prostituição infantil era somente um termo abstrato para o norueguês, que nunca em sua vida imaginava se deparar com uma cena como esta. Agora ele percebe que, nesta terras do hemisfério sul onde todos têm o seu preço, vidas são negociadas em troca de migalhas e a inocência é saqueada impunemente. Mas não hoje. Nem aqui.

A menina permanece de olhos fechados, com a cabeça de lado, implorando mentalmente para que aquilo acabe logo. Odeia servir de brinquedo a esses homens imundos, mas é forçada a isso pelo “patrão”, o homem que a comprou junto a seus pais, pelo preço de três garrafas de cachaça e dois quilos de arroz. E que, sempre que deseja, também abusa dela.

Abruptamente, o homem sai de cima do seu corpo franzino e impúbere. Ela agradece aos céus, porém ainda permanece alguns segundos deitada e de olhos fechados, pois sente muita vergonha. Ouve um arrastar de pés e a porta do quarto fechando-se com estrondo. Somente quando chega aos seus ouvidos os sons de um

estranho gorgolejar e de alguém se debatendo no corredor, é que nota que algo está errado.

Ela se veste rapidamente e caminha, cheia de receio, até a porta. Apesar da pouca iluminação, a abertura de uma pequena fresta é o suficiente para enxergar o corpo terrivelmente mutilado do guarda que estava com ela no quarto. Em pânico, a pobre menina refugia-se embaixo da cama, e entre soluços desesperados implora para que qualquer força divina interceda a seu favor.

Joanderson leva o maior susto da sua vida. Sua filha está parada ali, descalça, com cabelos desgrenhados e olhos arregalados, olhando fixamente para ele.

– Ainda bem que o sinhô voltou.

– Pelo amor de Deus, menina! Cê quase me mata de susto!

– Eu não faço isso não... mas os cachorro grande iam matar o sinhô lá no meio do mato...

Um arrepio corre pelo corpo do pai. Lembranças do dia anterior afloram em sua mente. Ele recorda quando, ao acordar no barracão que serve de alojamento no local da extração de madeira, um de seus colegas chegou espantado, dizendo que a sua filha estava lá. Acreditando ser um engano, pois sua casa ficava a mais de dez quilômetros dali, ele foi de encontro à visitante. Para seu espanto, era de fato Nazaré quem aguardava do lado de fora, com ar de urgência. O homem se perguntou como aquela menina, que está sempre alienada do que acontece no mundo, percorreu toda essa distância, de modo a estar ali às cinco e meia da manhã.

– Pai, o senhor precisa ir pra casa comigo! – o tom de voz da menina, normalmente monótono e apático, dessa vez exprimia urgência.

– Como você chegou aqui?

– Vamo embora! Tem cachorro mau vindo!

– Onde tá sua mãe?

– Vamo embora! Vamo embora! Vamo embora!

A garotinha começou a ter um surto, batendo com a palma de uma das mãos de encontro à lateral da própria cabeça. Assustado com essa reação inédita e totalmente inesperada, Joanderson tentou acalmar a filha, e procurou o encarregado do local para pedir dispensa do trabalho naquele dia. Após um longo diálogo persuasivo e o pagamento de um suborno feito em cigarros, cachaça, e uns poucos trocados que tinha no bolso, ele finalmente foi liberado.

Seguiram, assim, pai e filha pelo longo caminho de volta. Chegando à sua humilde morada, encontraram uma mulher desesperada com o sumiço da filha.

Depois que algumas explicações foram dadas, a menina foi dormir calmamente, pedindo de maneira enfática que o pai ficasse em casa até o fim do dia seguinte.

– Fica em casa, hōmi! Deus sabe o que tá fazendo, iluminando a cabecinha da nossa menina para te dar esse aviso!

– Ah, Maria... se o chefe descobre que eu faltei um dia no serviço, eles arrancam meu couro! Cê sabe como eles são desconfiados com esse negócio de alguém dedurar eles.

– Calma... aproveita essa chance de descansar um bocadinho. Faz tempo que você não aparece em casa.

Seus pensamentos são interrompidos pela filha, que puxa a manga da sua camisa, sussurrando como se não quisesse que a própria floresta ouvisse sua voz:

– Eles tão comendo agora... vamo pra dentro?

– Tudo bem, filha, vamo – ele conduz gentilmente a filha com uma mão em seu ombro, e antes de fechar a porta dá uma espiada na selva, com a terrível sensação de que escapou de algo muito ruim, por um triz.

A mulher-lobo abate o último homem do interior do barracão, saindo em disparada pela porta, no encalço de alguns sobreviventes que conseguiram escapar de sua primeira investida. Dois deles acabam de ser assassinados por Berserkr, então restam ainda quatro fugitivos.

“Pegue os dois que correram naquela direção! Devore à vontade, mas lembre-se: não ataque a criança do outro barraco! Deixe a menina em paz!” – as ordens do homem-lobo são claras e enfáticas.

Ele parte na direção dos outros dois. Não fazer prisioneiros é a ordem do dia. A única exceção é feita à pobre alma infantil que, em pouco tempo de vida, já sofreu tantos abusos. Hoje é o dia em que terá uma nova chance na vida. A contribuição de Berserkr, além de matar os transgressores, é deixá-la viver. Enquanto o homem-lobo desfruta do inebriante cheiro do medo, exalado pelas suas presas desesperadas, Fênix já está de volta ao local dos barracões. Sua mente está turva, como em todas as vezes em que começa a matar. Quando se transforma, procura manter a sanidade mental, mas acaba cedendo à loucura de violência e sangue.

Nesse momento, ela fareja a porta da casinha dos vigilantes. Ela tenta se lembrar de algo importante que seu irmão lhe disse, mas sua mente não consegue conciliar as palavras ouvidas. Sua concentração está sendo atrapalhada por um cheiro que a faz salivar ainda mais: carne nova e tenra. Lentamente, sobre quatro patas, ela empurra a porta de entrada com o focinho e segue para o interior do barraco.

Berserkr está devorando o último sobrevivente que caçava. Essa ação é necessária, pois precisará de energias para concluir a terceira fase do plano, a mais importante. Este acampamento é o menor dos três, composto de apenas doze pessoas. No último, estima-se mais de vinte, porque é o local onde as toras são transformadas em tábuas e preparadas para o transporte para fora do país.

No caminho de volta, analisa se é mais traumatizante para a criança ser escoltada para fora dali por lobisomens, ou ser deixada lá e se deparar com cadáveres desmembrados ao sair. De qualquer maneira, isso um dia passa, o importante é estar viva.

Não conseguindo ter contato visual com a irmã, passa a chamá-la mentalmente, também sem sucesso. Fazendo uso de seus poderes, com muito esforço consegue atingir um novo nível de comunicação, a varredura mental. Através dessa técnica, ele consegue ler a mente de alguém com quem já tenha tido contato telepático, desde que o receptor não tenha barreiras para impedir isso. E Fênix realmente não as tem.

“... apetitoso... macio...” – o que consegue diferenciar entre informações desconexas é um conjunto básico de palavras, em meio a um imenso amontoado de pensamentos irracionais. É quase como ler a mente de um lobo ou de um cachorro, baseada somente em instintos e linhas de raciocínio simplórias.

Temendo pelo que estava por presenciar, Berserkr invade o quarto onde deixou a menina, atravessando a janela. O que vê é a concretização do seu temor. A cama está revirada, encostada à parede oposta. Em um canto, a irmã devora avidamente a carne da menina, sendo que nesse momento restam apenas alguns órgãos internos, ossos e uma cabeça decepada. A cabeça da menina, intacta, jaz no chão no meio do quarto. Os olhos estão petrificados e parecem condenar o homem-lobo por não ter se esforçado para salvar sua vida.

Isso é mais do que ele pode suportar. A irmã saiu dos trilhos novamente. A carnificina a descontrola, e ele sabe que isso é voluntário. Como membro da família, ela possui a capacidade de controle total do corpo lupino, mas acaba se entregando à irracionalidade da fera. Ela não serve para a missão. Ela não serve para a Green Death. Berserkr acaba de desistir dela, pois nem ela mesma deseja progredir. Que assim seja.

Segurando-a pelo pescoço, ele a levanta, fitando seus olhos e deixando bem claro o que decidiu. “Suma pela floresta, e nunca mais me procure. Acabo de desistir de você. Se quiser viver como um animal irracional, que seja solitária então.” Esses pensamentos são tão intensos, que Fênix sente a cabeça latejar. Ele a solta e pula novamente a janela, pois mais um passo da missão o espera.

Para ela, o destino é incerto. A mulher-lobo sabe que, para sua própria sobrevivência, é melhor levar a sério o que lhe foi notificado. Desorientada, ela se

dirige à janela, olha para o céu noturno e uiva. Aquela floresta nunca havia testemunhado um lamento com tanto pesar como este.

(VI) 2009: Convergência

PERDIDA NA AMAZÔNIA

A norueguesa sente-se como uma criança que acabou de quebrar um vaso chinês raro. Está consciente do terrível erro que cometeu, e sente profundo remorso, pois sabe que tudo poderia ser evitado. Com um pouco de esforço ela poderia se controlar, mas preferiu entregar-se ao seu lado irracional e destrutivo, tal qual um drogado que inicia um tratamento de recuperação, mas que sofre uma recaída e volta à perdição das drogas com intensidade redobrada.

Seu ser é todo desolação, a floresta ao seu redor parece querer esmagá-la. Com um caminhar lento sobre quatro patas, sente a distância do barraco aumentar de pouco em pouco, de modo constante. O local onde o alfa do grupo a repudiou. As consequências ao indivíduo expulso são catastróficas, visto que este torna-se praticamente um pária. Para um lobo isso é terrível, pois não é uma espécie que vive solitária normalmente, a alcateia faz parte da vida do indivíduo.

Vagando a esmo pela mata, perdeu a noção de quanto tempo passou-se desde que deixou para trás o palco dos últimos assassinatos que cometeu. Seus lúgubres pensamentos são interrompidos ao ouvir o ruído de água corrente, vindo da direção de um rio logo à frente, provavelmente um dos muitos afluentes do Amazonas que existem na região. O resto do lugar é só silêncio. Todos os seres da mata, instintivamente, afastaram-se de seu caminho, por reconhecerem uma força à qual não podem se igualar. A mulher-lobo aproxima-se da margem e inclina-se em direção à água, sorvendo o líquido vital em grandes goles. Então ele chega.

Quando seus instintos alertam-na de que não está só na beira do rio e ela gira a cabeça lupina, o homem já está a dois passos de distância. A loba vira-se na direção do estranho, recuando um pouco e abaixando-se quase ao nível do solo, os membros tensamente flexionados, prontos para um ataque fulminante ao primeiro esboço de movimento dele. Presas poderosas são exibidas em visível ameaça, e um rosnado baixo e gutural escapa de seu focinho.

Tudo naquele homem causa estranheza. Elegante, veste-se com um impecável terno branco, camisa preta e sapatos bicolores. Para coroar o excêntrico figurino, um chapéu de brancura igualmente imaculada. A única cor que destoa da básica combinação de suas vestimentas é o rosa pálido de sua pele. Não fosse suficiente a aparição sorrateira de um indivíduo que mais parece um frequentador de gafieiras do Rio de Janeiro, em um trecho de mata totalmente inacessível por trilhas, ainda há um fator que faz com que Fênix comece a imaginar que está perdendo a sanidade mental: o homem exala um odor de rio.

A mulher-lobo quase pula de susto, quando o estranho visitante começa a falar. Sua voz é suave, calmante, e Fênix não sabe ao certo em que idioma ele está

se comunicando, porque mesmo não conhecendo o idioma português, compreende perfeitamente o que ele diz.

– Não se preocupe comigo, mulher do outro lado do mundo. A você posso oferecer muitas coisas, mas ameaça e agressão não estão entre elas.

Ele dá um passo em sua direção, mas mesmo assim a loba não recua nem ataca. Como se costuma fazer ao querer ganhar a confiança de algum animal indócil, ele oferece gentilmente as costas de sua mão direita, em um suave movimento do braço vindo da direção da lateral da coxa para a altura do focinho da fera.

– Não quero o seu mal. Conheci muitas mulheres anteriormente, mas vejo que você vai muito além delas. Estou diante de uma poderosa força da natureza. Sou agraciado pela sua presença, que encaro como uma dádiva. Deixe-me escrever um capítulo na história da sua vida.

Aquele homem demonstra muita confiança, e uma ternura autêntica. Além disso, ela nunca conheceu um humano que não recuasse diante de sua ameaçadora figura lupina. Ele é diferente de todas as pessoas que conheceu em sua vida, disso não resta dúvida. Consciente de que já tem sua existência arruinada, arrisca sua última cartada, deixando-se levar pela fala macia e confortadora de seu interlocutor.

Voltando à sua forma humana, ela não sente vergonha por estar nua diante de um estranho. Encara-o frente a frente, olhos nos olhos.

– Quem é você? De onde me conhece? – a voz da mulher escapa de seus lábios com uma leve rouquidão. Parece que faz séculos desde quando havia proferido suas últimas palavras.

– Eu moro aqui, mas não tenho residência fixa. Muitos falam de mim, porém não conhecem meu nome verdadeiro. Eu enxergo o mais profundo da alma feminina, e isso me fascina – ele segura gentilmente as mãos dela. – Sinto sua sagrada feminilidade oprimida dentro de você, desprezada como se fosse uma doença ruim. Isso lhe faz muito mal. Deixe-me libertá-la dessas correntes.

A mulher sente-se estranha. Para alguém que nutriu um autodesprezo por tantos anos, e cujo maior ato de afeto foi a rude aceitação de um irmão mais velho, aquela é uma situação completamente inusitada. Completando esse cenário de ineditismo, seus instintos comprovam que o homem está sendo sincero em suas observações. Mais uma vez, a mulher deixará seus instintos fluírem desenfreadamente, mas desta vez o resultado não será uma orgia de carne e sangue.

– Eu serei breve em sua vida, mas você nunca se esquecerá de mim. E nem eu de você – dizendo isso, ele a abraça forte, e a realidade é diluída em uma espiral de intensas sensações.

Beijos, afagos, cumplicidade. Para ela, sexo sempre foi uma via de escape para suas frustrações, feito às pressas, de maneira trôpega e totalmente destituído de emoções. Era basicamente trocar a ânsia pelo esquartejamento por alguns minutos de relações rudes, com quem quer que aceitasse. Totalmente autodestrutivo.

Agora, alguns bloqueios mentais são destruídos. Pela primeira vez, sente-se uma mulher de verdade, não somente um animal enclausurado em uma vulnerável prisão de carne. Antes, mulher e loba conviviam em uma doentia relação hospedeiro-parasita, um anulando o outro com autodestruição sem limites. A partir deste instante, a maldição torna-se uma bênção, a vergonha se transforma em orgulho.

Mais uma vez, não sabe ao certo quanto tempo se passou. Ele desprende-se de seu corpo, e um olhar agradecido da mulher é a sua única forma de dizer adeus. Entrando vagarosamente no rio, ele volta-se, como se quase tivesse esquecido de dizer algo muito importante.

– Procure na mata a menina que fala com os animais. Ela será a sua guia durante a caçada que começará em breve. Cuide dela, e ela cuidará de você. Você agora é detentora de grandes poderes, e isso traz grandes responsabilidades. Boa sorte em sua jornada, e faça bom uso do dom que você sempre carregou, mas que somente hoje conheceu de verdade.

O homem mergulha repentinamente. Ela levanta-se, a tempo de ver algo nadar agilmente rio acima, um ponto rosado em meio ao imenso fluxo marrom daquela riqueza hidrográfica. É hora dela partir também. Existe uma pessoa muito especial para ser encontrada dentro desta imensidão verde. E é na forma lupina que ela prossegue, agora feliz com sua condição, e pronta a enfrentar o que for preciso para fazer sua existência valer a pena.

O PREÇO DE UM PUNHADO DE FUMO

O sol ainda não iluminou a paisagem amazônica, mas o grupo de apoio da Green Death já está a postos para entrar em ação. Forest acaba de manobrar a camionete nos limites da cidade de Prainha. Ele e seus colegas acabaram de liberar o guia local que acompanhou-os nas tomadas noturnas das cidades vizinhas. Também aproveitaram para captar imagens da floresta e de seus habitantes noturnos, mantendo o guia ocupado e, conseqüentemente, fazendo menos perguntas indiscretas.

Tiveram todo o cuidado de escolher áreas bem distantes do ponto de atuação dos irmãos noruegueses. Em todos os lugarejos visitados, tornaram-se celebridades instantâneas, e isso foi bom para desvincular a sua presença ali da matança que está acontecendo na mata. Usando termos locais, eles foram o “boi de piranha”, tirando o foco dos moradores da atividade principal da organização, que ali se desenrola.

Deixando o guia na sua residência e fingindo um cansaço inexistente, a equipe manteve o plano, fingindo voltar para o seu local de permanência, para uma hora depois saírem novamente, dirigindo-se para o local demarcado no mapa como sendo o ponto de recolhimento dos Agentes de campo. A camionete foi deixada no fim de um arremedo de estrada, praticamente uma picada aberta no meio da vegetação. Eles prosseguem a pé por um trecho até encontrarem um local agradável, onde uma fogueira pode ser acesa sem ser vista por alguém que, por acaso, possa passar nas proximidades do veículo.

A partir de agora, na proximidade da mata, Forest, Shadow, Brain e Night podem definir um vínculo mental efetivo com os noruegueses, fazendo uma varredura de reconhecimento mental na região que têm diante de si. À esquerda do grupo, a aproximadamente um quilômetro de distância, está o gigante rio Amazonas. Ele pode ser um ponto de fuga para os agentes, se algo der errado, mas até que haja um contato efetivo, aquele é o lugar correto para aguardarem.

“Muito bom saber que estão a postos para o apoio, irmãos. As duas fases iniciais seguem conforme planejado. Estou rumando agora para o último passo da missão, e estou otimista” – o sinal mental de Berserkr é compreendido perfeitamente, pois suas mentes são treinadas para manter um vínculo de longa distância.

Quando questionado pelo grupo sobre a ausência do vínculo mental de sua irmã, o norueguês é enfático: “Ela agora é uma destituída. Esqueçam-na!”

E assim o grupo aguarda novas ordens, procurando ocupar a mente com alguma coisa agradável, para passar o tempo. Acendem uma fogueira com pedaços

de galhos e folhas caídas, dos que conseguiram encontrar sem a umidade da chuva que caiu há pouco.

Ao redor dessa fogueira, começam animadas conversas sobre os planos após a conclusão desta missão, e chega aquele momento estranho, em que todos os que falam ficam em silêncio ao mesmo tempo, com um desejo incômodo de que alguém inicie um assunto, seja qual for. É aí que Brain toma a palavra:

– Então o cara entra no bar com um cão embaixo do braço, põe o cão no chão e vai se sentar – apesar de não gostarem das piadas do amigo, os outros ficam aliviados pelo silêncio quebrado. – O garçom olha e pensa “O que é isso?” Para sua surpresa, o cão se vira e diz:

Subitamente, algo cai sobre a fogueira, assustando os membros do grupo, espalhando brasas e fumaça por ali. Instintivamente, todos se levantam, prontos a adotarem manobras ofensivas, se necessário. Sem saber de onde veio o ataque, olham ao redor desorientados. Ao ver o que atingiu a fogueira, Night exclama:

– É um galho de árvore imenso!

Como se esperasse essa deixa para entrar em cena, algo começa a fazer ruídos no alto de uma grande árvore, localizada a alguns metros do fogo. Admirados, os membros da Green Death deparam-se com um garoto descendo agilmente da árvore, saltando os últimos três metros e caindo perfeitamente ereto diante deles.

Sem aparentar uma idade específica, o menino negro usa apenas uma velha bermuda e um boné vermelho, com a aba virada para trás. Não fosse simplesmente incrível a agilidade daquela criança, existe ainda um fator mais impressionante: ele possui apenas uma perna.

– Olá, amigos! Consegui mais lenha para a nossa fogueira! – seu jeito é tão descontraído, que nem parece que acabou de surgir bruscamente do meio da mata.

– Quem é você? – questiona Shadow, que está tão nervoso a ponto de falar em seu idioma natal, o grego, ao invés do inglês que vinham utilizando nas conversas anteriores.

– Vocês têm um pouco de fumo aí? – diz o garoto, sacando um cachimbo do bolso da bermuda.

Os membros do grupo entreolham-se, não acreditando naquela cena surreal. Nada faz sentido. Uma criança pede fumo para usar no cachimbo. Uma pessoa sem uma perna salta agilmente do alto de uma árvore. Um estranho surge às quatro da madrugada, em um trecho deserto no meio da mata, conversando em um tom de voz como se falasse com alguém em uma fila de ônibus. Uma voz descontraída é dirigida a eles, sem que consigam notar qual língua pronuncia, mas todos entendem perfeitamente o que é dito. E o pior de tudo: é a mesma pessoa que faz tudo isso.

– O que você quer de nós? – a voz de Forest é nervosa.

– O que vocês têm para mim? – dizendo isso, o garoto cruza os braços e levanta o queixo, em uma atitude visivelmente desafiadora.

– Ora, vá se foder, seu aleijado filho da puta! – Shadow perde a compostura, apelando para falta de educação e mau-gosto.

Mesmo sem concordar com a maneira de falar do colega, Brain acompanha Shadow na investida contra o garoto. O grego prepara um murro desproporcional à compleição física do garoto, com o intuito de nocauteá-lo de uma vez. Confirmando sua agilidade sobrenatural, o visitante indesejado não só se esquiva do golpe, como também empurra o atacante para baixo, fazendo-o estatelar-se no chão.

Na sequência, Brain tentou simplesmente agarrá-lo, mas também foi frustrado, pois o menino deu um salto mais alto do que a própria estatura, pisando no ombro do holandês e aproveitando o espetacular impulso para literalmente voar para o meio da mata. Os integrantes da organização eco-terrorista estão fora de si, e não pretendem deixar passar essa afronta.

Seguindo aos tropeços pelo caminho através do qual o provocador sumiu de vista, a única coisa que têm em mente são pensamentos assassinos. Cada um imagina a atrocidade que cometerá ao colocar as mãos no moleque mal-criado. Ninguém cogita a possibilidade dele conseguir escapar, imaginando que um “perneta” não seria páreo para um grupo da Green Death, que tantas mortes coleciona entre os seus troféus.

Por mais de trinta minutos correram pela escuridão, seguindo o rastro de uma gargalhada zombeteira de criança, aguda e irritante, que sempre parecia vir de trás de uma moita próxima, ou de cima de uma árvore sob a qual estivessem no momento.

“Iniciarei agora o ataque derradeiro!” – foi a mensagem mental de Berserkr que acabou arrancando-os do frenesi irracional daquela perseguição. Repentinamente, deram-se conta da situação ridícula na qual estavam metidos. Envergonhados, retornam ao local onde deixaram a fogueira e seus pertences de emergência (comida, lanternas e pistolas).

Todos estão cabisbaixos pela humilhação pela qual passaram, e também por terem se descontrolado perante um nativo debochado. Intimamente, esperam que isso não comprometa a missão, pois se o garoto alertar o pessoal da cidade, sua fuga pode não dar certo. Mas essa apreensão é substituída novamente por ódio, quando chegam ao seu local de descanso.

A fogueira está apagada e das cinzas fumegantes escapa um odor fétido de urina. O conteúdo das bolsas foi espalhado por todo o chão enlameado, e as armas estão desmontadas e seus componentes foram jogados em todas as direções. Uma gargalhada tenebrosa, que parece vir das entranhas da terra, mostra a todos que não

foi uma simples criança que cruzou seu caminho hoje. Totalmente amedrontados, eles partem em busca de um novo lugar para aguardar, na esperança de que o ser das matas tenha saciado sua sede de maldade.

Logo após enviar a notificação mental à sua equipe de apoio, o grande lobisomem cinza parte rumo ao seu ataque final. Neste último ponto, mesmo que haja sobreviventes, a finalidade da missão será alcançada com êxito. Os donos da madeireira ficarão em um beco sem saída, devido ao número de mortes. Se por um lado, terão todo o trabalho de selecionar todos os funcionários novamente, por outro, terão pela frente a recusa da população, visto que a morte de todas essas pessoas não passará despercebida.

Além disso, por mais que tenham subornado fiscais e autoridades locais, por nenhum dinheiro estes últimos se sujarão com o sangue da carnificina perpetrada pela Green Death. Para finalizar, os estragos que serão causados nesta serraria trarão um prejuízo tão grande, no que tange a pessoas capacitadas, equipamentos e madeira ilegalmente extraída, que será inviável reinvestir todo esse dinheiro aqui.

É com profundo sentimento de urgência, visando acabar logo com o serviço, que Berserkr avança pela floresta. Está a poucos metros de cobrir a serraria clandestina de sangue, através de uma onda de violência desmedida, no estilo que sabe muito bem ostentar. Por um breve momento, tem um lampejo de lembrança da irmã, que poderia estar nesse momento ao seu lado nesta investida final. Lembrança imediatamente afastada, afinal ela foi destituída e agora está entregue à própria sorte, não é mais responsabilidade dele. Seu vínculo mental foi rompido para sempre.

Ao irromper pelo limite mais afastado da área devastada, consegue diferenciar o local onde estão concentradas as pessoas, em uma construção de madeira bem no meio da clareira. É lá que iniciará o ataque e, depois de causar o maior dano possível às pessoas, destruirá os equipamentos que consegue enxergar à sua esquerda e ao fundo da casa, incendiando em seguida toda a madeira que estiver estocada ali, do lado direito e além.

“Morra, maldito cão do inferno!” – é a ofensa mental que o homem-lobo recebe inesperadamente. Confuso por ter certeza de que a injúria não partiu de seus companheiros, ele aborta o início de sua corrida, o que se mostra um terrível erro.

Detectando um movimento sutil, ele localiza uma pessoa parada sobre as toras de madeira que estão à sua direita, a aproximadamente trinta metros de distância. Em uma fração de segundo, consegue diferenciar entre os acessórios do homem um óculos de visão noturna e um grande rifle de caça. O tiro vem quase simultaneamente à mensagem mental, mas mesmo assim o homem-lobo tem tempo

de reagir. Dando um salto de lado, ele evita que o tiro o atinja em cheio, mas paga um preço. Parte de sua pata posterior direita explode, arrancando três dedos.

Espumando de ódio e esforçando-se para conseguir raciocinar coerentemente com tamanha dor, Berserkr conclui que o homem empunha um rifle de caçar elefante, dado o estrago que acabou sofrendo. Isso quer dizer que essa arma pode perfeitamente perfurar o grosso couro que reveste seu corpo, ou seja, agora ele tem um adversário à altura que pode muito bem revidar seus ataques. Mas isso não intimida um guerreiro nórdico como ele. Uma nova estratégia deve ser adotada.

Não é mais possível correr sobre as quatro patas, o que diminui consideravelmente sua velocidade de fuga. Isso quer dizer que será necessário esgueirar-se entre obstáculos, evitando locais abertos, onde seria um alvo fácil. O ataque deve ser rápido e eficaz, no sentido de inutilizar o atirador, que inclusive não está mais no local de onde efetuou o disparo. Farejando o ar, o lobisomem não detecta nenhum odor humano nas proximidades. Decide então seguir no encalço do seu agressor.

Ele dirige-se cautelosamente ao local das toras de madeira. Seu olfato diz que o caminho está livre, e é por causa disso que fica completamente atônito ao ouvir um estalo, seguido pelo arremesso de um cilindro metálico na sua direção. O objeto partiu de trás de um conjunto de latões de óleo diesel, localizados a poucos passos de distância. Por causa do seu ferimento, a esquiva foi ineficiente, e a bomba de gás lacrimogêneo explode a menos de um metro de distância.

Por cima das toras, mais duas bombas da mesma natureza voam em sua direção, com intervalos de alguns segundos. O efeito desse tipo de artefato em uma pessoa comum é extremamente desagradável, pois causa irritação nos olhos, na pele e nas vias respiratórias. Em uma criatura com sentidos mais aguçados, esse efeito é devastador. Urrando de dor, ele rola em direção à vegetação e corre às cegas, derrubando duas pequenas árvores no caminho, o que lhe custou uma lesão no ombro.

Saindo de trás dos latões, evitando a nuvem tóxica, um homem com óculos de visão noturna arranca a máscara de gás que usava e fala ao rádio, em espanhol:

- Deu tudo certo com o equipamento. Vamos logo correr atrás do desgraçado, senão ele escapa!
- Não se preocupe, porque ele não vai longe. Pegue o fuzil, e vamos no seu encalço – é o retorno que tem no aparelho.
- OK. Traga nossa musa rastreadora mental.

“Fui ferido e tenho atacantes fortemente armados atrás de mim!” – Berserkr precisa de toda a sua concentração para enviar essa mensagem, em meio a todo o

sofrimento que seus sentidos agredidos emanam. – “Não enxergo nem farejo direito, e tenho uma das patas dianteiras inutilizada.”

“Manterei um vínculo mental para guiá-lo até a nossa localização” – responde mentalmente Night. Ela sabe que isso exigirá muito de suas forças, mas é a única maneira de trazê-lo com segurança. O resto da equipe deve cuidar da parte defensiva com as armas que ficaram na camionete, pois ela terá muita sorte se ainda estiver consciente depois do esforço mental imposto.

Guent e Vansing retiram as pesadas jaquetas que estavam vestindo, além das máscaras de gás e dos óculos. Nos últimos anos de caça, a dupla adquiriu experiência suficiente para combater criaturas mais fortes e inteligentes, em pé de igualdade. Aprenderam que a grande vantagem dos lobisomens não é simplesmente sua força, e sim seus sentidos aguçados. Para confrontá-los, adotaram táticas e equipamentos que anulam essa vantagem.

Suas jaquetas abafam o som dos batimentos cardíacos. Também passaram sobre a pele uma forte essência de vegetais, confundindo assim seus odores com o da mata ao redor. A máscara, além de proteger contra o gás, também abafa o som da respiração. Além desses itens de defesa, também possuem armas para o ataque, como bombas de efeito moral, gás lacrimogênio e sprays de pimenta. Tudo isso complementado com rifles de caça de animais de grande porte (elefantes e rinocerontes) e fuzis de grosso calibre.

Da construção central de madeira, surgem quinze homens armados, todos mercenários da região contratados para dar cobertura aos caçadores de lobisomens. Além deles, junta-se à dupla uma mulher de aproximadamente quarenta anos, com a estatura de uma criança de doze anos. Seu semblante não é dos mais amigáveis, mas mesmo assim ela é recebida com entusiasmo pelos caçadores.

– Ora vejam se não é a nossa fêmea ômega preferida! – saúda com bom humor Vansing.

– Já falei que não gosto de ser chamada desse jeito!

Os caçadores riem, pois adoram deixá-la furiosa. Seu nome é Monica Chavez, porto-riquenha nascida em uma família de lobisomens que hoje vive espalhada pela América Central. Seus irmãos são os piores bandidos de seus covis, e ao saberem das atividades dos norte-americanos pela região, propuseram um acordo de paz, que envolveu uma grande quantia de dinheiro, mais os préstimos da única irmã que não desenvolveu todos os dons lupinos.

E foi assim que, saindo de Cuba, onde dizimaram toda a população de homens-lobos, Guent e Vansing viajaram direto para a América do Sul, sem causar danos na América Central, onde os lupinos comandam operações ilícitas com

selvageria. Monica passou a servir como um vínculo mental entre os caçadores e suas poderosas presas, pois essa é a única característica que herdou da sua família. Ela não gosta da dupla, mas prefere caçar junto com eles a ser humilhada diariamente pelos seus familiares, como se o fato de ser uma ômega fosse por opção própria, e não a fatalidade que o é de fato.

Os donos da madeireira, suspeitando que a Green Death viesse sabotar suas operações no Brasil, tendo em vista que é a sua filial mais promissora, percorreu o submundo em busca de um contato com os matadores de lobisomens, famosos pela truculência com essas criaturas. Foram contratados por um valor que garantirá suas aposentadorias, chegando ao país através da fronteira com o Suriname, através da qual puderam entrar clandestinamente, trazendo todo o seu arsenal. Solicitaram também equipes de apoio, para o caso de precisarem de algumas iscas vivas que pudessem atrapalhar o avanço das criaturas.

– Vamos logo, parceiro! – Guent não consegue disfarçar a ansiedade.

– Tenha calma. Não se esqueça de que temos nossa rastreadora aqui. O dia já está amanhecendo, e a escuridão não será problema na nossa caçada. Precisamos deixar o lobo pensar que está escapando, para que ele nos leve aos outros ecoterroristas, e assim concluímos nosso trabalho. Depois disso, é só desfrutar nossa aposentadoria no Rio de Janeiro!

– É por isso mesmo, vamos concluir logo nosso trabalho! Esses madeireiros parecem nem sentir a crise mundial que assola o planeta! Têm dinheiro sobrando!

– Lembrem-se de que só receberão o dinheiro se toda a equipe for eliminada – observa Monica, de maneira brusca. – Sem mim, não chegarão ao grupo. Espero que não tenham se esquecido do nosso acordo monetário também.

– Fique calma, docinho, a sua fatia do bolo está reservada. Apenas nos leve até a toca do bicho, e todos ficarão felizes – a voz de Vansing é cordial, de uma maneira que só é apresentada a mulheres com as quais já tenha dividido o leito em noites de luxúria.

– Essa aí é muito nervosinha, só porque tem o sobrenome do presidente daqui, que conseguiu um referendo para se reeleger infinitamente! – debocha Guent.

– Você é tão burro, que eu sinto vergonha por você! – alfineta a mulher. – Hugo Chavez é presidente da Venezuela. O presidente do Brasil é o Lula!

– Ora, tanto faz... vamos atrás dele ou não?

– Imediatamente! – responde Vansing com entusiasmo.

Eles entram na mata, deixando para trás os matadores contratados, levando junto somente a rastreadora. Ela será o seu ponto de referência, porque acaba de captar o vínculo mental entre Berserkr e Night, e através dele conseguirão alcançá-los sem problemas.

O homem-lobo enxerga apenas imagens distorcidas enquanto segue aos encontrões pela floresta. O ato de respirar é um terrível suplício, e a adrenalina da situação não ajuda em nada. Com o ombro e a mão destruídos, só resta seguir sobre as patas traseiras, indo de encontro a árvores e tropeçando vez ou outra, o que agrava mais ainda o quadro de dor que o atormenta.

O que o faz seguir adiante com a fuga, além da providencial ajuda mental da colega de organização, é a esperança de que seus parceiros estarão prontos para descarregar suas pistolas sobre os perseguidores que se atreverem a vir em seu rastro. Eles o pegaram de surpresa, e mostraram-se muito bem preparados para repelir o seu ataque. Agora resta apenas escapar vivo e repensar uma estratégia de saída do país. A mente de Night, além de servir de guia, também traz alívio. Ela compartilha bravamente sua dor, fazendo com que ela seja suportável para o homem-lobo.

Ele sente que está próximo de seus companheiros agora. Os pensamentos da croata são reconfortantes. Já é possível, através de seus olhos doloridos, diferenciar sua forma, recostada a uma árvore. Berserkr aproxima-se a tempo de segurar a amiga na dobra do braço bom, pois ela desmaiou devido ao esforço. Um estrondo, a sensação de ser atingido por algo e a queda de Night ao chão tiram-no do torpor do alívio. Atingido na altura do ombro por um tiro de rifle, o lobisomem desequilibra-se e bate contra uma árvore. Em desespero, vê que seu braço direito foi arrancado.

O ruído de tiro vindo da mata próxima alerta os membros da Green Death que agora chegam à camionete da equipe. Todos têm a consciência de que a integridade física do grupo depende da sua pronta resposta ao ataque, com as armas que estão na caçamba. O veículo também será importante para empreenderem a fuga necessária nesse caso, pois não sabem ao certo quantos vigilantes estão atrás deles. Quando chegam ao local em que o veículo estava parado, parece que um pesadelo tomou forma.

Pecas do motor da camionete estão espalhadas no solo, um caos de polias, parafusos, tampas e correias. No painel arruinado, fios elétricos foram violentamente arrancados, ficando expostos como as entranhas de um animal esmagado por um caminhão em uma estrada. Mas o pior de tudo é que a caçamba do veículo está escancarada, e as armas não estão lá. Sobre a cabine, um grotesco arranjo de pedras e galhos simula uma sepultura. A gargalhada macabra vinda das profundezas da mata serve como assinatura do autor de toda essa destruição.

Tiros de fuzil ecoam no início da manhã, atingindo pernas, braços e ombros. Ferimentos não-letais, mas que impedem que Brain, Forest e Shadow escapem. Vansing e Monica entram no seu campo de visão, caminhando calmamente e com um sorriso no rosto.

– Senhorita, quer ter a honra? – questiona o caçador, passando a Monica uma pistola automática.

Com um floreio forçado e sem jeito, ela pega a arma e rodeia os homens alvejados, caídos ao chão. Suspiros, tosses e gemidos são os únicos sons que eles emitem nesse momento, incapazes de tentar dialogar. Com um sorriso sádico, a mulher abaixa-se, aproxima o cano da pistola da nuca do primeiro homem e atira, repetindo o ritual lentamente com os outros dois. Esse é o seu momento de glória, onde finalmente pode ser tão má quanto seus irmãos. Mais dois tiros de rifle são ouvidos, e eles decidem voltar ao local onde deixaram Guent.

– Ei, Ted, como está essa brincadeira de tiro ao alvo?

– Revigorante! Essa será uma execução para fechar com chave de ouro nossa carreira vitoriosa!

Ao lado de Guent, deitada no chão, Night começa a retornar à consciência. A aproximadamente dez metros de distância, Berserkr tenta se levantar e escorrega sobre um pântano formado pelo seu próprio sangue. Após ter seu braço arrancado, foi atingido mais três vezes, na bacia e nos joelhos. Sua mente humana perdeu o controle da situação, e agora somente o instinto de sobrevivência do lobo é o que sobrou. Ele tenta fugir, mas seu corpo não está em condições para isso. Debilmente, a cabeça lupina ergue-se sobre o próprio corpo caído, para encarar diretamente seu carrasco.

– E então, quem terá a honra? – pergunta Monica, com um brilho nos olhos.

– Por que não todos nós? – completa Vansing.

– No três então.

Um, dois, três. Uma pistola, um fuzil e um rifle atingem a criatura, poucos centímetros separando cada uma das balas. A cabeça de Berserkr explode, resultado da violência desproporcional do armamento utilizado para dar fim à sua existência. Night, completamente acordada, grita com a força que seu corpo exausto permite, chorando desesperadamente.

– Sabe parceiro, faz um tempão que não vejo uma dona de pele tão branca como esta aqui. Ela me lembra minha prima lá de Milwaukee. Estou até com calafrios na espinha! – o olhar de Ted é de cobiça e perversão. – Antes de acabarmos o serviço, eu gostaria de ter um particular com essa dama.

– É bom você não demorar muito com a safadeza, porque o trabalho ainda não acabou. – interrompe Monica. – Ainda tem um lobo solto por aí.

– O quê? – Vansing está claramente surpreso com a informação.

– É isso que você ouviu. Senti um lampejo psíquico no momento em que o cachorro ali foi morto. Isso acontece quando existe um parente nas proximidades, pois quem tem laços de sangue sente a morte do outro. Não sei se está na forma humana ou de lobo, só sei que está nas proximidades.

– Bem, vamos voltar ao acampamento e juntar os homens. Se sobrar uma fera solta por aqui, nossos empregadores não garantirão nossa aposentadoria. Ted, termine o serviço por aqui, depois junte-se a nós.

– Pode deixar, parceiro!

Monica e Vansing partem para a área da serraria. Eles não se preocupam com os estragos que causaram por aqui, pois sabem que as autoridades locais foram compradas com dólares da extração ilegal de madeira. Os corpos serão ocultados de maneira adequada, e ninguém tomará conhecimento das atrocidades cometidas.

Night ainda suportou mais de uma hora de suplício antes de receber um tiro libertador no peito e deixar o sofrimento para trás. Esta foi a noite em que os predadores correram livres por estas matas.

A PEEIRA

Após caminhar pela mata, Fênix parou nas proximidades de uma pequena vila. O motivo dessa parada é o forte cheiro de sangue que paira no ar. Não existe viva alma nas moradias. Em um casebre, a porta de entrada apresenta sinais de arrombamento. A mulher-lobo entra sorrateiramente, e se depara com dois corpos crivados de balas, um homem e uma mulher. Ela sente o cheiro de uma criança pela casa, mas ela não está aqui, nem viva, nem morta.

“Você veio me buscar?” – a comunicação mental deixa Fênix desorientada. De quem seria essa voz psíquica que penetra sua mente? Seria alguém de sua espécie, que vive por aqui? “Estou com medo” – é o novo apelo. A comunicação deixou um rastro claro até sua origem, e é nessa direção que parte a mulher-lobo, para descobrir o que está acontecendo.

Após andar por alguns minutos entre a vegetação fechada, o odor de uma criança apresenta-se ao seu olfato. Fênix levanta-se sobre uma moita, onde uma menina está escondida, tremendo de medo e com os braços e pernas cheios de insetos. Ela olha para a criatura que se aproxima e, ao contrário do que qualquer um pensaria, se levanta e abraça o grande pescoço peludo.

“Ainda bem que você veio! O cachorrinho falou para eu sair da minha casa, porque tava vindo gente ruim.” – para ela, o vínculo mental é algo que encara com naturalidade. – “Ele disse que uns homens vinham machucar o meu pai, e que eu precisava ir embora de casa”.

A mulher-lobo aconchega a criança entre os braços, e começa a retirar os insetos que estão em seu corpo. Esta criança é especial, disso não tem dúvida. É preciso conhecer um pouco mais dela, através de algumas perguntas.

“Desde quando você consegue falar com os bichos?”

“Desde que eu aprendi a falar, bem pequenininha. Eu queria saber falar com passarinho, mas só consigo conversar com cachorro” – é a resposta inocente da criança.

“Qual é o trabalho do seu pai? Você tem irmãos?”

“Meu pai derruba árvore lá longe. Foram os homens que trabalham com ele que vieram aqui em casa. Eles vieram derrubar meu pai, que nem fazem com as árvores. Eu tenho seis irmão, tudo grande. Eles trabalha longe também.”

Agora tudo faz sentido para Fênix. Ao que parece, os homens da extração ilegal de madeira praticaram algum ato de represália contra o pai dessa menina, e a mãe foi executada junto. Os outros moradores da vila devem ter sido expulsos antes das mortes. Esta parece ser uma terra-de-ninguém, onde somente os mais brutos sobrevivem.

A garotinha somente foi salva porque é uma pessoa especial: uma padeira ou fada dos lobos, a sétima filha após seis irmãos do sexo masculino, que adquire o dom de conversar mentalmente com canídeos. Algum lobo ou cachorro do mato alertou-a do perigo, induzindo-a a uma fuga que salvou sua vida.

Um pulso de sofrimento atravessa sua mente, e uma angústia indescritível a assola. Algo muito ruim aconteceu aqui, e ela sabe que é hora de partir. Lembrando-se do que o homem-peixe rosa havia dito, tem plena consciência de que esta criança é o vínculo que ele havia citado. Está claro que ela não conseguirá sobreviver sozinha em um ambiente tão selvagem. Então toma uma decisão.

“Vamos dar um passeio?”

“Posso montar em você?” – pergunta inocentemente a criança.

Fênix posiciona-se sobre as quatro patas e permite que a garotinha suba em suas costas. Quando tem a certeza de que ela está bem segura, parte em disparada, em uma direção que acredita ser mais segura. A vida de ambas deve ser preservada, e somente conseguirão isso escondendo-se nos recônditos mais distantes deste mundo verde e exuberante.

ENCONTRO METÁLICO

Dante acaba de entrar na casa noturna da capital paulista onde acontecerá o show de uma de suas bandas preferidas, o Opeth. Ele nunca acreditou que um dia teria a chance de ver os suecos ao vivo, mas quando consultou a agenda cultural da cidade, durante o planejamento de sua estada em São Paulo, verificou que o show da banda coincidiria com o final do simpósio para o qual ele veio.

Por chegar um pouco atrasado, perdeu a banda de abertura. A casa está bem próxima da sua lotação total, e ele avança pela lateral da pista, buscando um espaço de onde possa acompanhar a apresentação. Roupas pretas e cabelos compridos predominam entre o público presente.

Mal ele encontra um lugar adequado, as luzes apagam-se. Pouco tempo depois, uma música introdutória começa a se insinuar nas caixas de som, criando o clima para o início do show. O público faz a casa tremer sob gritos do nome da banda. Como que atendendo ao chamado, o Opeth inicia sua apresentação, inesquecível para os presentes.

Com pedaços de algodão nos ouvidos, para que sua primorosa audição não seja prejudicada, ele sente a emoção de ver uma de suas bandas preferidas ali, a poucos metros de distância, tocando de maneira primorosa. Composições vão desfilando uma atrás da outra, tudo parece perfeito. Quando menos espera, o Opeth executa a música Deliverance, e o show acaba. Pouco mais de uma hora de show passou como se tivesse começado naquele instante, como acontece com todas as boas apresentações.

O público começa a sair, pois é um domingo e a maioria precisa trabalhar no dia seguinte. Dante para um instante no bar, para beber uma água e esperar que o fluxo de pessoas diminua na saída. Nesse momento, ele percebe uma bela garota, que passa por ele, interrompe bruscamente seu caminhar, volta-se e dirige-se ao balcão, pedindo uma água e aguardando ao seu lado. Usa uma camiseta preta da banda Benediction, o que para Dante é outro ponto positivo, além de sua beleza e seus cabelos castanhos compridos.

– O Opeth foi demais, né? – ela puxa conversa.

– Fora de série! Tocaram todos os clássicos! Valeu cada centavo do ingresso.

– Meu nome é Caroline.

– Eu sou o João, mas o pessoal me conhece mais pelo sobrenome, Dante.

E assim inicia-se uma animada conversa, sobre bandas similares e shows que já assistiram ou que gostariam de ter visto. Ele explica de onde vem, com o que trabalha e o que está fazendo em São Paulo. Ela conta que é daqui da capital, que

está de férias e que ainda vai a outro show, em um bar de jazz em Pinheiros, para ver a jam session de um amigo.

Sabendo pelas conversas que Dante está hospedado nesse mesmo bairro, oferece uma carona, que é prontamente aceita. Chegando ao bar, ele decide acompanhá-la no fim de noite de jazz, apesar de não ser muito fã do estilo. Eles escolhem uma mesa e continuam conversando, e dessa vez a conversa muda drasticamente de rumo.

– Você notou algo diferente em mim? – questiona Caroline, olhando-o fixamente nos olhos.

– Algo além de você ser muito bonita, inteligente e com ótimo gosto musical? – ambos sorriem.

– Não, algo mais profundo que isso. Diga-me uma coisa: você sente odores e sons que outras pessoas não costumam sentir?

Dante fica estarecido com a pergunta. Ninguém antes havia desconfiado de sua “vida secreta”, dos dons que ele luta tanto para esconder da sociedade. Só pode ser coincidência! Caroline “lê” todas as alterações de respiração, gestos e batimentos cardíacos do rapaz, atuando como um detector de mentiras vivo. Ao fundo, um trio executa o que há de mais apimentado no jazz: o improvisado.

– Seja sincero! Sou como você, e através de meus sentidos e instintos sei que você é de confiança – diz ela, buscando motivá-lo.

– Não sei nem o que dizer...

– Diga que tipo de lobo é você. Confie em mim! Você não sente um odor em mim diferente do das outras mulheres? Não percebe que nosso corpo contém hormônios diferentes, que exalam um cheiro bem específico?

Com essa afirmação, ele passa a ficar mais atento em relação aos seus sentidos, visto que na última hora o único que atraiu sua atenção foi a visão. E ali, por baixo do cheiro de cigarro, um leve perfume feminino e traços de suor, ele sentiu um odor característico e desconhecido até então. Seria mesmo verdade?

– Sou uma mulher-lobo! – exclama ela, segurando firmemente em suas mãos.

– Puxa vida... – é a única coisa que ele consegue dizer nesse momento.

Seus pensamentos voam longe, para todas as vezes em que achou ser o único metamorfo da face da terra, sem buscar explicação para sua condição, muito menos procurando por pessoas em igual condição. De repente, sem esperar, uma mulher maravilhosa traz até ele essa revelação. Ele tem certeza de que isso mudará sua vida.

– Vamos conversar lá fora? Esse jazz aqui está me incomodando, não consigo juntar as ideias...

– Vamos – diz ela, levando-o pela mão.

Eles pagam a conta e saem. Do lado de fora do bar, algumas pessoas que acabaram de sair conversam animadamente. Eles atravessam a avenida, parando sob uma bela arcada do outro lado, em frente a um pequeno estacionamento. Dante lê o escrito “Necrópole de São Paulo”. Eles estão diante de uma das entradas desse grande cemitério da capital. Ali, em meio à calmaria do final de domingo, a conversa prossegue.

– Não tenha medo, você não está sozinho.

– Como você me descobriu? Eu tenho cara de lobisomem?

– Por favor, não use esse termo. Para nós, ele é pejorativo. Você é um homem-lobo. Eu faço parte de uma organização que preserva a nossa raça, atuando como farejadora. Minha função é encontrar irmãos perdidos neste mundo, assim como você.

Ela explica em detalhes as atividades da Alcateia Global. Dante fica espantado, pois pensou sua vida inteira estar sozinho neste mundo, e de repente não só descobre que existem outros como ele, mas que também são organizados, e em alguns casos entram em conflito uns com os outros. Apoiando-se na grade de um dos portões da necrópole, ele respira fundo.

– De novo: puxa vida! Estou pasmo! Preciso de um tempo para digerir todas essas informações.

– Não tem problema. Vamos trocar nossos números de celular para nos encontrarmos outro dia. O que acha?

– Claro, eu nunca recusaria o número de celular de uma mulher bonita. Ainda mais sendo da minha espécie! – os dois riem.

– Você fica em São Paulo até que dia?

– Até o final da semana que vem.

– Nos falamos na terça, então.

– Combinado!

E assim eles se despedem. Nessa noite, em seu quarto de hotel, Dante não consegue dormir. Além de conhecer um igual e saber que existem muitos outros pelo mundo, ele ficou atraído pela beleza e pela inteligência de Caroline. Na sua opinião, esta viagem à capital paulista vai render muito mais do que ele esperava.

REVELAÇÕES E REFLEXÕES

“Não acredito! Outro cemitério?” – pensa Dante, enquanto segue por uma alameda afastada do cemitério em Mairiporã, cidade próxima a São Paulo. É a semana seguinte ao show do Opeth, e o que ele pensava ser um encontro romântico acabou tornando-se um passeio um tanto quanto exótico para uma quarta-feira à tarde.

Ele havia ligado no dia anterior para Caroline, e combinaram um encontro para novas conversas sobre sua natureza. Ela convidou-o a passar o resto da semana com ela, em um sítio na cidade de Mairiporã, onde iria cuidar da casa e dos animais, por conta da ausência dos donos da propriedade, um casal de amigos dela.

No caminho da cidade, que fica a algumas dezenas de quilômetros da capital, a garota disse que iriam a um lugar antes de chegarem ao sítio, porque sempre faz uma visita quando vem à região. Chegando ao local, Dante, à primeira visão das lápides, lembrou-se de um outro encontro que ocorreu alguns anos atrás, no pantanal. A poderosa entidade das matas deixou bem claro que em sete cemitérios, de sete cidades diferentes, seu destino seria traçado.

Seus devaneios são interrompidos quando Caroline para junto a um túmulo em um canto isolado do cemitério, que demonstra um certo ar de abandono. Fica após uma curva fechada do caminho que tem uma mureta no seu contorno, fazendo com que passe despercebido por alguém que caminhe por ali. Na inscrição, um único nome: Romasanta.

– Dante, apresento-lhe o mais longevo de nossa raça. Pelo menos no Brasil – diz a garota, indicando o túmulo. – Quando morreu, tinha cento e trinta e oito anos de idade.

– Eu pensei que fôssemos eternos! – brinca Dante.

– Somos criaturas especiais, mas não estamos à margem da mais imutável lei da natureza, a da impermanência. Tudo tem um começo, meio e fim. Estamos à mercê da mortalidade tanto quanto qualquer outro ser.

– Quanto tempo costumamos viver?

– Chegamos facilmente aos cem anos, não havendo doenças ou excessos.

– Excessos causados pela irracionalidade que aflora quando nos transformamos?

– De maneira alguma. Toda a maldade que possa surgir na nossa forma lupina é de origem humana. Lobos não são assassinos, apesar da crença popular ter associado esse bicho ao Mal, no decorrer dos séculos. Lobos não traem, não desrespeitam seus progenitores, só matam por alimento, defesa ou território. Adequam-se ao ambiente em que vivem, sem forçar esse ambiente aos seus caprichos.

– Em resumo, nossas piores características são as humanas? Eu sempre pensei que fosse o contrário – complementa Dante, visivelmente surpreso.

– Se você quiser, posso levá-lo ao convívio com outros homens-lobos. Você ficará surpreso com a noção de grupo, união, respeito e coragem que herdamos de nossos irmãos lupinos. Temos total despreendimento de ilusões humanas como ambição, intrigas e preconceito.

– Agora vejo com outros olhos a questão da minha existência. Antes, me achava um tipo de pária, carregando uma sina solitária e restritiva, apesar de gostar disso. É bom saber que existem semelhantes pelo mundo.

– Quase chegamos à extinção na Idade Média, quando violentas perseguições foram perpetradas, matando muitos inocentes. Com o tempo, as famílias aprenderam a ser mais reservadas, o que nos ajudou a sobreviver, mas que separou os de nossa espécie. A Alcateia Global visa manter-nos ocultos, porém dando apoio aos que surgem isoladamente no mundo, como é o seu caso. Com isso, mantém-se a união e consequentemente a preservação.

– E todos aceitam essa nova realidade de maneira tranquila?

– Com certeza não. Lembre-se de que em muitos homens-lobos o comportamento humano é o dominante, trazendo consigo a desconfiança, a ganância e a violência desmedida. Esse tipo de pessoa põe nosso trabalho em risco. É nesse momento que os aniquiladores entram em ação.

– Pessoas da organização especializados em matar?

– Sim. No reino animal, o indivíduo que prejudica o grupo é descartado dele. No nosso caso, deixar à solta uma pessoa que possa denunciar nossa existência é um risco muito grande, mesmo sendo um de nós. Ou eliminamos esse elemento, ou nossa existência será revelada e as perseguições reiniciarão.

– E somos realmente uma ameaça?

– Você conhece o termo lobo em pele de cordeiro? Pois bem, cada um de nós é na verdade um humano em pele de lobo. Existem seres humanos perversos, violentos, traiçoeiros? Sim! Qualquer homem-lobo pode deixar-se levar pelo lado negro da força, que vem da natureza humana. Quanto mais lobo você for, mais corretas serão suas atitudes.

Dante permanece em silêncio, revendo alguns conceitos e percebendo que a lenda do lobisomem possui muitas informações desconstruídas. Parando para pensar, se dá conta que o lobo sempre foi associado ao vilão. Chapeuzinho Vermelho, Pedro e o Lobo, Os Três Porquinhos... o conceito errôneo de besta sanguinária vem desde a infância.

– Você tem razão. Isso vem da Europa medieval, quando as habitações humanas passaram a invadir o habitat dos lobos, que não sabiam diferenciar o que

era caça livre e o que eram os rebanhos de camponeses, além da perturbação de sua noção territorial – diz Caroline, tomando o caminho de volta pela alameda.

O rapaz balança a cabeça, em sinal de aprovação, e a acompanha. Uma leve brisa traz o odor de terra, vegetação e corpos em decomposição, cheiros não detectados pelo olfato de pessoas normais. Nesse instante, ele se pergunta como os lobisomens são capazes de devorar carne humana, ato que julga nojento e indigesto.

– Na verdade, não apreciamos a carne humana – fala calmamente a garota. – É a de pior paladar que existe, pois o ser humano consome cigarro, álcool, drogas e substâncias artificiais, além na maioria das vezes manter uma dieta horrorosa. Um humano só é devorado em casos de extrema fome ou necessidade, quando isso é a única opção.

– Realmente, eu já fiz isso uma vez, mas nunca mais... – Dante cessa bruscamente sua caminhada, olhando estupefato para Caroline. – Eu não falei nada sobre isso!

– Você abriu um vínculo mental comigo, sem perceber – a garota sorri. – Fico feliz, pois esse é um ato de confiança. Como você não tem experiência nisso, seus pensamentos ficaram claros como um rádio em alto volume. Eu te ensino a controlar voluntariamente esse tipo de comunicação.

– Essa é mais uma característica que eu não sabia que tinha. Esta visita ao cemitério foi realmente muito instrutiva!

Ela passa um braço pela cintura do rapaz, e assim saem abraçados da última morada do senhor Romasanta. Mais dez minutos de carro e chegam ao sítio. Eles são recebidos entre cumprimentos, apresentações e observações bem-humoradas. Após tomarem o tradicional café da tarde e comerem pão com manteiga, recebem todas as instruções necessárias e se despedem dos donos da casa.

– Bonito aqui, né? – questiona Caroline, passeando pela propriedade com Dante, acompanhados pelos dois pastores alemães da casa, Mustaine e Araya.

– Muito. O que faremos nos próximos dias, além de alimentar cachorros, galinhas, carpas e cuidar da casa?

– Não precisamos fingir, como as pessoas costumam fazer. Você consegue ler o que sinto?

– Seus pensamentos? Ainda não estou bom nessa coisa de telepatia.

– Não é a mente, é o corpo. Aprenda a diferenciar alterações nas batidas do coração, nas pupilas, na respiração, no gestual. Saiba farejar sentimentos como medo, nervosismo, raiva... e paixão!

– Agora começo a perceber que você exala um cheiro muito particular, não sei traduzi-lo em palavras, mas sei que é diferente. Então é assim que os de nossa espécie se reconhecem?

– Sim, exalamos odores muito particulares. Nossas glândulas secretam cheiros de acordo com o que estamos sentindo.

– Desculpe a ousadia, mas devo dizer que farejo feromônios neste instante... eu já era especialista nesse tipo de reconhecimento nas humanas, mas percebo que em você a intensidade é muito maior.

– Não fique envergonhado – diz Caroline a um Dante enrubescido. – Para nós, a atração entre um macho alfa e uma fêmea alfa não é um tabu, somos muito bem resolvidos em relação a isso. Você chamou minha atenção desde o primeiro instante, e conforme fui conhecendo o seu jeito, percebi que não só estou muito atraída por você, mas que também sou correspondida. Então não precisamos fingir nem fazer joguinhos bobos e falsos para chegarmos ao que queremos.

– Uau! Quer dizer que esta noite é toda nossa? Mal posso esperar! Você é a primeira mulher-lobo com a qual me relacionarei.

– Vamos para a casa, pois os cachorros estão ficando inquietos com os feromônios que estamos liberando – ambos riem, vendo que Araya e Mustaine farejam o ar e andam em círculos alucinadamente.

A noite é fabulosa. Os dois se compreendem e se complementam de uma maneira incrível, parecendo que desde sempre foram destinados um ao outro. Por horas a fio, tiveram o melhor sexo de suas vidas, e a cada clímax suas existências ficam cada vez mais entrelaçadas. Quando finalmente param para descansar, já é avançada a madrugada.

Vestindo shorts e camiseta após um banho relaxante, eles saem para o gramado que fica logo após a porta da cozinha, na parte dos fundos da propriedade. Deitados na grama, apreciando o leve frescor da madrugada naquele lugar repleto de verde, eles fitam o céu dominado por uma fabulosa lua cheia, apreciando sua beleza.

– E sobre essa história de transformações involuntárias ocasionadas pela lua? – questiona o curioso rapaz.

– É necessário compreender o que a lua cheia faz conosco. Você já andou pela mata em sua forma lupina em diversas noites, correto? – com a confirmação dele, ela prossegue. – Nossa visão, apesar de ser muito mais apurada que na forma humana, é composta simplesmente por tons de cinza, que é a forma como nossos irmãos lobos enxergam. Isso não quer dizer que enxergamos no escuro, simplesmente precisamos de menos luz refletida nos objetos para diferenciá-los. A lua cheia fornece o grau de iluminação noturna mais agradável aos nossos olhos, transformando tudo ao redor em uma beleza inundada pelo seu espectro prateado.

– Eu, particularmente, sinto um êxtase sob esse luar. Meu coração dispara, a superfície do meu corpo fica mais sensível, os pelos ficam eriçados.

– Sim, é o auge de nossa celebração a essa natureza noturna, somos naturalmente atraídos por isso. Não quer dizer que nos transformamos involuntariamente, mas temos uma ânsia de sair ao ar livre nesse período. Na minha cidade-natal, toda a alcateia sai às matas para celebrar a lua cheia. O povo da cidade, respeitador, sabe que é um período para ficar em casa à noite, apesar de nunca termos atacado cidadãos de bem.

– Me diga uma coisa: é impressão minha, ou eu sabia tudo o que você queria, e vice-versa, durante nossa relação agora há pouco?

– Com certeza – sorri a garota. – Chegamos ao auge do nosso vínculo mental, e inclusive aconselho a você praticá-lo nos próximos dias aqui no sítio, pois ele é muito útil.

“Pode deixar” – responde mentalmente Dante, e os dois caem na gargalhada.

E foi assim, sem proferirem uma palavra sequer até o domingo seguinte, dia em que os donos do local voltaram. Com essa prática, Dante aprendeu a reconhecer a assinatura mental de Caroline, o que ajuda a localizá-la mesmo a muitos quilômetros de distância.

Voltando a São Paulo, Dante fez o checkout no hotel e, atendendo aos pedidos de Caroline, ficou o resto do mês de Abril hospedado na casa dela. Aproveitaram todo esse tempo juntos, passeando pela cidade durante o dia e fazendo sexo à noite.

Com a proximidade do início do novo projeto de geologia em outro local, Dante, a muito custo, despede-se de sua amada. É necessário dar um jeito na sua casa e descansar, antes de voltar ao trabalho. E assim ele retorna ao Mato Grosso, onde uma notícia terrível o aguardava.

(VII) 2009: Caçada

DE VOLTA À TERRA

Dante já sentiu muitos tipos de dor na vida. Dores físicas, como nas vezes em que quebrou um pé e um braço na infância. A dor da transformação, que é extrema, pois remodela toda a estrutura óssea e muscular. Também experimentou a dor psicológica, em tantos momentos de sua existência em que lhe impuseram rejeição, desprezo, ofensas, humilhações. Mas nada disso se compara ao sofrimento que o ataca agora com todas as forças.

Novamente, ele está em um cemitério. Desta vez, para o funeral de um ente querido, a única pessoa neste mundo que estendeu-lhe a mão quando todos os outros viraram-lhe as costas. Neste Maio sombrio, Janaína, a madrinha que para ele foi muito mais que uma mãe, o único parente que ele considera de fato, foi levada pelo vírus da gripe H1N1, que as pessoas passaram a chamar de gripe suína.

No interior do Maranhão, onde ela vivia nos últimos anos para tratar da mãe doente, acabou contraindo o vírus que se transformou rapidamente em pandemia mundial. Por causa da precariedade da saúde pública, mal que assola todo o Brasil, não foi atendida de maneira adequada, sucumbindo enfim numa luta em que não teve a mínima chance.

Antes de seu último e doloroso estertor, pediu para ser enterrada na cidade em que foi mais feliz na vida, junto do filho que escolheu para si. E foi essa terrível nota de falecimento quem deu as boas-vindas a Dante na sua chegada de São Paulo, em recado anotado por uma vizinha. Ainda sob o choque da notícia, o rapaz providenciou o transporte do corpo de avião, sendo essa preciosa carga tratada por todos como se fosse lixo radioativo, por causa da paranoia que a doença instaurou na população.

No cemitério de Cuiabá, a cerimônia fúnebre é acompanhada por muitas pessoas, amigos de longa data de Janaína. Uma terrível sensação de vazio toma conta de Dante, no momento em que o caixão é baixado lentamente, rumo ao seu frio local de repouso. Para ele, não existem coroas de flores, pessoas vestindo negro nem lápides resplandecentes com escritos pomposos. Sua visão, escurecida por nuvens de tristeza profunda, está focada unicamente na caixa de madeira, invólucro do frágil corpo da pessoa que mais amou na vida.

Ao seu lado, aninhada ao seu braço, está Caroline. Assim que soube da notícia, em uma ligação telefônica despretensiosa em que pretendia saber se o rapaz havia chegado bem em casa, largou tudo o que estava fazendo e pegou um avião até o Mato Grosso. Apesar de Dante manter-se em silêncio, ficou claro que a

garota é o seu ponto de apoio neste momento. A terra é jogada de volta à cova da qual foi retirada, e a casca vazia que um dia foi o corpo de Janaína é enterrada.

Prestando seus pêsames ao rapaz, as pessoas vão se retirando discretamente. Em aproximadamente vinte minutos, que Dante vê arrastarem-se lentamente, restam apenas ele e Caroline. Ela o abraça com força, e ele retribui o ato, sentindo-se culpado por não ter vontade de chorar. O nó que sente na garganta somente será desfeito se falar algo, e por causa disso ele força uma conversa, deixando fluir o primeiro pensamento que passou pela sua cabeça.

– O ceifador impiedoso a levou de repente, com suas mãos esqueléticas...

– A situação é terrível, não a torne pior. Quem sabe ela não esteja sendo levada por uma simpática adolescente, ao som de poderosas asas? Não vamos nos preocupar com isso. O fardo está conosco, que continuamos nosso ciclo de erros e acertos neste alucinante samsara – ela acaricia seu rosto.

– Como os de nosso povo lidam com a morte?

– Como deve ser tratado um encontro que todos sabemos que vai acontecer um dia: aceitamos com naturalidade. Essa é a única certeza que temos na vida. Se a morte não se esquece de ninguém, por que deveríamos nos preocupar com ela? O importante é saber que sua madrinha deixou bons frutos durante sua existência.

– Disso você pode ter certeza. Obrigado por me confortar neste momento tão difícil. Acho que preciso de uma “loboterapia” para diminuir este sentimento de perda.

– Um passeio no pantanal? Eu adoraria – dizendo isso, Caroline dá um beijo reconfortante em Dante.

Naquela noite, uma loba ibérica e um lobo guará correram livremente pelos charcos, campos e matas do pantanal. Nessa forma, ambos esquecem-se das preocupações da vida moderna, das mágoas e tristezas. O intuito não era a caça, e por isso nenhum animal foi abatido. Quando sentiram fome, o lobisomem local ofereceu algumas opções de alimento, como por exemplo a planta lobeira. A mulher-lobo ficou admirada ao se deparar com o primeiro lobisomem onívoro de que teve notícia, característica herdada de seu irmão de quatro patas, o lobo-guará.

Ela não cansa de admirá-lo em sua forma lupina, pois é um espécime muito raro entre seu povo. Braços e pernas muito compridos e negros, um corpo esguio, apesar de poderoso. O formato da cabeça também é singular, com orelhas maiores que o comum, um focinho longo e a pelagem variando em tons de marrom passando pelo avermelhado, salpicado de pontos brancos no pescoço e em partes do peito e da barriga.

Ereto sobre as patas traseiras, ele tem quase dois metros e meio de altura. Porém, esse tipo de posição não é comumente adotada, pois mantendo-se levemente curvado para a frente, obtém um ângulo mais propício para movimentar a cabeça sobre o pescoço de lobo. Mantendo o pescoço bem próximo da posição horizontal que é o seu natural, sente-se inclusive mais confortável. Muitos quilômetros são percorridos dessa maneira, e vez ou outra uivos ecoam pela noite, mostrando quem comanda aquele cenário.

Quando já era quase de manhã, eles voltaram à forma humana, vestiram suas roupas que foram deixadas em mochilas em um trecho da mata de difícil acesso e retornaram ao carro dele, estacionado a dois quilômetros da borda da vegetação por onde entraram. Na volta para casa, Dante já apresentava um estado de espírito melhor. O desprendimento de sua forma lupina sempre o ajudou nas ânsias humanas.

Dormiram a manhã inteira, aninhados na cama, braços e pernas entrelaçados. Eles não precisam proferir palavras superficiais de amor e comprometimento, pois seus atos e comportamento já deixam bem claro suas intenções nesse relacionamento. Dos lobos, ambos herdaram a virtude da fidelidade e do companheirismo.

Quando a tarde já se insinua no relógio digital daquele quarto escuro, o telefone celular de Caroline toca. Alguns segundos se passam antes da garota tomar coragem e mover-se na cama, para pegar o aparelho. Mais alguns segundos são necessários para a mente sonolenta entender o que o mostrador do telefone exhibe. Um número da Europa. O número do professor.

Isso parece estranho. A única vez em que o professor entrou em contato por telefone, sem utilizar os procedimentos de segurança da informação da Alcateia Global, foi quando Caroline teve um grande imprevisto em sua primeira missão pela organização. Mesmo dessa vez, o contato foi uma curta mensagem de texto, informando que estava tudo bem, e que ela iria receber apoio em breve.

Tendo noção da urgência que esse tipo de chamada telefônica deve carregar, ela não perde mais tempo com suposições do que esteja ocorrendo. Ao atender a chamada, a voz do outro lado da linha é realmente do professor. Eles conversam em inglês.

– Caroline, desculpe incomodá-la. Eu estou com um problema aí no Brasil, e preciso que você indique algum farejador daí para me auxiliar em uma missão de

resgate.

– O que aconteceu?

– Temos um grupo liderado por um alfa, que aportou no Pará e está desaparecido há alguns meses. Apesar de eles fazerem parte de uma organização radical com a qual não simpatizamos, eu tenho motivos particulares para me interessar por esse assunto. Mandeí alguns batedores para a região, mas acredito que será muito difícil eles trabalharem sozinhos. Estou de malas prontas para partir amanhã para o Brasil.

– Eu mesma irei acompanhá-lo. Tenho disponibilidade para partir imediatamente. Como nos encontraremos?

– Eu não gostaria de envolvê-la nisso, mas serei sincero ao assumir que sua participação voluntária me deixa muito mais tranquilo. Sou muito grato a você por isso. Passarei pelo nosso canal seguro os dados do meu hotel, voo e identidade adotada.

– Tudo bem. Voltarei a São Paulo hoje mesmo. De lá, após receber as informações necessárias, partirei imediatamente para o Pará.

– Obrigado, não sei nem como agradecê-la.

– Não precisa. Esse é o conceito de alcateia: cada indivíduo trabalhando pelo bem do grupo. Falaremos pessoalmente em breve. Até logo.

Com um sentimento de urgência, ela se levanta da cama e começa a arrumar sua mala. Dante a observa pensativo, entendendo a urgência do chamado, e compreendendo que o seu problema é menor que esse apresentado abruptamente.

– Dante, desculpe, mas preciso ir. Você deve ter escutado toda a conversa. As necessidades do grupo sempre devem sobrepor as do indivíduo. Desculpe por este imprevisto...

– Escutei e compreendo. Só peço que volte inteira dessa missão, pois eu não suportaria perder duas pessoas queridas em um espaço de tempo tão curto.

Caroline, consternada, olha-o fixamente enquanto lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto. Eles se abraçam e trocam beijos apaixonados.

FAREJANDO

Já faz quase cinco meses desde que Fênix se encontrou pela primeira vez com a peeira, e juntas seguiram mata adentro. Desde então, a dupla vem vivendo de maneira errante, evitando ao máximo o contato com a civilização. Para as duas, essas andanças têm sido uma grande jornada de conhecimento, introspecção e estreitamento dos laços entre elas.

A menina tem se mostrado muito mais forte do que sua frágil aparência transmite. Suportou privações decorrentes do cansaço, da fome e de dormir ao relento, sem esboçar o mínimo traço de insatisfação. Sente-se segura na companhia da mulher-lobo, e isso para ela é o suficiente. Fênix tem plena consciência da responsabilidade que carrega, mantendo a integridade física da única pessoa pela qual nutriu algum tipo de sentimento bom.

Fênix manteve-se na forma lupina ininterruptamente durante todo esse tempo. Assim, está sempre alerta e pronta para qualquer confronto que possa surgir. Isso também ajudou na prática de manter o raciocínio lógico nessa forma, dificuldade que sempre apresentava nessas condições. A fome voraz, que despertava nela uma irracionalidade sem limites, também está sendo controlada aos poucos. Em nenhum momento pensou em devorar a menina, como fez com a outra pobre criança do acampamento. Comporta-se agora, efetivamente, como uma mulher-lobo que faz parte de uma grande linhagem.

Um sentimento quase maternal nasceu na norueguesa. Pela primeira vez na vida, tem alguém sob sua responsabilidade, e isso é algo totalmente novo, pois ela sempre viveu como o fardo de alguém. Primeiro, da família que amaldiçoou e odiou, por terem-na trazido a um mundo do qual nunca quis fazer parte. Depois, após sua renúncia do convívio com o mundo, passou a ser o suplício de si mesma, em um círculo vicioso de autodestruição e desprezo por sua própria existência.

Por diversas vezes teve de criar tocas para abrigar a criança, seja para proteção da chuva, sempre presente neste clima tropical, seja para afastá-la de perigos, que o repouso ao ar livre pode trazer. Não foram raros os momentos em que, sob chuvas torrenciais, teve de improvisar, envolvendo a menina sob seu corpo, abrigo-a das intempéries como uma loba faria com sua ninhada. O bater desse frágil coração humano é um som reconfortante que a mulher-lobo aprendeu a ter perto de si.

A aproximação com a humanidade deu-se somente em momentos em que a menina precisava de algo. Quando suas roupas começaram a ficar esfarrapadas, foi necessária uma investida a um vilarejo, para levar consigo algumas roupas dos varais. Apesar de achar o ato de roubar pessoas humildes uma vergonha, não

hesitou em fazê-lo, pois o bem-estar da pequena é a sua prioridade, e por ela quebraria qualquer regra sob a qual atuasse.

Neste tempo de convívio, as duas reforçaram inacreditavelmente suas capacidades mentais. Com o auxílio de Nazaré, a mulher-lobo aprimorou consideravelmente seus dons de comunicação. A criança é autista, o que prejudica sua comunicação verbal com as pessoas. Porém, através do vínculo mental, Fênix reconhece toda a magnitude do intelecto da menina, que em situações normais ela não consegue exteriorizar. Ela tem uma percepção incrível do que acontece ao redor, e uma clareza de ideias que deixaria muitos acadêmicos com inveja.

Fênix admirou-se com o fabuloso ser humano que surgiu em sua vida, com inteligência e sensibilidade fora do comum, qualidades subestimadas pelas pessoas que faziam parte do seu convívio diário. Todo esse potencial foi simplesmente ignorado, por pura falta de comprometimento dessas pessoas, que entendiam sua indiferença como pura distração, e sua dificuldade na comunicação como restrições de intelecto. Nazaré é uma mente brilhante, encalacrada em uma frágil prisão ilusória, cercada de ignorantes embrutecidos pela falta de conhecimentos a respeito de sua real condição.

O corpo de Fênix também tem sofrido alterações físicas. Por ser uma loba norueguesa, seu corpo é melhor preparado para o clima frio, e sua pelagem possui tons de branco e cinza, para melhor se adequar ao seu ambiente natural. Como essas criaturas possuem uma incrível capacidade de adaptação ao meio, tanto o metabolismo como a pelagem vêm mudando. Ela não se sente tão incomodada com o calor da região, nem estranha mais o clima úmido. Além disso, seus pelos estão deixando de ter tons de cinza, passando a apresentar uma cor mais próxima do castanho. Também ficaram mais curtos e grossos, adaptados ao clima.

A riqueza da floresta tem fornecido todo o alimento do qual necessitam. A caça e a coleta de vegetais e frutos tem sido a base da alimentação das duas. A abundante hidrografia fornece o que beber, recursos de higiene e também de pesca. A menina nunca esquecerá a primeira vez que viu a mulher-lobo mergulhar no rio, demorando alguns minutos dentro da água e emergindo novamente com um grande peixe entre as presas. Nunca reclama do que lhe é oferecido, mesmo quando tem de comer carne crua, de algum pequeno animal caçado por sua protetora. Ela sabe que pode confiar nessa criatura, e deposita sua vida sob a custódia do belo ser de garras afiadas e porte majestoso.

Nas últimas semanas, um motivo de desconfiança da parte de Fênix são os estranhos traços de presença humana, em locais isolados em que isso não deveria ocorrer. Não são simplesmente pessoas deste local, como indígenas ou moradores de lugarejos isolados. Ela sabe disso porque o que seus sentidos apontam são

humanos completamente deslocados neste mundo verde, destruidores que avançam pela mata como maus fluidos que enegrecem a natureza no seu caminho.

Ela não tem um grau de aproximação que a permita compreender o que falam esses homens estranhos, mas percebe que eles vagam sem descanso por ali, o tempo todo se comunicando via rádio, e separados em pequenos grupos. Seria algo relativo à investida de seus ex-companheiros de Green Death? Ela deseja que a missão tenha sido concluída com sucesso e que estejam agora todos em segurança, comemorando as ações bem-sucedidas em alguma casa de campo da Europa, planejando os próximos passos. Esse pensamento sempre é forçado em sua mente, pois seu instinto lhe diz que não foi isso o que realmente aconteceu.

Mais uma vez, Fênix adota uma manobra de despistamento, iniciada após a detecção de presença humana nas proximidades. Com a menina no colo, avança sobre duas patas por trechos de difícil acesso, emitindo o mínimo de ruído, coisa rara em um animal desse tamanho. Após uma hora de fuga, já é possível parar para dar um descanso à criança, pois os humanos ficaram para trás, e parecem ter perdido seu rastro.

Nazaré está claramente cansada, mas não reclama, pois a bravura é uma qualidade que sempre fez parte de sua personalidade. Ela senta de pernas cruzadas sobre o tapete de folhas no chão. Pernas e braços doloridos, por causa das picadas de insetos e arranhões, ela afasta distraidamente alguns mosquitos de seu rosto, com movimentos lentos das mãos. O suor faz seu humilde vestido colar no corpo. São quatro horas da tarde e o calor entorpece os sentidos.

A mulher-lobo está parada sobre quatro patas, olhando na direção onde se nota uma movimentação na mata. Seu olfato já denunciou quem está se aproximando, pois está contra o vento, e por isso ela não teme. Repentinamente, surge apressadamente um lobo-guará, que leva um grande susto ao se deparar com as duas, a poucos metros de distância. Ele para bruscamente, observando-as com receio. Fênix, em sinal de que não oferece ameaça, encosta a barriga no chão, mantendo-se assim prostrada e sem olhar diretamente para o lobo, pois encará-lo poderia insinuar um ataque, o que não é realmente a intenção dela.

O coração do canídeo está disparado, ele está tenso, visivelmente em fuga. A mulher-lobo tenta estabelecer um contato mental com ele, mas é muito difícil. É como se ouvisse uma estação de rádio mal sintonizada, onde a maioria do áudio é estática e somente uma palavra ou outra é reconhecível, não dando muito sentido ao que está sendo comunicado. A mente confusa do animal deixa transparecer palavras como “fugir” e “predador”. Ele está apavorado.

“Não tenha medo, porque a minha amiga vai proteger a gente” – é a comunicação que a menina faz com o lobo, também compreendida por Fênix. – “Você quer mesmo ir embora sozinho? Que pena...”

E em disparada parte o lobo-guará, desaparecendo rapidamente entre a vegetação. Fênix levanta-se novamente e fareja o ar. Seja o que for que o tenha assustado, não é o grupo de pessoas do qual elas haviam se livrado, pois veio de uma direção completamente diferente. A ameaça seria uma onça? Algum outro animal de grande porte?

“Você conseguiu estabelecer uma comunicação com o lobo? Entendeu tudo o que ele pensava?”

“Sim” – responde a criança, com toda naturalidade. – “Eu sempre conversei com os cachorrinhos da mata” – fala inocentemente, referindo-se ao maior canídeo da América do Sul, como se fosse um bicho de estimação.

“E o que mais ele comunicou?”

“Que existem predadores de duas patas vindo da direção do nascer do sol. E que cheiram a morte.”

A mulher-lobo mais uma vez admira-se com a capacidade da menina. Todos de sua raça sabem que um lobisomem, mesmo tendo a capacidade da comunicação mental, tem muita dificuldade em estabelecer um diálogo com os lobos. A peeira, porém, consegue fazê-lo com incrível naturalidade, sem esforço algum.

Sobressaltada, Fênix prepara-se novamente para afastar-se daquele local, pois o outro grupo de homens deve estar alcançando aquele ponto em breve. Ela explica a Nazaré a situação em que se encontram, e as duas partem novamente, em busca de um local para se esconderem com mais eficácia. Enquanto retoma a fuga com a menina nas costas, pensa como os humanos sempre estão a um passo atrás delas, mesmo com toda a agilidade e sentidos aguçados que ela possui e que utiliza para despistá-los.

– E aí, gatinha, como estamos nessa localização do cão dos infernos? – questiona Vansing, urinando no caule de uma árvore, próxima à beirada da trilha pela qual eles avançam. Nessa trilha, quatro homens e uma mulher descansam, depositando sobre o solo as pesadas mochilas e o armamento que carregam.

– Já te falei que não faço milagres! – responde a mal-humorada Monica. – Só consigo detectá-las quando elas estabelecem o vínculo mental, e mesmo assim se estiverem a poucos quilômetros de distância. A direção a seguir é esta – diz ela apontando para oeste.

– Espero que o grupo do Guent esteja tendo mais sorte que nós. Não aguento mais comer mal, fazer as necessidades no mato e ainda por cima limpar a bunda

com folha de bananeira!

Os mercenários que estão acompanhando os caçadores dão risada, pois compreendem muito bem o espanhol que Vansing usa para se comunicar. Mal sabem eles que estão a apenas quatro quilômetros do ponto onde as suas presas descansam. O estadunidense aciona novamente seu comunicador, solicitando informações do grupo de Guent, sobre os seus progressos na caçada.

Para eles, é questão de tempo até alcançarem o lobisomem, pois já sabem que é o último que resta para este trabalho. Os donos da madeireira clandestina deixaram bem claro que só fariam o pagamento final (a maior quantia, que garantiria a aposentadoria dos caçadores) quando todo o grupo fosse exterminado. Também têm conhecimento da peeira, pois é ela que tem deixado os rastros psíquicos que têm sido rastreados por Monica.

A menina é uma faca de dois gumes para a mulher-lobo: ela a está auxiliando na sua evolução comportamental, mas também a atrasa em seu deslocamento, além de ter um dom mental tão grandioso, que deixa rastros bem definidos para qualquer um que consiga estabelecer um elo dessa natureza. Porém, Fênix não sabe o perigo que correm, e continua sua jornada junto à sua protegida, em busca da plenitude física e emocional que tanto busca para enfim acalmar sua alma atormentada.

DOLOROSO ABANDONO

Dentro da grande barraca, montada às margens do rio onde um barco está ancorado, o médico recosta-se em sua pequena cadeira. Está cansado, suando e com dor nas costas. O dia foi duro, mas gratificante, e ele arrasta os pés pelo chão de terra batida, esticando as pernas.

Ele já está a dois anos nesta vida de atendimento às populações ribeirinhas da Amazônia. Atuando por uma organização não-governamental, presta auxílio médico a estas pessoas tão carentes de recursos básicos de saúde. Seus auxiliares estão acabando de levar para o barco de apoio as caixas de medicamentos e os equipamentos que foram utilizados no atendimento do dia.

É incrível o índice de crianças subnutridas e com doenças que deveriam estar extintas há muito tempo. Ele sabe que seu trabalho é importante, porém insuficiente. Sente-se derrotado ao final de cada dia, sabendo que todo o seu esforço representa apenas um pingo d'água em um imenso deserto. Mesmo assim segue adiante com sua luta diária.

Sua equipe já está acomodada no interior da embarcação, pronta para partir. Ele decide aguardar mais alguns instantes, aproveitar este raro momento de privacidade e sossego. É final de tarde, e um lusco-fusco toma conta da floresta. Este é o momento do dia em que o olho humano tem menos efetividade em suas percepções visuais. Porém, isso não é problema para os olhos que fitam atentamente a barraca, do lado de fora. Esses olhos são preparados para enxergar bem sob iluminação mínima, para focalizar a presa a grande distância. E eles não desviam o foco da sombra do homem por trás da lona, sob a iluminação de um lampião.

Liel, o médico, começa a organizar seus prontuários, para juntar-se aos seus companheiros e apreciar o jantar com o grupo. A comida não é o que se possa chamar de um banquete, e ele não se incomoda, pois abriu mão do luxo e do conforto por esta causa. O que realmente acha enfadonho são as histórias fantasiosas do auxiliar da embarcação, sempre falando sobre criaturas folclóricas, com as quais ele jura ter contato. Liel, como homem da ciência, não aguenta essa conversa de pessoas supersticiosas e de imaginação fértil.

Um discreto estalido, acompanhado pelo silêncio no ambiente ao redor, chama sua atenção. Ele pousa os papéis sobre a maca desgastada, no fundo da barraca, e apura a audição. O silêncio permanece, mais assustador que o som de animais selvagens vagando pela noite. Algo caminha sorrrateiramente do lado de fora, e seu coração dispara. Uma gota gelada de suor escorre na sua testa, passa pela têmpora e desliza desconfortavelmente pelo pescoço. A vontade do médico

nesse instante é de gritar e correr, mas a perspectiva de ser uma onça ou outro animal ameaçador inspira cautela.

O ruído das pessoas no barco desviam sua atenção por alguns segundos. Um roçar estranho insinua-se ali perto, mas Liel não consegue identificar de onde vem, nem o que origina esse barulho. Ele apaga a luz que denuncia sua localização e permanece imóvel, rezando para estar simplesmente fazendo papel de bobo, que seja algum animalzinho inofensivo o motivo de seu temor. Sem perder de vista a abertura da entrada da barraca, ele recua, até encontrar a proteção da maca, atrás da qual refugia-se.

Uma leve brisa às suas costas denuncia que há algo errado. Voltando-se lentamente, temendo o que presenciará, ele percebe que parte da lona do fundo foi levantada, e é segura por uma mão peluda e com garras imensas. Ele se assusta, caindo sentado e batendo a cabeça contra uma das pernas da maca. Desorientado, ele simplesmente aguarda de olhos fechados o ataque fatal. Depois de alguns segundos, notando que nada acontece, ele abre novamente os olhos. Novo susto, novo pulo, nova cabeçada.

Um lobisomem, abaixado sob a abertura improvisada da barraca, encara-o fixamente e estende algo que carrega em suas terríveis garras. Ainda mais zonzinho, o médico deixa que ele acomode uma criança sobre seu colo. Seu tato percebe uma temperatura incomum, e imediatamente o instinto do profissional salvador de vidas sobrepõe seu próprio instinto de autopreservação. Ele se levanta, acomodando a menina na maca e tomando seu pulso. Quando finalmente se recorda de quem a trouxe até ali, volta-se para o fundo da barraca, agora vazio.

O barulho na mata confirma a fuga do lobisomem. Atônito, Liel tenta formular uma maneira de contar aos outros o que aconteceu ali. Enquanto se prepara para levar a criança ao barco, finalmente decide mentir, dizendo que ela apareceu por ali sozinha, pedindo ajuda. Não quer passar por contador de histórias inventadas, como o tão criticado assistente da embarcação. Histórias essas que, a partir de agora, passará a ouvir com menos ceticismo.

Fênix avança através da vegetação, em direção à noite que a espera. O pesar do abandono da peira é compensado com a certeza de que está fazendo o melhor para a dupla. Ela contraiu febre amarela há alguns dias, e seu estado só piorou desde então. A mulher-lobo tinha duas opções: manter a criança consigo, atrasando sua fuga e piorando seu quadro de saúde, ou entregá-la aos cuidados de pessoas que pudessem tratar sua doença, fazendo também com que possa despistar seus perseguidores ou até mesmo enfrentá-los, sem medo das consequências.

O sentimento humano e a praticidade lupina atormentaram-na nos últimos dias, pois ela não sabia qual deveria prevalecer. Por fim, o lado lupino venceu, e a decisão foi fria e prática. Deixaria a criança aos cuidados dos médicos, apesar disso despedaçar seu coração e deixá-la com o vazio do abandono. Por outro lado, teria a certeza de poupar a menina de qualquer risco, e é isso que a consola. Assim que resolver o problema com os humanos que estão no seu encalço, retornaria para buscar a menina que aprendeu a amar, pois tem certeza que seu vínculo mental mostrará o caminho.

MERGULHO NO VERDE

Caroline e o professor Bjornson conversam, a bordo do helicóptero pilotado por um membro da Alcateia Global. Eles repassam os últimos detalhes da estratégia que adotarão ao aterrissar no Pará. O clima geral é de apreensão, tendo em vista as informações que chegaram ao conhecimento do professor.

Depois de tentar, sem sucesso, contatar o grupo de assalto após a demora no seu retorno, a organização Green Death enviou um investigador ao Brasil, para seguir os passos desse grupo, refazendo seu trajeto. Ao chegar a Prainha, esse emissário não obteve auxílio dos habitantes, que evitavam falar sobre os estrangeiros que lá estiveram. O máximo que conseguiu levantar foi que o guia que acompanhou o grupo durante algumas filmagens noturnas teve de deixar a cidade, pois quase foi linchado pela população.

Vendo que não conseguiria levantar informações sobre seus colegas de organização, o batedor da Green Death retornou à Holanda, levando consigo as péssimas e inconclusivas novidades. Não tendo o contingente de agentes suficiente para empreender uma missão de busca e resgate na selva amazônica, a organização viu-se obrigada a pedir ajuda a outros de sua raça com maior influência nessas terras, e com mais homens-lobo disponíveis para a missão. Foi então que a Alcateia Global foi contatada.

O professor fez questão de assumir essa tarefa pessoalmente, cancelando diversos compromissos acadêmicos na Europa. Devido ao local da missão, achou melhor solicitar ajuda à sua agente de campo brasileira de maior destaque. Foi por causa disso que ligou diretamente a Caroline, há uma semana. Suas qualidades de farejadora serão de grande valia na busca pelos integrantes da Green Death desaparecidos.

É madrugada, e o helicóptero sobrevoa o Rio Amazonas, chegando à mata nas proximidades de Prainha. Em seu interior, uma cena incomum se desenrola. Duas pessoas começam a se transformar em lobisomens. O barulho do rotor e das hélices rasgando o ar abafam os estalos provenientes dos poderosos corpos que assumem a forma lupina.

Quando a aeronave alcança as coordenadas previamente definidas, diminui a altitude, quase tocando a copa das árvores. Poucos segundos são necessários para a dupla saltar do helicóptero, lançando-se sobre a densa vegetação. Agilmente, pousam sobre os galhos mais altos, quebrando muitos deles enquanto vão controlando suas quedas. Quando alcançam o chão, caindo sobre quatro patas, nenhum dano foi causado aos seus corpos magníficos.

A visão é impressionante. Atualmente, Caroline fica bem próxima dos dois metros de altura em sua forma lupina. Sua pelagem de lobo ibérico, com tons de castanho e negro, está totalmente eriçada, ela sente o pulsar da mata como se fosse eletricidade pura percorrendo seu corpo. O professor, com seu porte majestoso e seus dois metros e trinta de altura, ostenta uma pelagem totalmente branca e muito densa, coloração rara mesmo entre os lobos noruegueses. Ele fareja o ar por alguns segundos e então decide qual rumo tomar.

Eles partem em disparada, na direção de um indício claro de anormalidade em meio àquele mundo verde: o forte odor de decomposição, exalado por diversos cadáveres. Por aproximadamente vinte minutos eles avançam, até alcançarem um local que os moradores desta região passaram a evitar, temendo os maus fluidos que dele emanam. Uma camionete, totalmente danificada, apresentando diversos pontos de oxidação, recepciona-os com seu ar de total abandono. Bem próximos dela, três corpos putrefatos repousam sobre a terra conspurcada com o sangue da covarde execução. Mas a procissão de mortos não acaba aqui.

Seguindo por uma pequena trilha, a dupla não precisou andar muito para deparar-se com o corpo nu de Night. Com imensa revolta, Caroline identifica, insinuando-se sob o cheiro de podridão, sangue e pólvora, um odor muito particular: sêmen. Ensandecida, ela direciona todo o seu ódio a uma árvore próxima, que tomba sob a saraivada de golpes que recebe da mulher-lobo.

O professor não presencia esta cena, pois seguiu em frente na trilha, e agora está parado à frente do corpo desfigurado de Berserkr. De todos os mortos encontrados aqui, este é o único que ele conheceu pessoalmente, e por isso consegue identificá-lo, mesmo estando nessa condição deplorável. A face branca de lobo está impassível, mas os olhos humanos denunciam o profundo sofrimento pelo qual ele passa. Um uivo de lamento invade a noite, e pode ser ouvido por quilômetros. A própria floresta parece contrair-se por conta do pesar desta poderosa criatura.

O rastro dos assassinos já está apagado, devido ao clima chuvoso da região. O instinto dos lobos diz que ainda podem contar com Fênix viva, e o seu resgate é prioridade, apesar do clamor por vingança ser intenso. Na imensidão da floresta, a perspicácia humana deve auxiliar os instintos animais. Eles devem procurar indícios de presença humana nas redondezas, no intuito de encontrar alguma das madeireiras atacadas pelo grupo, pois é bem provável que os ataques partiram de lá.

Poucos minutos são necessários para chegarem às proximidades do local onde Berserkr encontrou pela primeira vez os caçadores que acabaram com sua vida. Bjornson, por possuir uma coloração de pelos inapropriada para se camuflar na mata tropical, afastou-se do local, para uma área de vegetação densa, sem

presença humana. Ele seria detectado ao longe se chegasse perto da clareira. Mesmo se pudesse, não seria de muita serventia, pois não entende muito bem o português, além de estar com as vias respiratórias parcialmente obstruídas, uma coriza ocasionada pela umidade do clima que seu corpo ainda estranha.

Por causa disso, é Caroline quem se aproxima, sozinha e sorrateiramente, da vegetação na borda da clareira, de modo totalmente silencioso. Existe indício de pessoas aqui, e talvez elas possam ter a chave para o mistério do paradeiro de Fênix. Agora só resta aguardar, com muita paciência e sentidos apurados.

Por mais de duas horas, eles aguardam na escuridão, imóveis e atentos a cada ruído, odor ou movimento que denunciasse a presença de pessoas naquele local. Finalmente, o capataz da área de extração ilegal de madeira atende a uma ligação telefônica. Caroline apura sua audição, pois o barracão na porta do qual o empregado fala ao celular fica quase do outro lado da clareira.

– E aí, gringo, como é que tá esse turismo pela mata que cês tão fazendo? – diz o homem sem camisa, colocando um cigarro na boca e coçando a barriga. – Olha o respeito, rapá! Não tenho medo de ninguém, mesmo que seja caçador de lobisomem. Pelo menos o meu trabalho eu faço direito – ele ouve por alguns segundos. – Ah, chega de enrolação! Desembucha logo o que tá pegando aí, que o chefe já tá louquinho para cortar a verba dessa palhaçada toda, se é que você me entende...

E por mais de cinco minutos, o capataz apenas escuta, emitindo vez ou outra apenas palavras monossilábicas de compreensão, enquanto anota freneticamente em um caderninho que pegou dentro do barracão. Por fim, ele arranca as folhas nas quais escreveu enquanto ouvia as instruções do caçador. Outro cigarro é aceso, outro número é discado, e o tom de voz muda consideravelmente.

– Alô, chefe. Desculpe ligar a esta hora, mas o senhor mesmo disse que queria ser avisado logo que os gringos dessem sinal de vida – a voz transparece não só submissão, mas também um traço de medo. – A mulher que lê a mente do bicho achou o rastro do lobisomem, e descobriu um ponto fraco. Eles agora têm um plano para atrair o diabo para onde eles estão, e vão precisar de algumas “ferramentas de trabalho” para dar tudo certo – ele ouve em silêncio por alguns segundos. – Eu anotei tudo o que ele pediu. Posso falar?

Caroline sente sua apreensão crescer a cada novo item ditado pelo homem. Um sentimento de urgência surge, fazendo com que tenha vontade de partir imediatamente no encalço dos caçadores, mas ela sabe que eles não estão nas proximidades. É melhor aguardar e tentar colher mais informações sobre sua localização. Ela ouve algo a respeito de um rio, que segundo o capataz está a

nordeste dali, para onde deve ser enviado um barco com o material solicitado por Vansing.

Quando finalmente ouve que devem estar a aproximadamente duzentos quilômetros de distância, a mulher-lobo contata mentalmente o professor, para tomarem decisões rápidas de como proceder neste instante.

“Vamos matar esse empregado e os outros dois que dormem no barracão!” – sugere Caroline, cuja proximidade permitiu identificar mais duas pessoas na construção de madeira.

“É melhor não arriscarmos. Caso ele não mantenha contato com seus empregadores, pode acontecer de enviarem alertas aos caçadores, o que estragaria nosso efeito surpresa. Por enquanto, eles acham que só existe um de nós nesta região.” – completa o professor. – “Vamos partir imediatamente. Com sorte, alcançaremos Fênix antes deles.”

Sorrateiramente, eles partem, deixando para trás a vontade de iniciar uma matança ali mesmo. Os corpos dos integrantes da Green Death também permanecem como estão, pois para a dupla o que vale agora é salvar os que ainda estão vivos. O que abandonam na floresta são simples sombras do que foram aquelas pessoas. Eles têm um trabalho imenso de localização pela frente, e enterrar cascas vazias em solo úmido só atrasaria o resgate da mulher-lobo que corre perigo.

DIVIDIR PARA CONQUISTAR

Hell Vansing está farto dessa brincadeira de gato e rato no meio da floresta tropical. Por meses, vem se alimentado mal, tem dormido de forma precária e sua higiene pessoal não é das melhores, tendo de tomar banho em rios onde o medo está sempre presente. Não por causa de jacarés, piranhas ou cobras, mas por saber que por aqui existe o temido peixe chamado candiru.

Com a forma de uma pequena enguia, esse terror dos rios amazônicos é atraído pela urina e pode se alojar na uretra de uma pessoa, de onde não pode ser retirado, a não ser por cirurgia. Também conhecido como peixe-vampiro, é um tipo de parasita que pode se alimentar de sangue e tecidos. A simples lembrança de algo desse tipo provoca calafrios em Vansing, e ele prefere enfrentar mil lobisomens apenas com um canivete, do que se deparar com esse pequeno peixe, com apenas alguns centímetros de comprimento.

Quando Monica disse que surgiu um ás na manga para uma cartada final, o caçador decidiu apostar todas as suas fichas nisso, para se ver livre de vez deste inferno verde. Através do intermediário de comunicações (o capataz do principal acampamento da madeireira), solicitou mais homens e material aos seus empregadores. Para evitar recusas, propôs inclusive que os custos decorrentes dessa nova solicitação fossem descontados do seu pagamento, cujo montante ainda está pendente, até que o último lobisomem seja eliminado.

Juntamente com Guent e Monica, Vansing montou uma estratégia infalível, para acabar de vez com o lupino que tem estado sempre um passo à sua frente, mas que não conseguem alcançar de maneira alguma. O barco com o material e os homens solicitados acaba de chegar à margem onde montaram acampamento, e os procedimentos planejados já estão sendo postos em prática.

O grande grupo foi separado em três núcleos. O primeiro é formado pela dupla Vansing e Monica, que embarcarão imediatamente assim que os homens acabarem de descarregar o material trazido pelo barco. Sua missão é vital, e o êxito dos dois é essencial para o prosseguimento do plano. Guent, acompanhado por

mais doze homens que vieram na embarcação, buscarão um local aberto na mata para instalar o conteúdo das caixas que acabaram de chegar, e também para preparar o terreno, visando deixá-los em vantagem quando o momento adequado chegar. O terceiro núcleo é formado por dez dos mercenários originais que ainda resistem e que não fugiram, como muitos outros o fizeram. Eles ficam posicionados em um local estratégico, atuando como um grupo de contenção, caso a fera surja de surpresa antes que estejam todos preparados.

Partindo com o barco, Vansing parece ansioso. Finalmente sairão daqui! Nunca um lobisomem deu tanto trabalho em toda a sua trajetória como caçador. Não fosse por Guent e sua insistência irritante, já teria desistido há muito tempo. Mas o amigo sempre o fez vislumbrar a merecida aposentadoria que finalmente eles teriam após receber o pagamento final destes novos empregadores. Só o dinheiro sujo desses devastadores para fazê-lo continuar com este tormento! Mas ele está esperançoso, pois sabe que vai acabar logo. Monica chega à cabine, de onde ele conduz a embarcação.

– Você tem certeza de que estamos no rumo certo? – dirige-se a ela, com mais hesitação na voz do que gostaria.

– Confie em mim! Apesar de vocês, ianques arrogantes, acharem que a porto-riquenha aqui não serve para nada, meus dons mentais têm ajudado a manter-nos sempre no rumo certo, apesar do lobo ser muito mais ágil que os molengas que você trouxe para auxiliar – ela se diverte com o silêncio do americano, que não tem argumentos a apresentar. – Se não fosse por mim, vocês teriam virado comida de lobisomem há muito tempo atrás. Por isso, cale a sua maldita boca e faça o que eu mando!

Em silêncio ele prossegue, exausto e perdido em pensamentos. Tem certeza de que a mulher é sua única chance, pelo menos por enquanto. O rompimento dessa desgastante parceria é inevitável, e ele se pergunta quais serão as conseqüências disso, uma vez que ninguém quer sair perdendo neste grupo onde cobras devoram serpentes. Ao final da caçada, logo descobrirão.

Para distrair um pouco a cabeça, pega o aparelho de telefone via satélite da cabine e disca um número que conhece bem. Chegou novamente o período mensal de ligar para seu amigo Johnny, nos Estados Unidos, dando sinal de vida. Independente do que ocorra, indo os negócios bem ou mal, ele sempre mantém esse ritual como uma rotina sagrada, pois sabe que isso é essencial para seus planos, definidos muitos anos atrás.

Guent rapidamente encontra um lugar adequado para estabelecer sua base. A clareira de terra nua é inclusive maior do que esperava, e a terra violada e estéril será apropriada. O local, segundo um de seus homens, já foi utilizado como garimpo ilegal, mas mostrou-se improdutivo, e relações tensas foram estabelecidas aqui. Após a morte de dezenas de homens em brigas, traições e emboscadas, este pedaço de terra foi abandonado, restando apenas uma imensa cicatriz na mata, resíduo das más ações que aqui foram praticadas.

A proximidade do rio também é um ponto a favor. Analisando o terreno, Guent fica feliz, pois parte do trabalho de escavação de sua equipe já foi feito pelos antigos ocupantes daqui. Resta apenas fazer algumas adequações, para atender ao que foi planejado, e instalar os itens que estão nas caixas. O grupo começa imediatamente o trabalho, pois todos querem concluir de uma vez essa cansativa expedição.

Dez mercenários entediados posicionam-se estrategicamente no trecho da floresta que foi designado pela mulher. Nenhum deles sabe ao certo o que estão caçando, pois os líderes do grupo passam para eles somente as informações estritamente necessárias, o resto é altamente confidencial. Para eles, não importa, pois o que querem é dinheiro e, se possível, descarregar sua brutalidade sobre algum infeliz.

Todos possuem um currículo invejável, no que diz respeito a marginalidade e violência. Este grupo é composto por homens rudes e sem amor à vida, seja ela qual for. São pessoas que já atuaram como assassinos de aluguel, traficantes de

animais silvestres, contrabandistas de armas e seguranças particulares de chefões do crime. Aceitaram esta empreitada pelo dinheiro fácil, pois os contratantes estão pagando acima da média que eles estão acostumados a praticar. Estes indivíduos arrancam vidas por pouco mais que uma garrafa de cachaça e dois pacotes de cigarros.

Muitos se perguntam qual é o bicho exótico que estão caçando, que vale tanto esforço e tanto dinheiro investido. Foi feito até um bolão entre eles, para ver quem adivinha qual é o animal que sairá furado como uma peneira, após cruzar o caminho do grupo. Onça, macaco, cobra e até mesmo algum tipo diferente de índio foram citados nas apostas. Não importa. O que aparecer por aí na mata, vai levar chumbo quente na cara, como eles mesmos falam.

Como não têm nada para fazer a não ser esperar algum movimento ou novas instruções via rádio, vão passando o tempo como podem. Alguns fumam e conversam, outros jogam cartas ou cuidam de seu armamento. Só resta uma dúvida: estariam eles tão eufóricos e tranquilos, caso conhecessem a verdadeira natureza de sua suposta presa?

SEQUESTRO

Monica e Vansing desembarcam na margem enlameada, cada um carregando uma pistola. Aqui, não será necessário armamento pesado. O sol começa a lançar seus primeiros raios sobre esta terra, que é pisada pela dupla, enquanto se aproximam do local onde a equipe médica faz seus preparativos. Seria o início de mais um dia comum de trabalho para os membros desta ONG, não fosse pelas armas de fogo apontadas em sua direção e os gritos imperativos, bradando que todos entrassem no barco.

Enquanto os sete membros da equipe são mantidos sob a mira da pistola de Monica, Vansing vai até a cabine, destrói todos os aparelhos de comunicação e inutiliza os instrumentos de navegação do barco. O mesmo é feito com os telefones celulares e notebooks encontrados entre os pertences das pessoas. Após tomar essas medidas preventivas, o caçador finalmente manifesta suas intenções, em um portunhol que é perfeitamente compreendido por todos.

– Prestem atenção, pois só vou explicar uma vez. Queremos uma menina que está com vocês neste barco. Nós a levaremos embora de qualquer jeito, portanto não percam seu tempo tentando nos impedir.

– Por favor, senhor, ela está muito doente e precisa de tratamento intensivo para poder se recuperar – manifesta-se uma das enfermeiras, de modo suplicante. – Se ela sair deste barco agora, pode ser que não resist...

O tiro ressoa alto como um trovão na embarcação. Certo, no meio da testa, joga a garota violentamente contra a parede externa da cabine. Respingos de sangue maculam o branco das roupas de seus colegas de trabalho voluntário que, em choque, tornam-se estátuas pálidas e estremecidas pelo impacto da cena violenta. A jovem que, nesta mesma manhã, conversava com os amigos sobre os planos que tinha para quando voltasse à sua casa dali a uma semana, agora tem sua massa encefálica espalhada pelo assoalho do barco, sobre o qual tantas vidas ajudou a salvar.

– Quem vai ser o próximo filho da puta a querer dar uma de Madre Teresa de Calcutá? – grita Monica, totalmente alterada, ansiosa para descontar todos estes meses de frustrações sobre aquele grupo desafortunado. – Eu vou levar a porra da menina embora, e é agora!

Liel, com as mãos para cima, em posição de quem está totalmente rendido e que não quer demonstrar qualquer intenção de ameaça, encaminha-se cautelosamente à parte do barco reservada à internação de doentes. Acompanhado pelo homem com a arma, chega à maca onde repousa a criança. Ela está visivelmente em estado febril, e seus olhos, mesmo fechados, movem-se freneticamente dentro das órbitas. Apesar do calor, seu corpo todo treme, como se estivesse sob o mais rigoroso dos invernos.

Por causa de seu estado febril, a mente da pobre menina virou um livro aberto, e suas emissões psíquicas expandem-se em todas as direções, pois ela está em um estado de inconsciência onde não consegue controlar seus dons. Foi isso que permitiu a Monica detectar facilmente sua localização, e a distância física do lobisomem que a vinha acompanhando. Esses gritos mentais também deixaram claro que ela clama pela ajuda de seu protetor lupino, o que levou Monica a traçar um plano derradeiro.

Esse plano prevê o seqüestro da criança. Tendo um vínculo mental e físico tão forte com a criatura, com certeza atrairia sua presa para uma emboscada. O lobo chegaria fragilizado por não poder despejar toda a sua selvageria sobre o grupo, temendo ferir sua cria adotiva. Além disso, como um plano B, caso as coisas corram muito mal, também é possível usar a criança como escudo para uma fuga, ou moeda de troca em alguma barganha com o monstro.

Assim, será possível liquidar o lobisomem e sua protegida, pegar logo o dinheiro e sumir deste lugar que todos passaram a odiar. Estando com o dinheiro em mãos, a porto-riquenha finalmente se verá livre dos dois americanos odiosos, podendo inclusive tramar um modo de se vingar deles. Vansing, por tê-la usado como um brinquedinho sexual durante o período em que não tinha mais acesso às prostitutas, das quais não consegue mais viver afastado. Guent, por sempre tratá-la

com desprezo e preconceito, achando-a inferior por ser mulher e acreditando que ela faz parte de uma sub-raça que ele gostaria de ver extinta.

Liel desce pela rampa de desembarque com a menina no colo, enrolada em um cobertor, seguido pelos dois bandidos. Ao chegar à terra firme, ele é obrigado a soltá-la no chão úmido, o que lhe causa profundo pesar, pois sente a temperatura da criança e sabe que seu corpo está fragilizado e sensível. Isso não pode ficar assim!

– Levem-me junto, por favor! – ele fala com o máximo de calma que consegue exprimir. – Eu levo os medicamentos necessários e garanto que ela ficará bem.

A resposta do caçador veio na forma de uma coronhada, acertando violentamente o rosto do médico, que cai pesadamente ao chão, zozinho com o impacto, com a dor e com a revolta. Ele cuspe três dentes, que parecem pequenos náufragos em um horrível lago formado pelo seu próprio sangue.

– Solte as amarras! – ordena o americano.

Sentindo que será mais útil vivo do que morto, Liel obedece. Em seguida, é obrigado a embarcar às pressas, visto que o barco começa a deslizar rio abaixo, levado totalmente sem rumo pela correnteza. Os ocupantes da embarcação esboçaram uma tentativa de lançar as cordas do barco sobre algum ponto da margem, buscando um lugar de apoio que freasse seu movimento. A resposta a esse ato veio rápida: uma saraivada de balas, que forçou-os a deitar no assoalho, deixando mais dois feridos a bordo.

Satisfeitos com o resultado de sua incursão, os dois bandidos partem para seu próprio barco, que é rapidamente manobrado e segue para o local onde pegarão a trilha para o descampado, sinalizado via rádio por Guent. Enroscada em meio ao cobertor velho no chão da cabine, a criança é vista por eles como o seu passaporte para fora dali, com direito a uma montanha de dinheiro.

PREPARANDO A EMBOSCADA

O grupo de Guent trabalhou duro, mas conseguiu concluir seu trabalho a contento. A clareira, devastada pelo garimpo e completamente abandonada, agora transformou-se em um imenso e mortífero quadrilátero, cuidadosamente montado para ser o túmulo do esquivo lobisomem, que tanto trabalho tem dado aos caçadores.

Ao centro, foi criado um montículo, cuja finalidade é expor a peeira, a única isca que atrairá a criatura para aquele local. Algumas casamatas rudimentares, escavadas no solo e cobertas por troncos de árvores, foram distribuídas em pontos estratégicos, formando uma meia-lua na direção do caminho que leva ao rio, a dez metros dali. De dentro delas, atiradores estarão prontos para alvejar impiedosamente a criatura, mesmo que isso signifique acertar também a criança.

Arame farpado e minas terrestres foram espalhados por todos os quase cinquenta metros das laterais, perpendiculares ao rio, fechando assim três lados do quadrado, forçando a entrada do lobo por somente uma direção, e com isso não serão pegos de surpresa.

Guent olha orgulhoso ao redor, apreciando a praça de guerra que meticulosamente planejou e que fez com que seus homens construíssem fielmente, seguindo suas instruções. Ele esperou toda a sua vida por este momento de glória, quando finalmente poderá participar de um conflito armado, uma vez que as forças armadas de seu país nunca o aceitaram em suas fileiras. Depois de hoje, ele pode morrer feliz, tendo experimentado a descarga infernal de balas sobre o inimigo, a explosão fabulosa das bombas sobre o campo de batalha, terra e sangue voando pelos ares!

Ele é arrancado de seus devaneios pelo ruído do motor do barco. A margem do rio fica a alguns metros dali. Com muita comemoração, Vansing é recebido pelo parceiro de caçadas, exibindo a criança como um troféu. Finalmente, seus companheiros chegaram com a isca.

Rapidamente, eles se posicionam. Os atiradores empunham suas armas e entram nas casamatas. Três homens ficam no barco, para o caso do lobisomem chegar pelo rio, o que é muito pouco provável. O restante dos mercenários se posiciona entre as casamatas e o rio, criando mais uma linha de artilharia. Entre eles e o rio, o trio que comanda toda a operação.

Monica, Guent e Vansing vestem roupas especiais e têm à sua disposição diversas caixas, com itens que utilizarão em caso de necessidade. Todo esse arranjo trará um massacre, mas eles não se importam com isso. Já estão cansados de encarar lobisomens cara a cara, arriscando sua pele. Que esses matadores, acostumados a dar fim à vida de trabalhadores rurais, rapazinhos e freiras, façam o trabalho por eles, e se alguns morrerem durante a operação, não faz diferença.

Em relação ao grupo de contenção, esses homens não fazem mais diferença. Vansing escolheu a dedo cada um dos componentes desse destacamento: os mais insolentes, desagradáveis e desobedientes. Esses serão oferecidos de bandeja para a fera. Se derem muita sorte, causarão algum dano ao monstro, facilitando ainda mais o seu trabalho. Caso contrário, serão menos capangas a pagar, sobrando mais dinheiro para eles.

Guent carrega a menina até o monte onde deve ficar para atrair o lobo. Ele a pousa no chão, sem o cobertor e semiconsciente, um estado que para eles não tem utilidade. Tendo a necessidade de despertá-la, o americano não mede esforços. Levanta-a pelos cabelos, fazendo com que fique sentada, e começa a estapeá-la. Ela finalmente desperta aos prantos, muito sensível ao sofrimento físico ao qual foi exposta. Satisfeito, Guent a deixa lá, pois sabe que ela não tem forças para fugir, e que imediatamente fará o chamado mental.

E é exatamente isso que acontece. Um lamento psíquico, de profundo desespero, é lançado em todas as direções. A criança clama por ajuda, e com certeza será atendida.

CAÇA

– ... e esse é o lance do desenho número um e do desenho número dois – diz Ivaney a Silvio. – Cê tá entendendo a grande sacada dessa história toda?

– Ah, deixa de conversa fiada! Livro de criança é pra criança, e ponto final! Chapéu é chapéu, elefante é elefante! Eu prefiro revista de mulher pelada!

– Bem, acho que não tem jeito mesmo... você vai enxergar chapéus a vida toda.

– Eu quero é enxergar essa porra desse bicho que a gente tá caçando faz tempo, e que não dá as caras! E tomara que esse animal misterioso seja uma jiboia. Se tiver engolido um elefante, melhor ainda! Vou fazer questão de destrinchar a desgraçada bem na sua frente! – gargalha Silvio.

– Eu já tô de saco cheio de ficar aqui na mata. E o pior é que nem dá para ler, com essa iluminação fraca, que é bloqueada pelas árvores.

Os dois mercenários deveriam ser os vigias deste turno, conforme combinado com o resto do grupo. Ficou decidido entre os bandidos que, como está tudo parado, dois vigiariam a direção de onde surgiria o suposto animal, em turnos de uma hora, enquanto o resto ficaria livre para jogar cartas, dormir, fumar, beber, o que bem entendesse. Após quinze minutos da mais completa quietude, Ivaney e Silvio acabaram relaxando, deixando de lado as armas e conversando animadamente, recostados a uma grande árvore.

Por causa disso, não notaram a aproximação do grande lupino. A criatura, quase rastejando entre as moitas e árvores, move-se tão lentamente como uma tartaruga. Isso é importante, para não emitir ruídos, mesmo pisando sobre um grande tapete de folhas mortas que forra o solo dali. Todos os músculos do lobisomem estão rígidos, ele mantém-se totalmente tenso, com olhos fixos na dupla e pronto para qualquer ação rápida que se faça necessária.

Os dois mercenários conversam com tanta displicência, que nem seria preciso tanto zelo para a criatura conseguir uma aproximação incógnita. Mas isso agora não faz diferença, pois o lobo chegou ao ponto que queria atingir. Está a

quatro metros da dupla, atrás de uma grande moita, sem piscar, respirando lenta e profundamente, não emitindo qualquer ruído. Sua mente está vazia de qualquer outra coisa que não seja a linha de raciocínio a seguir para chegar ao seu difícil objetivo.

Ivaney acende outro cigarro. Silvio apoia o fuzil na árvore, na qual está encostado. Pede o isqueiro ao colega, e nesse momento ficam os dois frente a frente, de lado para o local onde a fera se esconde. Finalmente chegou o momento. Um salto ágil, dez garras afiadas, dois pescoços expostos. Alguns rasgos, um gorgolejar baixo, litros de sangue ao chão. Dois mercenários a menos, morrendo silenciosamente, sem alertar o grupo.

O lobisomem olha na direção de alguns bandidos que dormem, recostados às árvores que estão a algumas dezenas de metros de distância. Mais à frente, três homens bebem e jogam cartas, sentados no chão de pernas cruzadas. Ninguém havia percebido o ataque, dada a sua rapidez e eficácia. A fera percebe que não vale mais a pena ser sutil, porque o efeito surpresa e a selvageria estão a seu favor. Em rápida corrida sobre duas patas ele avança, como se fosse a sombra da própria morte.

Dois homens são degolados sem sequer acordarem. Os bandidos que jogavam cartas, alertados pelo avanço do lobo à distância, imediatamente buscam suas armas e iniciam uma alucinada saraivada de tiros. Dois dos seus colegas que dormiam e levantaram desorientados com o barulho, morrem rapidamente sob a chuva de projéteis de grosso calibre que cai sobre seus corpos.

Mais inteligente e ágil que os humanos, a criatura afasta-se da linha de fogo em rápida debandada, por um caminho onde as árvores são mais próximas umas das outras. Não sofreu ferimentos graves, apenas alguns arranhões, causados por balas que acertaram seu corpo de raspão. Em poucos minutos, despistou os homens armados, que não fizeram questão de correr atrás dele.

– Eu usei muita erva, ou aquilo era um lobisomem? – pergunta atônito um dos sobreviventes.

– Só sei que a gente tem que sair daqui, e bem rápido! – sugere outro.

– Se vocês quiserem, podem ir. Eu vou fazer uma pequena coleta naquele defunto ali, que tem três dentes de ouro! – diz o terceiro. – Com certeza, ele não vai precisar mais deles. Além disso, deve ter mais alguma coisa de valor no bolso desses malucos. Aquele bicho não volta mais não!

– Pode crer! Ele sabe que a gente é sangue no olho! Vamos ver o que tem de valor com esses manés, e depois a gente volta pro acampamento.

Firmino empreende fuga há alguns minutos, à base de solavancos e tropeços. Ele está apavorado, mas se acha um homem de sorte. Algum bicho bem grande chegou ao local onde a bandidagem estava relaxando, mas ele não conseguiu ver direito o que era. Estava afastado do grupo, pois a dor de barriga havia se manifestado novamente, e teve de escolher uma moita adequada, longe dos caçadores do grupo, que há dias vinham implicando com ele por causa desse desarranjo intestinal.

Primeiro, vieram os gritos. Logo em seguida, os tiros. Alguma coisa estava atacando seus colegas de armas, e eles revidavam. O instinto de sobrevivência falou mais alto que a curiosidade e a bravura. Firmino vestiu as calças e correu na direção que seu nariz apontava naquele momento. O vulto que viu de relance ao longe era amedrontador, e não quis de maneira alguma encarar aquela fera, seja lá o que for aquilo. Pretende ficar o mais longe possível do massacre. Depois, daria um jeito de encontrar Guent e explicar o ocorrido.

Isso mostrou-se um erro fatal. Embrenhando-se cada vez mais na mata densa, perdeu o senso de direção e passou a fazer um trajeto irregular pelo terreno, um arco que, no fim das contas, não o afastou tanto assim do local do ataque. Pior que isso, levou-o exatamente para onde não queria. Desesperado, ouve as vozes dos colegas ao longe, o que mostra que não se afastou totalmente do perigo.

Repentinamente, o lado de fora de uma das suas pernas esbarra em um tronco, caído em meio à densa folhagem. O tronco parece ser coberto por um tipo de líquen escuro, macio e quente. Ele estanca. Quente? O lobisomem ergue-se da vegetação, enorme diante do homem de um metro e sessenta. Firmino não suporta,

e novamente a disenteria se manifesta. Ele sentiria vergonha, se o pavor não fosse tão dominante.

O trio de saqueadores de cadáveres tem um sobressalto. Um grito desesperado atinge seus ouvidos, alertando-os de duas coisas: não são os únicos sobreviventes ali e algum infeliz deu de cara com o bicho. O pior é que o berro veio de um ponto da floresta oposto ao que eles pensavam abrigar a criatura. Isso mostra que o lobisomem se locomove muito bem por aqui, e de maneira silenciosa. Após encherem os bolsos com os pertences dos mortos, a decisão é tomada.

– Vamos atrás do barulho, matamos essa desgraça desse demônio e levamos a carcaça pros gringos. Com sorte, a gente recebe até uma gratificação extra!

– Vambora! Agora esse filho da puta vai ver com quem mexeu!

Com as armas prontas para uso, eles caminham cautelosamente, na direção dos lamentos. Não sobreviveram por acaso. Sabem muito bem manejar uma arma de fogo, e possuem noções de estratégia suficientes para, instintivamente, cobrirem seus companheiros nesse deslocamento, de modo a não serem pegos de surpresa novamente. O choro do homem é cada vez mais alto, e em pouco tempo eles chegam ao local onde ele está.

A cena não é das mais agradáveis, e provoca calafrios até nestes homens, acostumados a violência e morte. Firmino está deitado de costas, agonizando. Seu corpo está em meio a uma lama formada pelo seu próprio sangue. Suas vísceras estão expostas de um modo bizarro, e o sangue da boca se mistura ao muco do nariz e às lágrimas, sobre a face da vítima. O trio entreolha-se, sabendo que não há nada que possa ser feito por ele.

– E agora?

– Nem sinal do bicho. Vou meter um tiro na cabeça deste condenado, em nome do companheirismo. Isso deve tá doendo pra cacete!

Firmino tenta desesperadamente falar algo, mas ao que parece a dor é tanta, que os únicos sons que ele profere são gemidos, tosses e gorgolejos. Ele gesticula

debilmente, e os bandidos acham que o colega está implorando por ajuda, pedindo para viver, algo assim. A prova do equívoco do trio vem do alto.

Soltando-se de um galho a muitos metros do solo, o lobisomem aterrissa sobre a cabeça do mercenário que estava mais próximo de Firmino, causando graves danos à sua coluna cervical. Imediatamente, os outros dois começam a atirar. Parecendo prever o ato deles, o lupino ergue os dois homens feridos à sua frente, usando-os inicialmente como escudo, e depois objetos de arremesso, um em cada atirador.

Isso permite ao lobo fugir mais uma vez, mas agora os mercenários não descansarão até vê-lo morto. Eles correm atrás dele, atirando vez ou outra, quando acreditam tê-lo na mira. A fera parece prever cada tiro, pois um milésimo de segundo antes da explosão do projétil, ela muda bruscamente sua trajetória de fuga, desviando-se. Mas todos sabem que não pode fugir por muito mais tempo.

Um dos atiradores, começa a demonstrar cansaço, e vai ficando para trás na perseguição. E por causa disso ele consegue presenciar a cena que desenrola-se em uma fração de tempo inacreditável. Repentinamente, o lobisomem que aparentava estar amedrontado, simplesmente salta em direção a um galho de árvore a mais de cinco metros de altura. Segurando-o firmemente e auxiliado pelo impulso, efetua um rodopio similar ao de um ginasta nas barras paralelas, saltando sobre outro galho mais alto. Apoiando-se neste, inclina-se para baixo e impulsiona com as patas traseiras, mergulhando sobre o homem com as terríveis garras prontas para estraçalhá-lo.

O bandido, porém, mostra-se melhor preparado do que se esperava nesta situação. Em um ato de puro reflexo, ele ergue o fuzil sobre a cabeça, segurando com as duas mãos, defendendo-se do ataque. O lobisomem urra de dor ao ter duas garras arrancadas pelo choque com a parte metálica da arma. O impulso foi tão forte que, mesmo sendo robusto e tendo assumido uma postura de defesa, o homem não suporta o peso do impacto e vai ao chão, juntamente com o lobo.

O que se segue é uma luta corpo-a-corpo ensandecida. A fera e o mercenário lutam por suas vidas com unhas e dentes, literalmente. O segundo bandido poderia ter feito a diferença, atirando no lobisomem que agora está de costas para ele, a

alguns metros de distância, completamente focado na luta com seu colega. Dois ou três tiros bem direcionados aniquilariam a fera e salvariam a vida de seu bravo companheiro. Mas ele é covarde demais para fazer isso, e a única hipótese que sua cabeça impressionável consegue formular é colocada em prática: correr, como nunca havia corrido antes na vida.

– A fera está próxima, mas o padrão mental é diferente – alerta Monica.

– Deixa de ser boba! Se houvesse outro por aí, nós já teríamos cruzado com ele nessas andanças – retruca Guent.

– Ele não poderia estar alterado, por causa do nervosismo de sentir a criança em perigo? – Vansing questiona.

– Pode ser... acho tudo isso muito estranho – Monica começa a achar que o cansaço está influenciando sua percepção mental. – De qualquer maneira, ele está se aproximando.

A um sinal de Guent, os homens ficam em estado de alerta total. Conforme combinado, o que quer que apareça pelo lado livre do quadrilátero será alvejado, até não sobrar nada além de uma massa disforme. Nazaré chora baixinho, no local onde foi impiedosamente abandonada. Seu estado é crítico, e todos esperam que o lobisomem chegue logo, pois acreditam que a menina não consiga sobreviver até o final do dia.

O último sobrevivente corre pela mata, ainda ouvindo sons da luta do homem contra o lobo. Ele tem uma vaga noção de onde fica o rio, que é sua única esperança de fuga. Aquele bicho não deve ser muito bom nadando, e uma vez na água, ele decide o que fazer para se livrar dele. O importante é que está ganhando tempo, pois seu colega está mantendo o confronto por mais tempo do que ele imaginava. Com isso, ganhará uma boa dianteira.

Galhos baixos fustigam seu rosto durante a corrida e seus braços sangram, por causa de diversos arranhões sofridos pela passagem descuidada e veloz através de superfícies espinhosas, pontiagudas e ásperas. Sua calça camuflada está em

frangalhos, pois em muitos momentos tem de atravessar pontos de vegetação onde não há trilhas. Uma ausência repentina dos sons de luta ao longe acende uma luz amarela de desconfiança em sua mente. O urro inumano que vem em seguida ativa a luz vermelha do alarme, do mais puro horror.

Ele não para de correr, mesmo quando suas pernas fraquejam, contaminadas pelo pavor que o domina. Mas é esse mesmo sentimento que injeta doses adicionais de adrenalina no seu corpo, fazendo-o esquecer o cansaço e movendo-o rumo a uma única meta: preservar sua vida. E assim ele prossegue, ouvindo o avanço da criatura ao longe, sua respiração alta, a mata sucumbindo à sua fúria, enquanto abre caminho à força, para alcançar sua nova presa.

O homem consegue enxergar mais à frente a interrupção brusca da mata, uma grande clareira a vinte metros de distância. Com o ânimo renovado, ele segue em frente, para o local que tem certeza ser a base de operações do resto do grupo. Finalmente será salvo da fera! Poucos metros o separam dos colegas fortemente armados que com certeza darão um jeito em seu perseguidor. Repentinamente, algo o faz hesitar, e por um segundo ele diminui o ritmo de sua corrida. Há algo muito estranho aqui.

O alvoroço na mata chama a atenção dos homens posicionados na clareira. Ao que parece, a fera está vindo a toda velocidade. Apenas ocorreu um pequeno imprevisto: não chega àquele terreno pela direção esperada. Repentinamente, um homem em péssimo estado surge do lado direito do grupo, rente à cerca de arame farpado. Os bandidos o reconhecem, e por um instante ele para e olha ao redor, não entendendo ao certo a topologia daquele campo de batalha. Tempo suficiente para condená-lo à morte.

O lobisomem surge repentinamente da mata, saltando sobre o bandido de forma vigorosa, o que faz com que ambos voem sobre a barreira de arame farpado. Por uma fração de segundo, a cena parece congelar. A presa, ostentando uma máscara de horror, braços e pernas desajeitadamente suspensos no ar, seu corpo paralelo ao chão de terra fofa logo abaixo. A fera, com as garras perfurando os

pulmões do homem, o corpo totalmente esticado na diagonal, braços para baixo, pernas para cima, babando de ódio. Os atiradores nada precisam fazer, pois a armadilha de Guent cumpre seu papel perfeitamente.

Quando o homem atacado toca o chão, uma mina terrestre é ativada, e o efeito é devastador. A explosão destroça seu peito e abdome, um dos braços voa à distância e sua morte é instantânea. O lupino sofreu apenas parte do impacto, mas suas mãos ficam seriamente feridas. Ele rodopia no ar, junto com os restos mortais do seu escudo humano. Por causa do terreno ser levemente inclinado na direção do centro do quadrilátero, a fera acaba avançando um pouco mais nesse voo involuntário, na direção de seus algozes. Quando atinge novamente o solo, caindo sobre as patas traseiras, outra mina é ativada. Para sua sorte, ela não funciona adequadamente, e a explosão é bem menor do que deveria ser. Mas isso não quer dizer que não tenha causado mais danos.

Outra vez o lobisomem é arremessado, e agora rola pelo chão até cair em uma vala profunda, de seis metros de profundidade. Essa vala na verdade já existia antes, e Guent decidiu utilizá-la como um ponto de contingência, caso as minas terrestres não conseguissem cumprir seu papel adequadamente. Ele felicita-se mentalmente por ter tomado essa decisão.

– Eita porra! – exclama o mercenário mais próximo da cena, um dos poucos moradores da região. – Eu não sabia que existia lobisomem-guará!

Dante respira com dificuldade, caído na lama do fundo da vala. Ele não consegue se mover, sem que seja atormentado por dores terríveis em todo o corpo. Ele está caído de lado, e sente algo irregular espetando suas costelas. Um leve e dolorido movimento da mão lupina calcinada revela que se trata de uma ossada humana. Seu faro revela que há outros corpos em decomposição por ali, e desesperadamente se dá conta de que está em um depósito improvisado de mortos. Um cemitério clandestino, mas ainda assim um cemitério.

Isso invoca uma velha lembrança de sua infância. O pantanal, a caminhada solitária, o encontro com a misteriosa mulher de cabelos de fogo e pés invertidos.

Uma breve conversa que o persegue desde então. “Em sete cemitérios, de sete cidades diferentes, seu destino será traçado”. Desesperadamente, ele percebe que ali, entre aqueles mortos depositados na terra de maneira tão indigna, sua vida chega ao fim. O arrependimento o machuca, mais do que as feridas espalhadas por todo o seu corpo.

Se soubesse que este seria o seu fim, não teria feito todo esse esforço, que começou na sua casa, logo após a partida de Caroline. Ela expôs os motivos de sua partida, explicando por alto os planos do professor Bjornson e o local de sua missão. Então, ele percebeu que quando se tem uma rede de conhecidos com atuação nas áreas certas, tudo é possível.

Imediatamente, ele se lembrou de um especialista em explosivos do Amazonas, fornecedor da dinamite utilizada em alguns trabalhos de campo que fez na região, como geólogo. Ele sabe que essa pessoa também está envolvida com contrabando de materiais bélicos no norte do Brasil e países vizinhos. Se existia uma movimentação para enfrentar os ecoterroristas que aportaram no Pará, com certeza ele seria o fornecedor das armas. Em uma negociação de favores com outro conhecido da polícia federal, dois dias depois conseguiu uma lista das operações do contrabandista nesse estado, e os principais locais de entrega. Não era muito específico, mas já era um ponto de partida.

E assim, com a cara, a coragem e os dotes lupinos, pegou um avião com escalas até o aeroporto de Oriximiná, coincidentemente o mesmo em que desembarcou a equipe do Green Death, mas a partir dali o trajeto foi diferente. Ao invés de seguir para leste, rumo a Prainha, ele foi para o norte, onde sabia que havia ocorrido uma grande negociação de armas e explosivos. Quando o rastro do grupo armado perdeu-se pelo rio, através do qual seguia com sua investigação, foi necessário entrar na mata. E então o lobo assumiu o comando.

Por conta de seus sentidos apuradíssimos, Dante acabou encontrando o rastro do grupo armado em poucos dias, mesmo tendo de percorrer centenas de quilômetros para chegar às pistas principais. Apesar de haver muitos seres humanos carregando armas de fogo nesta região, grupos numerosos são mais raros, e foi esse padrão que ele seguiu para chegar onde queria. As características de

lobo-guará foram seu grande trunfo neste ambiente, pois de todos os lobisomens que aqui circulam, ele é o único totalmente preparado para o terreno e o clima. Seu potencial foi totalmente aproveitado, e por isso ele é o primeiro a ter uma aproximação real dos humanos.

Por muitos dias, seguiu à distância os homens fortemente armados, que aparentemente também estavam no encalço de alguém, e ele temia principalmente pela segurança de Caroline. Quando finalmente o grupo se dispersou, havia chegado a hora de agir, e ali ele começou a matança, até chegar ao seu triste fim, no fundo desta vala.

Inutilmente, ele tenta se erguer. A dor é tão intensa que sua visão fica turva. Então é assim que acabam seus dias neste mundo, infelizmente. Com suavidade, ele abraça a escuridão que toma conta de sua frágil consciência.

FOGO E GASOLINA

– Tragam os galões vermelhos de gasolina! Não mexam no galão azul, entenderam bem? – Guent comanda seus homens como um general no campo de batalha. – Vamos fazer um churrasco de cachorro!

É grande a movimentação dos mercenários, convergindo para a beirada da grande vala, no fundo da qual repousa o corpo inerte do lobisomem. Até os guardas que vigiavam o lado do rio deixaram seus postos, visto que não há mais motivos para permanecer em alerta no barco. Alguns aparentam assombro, outros, simples curiosidade. Dois galões de gasolina repousam próximos à aglomeração, aguardando sua participação na cruel morte do ser.

Vansing chama Guent e aponta na direção de sua companheira, que movimenta-se nervosamente pelo quadrilátero-armadilha. Os dois caçadores ficam atentos aos movimentos da porto-riquenha, pois agora que a missão está chegando ao fim, tudo pode acontecer.

Monica deveria estar satisfeita com a emboscada armada para o homem-lobo, mas algo instintivo a deixa inquieta. Ela sente as emissões mentais da fera, porém algo está errado, pois não parecem vir da vala onde a criatura caiu. Ela poderia jurar que vem de outra direção, a uma distância maior. “A tensão e o cansaço estão realmente acabando com minhas percepções”, pensa ela.

De qualquer maneira, ela aprendeu a ouvir seu instinto e acreditar nele, mesmo que seus sentidos digam o contrário. Por isso, enquanto os homens se preparam para aniquilar a fera, ela pega a menina no colo e caminha na direção da trilha que leva ao rio.

Nazaré está inconsciente, mas ainda respira, e a febre está pior. Começa a apresentar um leve sangramento nasal, o que evidencia a existência de hemorragias internas, estágio muito perigoso da febre amarela. Somente o auxílio médico adequado, com transfusão de sangue ou plaquetas, pode dar alguma chance de sobrevivência a ela.

– Ei, benzinho, onde você está indo? – questiona Vansing. Ao fundo, Guent afasta os homens do local onde está Dante, para que não atrapalhem os preparativos.

– Não estou à vontade aqui. Esse bicho está morto no fundo daquela vala, mas ainda sinto uma emissão mental lupina.

– Ele não está morto. Se estivesse, teria voltado à forma humana. Não sei como, mas o maldito sobreviveu àquelas explosões. Deve ser dele a leitura telepática que você está fazendo.

– Pode ser por causa do cansaço, por eu estar neste lugar fodido há tanto tempo, mas acontece que eu nunca me enganei antes. Eu estou achando que vai dar merda, então seria bom sairmos daqui de barco, o mais rápido possível.

– Vamos discutir a situação, buscando a melhor estratégia para acabarmos logo com isso e pegarmos nossa grana. Guent! Venha aqui um minuto! – grita Vansing ao amigo, que já conseguiu afastar os homens do ponto de ação, redistribuindo-os pelo terreno, montando guarda.

Dante retoma a consciência em meio a uma escuridão densa, silenciosa, vazia. Quer tatear ao redor, mas não tem mãos. Tenta caminhar, mas não tem pernas. Apurando a audição, nada é captado, nem mesmo sua respiração. Não há frio, não há calor, nenhuma brisa passa por ali, parece mesmo que não existe ar. Não existem sabores insinuando-se em sua boca, nem mesmo o acobreado de seu próprio sangue sobre a língua, a última sensação de que se recorda antes de apagar.

Seria isso a morte, um vazio total, onde consciências confusas vagam perdidas, por toda a eternidade? É aqui o inferno, que tantas vezes foi proferido por padres e pastores, entre discursos acalorados e gritos beirando a insanidade? Ele mereceria tal fardo, simplesmente por ter sido presenteado com um dom que os humanos fracos e egoístas não suportariam? O que muitos pregavam ser um oceano de martírio, mostra-se simplesmente a total ausência de sensações. Apesar de tudo isso, Dante está em paz.

“Saudações, rei dos guarás! Eu não permitiria que passasses por meus domínios sem que tivéssemos esta conversa.” – sibila uma voz inumana.

“Quem é você? Um demônio que veio me atormentar?” – é o pensamento de Dante, pois ficou impossível cogitar o uso das cordas vocais, uma vez que não sente a presença de seu corpo físico.

“Seja menos homem e mais lobo. Não creio em seres fantasiosos, criados pela fragilidade de homens que buscam justificativas para seus males, que usam tais criaturas profanas para ameaçar quem questiona seus dogmas contraditórios. Apenas escuta, pois nosso tempo é curto. Tu, assim como teus irmãos lupinos que andam sobre duas patas, és tocado pela magia. No teu caso, és filho da magia desta terra pulsante de energia, a mais intensa do planeta. Não findarás tua existência através da mão de homens mesquinhos e suas ferramentas de morte. Tua jornada de autoconhecimento está próxima do fim, mas tua luta neste mundo injusto apenas se inicia.”

“Eu não morri? Porque é tudo tão escuro e vazio por aqui?”

“Suprimi teus sentidos, pois este é um dos muitos poderes que possuo. Precisava te poupar da dor no corpo, do barulho infernal dos homens e da visão de cadáveres nesta vala, para que entendesses perfeitamente o que digo-te. Erraste na tua conta, pois este é o sexto cemitério pelo qual passas, a sexta cidade onde recebes uma revelação sobre teu destino. Aqui, tomas conhecimento de que és especial, mesmo entre os homens-lobo. És um totem vivo, um tipo de ser que há mais de dois séculos não caminha sobre este mundo cego e corrompido. Serás referência entre os teus, apesar do lado humano ser tua grande fraqueza, que trará dúvida, ceticismo e negação. Do outro lado do planeta, encontrarás o mestre que te guiará até a plenitude. Por enquanto, siga teu caminho, rei-guará, pois muito sofrimento o espera antes desse grandioso dia. Devolverei teus sentidos.”

Uma dor terrível assalta o homem-lobo. Seu corpo inteiro ruge sob o tormento das feridas e por um instante ele sente um frio sobrenatural. Do alto, vozes humanas nervosas e alteradas são entrecortadas por explosões e tiros. Na segurança de sua vala, Dante se apoia sobre quatro patas, ainda sofrendo com as queimaduras, procurando ao redor pelo misterioso interlocutor, que tamanha

revelação trouxe a ele. Ao encontrá-lo, somente a admiração sobrepujou seu espanto.

Uma imensa serpente, com aproximadamente cinco metros de comprimento, encara-o a poucos centímetros de sua cabeça. Por estar na forma lupina, não enxerga cores além de tons de cinza, e por isso não consegue vislumbrar em todo seu esplendor a característica mais marcante do ser que tem diante de si: toda a extensão do corpo do suposto réptil arde sob vigorosas chamas azuis. O fogo místico não incendeia a mata, mas emite um calor, e sobretudo uma energia sobrenatural intensa. Seus olhos, profundos como imensos buracos negros que poderiam tragar galáxias inteiras, transparecem uma sabedoria milenar.

“Teu corpo agora precisa de descanso e alimento. Guiar-te-ei para fora desta imensa sepultura, indigna de tua grandiosidade. A floresta fornecerá tudo o que necessitas para tua recuperação. Descansa serenamente sob a sombra de uma grande árvore, mesmo que ruídos e odores atraiam tua atenção para a batalha que está sendo travada. Quando estiveres reposto, parte em auxílio dos que precisam, pois sem ti não haverá esperança para teu povo. Aqui nos despedimos. Que tu deixes de ser uma promessa, e que nunca te esqueças de quem és.”

As chamas azuis aumentam de intensidade, ao passo que a serpente vira-se calmamente para uma das paredes mais afastadas da vala, onde uma toca de trinta centímetros de diâmetro está escavada. Através dela, segue com seu tranquilo arrastar, e sua cauda deixa um último rastro de luz azulada sobrenatural, antes de sumir da vista do homem-lobo.

Ainda sofrendo com dores, mas estranhamente tranquilo, Dante arrasta-se para perto do buraco e começa a escavar com as mãos calcinadas. Um pouco de terra desmorona na entrada da toca, exibindo um túnel maior, que oferece um trajeto ascendente para longe dali, com uma largura que permite a passagem do lobisomem através dele. Por ali ele segue, ignorando os gritos tensos que vêm do alto.

TRÊS PORCOS E MUITOS LOBOS

– Não esquenta a cabeça! A gente tem tudo sob controle – diz o confiante Guent, no interior da tenda.

– Ele tem razão. Apesar de já sermos cinquentões, estamos em plena forma física. Olhe para mim! Não é à toa que esses bandidinhos de merda me apelidaram de Crocodilo Dundee. Eu me pareço com aquele caipira australiano, não só por causa da minha cara, mas também em bravura e força. Meu amigo Ted aqui não fica atrás! E ainda mais com todo esse material humano e bélico que temos aqui – Vansing faz um amplo movimento com os braços, exibindo o campo de guerra que montaram. – Poderíamos liquidar até meia dúzia de lobisomens!

– Não sei... vocês podem até estar certos, mas a ômega aqui não sobreviveu esse tempo todo arriscando o pescoço. Na dúvida, eu fujo. Deixem esses bandidos darem um jeito na fera, pois tenho certeza que isso eles sabem fazer bem.

– De jeito nenhum! Eu quero fechar com chave de ouro nossa carreira de caçadores. Faz muito tempo que não queimamos um desses vivo, e eu quero ter o prazer de vê-lo urrar de dor, enquanto sua pele se desprende entre as chamas. Faremos isso, desmontaremos tudo o que temos aqui e voltaremos triunfantes para nossos empregadores – Guent fita o vazio, como se enxergasse a cena mentalmente. – É isso que merecemos, depois de todo esse tempo de trabalho duro, servindo à humanidade.

– Seus cabeças duras! Se vocês são burros demais para enxergar isso, eu vou ter de ... – Monica não consegue concluir a frase.

Na mata, além do campo minado que está do lado oposto àquele no qual Dante foi pego, uma grande árvore inicia sua queda, derrubando diversas árvores menores no caminho. Por estar mais afastada dentro da floresta, a base da árvore não é visível pelos homens, mas eles com certeza não ouviram sons de machados nem de motosserras.

A queda, que iniciou-se lenta, foi aumentando em velocidade e, quando atingiu o solo que faz parte do outro campo minado, o impacto foi violento.

Diversas minas foram ativadas, originando explosões que lançaram ao ar terra, folhas e lascas de madeira, dispersando os homens que estavam nas proximidades.

Três mercenários começam a disparar rajadas de fuzil na direção de onde veio a árvore, sendo prontamente repreendidos por Guent, que chegou correndo nesse trecho do terreno. Não adiantava atirar às cegas na vegetação fechada, seria desperdício de munição, por ser pouco provável a permanência da fera no mesmo lugar.

Por causa de todo o alvoroço que a queda da árvore criou no centro do campo minado, os mercenários acabaram por não perceber outras duas árvores fazendo o mesmo tipo de trajeto da primeira, vindas de pontos diferentes da floresta, caindo sobre as minas, uma no início do campo mortífero, outra mais para o final. O barulho é ensurdecedor e a fumaça, somada às demais partículas suspensas, ofusca a visão. Esse campo minado deixou de ter serventia, pois mesmo que ainda haja cargas explosivas em sua extensão, sua localização ficou clara, nos pontos em que a terra permanece intacta.

– O desgraçado inutilizou nossa armadilha deste lado, e vai avançar por aqui! – Guent dirige-se a Vansing, ambos tomando posição na retaguarda dos bandidos que formam uma muralha humana, voltada para o lado de onde vieram as árvores. – Preparem-se para atirar em qualquer coisa que se mova! Seja qual for o bicho que apareça, ele é rápido e forte.

Os mercenários estão tensos e atentos, com olhos arregalados. O invasor precisará percorrer uma faixa de quinze metros de descampado antes de chegar a eles, e isso dará tempo suficiente para alvejá-lo sem piedade. Uma quarta árvore, mais afastada, começa a chacoalhar, como se algo, estivesse tentando arrancá-la pela raiz. Vansing saca uma granada de mão, arranca o pino e lança um ataque ao ponto onde ainda existe uma movimentação.

– Fire in the hole!

Enquanto o artefato explosivo descreve sua trajetória em arco sobre a copa das árvores próximas, visando o local onde a criatura movimenta a árvore, algo inesperado acontece. Antes da explosão da granada, e contrariando a lógica do grupo posicionado na clareira, um lobisomem irrompe pelo caminho livre do

terreno, tomando impulso no montículo onde a peeira estava posicionada anteriormente e saltando sobre os homens, atacando-os pelo flanco desprotegido.

No momento em que a granada explode à distância, três bandidos armados são mortos em menos de um segundo. Seus companheiros, que estão mais próximos da cena, têm a visão mais aterradora de suas vidas: um lobisomem de pelagem castanha e negra, pairando no ar tal qual um terrível anjo da morte, cravando suas presas no pescoço de um de seus companheiros, ao mesmo tempo em que afunda o punho com garras mortíferas na boca do segundo, também dilacerando o peito do terceiro com as garras da outra pata.

Todas as atenções voltam-se para esse flanco, e Caroline estaria perdida, se estivesse só. Mas seu espírito de equipe e inteligência lupina já previam essa situação, e as providências adequadas são prontamente postas em prática.

No momento em que ela toca o solo, rolando agilmente sobre os cadáveres, o imenso homem-lobo, de pelagem branca suja de terra, dispara pelo campo agora esburacado, no ponto em que a árvore mais distante caiu, inutilizando as minas terrestres que ali estavam. Seu físico avantajado forneceu a explosão muscular necessária para evitar a granada que vinha em sua direção, abrir caminho pela vegetação fechada e avançar pelo campo aberto sobre quatro patas, em uma velocidade inacreditável.

Antes que os homens consigam adotar a postura ofensiva adequada, o homem-lobo atinge o centro do grupo como um aríete, de cabeça abaixada e impondo mais força nos poderosos membros que sustentam seu avanço. Meia dúzia de bandidos é lançada pelos ares, com costelas fraturadas, joelhos torcidos ou simplesmente desorientados. Assim, é aberta uma imensa brecha no grupo outrora compacto, equilibrando as chances dos lupinos, mesmo estando em desvantagem numérica.

Vansing, que estava à frente dos mercenários no momento do lançamento da granada, após a chegada dos dois lobisomens acabou sendo a pessoa mais afastada destes. Recuando rapidamente, ele chega à tenda onde ainda permanecem Monica e Nazaré.

– Vamos sumir daqui! – fala nervosamente a mulher. – Eu não detecto os pensamentos desses dois, mas ainda sinto um outro nas redondezas! Isto aqui é um ataque coordenado, e se me lembro bem das ações dos meus irmãos quando planejam um desses, o pessoal da frente de batalha não tem a menor chance.

– Mensagem recebida e compreendida. Eu sei muito bem o estrago que uma alcateia pode fazer, e por isso tenho evitado atacar grupos deles em todos estes anos de caça. Vamos para o barco.

– E Guent?

– Ele está onde sempre quis! O idiota é um metido a militar, frustrado por nunca ter conseguido ingressar nas forças armadas do nosso país. Que morra como um recruta então!

Vansing pega algumas granadas e um rifle de caçar rinocerontes, partindo em seguida pela trilha que leva ao rio, seguido de perto por Monica, com a criança no colo. Duas dúvidas compartilham os pensamentos do caçador, juntamente com seu plano de fuga. A primeira é se Monica acabou adquirindo uma certa afeição pela criança, fazendo com que queira partir com ela, mesmo que isso atrapalhe sua fuga. A segunda é como esses dois demônios peludos chegaram ali, sem serem notados.

O caçador não sabe, mas está lidando com o maior homem-lobo da Europa na atualidade, que com todos os méritos comanda a Alcateia Global, na busca da unificação de seu povo. Além disso, ele conta com sua melhor agente da América do Sul, de potencial físico incrível e poder de aprendizado muito grande. A união dessas forças e intelectos permitiu a aproximação silenciosa.

Após Caroline e o professor tomarem conhecimento de que existia uma pessoa capaz de ler as mentes lupinas, decidiram criar bloqueios para qualquer tipo de comunicação mental, ação fácil para seres tão bem preparados. Com isso, regrediriam ao nível de comunicação humana, baseada no gestual e na fala comum, o que dificultaria um pouco a elaboração de suas estratégias no decorrer do deslocamento, mas traria a segurança de não serem detectados mentalmente.

Por horas, correram no meio da floresta, a fim de chegar ao local aproximado do ponto onde acreditavam estar o grupo, com base no que o capataz

falou ao telefone. Circularam por milhares de quilômetros quadrados de mata densa, até Caroline encontrar um rastro de presença humana, através do olfato. Nesse quesito, o professor não poderia ajudar, pois ainda tinha as mucosas nasais incomodamente úmidas, algo similar a um resfriado, por causa da falta de adequação do seu organismo ao clima tropical úmido da Amazônia. Ele apenas confiava em sua agente e a seguia na mata, pois era a única coisa que tinha a capacidade de fazer.

Quando finalmente os sentidos apurados da mulher-lobo levaram-nos até as proximidades do acampamento montado para a batalha, a dupla contornou um grupo armado que montava guarda na mata e recuou até um ponto da floresta inacessível pelas pessoas. Ali, voltaram à forma humana, pois somente assim poderiam combinar o que fazer e avaliar as possibilidades de suas ações, sem alarmar a mulher com capacidades mentais para detectá-los durante sua comunicação lupina.

Caroline passou a Bjornson o cenário que conseguiu captar com seus sentidos. Aquela clareira era um ponto de exploração de garimpeiros, pois o odor do mercúrio utilizado em suas práticas ilegais ainda era forte, e corrompia aquela terra como uma doença avassaladora. Homens vistoriavam o terreno, e o pouco que ela conseguiu captar de suas conversas indicava a preparação de uma emboscada, com o apoio de mercenários muito bem armados. Ela também captou o cheiro de cadáveres, mas tudo levava a crer que eles já estavam lá antes da chegada dos bandidos, pois seu estado de putrefação era avançado. Isso queria dizer que não foram eles que mataram essas pessoas, isso já havia ocorrido antes de sua chegada.

Estava claro que os homens preparavam uma emboscada para a mulher-lobo, que deveria ser resgatada pelos representantes da Alcateia Global. Por estarem com suas mentes estrategicamente fechadas, não seria possível localizar Fênix através desse recurso, obrigando-os a aguardar a presença da loba. Com vozes sussurrantes, não tomando conhecimento da nudez humana que exibiam um ao outro, a dupla planejou minuciosamente um ataque conjunto, minuciosamente

sincronizado, de modo a penetrar nas linhas inimigas, assim que lançassem uma ofensiva à loba norueguesa.

Quando todos os pontos de atenção foram repassados, eles voltaram à forma lupina e se prepararam para aguardar o melhor momento da investida. O professor, tendo consciência de que sua pelagem denunciaria facilmente seu esconderijo, cobriu todo seu corpo com uma lama escura do chão ali perto, alimentada pelas frequentes chuvas da região. Com isso, melhorou suas propriedades de camuflagem, que aliadas aos seus dotes de movimentação silenciosa e sua paciência lupina, fariam com que ficasse invisível. Para Caroline, já perfeitamente adaptada ao ambiente, não foi necessário lançar mão de artifícios para conseguir o mesmo resultado.

E assim eles assumiram seus postos, aguardando por horas, imóveis entre a folhagem, escondidos atrás de grandes árvores, próximas à cerca de arame farpado de uma das laterais da clareira. Vigando ao longe e captando sons do trabalho dos mercenários, no terreno que ia sendo aos poucos transformado em uma armadilha mortal, sentiam que o momento do ataque estava próximo. Os apelos mentais da criança por ajuda foram um tormento difícil de suportar.

Quando Dante surgiu causando todo aquele alvoroço, Caroline quase abandonou a estratégia traçada para partir em seu auxílio, mas sua disciplina falou mais alto. Felizmente, a noção lupina de trabalho em grupo sobrepujou a irracionalidade humana nesse momento. O ruído do arrancar de árvore do professor seria a sua deixa, para que também lançasse um grande tronco sobre o campo minado, a algumas dezenas de metros do primeiro impacto, enquanto ele também lançaria um terceiro, na outra ponta.

Após isso, deveria deslocar-se a toda velocidade para a única entrada desobstruída da clareira, ficando a postos para atacar assim que Bjornson atraísse a atenção dos homens armados para uma quarta árvore. Quando todos focaram suas atenções na isca lançada pelo professor, acreditando ser ele o único atacante, Caroline partiu em disparada, cobrindo algumas dezenas de metros em deslocamento incógnito no campo aberto, graças à distração dos homens. E assim, graças à meticulosidade e paciência da dupla, iniciou-se a investida direta que

lançou os lobisomens ao centro da batalha, causando danos iniciais nos inimigos, sem que sofressem um único arranhão.

Monica grita para que se apressem, pois o som da batalha às suas costas é terrível. Tiros, gritos humanos e urros aterradores formam um emaranhado de ruídos que quase a leva à loucura. Nunca na vida a mulher sentiu tanto medo, e a única coisa coerente que consegue raciocinar é a necessidade de fugir dali. Agora que os experientes lupinos abriram suas mentes, uma cacofonia de pensamentos alheios a tortura.

Um alívio indescritível toma conta de Monica, quando, após passar por uma curva da trilha fechada, avista o barco. Quando finalmente pisa na rampa de acesso improvisada com tábuas velhas, Vansing já está no interior da embarcação, depositando suas armas no chão e correndo na direção da cabine de comando, para colocar os motores em funcionamento e empreender fuga o mais rápido possível.

Na porta de acesso à cabine, Vansing repentinamente estanca e flutua no ar. A cena surreal tolda os pensamentos da mulher, que por uma fração de segundos não entende o que está acontecendo. Quando o caçador é finalmente lançado ao chão, com uma poderosa mão inumana sobre sua garganta, tudo fica claro. Fênix, debruçada sobre o homem, pronta para dar fim à sua vida de crueldades, finalmente revela-se.

Mostrando também possuir inteligência e paciência lupinas, ela vem seguindo o grupo desde o sequestro da criança. Como estava do outro lado do rio, ela vinha acompanhando de longe os passos dos caçadores, ocultando-se silenciosamente na mata próxima à margem oposta do local onde vinham montando sua imensa armadilha. Por haver sempre homens armados no barco, vigiando o rio, ela decidiu não se expor, pois nadando seria um alvo fácil. Quase enlouqueceu quando recebeu o pedido desesperado de ajuda de Nazaré, sua amada cria adotiva. Refreando a vontade brutal de partir em seu auxílio, aguardou uma brecha na segurança, que demorou, mas veio.

Quando os guardas do barco abandonaram seus postos, após ouvirem algumas explosões, Fênix não pensou duas vezes. Sabendo haver um homem-lobo desconhecido na região, agradeceu mentalmente a ele a distração oferecida. Avançou, afundando silenciosamente no rio e prendendo a respiração por cinco minutos, enquanto nadava vigorosamente por baixo d'água. Quando subiu para respirar, estava a poucos metros do barco abandonado. Novamente submergiu e nadou na sua direção, seus músculos sobrepujando a corrente que tentava empurrá-la rio abaixo.

Cravando suas garras nas madeiras externas do casco, escalou o lado da embarcação que estava voltado para o rio, mantendo-a oculta, mesmo se alguém voltasse da clareira. Sobre seus pelos molhados, sentia uma espécie de eletricidade que enchia o ar, que na verdade era a tensão que pairava sobre aquele ambiente. Seus instintos fizeram com que permanecesse ali, abaixada e imóvel ao lado da cabine, aguardando o momento certo de agir contra todos aqueles humanos fortemente armados.

A mente da peixeira era naquele momento uma metralhadora giratória, que lançava em todas as direções pensamentos desconexos. Isso era um bom sinal, pois mostrava que estava viva em meio àquele pandemônio, mesmo que em um estado febril perigoso. Mantendo a calma, Fênix aguardou dentro da cabine pelo momento propício para agir. Novas emissões mentais foram reconhecidas, inclusive uma bem familiar, o que quer dizer que outros de sua espécie chegaram à clareira, ao som de explosões e gritos.

Suas ações de guerreira foram refreadas, pois algo ainda dizia que deveria permanecer ali. Tremendo por causa do esforço de manter-se imóvel quando todo o seu corpo reclamava o sangue da batalha, escondeu-se nas sombras de um canto da cabine. Não muito tempo depois, ouviu vozes se aproximando, e quando seu olfato reconheceu a criança, ela finalmente deu-se conta de que o sacrifício que estava fazendo havia valido a pena. Quando o homem surgiu na porta, exalando o cheiro fétido do medo, foi fácil capturá-lo. Agora, ele está em suas mãos, uma presa prestes a ser abatida.

O clique de um revólver sendo engatilhado chama a atenção de Fênix, e ela levanta a cabeça lupina. A outra mulher, com ar de desafio, aponta o cano da arma para a cabeça de Nazaré, que é segura por ela de uma maneira desajeitada.

“Quer ver os miolos de sua cria pintarem de vermelho este convés? Solte esse homem e saia do barco.”

Fênix levanta-se vagarosamente e permanece parada sobre duas patas, encarando a mulher. O homem amedrontado arrasta-se de costas para longe da fera, com uma mão no pescoço e tossindo. Faíscas de puro ódio percorrem os olhos da mulher-lobo, que sequer pisca, tamanha é a sua concentração para manter o controle sobre seu instinto assassino, que clama por sangue. “E o que garante que eu a deixarei viva, se fizer isso?” – retruca.

“Nada. Eu morro, mas levo a criança. Simples assim. Não tenho nada a perder, muito diferente de você. A única chance desta menina é eu partir com ela de barco, em busca dos médicos dos quais nós a roubamos. Note como a doença a está consumindo. Ela não dura nem uma hora, nestas condições. Se eu partir com ela, existe alguma chance de sobrevivência. Caso contrário, vamos todos para o inferno, pois você também não sobreviverá àqueles homens armados que estão despachando seus irmãozinhos para o além. Analise minha oferta. Deixe-me partir, e irei sozinha com sua cria. Deixo de presente para você este covarde aqui, que foi o responsável pela morte dos outros do seu grupo.”

Vansing, mesmo sem ter conhecimento da conversa mental das duas, desconfia do que está desenrolando-se ali. A traição de Monica está evidente em seu olhar maléfico. Ele sabia que este momento de traição chegaria, só não esperava que fosse em uma situação tão delicada. Sua única chance é correr, pois duvida que a criatura deixe a criança aqui. Com uma agilidade rara em um homem da sua idade, ele dá uma cambalhota para trás, agarra o rifle e parte em disparada pela rampa de acesso do barco, rapidamente sumindo na trilha.

“E agora, mamãe dedicada? Vai deixar o assassino de seus amigos fugir, alertando os outros homens da sua presença, e conseqüentemente matando sua cria, ou me deixará partir, dando uma chance de sobrevivência à menina e saciando sua sede de vingança?”

Um sorriso malicioso surge na face da porto-riquenha. Ela sabe que ficará satisfeita com o resultado, seja ele qual for. Se a loba deixá-la ir, conseguirá se safar desta, e terá uma refém permanente para garantir sua segurança. Se ela atacar, estourará a cabeça da criança e a levará consigo nos braços da morte, seu ato derradeiro de maldade. Nunca havia experimentado essa sensação de poder, e está aproveitando cada instante deste momento em que está dando as cartas, em um jogo onde todos perdem.

Fênix respira com dificuldade, sentindo seus pelos do pescoço e das costas se eriçarem. Sabendo que está em um beco sem saída, tenta vislumbrar o cenário menos desastroso, em vão. Não há mais tempo a perder, e um sacrifício deve ser feito aqui. Assim seja. Que a fúria lupina seja saciada!

Na clareira, Guent grita insanamente, tentando trazer alguma ordem aos caos que se instaurou ali. Logo que o lobo norueguês irrompeu entre suas fileiras, os homens enlouqueceram de pavor e desespero, e começaram a atirar a esmo na direção das feras, colocando em risco a integridade física dos colegas. O estadunidense, por pura sorte, não foi atingido nessa patética reação inicial, e afastou-se da agitação, sentindo os projéteis zumbirem ao seu redor. Após pegar alguns itens que estavam na tenda, entrou em uma das casamatas, e da segurança relativa daquele lugar pretende dar fim à vida dos lobisomens.

As duas criaturas lutam de maneira brutal, destroçando seus homens, mesmo sendo alvejados impiedosamente por eles. Guent percebe que o lobo de pelagem mais escura começa a fraquejar, pois levou diversos tiros de fuzil, apesar de tentar se esquivar agilmente da linha de tiro. Mesmo assim, ainda consegue oferecer resistência, e neste momento mais um homem morre sob suas implacáveis presas. Já o maior, de pelagem branca agora tingida de terra e sangue, é uma ameaça muito maior. É nele que deve ser focado o plano de reação inicial.

Guent posiciona seu rifle com dardos tranquilizantes, contendo doses para derrubar um animal de grande porte. Com base em experiências anteriores, ele sabe que deve acertar três desses em um lobisomem para começar a deixá-lo

zozzo. Os homens que ainda estão vivos conseguiram se dispersar pelo terreno, abrindo caminho para sua mira. O primeiro dardo é lançado e acerta a perna do lobo norueguês, a quinze metros de distância. Ele vira-se na direção da casamata, vendo quem foi o autor do tiro. Aquele olhar gela o sangue de Guent, que dispara novamente, acertando-o no peito.

Quando o homem-lobo arranca o dardo e prepara-se para avançar sobre o atirador entocado, recebe um tiro que arranca parte de sua orelha esquerda, o que faz com que momentaneamente se esqueça do norte-americano e se volte para o agressor que possui a arma mais mortífera.

Guent aproveita para deixar seu esconderijo, pois este já está marcado na memória da fera. Ele vira-se para a saída da casamata, mas para ao ver que o outro lobisomem está lá, pronto para matá-lo. Ele pragueja mentalmente. Por distrair-se ao focar seus esforços no lobisomem mais forte, não se deu conta de que o outro, mais afastado, abriu caminho a dentadas pela lateral do terreno próxima à vala, e que agora surgiu ali, obstruindo seu ponto de fuga.

Com certa dificuldade, pois seu corpo é maior do que a abertura, Caroline alarga a entrada à força de encontros de seus ombros contra as paredes escavadas. Mais um movimento, e suas garras alcançarão o homem, que é um dos poucos sobreviventes da batalha. Guent felicita-se por ter lembrado de trazer o galão azul para dentro de seu refúgio, pois será o seu plano B para abrir caminho até a saída.

Ele tira a pequena tampa do galão e posiciona uma alavanca lateral, mudando-a de sua posição original de repouso. Quando a mulher-lobo toma impulso para seu ataque derradeiro, Guent aciona a alavanca, e um líquido é lançado sobre seus olhos, narinas e boca. Uma agonia terrível toma conta de Caroline, e ela recua desesperada, sofrendo da maior dor à qual já foi exposta, mais terrível do que a própria dor da transformação. Desorientada, ela foge para longe dali. Sua razão é tomada de si pelo tormento ao qual foi exposta.

Guent beija o pequeno galão e o coloca em um canto. Vansing duvidava que ácido sulfúrico um dia pudesse ser útil em um confronto com lobisomens, e aqui está a prova do contrário. Suas mãos e uma das pernas sofreram algumas queimaduras, por causa do contato acidental com o líquido corrosivo, mas isso não

importa. O que importa é que ele acabou com a cara feia daquele bicho, e que ele não será mais problema por enquanto. Olhando novamente pela abertura da casamata, ele procura pelo outro lobisomem.

Em um canto mais afastado, à sua direita, consegue localizá-lo. O homem-lobo luta contra os três últimos sobreviventes do lado de fora. Mesmo sendo alvejado no abdômen por um homem, a fera avança sobre ele, arrancando a arma de suas mãos e dando-lhe um golpe com as costas de uma mão, lançando-o inconsciente a dois metros de distância, com o maxilar esmigalhado. Os movimentos do lobisomem são visivelmente mais lentos, sinal de que os tranquilizantes começaram a fazer efeito. Ainda assim, ele é uma máquina de matar impiedosa.

Neste momento, ele morde o braço de outro homem, sacudindo-o até que se desprenda do corpo, e que a mão que empunha a arma deixe de ser uma ameaça. O último sobrevivente começa uma fuga na direção da trilha que leva ao barco, e com isso a atenção do lobisomem volta-se novamente para Guent.

Ele inicia uma corrida insana na direção da casamata, e o americano se dá conta de que, se não pará-lo antes de chegar ali, a fera vai destruir toda a proteção externa feita de troncos, não sobrando chances de defesa para o caçador. Ele empunha o rifle, mira e puxa o gatilho. O homem-lobo tropeça, chocando-se contra a proteção de troncos, deixando Guent parcialmente exposto e fechando a saída da casamata. Por sorte, o lobo atingiu a parte externa de seu refúgio com as costas, não causando tantos estragos. Olhando pela abertura feita pela colisão, ele enxerga o dardo salvador, que cravou-se no pescoço da criatura, enfraquecendo-o e refreando parcialmente seu ataque.

Apesar disso, o lobisomem faz um esforço final para levantar-se e atacar sua presa, agora sem chances de fugir. Mesmo anestesiado e fraco, será capaz de apertar seu pescoço e estrangulá-lo. Sua audição está sumindo devido à dose absurda de tranquilizantes, e por causa disso ele não ouviu o ruído de um pequeno motor sendo ligado, dentro do local onde o americano está preso.

O motor dá partida uma vez e afoga. Em nova tentativa, afoga novamente. Na terceira, as esperanças de Guent, que está encharcado de suor, são renovadas.

Uma gargalhada nervosa e desprovida de sanidade escapa dos lábios no estadunidense, enquanto ele empunha a motosserra e aponta-a para o lado de fora, visando as pernas do lobisomem.

Em um golpe vigoroso, que espirra sangue de lobo em profusão, ele atinge uma das pernas na altura do joelho, e emprega toda a sua força para manter firme a ferramenta, agora transformada em arma mortal. Em poucos segundos, o osso duríssimo é cortado, e Bjornson não consegue entender ao certo o que o desequilibrou. Ele ainda mantém-se consciente, o que demonstra incrível força e resistência, pois outro homem-lobo já estaria desmaiado há algum tempo, com essa dose de drogas que foi injetada em seu corpo. Após enxergar sua perna amputada, já na forma humana, ele tenta se afastar dali, pois seu instinto de sobrevivência fala mais alto que sua vingança cega. Uma trilha de sangue marca o débil trajeto de fuga do homem-lobo mortalmente ferido.

Vendo que a criatura esboça uma tentativa de fuga em câmera lenta, Guent fica mais tranquilo. Ele limpa o sangue da face, que atrapalhava sua visão e que cobre também todo o seu peito. Utiliza a motosserra para abrir caminho através do emaranhado de troncos que obstrui sua saída. O lobo não oferece perigo, e o sádico caçador terá todo o prazer em fatiá-lo bem devagar, em pedaços bem pequenos, antes de arrancar sua cabeça. Para ele, a diversão está apenas começando.

Vansing corre desesperadamente pela trilha, pois sabe que a fera do barco em breve estará no seu encalço. Seu pescoço ainda dói, e suas pernas tremem por causa da situação à qual foi exposto há poucos minutos. Nunca sentiu tanto medo em toda a sua vida, como naquele momento em que ficou sob o olhar implacável do lobisomem. Dava para ver uma fúria assassina debatendo-se por trás daqueles olhos azuis claros, assustadoramente humanos.

Ele reza para que seu amigo Guent, que abandonou no campo de batalha à própria sorte minutos atrás, esteja ali para ajudá-lo. Eles sempre souberam que deveriam evitar grupos de lobisomens, pois as chances de sucesso na caçada seriam quase nulas. Durante todos esses anos, caçaram as criaturas solitárias,

desorientadas, ou que buscavam voluntariamente um exílio afastado do resto da humanidade. Quando essas feras caçam em grupo, não há ser humano que ofereça ameaça à sua supremacia animal.

Com o coração disparado, acaba tropeçando de forma dolorosa. Levantando-se rapidamente, lança um olhar na trilha atrás de si, com um medo mortal de enxergar o ser ameaçador que atacou-o no barco. Com certo alívio, nota que a trilha está vazia. Ele respira fundo e vira-se para retomar sua corrida pela sobrevivência, quando, em uma virada brusca da trilha, algo o atinge. Ele vai ao chão, sem coragem de abrir os olhos e encarar seu carrasco lupino, que inacreditavelmente ultrapassou-o em algum momento e chegou ao outro lado da trilha, vindo ao seu encontro no sentido oposto.

– Porra, gringo, onde cê tá indo? Tá o maior inferno lá atrás! – o homem apavorado que o ajuda a se levantar é Benedito, o Ditão, homem de confiança dos donos da madeireira ilegal, que foi adicionado ao grupo de buscas para vigiar os movimentos dos caçadores, e atestar o resultado de sua caçada, quando alegassem que ela chegou ao final. – Vamos fugir pro barco!

– Sem chance. Estou fugindo do cão dos infernos que estava de tocaia dentro dele. Vamos nos embrenhar na mata então, porque esta trilha tá com jeito de abatedouro!

– Por aqui, rápido!

Os dois partem em fuga desesperada através da mata densa, não se importando com os arranhões e hematomas que vão surgindo, decorrentes de quedas e esbarrões durante a corrida. Atravessando o que sobrou do campo minado, eles contornam a clareira onde foi montada a emboscada, pois lembram-se que, a duzentos ou trezentos metros dali, existe uma trilha larga que leva diretamente ao rio, fornecendo uma via de escape.

Os homens param, ao notar mais à frente um ser abaixado, respirando com dificuldade, obstruindo o caminho. As respirações dos fugitivos são ruidosas, pois levaram seus corpos ao limite de suas resistências, não se dando ao luxo de parar para descansar. Atraída pelo barulho, a fera ergue-se sobre as patas traseiras, virando a cabeça de lobo na direção dos homens ofegantes. Nesse momento, é

possível aos homens notar que tem sérias queimaduras nos olhos e na cabeça lupina, e que sofre muito por causa delas.

Caroline, imersa na dor terrível à qual foi exposta, perdeu a visão, o olfato e o paladar. Só sobraram os sentidos da audição e do tato. Após ser atacada com ácido, fugiu às cegas para a proteção da mata, buscando um refúgio no qual pudesse aplacar seu tormento, longe da ameaça dos homens. Por alguns minutos, chocou-se dolorosamente contra árvores, até que os sons da batalha ecoassem à distância. Infelizmente, sua audição diz que agora foi alcançada por humanos, e só resta lutar com o que tem, pois nunca se renderá.

– O bicho tá cego – sussurra Ditão. – A gente não consegue correr dele neste espaço pequeno, mas dá pra tentar dar umas pauladas na cabeça dele.

– Pelo jeito como está derretido, acho que o nariz dele também não está funcionando. Além disso, está cheio de marcas de tiro pelo corpo. Vamos esperar aqui bem quietinhos, e ver se ele vai embora. Parece estar mais morto que vivo.

Caroline, a cinco metros de distância deles, apura a audição, tentando ignorar as dores. Sua boca está aberta, e a língua queimada pende inerte, caindo de lado sobre as presas. Até sua respiração está prejudicada, o que faz com que o ruído desta atrapalhe a identificação mais apurada dos sons ao redor. Ela estranha ainda não ter sido alvejada pelos homens, que nem sabe ao certo precisar quantos são, mas que com certeza têm algo em mente.

Eles não se movem, e isso a deixa mais nervosa ainda. Concentrando-se ao máximo, ela conseguiu definir a direção e a distância deles. É hora de seu lado humano falar mais alto, pela primeira vez na vida. A mulher-lobo leva as mãos à altura da cabeça, emitindo uma espécie de lamento parecido com um ganido, e lentamente se abaixa. Para os homens, fica claro que a fera sabe que não terá chances contra eles, e assume uma postura de súplica. Meio desnorteados, eles se entreolham.

Nesse momento, a mulher-lobo salta sobre eles, de modo totalmente repentino e veloz. Eles não têm tempo de esboçar reação. Para sorte dos humanos, havia o caule de uma árvore, meio recurvado, no trajeto entre a fera assassina e

eles, e antes que ela pudesse alcançá-los, chocou-se violentamente contra ele, frustrando seu ataque e fraturando a clavícula.

Com o susto, Vansing pulou para trás, emaranhando-se em uma moita, da qual diversos insetos saltaram apressadamente. Ditão ficou paralisado de medo, tremendo sem parar. Ao apoiar-se para levantar, o caçador notou uma grande pedra solta sob sua mão direita, e apressou-se em pegá-la. Em um exame rápido, ele estima que a pedra tem uns sete quilos, e que deve atender à sua necessidade imediata.

– Pegue alguma coisa para a gente matar essa porra desse bicho na porrada!

– grita ao passar por Ditão.

A mulher-lobo, totalmente desorientada com a dor dos ossos partidos, ao tentar se levantar após o choque com a árvore, recebe um violento golpe na cabeça, desferido por Vansing. Um urro de dor ecoa pela floresta. Ditão, já recuperado do susto, encontrou um galho grosso caído por ali, e empunha-o como se fosse uma clava. O norte-americano levanta novamente a pedra sobre a cabeça, para acertar mais uma vez a criatura, porém recebe um golpe violento da mulher-lobo caída, que girou o braço bom em um arco paralelo ao chão, derrubando-o como se tivesse levado uma rasteira.

Quando ela se preparava para atacar o homem caído, seu comparsa a ataca com uma forte paulada no pescoço, desnordeando-a novamente. Vansing, já recuperado, levanta-se e golpeia novamente a cabeça da mulher-lobo. Em uma última tentativa desesperada, Caroline salta como se fosse um sapo, empurrando-os e tentando desferir uma última mordida. O ombro fraturado acerta Vansing, derrubando-o novamente, mas sem causar danos relevantes. Suas presas fecham-se sobre algo e estraçalham, mas infelizmente trata-se do galho que o outro bandido utilizava como arma.

Esse último esforço foi tudo o que ela pôde suportar. Com mais um golpe na cabeça, Vansing a deixa inconsciente. Em triunfo, ele entrega a pedra ensanguentada ao outro homem, ofegante.

– Faça alguma coisa que preste. Dê um golpe com toda a sua força, para esfacular a cabeça desse cão maldito. Eu já estou exausto, por causa da tremenda

surra que dei nele sozinho – dizendo isso, o caçador senta-se no chão, recostado em uma árvore, claramente cansado.

Quase desmaiando, tanto pelo cansaço quanto pela adrenalina de enfrentar um lobisomem usando somente uma pedra, Vansing sente tontura e náuseas. Ele vira-se para o lado e vomita, ouvindo o barulho muito alto de um crânio rachando, seguido de um esguicho de sangue que encharca sua nuca, suas costas e suas pernas.

Aquilo estava enlouquecendo-o. Admirado com o vigor do colega, mas ainda assim bravo por causa de sua falta de noção de força tê-lo deixado todo sujo de sangue, ele emprega um tom severo.

– Porra, Ditão, precisava usar tanta...

A frase é interrompida, quando o corpo do bandido cai sobre Vansing, sua cabeça destruída por um golpe violento que esmagou-a contra a árvore na qual o americano apoia-se. Imediatamente, ele se refaz do susto imaginando que a criatura cega recobrou a consciência e revidou, mas uma inspeção rápida mostra que a fera permanece desacordada no chão.

Achando que está realmente louco, o caçador levanta-se rapidamente, afastando de si o cadáver de Ditão. Mais uma olhada para a fera inerte, e então vem a decisão de fugir daquele lugar amaldiçoado. Ele dá meia-volta e começa a correr, mas mal consegue dar o primeiro passo, e seu rosto choca-se violentamente contra uma caixa torácica que mais parece um muro de tijolos, dada sua firmeza. Caindo sentado sobre o corpo do colega, ele olha para o alto e não acredita no que vê.

– Mas... mas... mas você estava quase morto na vala! Que tipo de demônio é você?

Dante permanece imóvel, encarando o homem que tentou matar Caroline de maneira tão brutal. O lobo-guará ainda ouve a respiração de sua amada, e por isso mantém-se no aguardo, tentando pensar na punição adequada àquele assassino, que pelo sotaque deve ser um dos famosos caçadores de lobisomens, que tanto sofrimento trouxeram ao seu povo. Sua respiração é profunda, e dos cantos do seu focinho escorrem fios de baba que desprendem-se da espuma que ali se acumula.

– E então, seu grande filho de uma puta? O que você vai fazer agora? – os olhos estalados de Vansing denunciavam que seu último traço de sanidade extinguiu-se no momento em que encarou o ser ameaçador diante de si. – Vamos lá, vamos sair na porrada!

De maneira patética, o homem levanta-se aos tropeções e tenta desferir um soco no focinho do homem-lobo que curva-se na sua direção. Sem muito esforço, o lobisomem-guará fecha suas presas sobre o braço do agressor ensandecido, balançando a cabeça e, com isso, levantando-o do chão. Sem aliviar a pressão da mandíbula, ele continua sacudindo o caçador como um trapo velho, e o inevitável acontece: o braço é decepado, fazendo com que Vansing caia pesadamente no solo.

Indo contra qualquer lógica, o homem começa a gargalhar incontrolavelmente. Dante o encara intrigado, não entendendo o que se passa.

– Isso é tudo que você consegue, seu grande maricas? Vamos lá, mostre do que é capaz!

Novamente, ele avança sobre o homem-lobo. Desta vez, Dante o agarra pelo outro braço, torcendo-o de forma violenta, girando impiedosamente até arrancá-lo do tronco, na altura do ombro. O homem permanece de pé.

– IHAAAA! A mocinha está começando a deixar de lado a brincadeira com bonecas e quer aprender a brigar! Você é um frouxo, não é páreo para mim! Vai fugir? Vai fugir, bichona?

Parecendo insensível à dor que deveria estar sentindo em decorrência dos membros arrancados, Vansing chuta freneticamente as pernas do lobo, na altura das canelas. Sangue espirra em profusão dos locais onde ocorreram as avulsões de seus membros superiores. Com um misto de ódio e estranhamento, o homem-lobo tem vontade de arrancar a cabeça do insolente, calando-o de vez. Mas então se lembra de todo mal que ele causou, e chega à conclusão de que uma morte rápida seria uma benção, e que ele não a merece.

Com mais calma do que deveria, o lobisomem deita o caçador sobre a vegetação baixa e, metodicamente, começa a morder sua coxa, até arrancá-la. Quando isso acontece, joga a perna para longe, com profundo desprezo. Envolto em uma poça de seu próprio sangue, Vansing continua com seus impropérios e

tenta chutá-lo com a perna que ainda resta. Perdendo a paciência, Dante arranca também esse membro e vira-se, limpando o sangue. Em seguida, ergue Caroline em seus braços, no momento em que ela começa a voltar à consciência. É preciso levá-la a um lugar seguro, onde possa se recuperar.

Ao vê-lo partir, Vansing, já quase perdendo os sentidos por causa da perda de sangue, dispara as últimas frases que suas energias permitem.

– Isto é um empate! Isto é um empate! Ha-ha-ha-ha-ha! Um empate, está ouvindo? Ha-ha-ha! Malditos ingleses, que não sabem fazer comédia! Malditos ingleses!

Ted Guent deixa seu abrigo, olhando ao redor. Todos ali estão mortos, com exceção dele e do lobisomem caído no chão a alguns metros, tentando fugir. O estadunidense olha para o estado de suas roupas, imundas e cheias de sangue. Também leva alguns segundos examinando a motosserra em funcionamento que empunha, com manchas recentes de sangue. Ele limpa a testa e fala na direção do ser agonizante, com ar calmo e totalmente despretensioso.

– Eu acho que meu apelido daqui pra frente será Ash... O que acha, meu amigo peludo?

Não obtendo resposta, ele se aproxima da vítima, claramente enfraquecida pelas drogas e pela amputação. Nunca havia se sentido tão satisfeito nesta vida! É uma pena que não haja uma máquina fotográfica aqui, para eternizar seu momento de glória. Cheio de orgulho, totalmente absorvido pela imagem do homem-lobo aos seus pés, ele se prepara para começar a fatiá-lo com a motosserra. Sua emoção é tanta, que as mãos tremem.

– Deus salve a América! Com liberdade e justiça para todos! – brada o estadunidense a plenos pulmões, enquanto ergue a arma com um só braço.

Repentinamente, com um esbarrão, deixa a motosserra cair, fazendo com que o motor pare de funcionar. Guent amaldiçoa mentalmente seu descuido. Que desastrado! Deve ter batido na proteção de madeira da casamata, derrubando seu “instrumento de trabalho”. O caçador abaixa-se para pegar a motosserra, quando

finalmente nota uma dor na mão. Era só o que faltava, ter quebrado o pulso logo agora! Quando seu cérebro interpreta o que as retinas haviam captado, ele não acredita.

Encarando assustado a empunhadura da motosserra, que repousa no chão a um metro de distância, percebe que sua mão direita está lá, juntamente com parte de seu antebraço. Instintivamente, sua mão esquerda move-se até o braço direito, em um movimento que parece levar uma eternidade. Quando toca a extremidade ensanguentada, sentindo a ponta úmida do osso espetar sua mão, finalmente a realidade dá-lhe um grande tapa na cara, despertando-o do estado de choque, no qual estava confortavelmente entorpecido.

Olhando assustado para o toco sangrento, ele grita. Ao voltar-se, depara-se com o autor do ato violento: um grande lobisomem, de pelagem cinza e castanha, com o sangue ainda escorrendo pelas presas, com as quais arrancou sua mão em uma só mordida, rápida e violenta. Fênix.

Desesperadamente, ele tenta pegar a arma de um homem morto ali perto. A mulher-lobo é mais rápida e atira-o para longe do fuzil. Guent levanta-se e foge para a mata. Ao contrário do que ele esperava, a criatura não parte no seu encalço. Ao invés disso, volta-se para o lobo caído, que se esforça para não cair na inconsciência, pois se voltar à forma humana, o sangramento da amputação será fatal. Na forma lupina, o fator de cura acelerado pode cicatrizar o ferimento, sem matá-lo.

A norueguesa volta à forma humana, após farejar o ar e certificar-se de que não há mais inimigos nas proximidades, além do caçador fugitivo. Ela acha estranho o mar de sensações que capta com seu corpo humano, depois de tantos meses ininterruptos na forma lupina. Ela debruça sobre o homem-lobo ferido, com lágrimas nos olhos.

– Pai, o senhor veio me buscar... – sua voz sai embargada por causa do choro, e levemente rouca devido à falta de uso das cordas vocais. Ela fala em norueguês.

“Ao saber do desaparecimento dos meus filhos nestas terras, não tive outro pensamento que não fosse vir buscá-los pessoalmente. Infelizmente, seu irmão não

teve êxito nas ações pela organização, com a qual não simpatizo. O mesmo ocorreu com seus companheiros de ecoterrorismo. Você não sabe quanta felicidade sinto ao vê-la viva e com saúde. Isso quer dizer que o meu sacrifício não foi em vão.”

Fênix chora ainda mais, pois ainda não sabia do destino de seu irmão e dos outros membros da Green Death. Além da perda que sofreu naquele barco, minutos atrás, recebe também esta notícia terrível. Isso a fragiliza ainda mais. Após alguns segundos de desolação profunda, o sentimento de urgência faz com que mude de atitude. Seu pai sofreu um ferimento terrível, e é preciso tomar providências para que saia vivo desta situação delicada.

Conhecendo o metabolismo dos da sua espécie, ela sabe que voltar à forma humana agora seria desastroso. A única coisa que quebraria o efeito dos tranquilizantes é alimento, em grande quantidade. Isso seria fácil de conseguir. Olhando ao redor, ela enxerga dois homens ainda agonizantes, gravemente feridos, em partes distintas daquele campo de batalha. Eles serviriam.

Mesmo na forma humana, ela carrega-os nos ombros com certa facilidade. Depositando-os junto ao corpo de Bjornson, torce o pescoço deles, poupando-os da agonia de serem devorados vivos.

– O senhor sabe o que deve ser feito. O sangue fará resultado mais rápido, na quebra do efeito das drogas. Aproveite-o enquanto não coagula. A carne o fortalecerá para suportar sua difícil recuperação.

Um olhar de agradecimento é lançado pelos olhos azuis do lupino, olhos esses tão idênticos aos seus. A mulher segue na direção da mata, pois ainda existe um assunto pendente. A porto-riquenha acabou com seu dia, tirando dela o que mais prezava na vida. Chegou a hora de descarregar essa frustração em outra pessoa, tão culpada quanto a ômega que caça lobos.

Guent aproveita a pausa para descansar, e improvisa um torniquete para o braço, com um pedaço da manga de sua camisa camuflada. Ele ainda não acredita no que aconteceu. Aquele lobisomem havia arruinado seu momento de glória, logo

em um dia no qual estava tão satisfeito com tudo. O norte-americano acredita que sua sorte acabou.

Ao olhar para a trilha, leva um grande susto. Uma aparição o faz congelar. Ela se aproxima, sem emitir ruídos, nem quando pisa sobre as folhas secas. A mulher, totalmente nua, apresenta um corpo musculoso, porém sem perder a feminilidade selvagem, do alto de seu metro e oitenta. A pele é morena, apesar de insinuar que já foi bem clara um dia, mostrando que foi curtida sob o fortíssimo sol dos trópicos. O cabelo comprido é loiro escuro, e os olhos são do azul mais claro que o caçador já teve a oportunidade de ver cara a cara.

Emoldurada por este cenário pitoresco e sob a incidência da luz do sol que é filtrada pela copa das árvores, a mulher parece uma autêntica guerreira de Frank Frazetta, concebida em um dia de profunda inspiração do artista. Apesar de tudo isso, uma coisa o deixa apavorado: o olhar da bela mulher é cheio de ódio, e ele sabe que será vítima desse sentimento destrutivo.

– Bela dama, por favor não se transmute em uma fera sanguinária! Poupe a vida deste pobre soldado – suplica o americano.

– Não assumirei novamente minha forma lupina na sua presença, pois você não é digno dessa bênção. Como loba, eu acabaria com a sua existência muito rapidamente. Eu quero sentir-me tão torpe quanto você, e aproveitar cada segundo da sua dor e do meu instinto assassino. Somente na forma humana serei capaz disso.

Ato contínuo, ela inicia uma sessão de espancamento, digna dos malfeitores mais brutais da raça humana. Punhos golpeiam o corpo agonizante, cabeçadas pontuam o espetáculo de brutalidade. Joelhadas quebram ossos, cotoveladas esmagam órgãos internos. Depois de dez minutos de violência humana desmedida, o americano não suporta e morre. O que restou de seu corpo é uma massa disforme de hematomas, escoriações, fraturas e sangramentos.

Fênix retorna para o local onde ficou seu pai, sentindo a alma lavada. Com sangue. Sangue de um porco. Suas mãos doem, pois ela nunca havia praticado atos de violência na sua forma humana. Ela acha que quebrou a mão, mas isso não importa. Ela desceu ao nível dos caçadores, e chegou à conclusão de que o maior

predador do planeta é o ser humano. Destruidor do meio ambiente, do clima, dos animais e de si mesmo. Tudo isso em nome da ganância.

FUGA LUPINA

Fênix, Dante, Caroline e o professor Bjornson, todos na forma lupina, reúnem-se na mata próxima à clareira, onde tantas mortes ocorreram. É necessário traçar planos para deixar este lugar de maneira segura, preservando a integridade dos gravemente feridos. Em breve, as autoridades devem chegar, e é bom sair daqui rapidamente.

O sangramento do professor, no ponto em que sua perna foi arrancada, está quase curado. Caroline ainda sofre com as queimaduras do ácido, e continua sem enxergar. A fratura na mão de Fênix foi plenamente curada ao transformar-se em mulher-lobo. Dante encontra-se plenamente apto, física e intelectualmente.

Eles pisaram em solo amazônico com suas motivações particulares, e todos acabam levando daqui coisas bem distintas do que procuravam. Os quatro lupinos que estão reunidos na proteção da floresta voltam transformados, cada um deles leva uma lição de vida desta missão suicida, que desenrolou-se tão violenta e intensamente.

A vida é regida pela lei universal de ação e reação. Para cada ato, há uma resposta, e cada resposta abre um leque de múltiplas possibilidades de escolha. Cada escolha leva a novas ações, gerando por sua vez novas reações, iniciando novamente o ciclo, formando novos elos na cadeia infinita de acontecimentos. Estes quatro seres têm agora muitas possibilidades a avaliar, e a viagem de volta será silenciosa, com cada um deles imerso em suas escolhas e suas possíveis consequências.

A estratégia de fuga foi definida. A norueguesa carregará seu pai e Dante carregará Caroline, todos na forma lupina, para suportar o desgaste de caminhar por algumas centenas de quilômetros em pouco tempo. Nas proximidades de Prainha, encontrarão o helicóptero da organização, que os conduzirá até uma pista de pouso particular, onde um jatinho levará todos até o interior de São Paulo, para depois seguir para a Europa.

Eles aguardarão até a chegada da noite, que facilitará seu trabalho de deslocamento aéreo, afastando-os de olhares curiosos. Acaba aqui a missão de resgate na Amazônia.

(VIII) 2010: Cicatrizes

JOANÓPOLIS

Caroline segura o braço de Dante, em meio a um grande pomar, na noite do último dia do ano de dois mil e nove. Infelizmente, sua visão não voltou, e ela terá de conviver o resto de sua vida com a cegueira. O olfato e o paladar apresentaram um pequeno grau de melhora, mas mesmo assim não terão a eficiência dos tempos anteriores ao incidente com o ácido. O belo rosto da garota também acabou sendo prejudicado, apresentando queimaduras por toda a sua extensão.

Mesmo assim, ela não se abalou com sua nova situação. De espírito guerreiro, nunca fugiu de uma luta, nunca recusou um desafio, e agora está diante da maior provação de sua vida. Não só por ter de levar uma vida sem enxergar, como também encarar a vida de casada, ao lado de Dante. Além disso, para deleite de toda a alcateia de Joanópolis, ela espera um filho, fruto da união de dois alfas excepcionais.

Dante aceitou o convite para vir morar em Joanópolis. Apreciou não só fazer parte de uma grande alcateia, como também a aura mística desta cidade, na qual se sente em casa. Muitas novidades vieram de uma só vez. Casamento, filho, família, um lugar para fincar raízes, a possibilidade de um novo emprego.

O imenso pomar onde estão, totalmente isolado do resto da cidade, é de propriedade de Rui Lopo, aparentemente um grande pedaço de terra sem serventia, pois não há nada construído, nem criações ou lavouras. Apenas árvores frutíferas, tão espalhadas umas das outras, que acabam se tornando improdutivas para colheita, onde ninguém consome aquelas frutas, além dos animais da região. Mas este lugar é muito mais do que aparenta.

Quando um membro da alcateia falece, seja ele um alfa, um beta ou um ômega, seu funeral é providenciado como qualquer outro, com uma exceção: os caixões são sempre lacrados, sob o pretexto desta ser uma tradição de família. O motivo disso é simples: o que é enterrado na sepultura com toda a pompa humana, é um caixão vazio, artifício utilizado apenas para não levantar suspeitas.

O funeral lupino é bem diferente disso, sem invólucros artificiais de madeira e tecido, que inutilizam a massa orgânica neles contida, tirando sua real contribuição ao ambiente. Um homem-lobo parte desta vida sempre deixando um legado e uma lembrança. Seus atos em vida compõem o primeiro, e a casca vazia que foi um dia seu corpo físico ajudará a criar o segundo.

Sempre no meio da madrugada, o corpo do finado é trazido para este pomar, nu, sem ostentações, da mesma maneira como veio ao mundo. Enquanto membros da alcateia montam guarda nos limites do terreno, um parente próximo cava um buraco com suas próprias garras. Nele, é depositado o corpo, e depois enterrado. Naquele lugar, é plantada uma muda de árvore, que será alimentada por esse corpo, mantendo em funcionamento o complexo mecanismo da natureza, onde nada é desperdiçado, tudo se transforma.

Toda a família está reunida no pomar sagrado agora, como é tradição no ano novo. Muitas gerações estão reunidas aqui, seja fisicamente, seja nas lembranças deixadas pelas árvores que aqui crescem, majestosas e belas. Rui e Aline aproximam-se do casal.

– E então, Dante, como está sendo seu primeiro ano novo com a alcateia? – questiona Rui.

– Fabuloso! Eu sinto uma imensa energia emanando deste lugar. É indescritível!

– Que bom. E sobre a proposta do professor Bjornson, você já pensou a respeito? – Aline vai direto ao assunto que a tem deixado inquieta nos últimos dias.

Dante respira fundo, pois tem certeza de que dará um passo muito importante. Tem plena consciência de que este é o sétimo cemitério, da sétima cidade, onde seu destino será traçado. Nos últimos dias, avaliou criteriosamente a decisão a tomar, e agora está certo de sua escolha.

– Será uma honra fazer parte da Alcateia Global, atuando como farejador! E, além disso, o salário não é dos piores...

Todos riem e comemoram mais esta conquista. A felicidade de um é a felicidade de todos.

A meia-noite se aproxima e os batedores acabam de chegar, informando que não há pessoas nas redondezas. A celebração do ano novo em meio à natureza terá início. Os membros que são alfas e betas deixam suas roupas perto das árvores de seus parentes falecidos e se transformam.

A visão é impressionante. Dezenas de lupinos partem para as matas mais afastadas da cidade. Uivos ecoam na noite, plenos de felicidade. No terreno, restam apenas os quinze membros ômega da alcateia, que não deixam de celebrar à sua maneira. Uma farta mesa está servida, e o boi no rolete já está no ponto para ser degustado.

Rômulo e Remo, como em todos os anos, vão encher a cara, uma forma de lamentar sua falta de sorte, por terem-se tornado ômegas involuntariamente, visto que suas metamorfoses nunca aconteceram. Todos os que restaram se felicitam pela chegada do novo ano. Mais um ano de harmonia em Joanópolis.

FINNMARK

O professor Ivar Bjornson ainda não se acostumou plenamente, nem ao implante, nem à sua nova condição. Principalmente à noite, no escuro do seu quarto, ainda sente dores terríveis no lugar onde outrora teve uma perna. Esse trauma terrível será curado em alguns meses, disso tem certeza.

Pior é o mal permanente com o qual deverá conviver pelo resto da vida, para o qual não existe cura. Na natureza, um lobo que perde um membro está fadado a morrer em pouco tempo, pois lhe falta um importante instrumento de sobrevivência. Quando isso acontece a um homem-lobo, o destino é pior ainda, pois deverá carregar o fardo de ser um simples humano, pelo resto de sua existência.

Nunca mais o orgulhoso alfa norueguês se tornará lobo novamente. No helicóptero, há alguns meses atrás, quando retornava da Amazônia, desfrutou de seus últimos momentos como lupino. A fraqueza que a amputação trouxe fez com que perdesse os sentidos, e quando acordou, foi como se estivesse aprisionado em um pesadelo, do qual nunca mais despertaria.

Por estar ainda muito abalado devido à sua nova condição, pediu afastamento da presidência da Alcateia Global, deixando o cargo disponível para um de seus outros filhos, que com certeza dará conta da imensa responsabilidade que isso traz.

Apesar da perda terrível que sofreu, a nova filha que encontrou no Brasil distante é motivo de satisfação e orgulho. Fênix, como se autodenomina atualmente, valeu todo o sacrifício. Se pudesse fazer tudo de novo, o valente professor repetiria cada ato, pois ele não suportaria a perda de dois dos seus, seria ainda mais terrível do que passar a ser um humano comum.

Como que lendo seus pensamentos e entendendo-os como uma deixa para entrar em cena, a grande fêmea alfa adentra a cabana, em sua forma humana, mais bela ainda, por ter os cuidados estéticos dos quais uma mulher moderna costuma desfrutar.

– O momento está chegando, e estamos todos preparados. O senhor tem certeza de que quer ir?

– Certeza absoluta! Nunca perdi a celebração do ano novo na minha vida, e não é agora que o farei. Dentro deste corpo humano decadente e fraco, ainda repousa a alma de um lobo norueguês!

– Então vamos – Fênix o abraça, ajudando-o a caminhar com a incômoda perna mecânica.

O frio é intenso do lado de fora, mas para eles é reconfortante, uma lembrança de que estão de volta ao lar, à terra-mãe do norte. Eles caminham por quase uma hora, até alcançarem o ponto isolado do litoral que buscavam. Outros da família já aguardavam nesse local, e saúdam a chegada do patriarca.

– Você ainda mantém a sua decisão de partir para a América Central, naquela missão maluca? – questiona o professor, com mais rudez na voz do que gostaria.

– Com toda certeza! Quando pulei do barco naquele dia fatídico em que nos encontramos na Amazônia, deixei para trás a criança que me transformou no que sou hoje. Sua única chance seria partir com a maldita mulher que a ameaçava, e ainda hoje eu me lembro do sorriso de desdém que ela me lançou, antes de entrar na cabine da embarcação e colocá-la em movimento, com Nazaré ainda sob a mira do seu revólver – lágrimas brotam nos olhos da norueguesa. – Meu coração se despedaçou naquele momento, e me sinto vazia por dentro até agora. Minha única motivação de seguir adiante é a possibilidade de reencontrar minha filha adotiva, e trazê-la para o seio de nossa família.

– E as atividades que assumiu junto à organização, como aniquiladora? Você cumprirá com sua palavra?

– Disso o senhor pode ter certeza. Concluída minha missão na América, a Alcateia Global terá ao seu dispor a mulher-lobo mais forte e dedicada de toda a sua história!

Um sorriso discreto se insinua na face enrugada do guerreiro abatido. A meia-noite se aproxima, e é chegada a hora da celebração nórdica destes homens e mulheres de fibra. O professor tira suas roupas metodicamente, e com certa dificuldade também desencaixa a perna artificial. Olhando ao redor, percebe que

está mais lento do que antigamente, pois todos os outros não só já tiraram suas roupas, como também já assumiram suas poderosas formas lupinas. Uma visão fabulosa: imensos seres com suas pelagens desfilando um belo matiz de branco e cinza, espalhados pela praia gelada, prontos para o início do ritual.

Um a um, eles vão entrando no mar revolto, inclusive o único deles que está na forma humana, sendo amparado por sua filha, por ainda ter dificuldades em caminhar com apenas uma perna. Por algumas horas, eles permanecerão no mar gelado, para depois avançar sobre as florestas selvagens da região e caçar o seu banquete de ano novo, como manda a tradição de seus antepassados.

ESTADOS UNIDOS

Os fogos de ano novo espocam do lado de fora, na vizinhança daquele típico subúrbio estadunidense. Na sua sala de estar, o velho Johnny encara a cabeça de alce empalhada e os retratos do tempo de exército sobre a lareira, e seus pensamentos estão a mil por hora. Apoia uma lata de cerveja sobre a coxa esquerda, e um envelope pardo sobre a direita.

Em seus mais de sessenta anos de vida, nunca teve de tomar uma decisão tão importante como esta. Pela centésima vez, retira os papéis do envelope e relê seu conteúdo. Trato é trato, e ele sempre cumpriu com a sua palavra.

Protocolo Ninho de Cobra. No começo, muitos anos atrás, ele pensou que fosse uma brincadeira do seu amigo Joe “Hell” Vansing. Sempre desconfiado, ele tinha surgido com uma conversa estranha sobre a sucessão das atividades do seu ramo de atuação. Johnny sempre achou a maior besteira esse negócio de caça a lobisomens, mas nunca pagou para ver. Sempre ouvia as histórias contadas pela dupla dinâmica de beberrões metidos a soldados, e se divertia muito com elas, mas era só.

Com o passar do tempo, Johnny viu que Vansing realmente levava a sério a definição auto-imposta, de ligar para sua casa todo mês, mesmo quando se mudou para o exterior. Segundo ele, se passasse mais de um mês e ele não tivesse ligado, o amigo deveria abrir o envelope que estava dentro de uma caixa, que foi enterrada no quintal da sua casa.

Alguns meses se passaram desde que o caçador de lobisomens ligou pela última vez. Johnny ainda não acredita na loucura que está prestes a fazer, assumindo essa bizarrice que o amigo deixou como herança. Ele não entende metade das instruções que constam nos papéis do Protocolo Ninho de Cobra, e sabe que vai precisar da ajuda de alguém mais jovem, que entenda desse negócio de computador.

– Meu sobrinho Albert deve saber alguma coisa sobre toda essa conversa de site, e-mail, hospedagem e criptografia – murmura para si mesmo o ancião. – E que

Deus tenha piedade de nossas almas...

FIM

AGRADECIMENTOS

Muitos me apoiaram neste projeto, e isso foi de suma importância para que eu conseguisse chegar ao fim dele, concretizando o velho sonho de escrever algo e deixar para a posteridade.

Em primeiro lugar, agradeço o apoio incondicional do clã Medeiros, principalmente os mais próximos: Geraldo, Otilia, Mônica, Silvio, Janaina e Angelina, pois agregaram muito ao meu caráter, e todos me ensinaram a ser um verdadeiro guerreiro, mesmo que a vida tente provar o contrário.

Outros me ajudaram a crer que o Fúria Lupina não era algo ridículo, receio que muitos escritores devem ter, e que eu como iniciante poderia jurar que era verdade. Assim, devo muito aos meus leitores beta: à letrada Mônica Medeiros, que me fez lapidar melhor o texto; à amiga de letras e rock'n'roll Adriana Ortiz, que abriu o mundo editorial aos meus olhos neófitos; à entusiástica Sandra Torres, que enxergava os personagens com uma clareza maior que a minha visão de autor; e, por último mas não menos importante, ao “brother of metal” Rogério Hengler Rodrigues, apreciador da cultura do lobisomem, que me fuzilaria sem dó, caso estivesse fazendo algo que não fosse digno do assunto.

Além dos que auxiliaram na concretização do texto, houve aqueles que deram uma cara à obra, cada um à sua maneira. São o meu irmão Silvio Medeiros, que definiu todo o design e a identidade visual para as mídias impressa e web; Bruno “Burns” Tonel, que fez questão de dar uma cara moderna e bela ao texto do livro impresso, através de uma fabulosa diagramação; e Rafael “Peter Parker” Pires, a pessoa que conseguiu, através de suas lentes mágicas, transformar minha cara feia em algo apresentável.

Todas as pessoas sábias têm conhecimento de que se aprende mais com um tapa na cara do que com mil afagos. Foi por causa disso que, depois de muito pensar, resolvi incluir este último item de agradecimento. Deixem-me tomar fôlego e escrever logo este trecho, antes que me arrependa: obrigado a todos os roteiristas, diretores e produtores que emporcalharam o tema lobisomem no cinema, fazendo

trabalhos que variam do risível ao completamente ridículo! Sem vocês, eu nunca teria uma revolta tão grande, a ponto de querer colocar no papel, a título de protesto, tudo o que eu gostaria de ver em um bom filme do gênero, que tanto aprecio.

Também agradeço a você, que lê estas linhas, por acreditar no meu trabalho, por indicá-lo aos amigos e conhecidos através da propaganda mais eficaz que existe (a boca-a-boca), ou simplesmente por pura curiosidade. Espero vê-lo nos próximos livros da série.

SOBRE O AUTOR

Alfer Medeiros é o pseudônimo de **Alexandre Jorge Ferreira Medeiros**, português radicado em São Paulo desde a infância. Apreciador de expressões culturais como literatura, música, cinema e quadrinhos, através dos quais obteve a inspiração para criar sua primeira obra literária. Analista de sistemas por profissão, adotou a escrita por pura paixão pela fascinante expressão artística das letras.

Secretamente mantém uma criação de lobisomens e, na série de livros [Fúria Lupina](#), mostra ao mundo o resultado de tal empreitada. Também decidiu diversificar os negócios investindo em um estabelecimento incomum, chamado [Livraria Limítrofe](#), onde a magia dos livros é parte integrante da sua inusitada rotina. Sempre que o tempo permite, se aventura em antologias de contos na companhia de outros irmãos de letras, para variar ainda mais sua escrita.

CONTATO:

www.AlferMedeiros.com.br

alfer.medeiros@gmail.com

